

ISSN 2675-1844

**CADERNOS DE  
CIÊNCIAS SOCIAIS  
E HUMANAS**

**V.1 N.1 2025**



**UDF**  
Centro  
Universitário



**REITOR DO CENTRO DE ENSINO UNIFICADO DO DISTRITO FEDERAL - UDF**

Prof. Me. André Ricardo Rosa Leão

**EDITORA CHEFE**

Profa. Dra. Vivian Tais Fernandes Cipriano

**EDITORES EXECUTIVOS RESPONSÁVEIS POR ESTA EDIÇÃO**

Profa. Me. Lilian Araujo Ferreira Zaidan

Prof. Dr. Joadir Antonio Foresti

**PROJETO GRÁFICO**

Wênio Alves Nascimento

Guilherme Souza Oliveira

**EDITORAÇÃO**

Wênio Alves Nascimento

**REVISÃO TÉCNICA**

Debora Carvalho Alves de Oliveira

ISSN 2675-1844



CENTRO UNIVERSITÁRIO – UDF  
SEP SUL EQ 704/904 – Conj. A 70390-045  
Brasília/DF

[publicacoes.udf.edu.br](http://publicacoes.udf.edu.br)



A Revista Cadernos de Ciências Sociais e Humanas do UDF - Centro Universitário, é um periódico de publicação semestral, e tem como compromisso a difusão de pesquisas de docentes e pesquisadores da sua instituição, bem como alunos de graduação da área de Ciências Sociais e Humanas.



A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NO COMPORTAMENTO ELEITORAL BRASILEIRO .....	5
A INFLUÊNCIA RELIGIOSA NO VOTO EVANGÉLICO: UMA ANÁLISE QUANTITATIVA E SOCIOLÓGICA COM BASE EM PESQUISA DE CAMPO .....	21
MUITO ALÉM DA LUCRATIVIDADE COMERCIAL: CONTRIBUIÇÕES DA PUBLICIDADE PARA ACESSO ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS BRASILEIRAS: UM OLHAR PARA AS CAMPANHAS DO MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME .....	27
AÇÕES DE SAÚDE MENTAL E APOIO PSICOSSOCIAL NA PANDEMIA DE COVID-19 ..	53
A HISTÓRIA DA MARGINALIZAÇÃO DO FUNK: O FUNK COMO MÚSICA DE PRETO, POBRE E FAVELADO ATRAVÉS DA MEMÓRIA SOCIAL DA CIDADE DE PLANALTINA-DF ENTRE OS ANOS DE 1990 ATÉ 2017 .....	88
A PSICOTERAPIA INDIVIDUAL E EM GRUPO ENTRE PESSOAS QUE SE IDENTIFICAM ENQUANTO HOMENS .....	129
LONGEVIDADE DA FORÇA DE TRABALHO NAS INDÚSTRIAS DE CONSTRUÇÃO CIVIL DO DISTRITO FEDERAL .....	155
PEDAGOGIA DO AMOR ORIENTADA PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM A PARTIR DE FILIPPO SMALDONE .....	176
MÍDIA QUEER E SUBJETIVAÇÃO NA COMUNIDADE LGBTQIAPN+ .....	206
A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NA GASTRONOMIA EM TEMPOS DE PANDEMIA .....	225



## **A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NO COMPORTAMENTO ELEITORAL BRASILEIRO**

### *THE INFLUENCE OF SOCIAL NETWORKS ON BRAZILIAN ELECTORAL BEHAVIOR*

MARIA LAURA RODRIGUES GOMES

#### **RESUMO**

A suposta simplicidade de habitar neste mundo e participar do processo eleitoral não reflete, na verdade, sua complexidade e a variedade de aspectos que podem ser examinados. Isso se torna ainda mais evidente ao levar em conta os diversos meios de acesso contínuo a diferentes tipos de informação e às distintas formas de relações políticas. Um aspecto relevante diz respeito à compreensão do processo pelo qual o eleitor toma a decisão de votar, especialmente quando inserido nos jogos de interesses públicos e privados no contexto da comunicação política. A contemporaneidade, definida tanto pelo pós-modernismo quanto pela liquidez, é marcada por uma predominância da imagem, tendo na interação em massa e na comunicação mediada sua essência. Sob diversas perspectivas, não se deve conceber o eleitor como meramente dominado ou submisso a esse poder, igualmente, a esfera midiática não pode ser vista como um substituto da esfera pública. Nesse sentido, cabe indagar sobre o papel das redes sociais na formação da opinião e nas estratégias eleitorais, além de investigar como esse fenômeno tem moldado o comportamento dos jovens e eleitores indecisos. Observa-se que os gatilhos emocionais visuais e textuais presentes nas redes sociais têm impactado significativamente o comportamento eleitoral, sendo que muitos eleitores não conseguem perceber a manipulação psicológica promovida pelos algoritmos. Assim sendo, o objetivo geral desta pesquisa é analisar a influência das redes sociais no comportamento eleitoral brasileiro. É a partir deste espaço, na interseção entre a política e a comunicação, que esta pesquisa foi descrita, uma vez que, o intuito da mesma se concentra no debate que tanto une quanto rejeita as interações entre os poderes midiático, político, econômico e social. Para isso, considera-se a abordagem de imagens, a mediação pela mídia, o aspecto visível das políticas e das relações sociais.

**Palavras chaves:** ideologia; opinião pública; preferências políticas; mídias sociais e marketing eleitoral.

#### **ABSTRACT**

The supposed simplicity of inhabiting this world and participating in the electoral process does not actually reflect its complexity and the variety of aspects that can be examined. This becomes even more evident when taking into account the different



means of continuous access to different types of information and the different forms of political relations. A relevant aspect concerns understanding the process by which the voter makes the decision to vote, especially when inserted in the games of public and private interests in the context of political communication. Contemporary times, defined by both postmodernism and liquidity, are marked by a predominance of the image, with mass interaction and mediated communication as its essence. From different perspectives, the voter should not be conceived as merely dominated or submissive to this power, equally, the media sphere cannot be seen as a substitute for the public sphere. In this sense, it is worth investigating the role of social networks in shaping opinion and electoral strategies, in addition to investigating how this phenomenon has shaped the behavior of young people and undecided voters. It is observed that the visual and textual emotional triggers present on social networks have significantly impacted voting behavior, with many voters unable to perceive the psychological manipulation promoted by algorithms. Therefore, the general objective of this research is to analyze the influence of social networks on Brazilian electoral behavior. It is from this space, at the intersection between politics and communication, that this research was described, since its purpose focuses on the debate that both unites and rejects interactions between media, political, economic and social powers. To do this, we consider the image approach, mediation by the media, the visible aspect of policies and social relations.

**Keywords:** Ideology. Public opinion. Political Preferences. Social Media and Electoral Marketing.

## INTRODUÇÃO

No contexto brasileiro, a relevância das mídias sociais no âmbito do discurso político é indiscutível, especialmente considerando o surgimento de novas figuras que ganham influência e reconhecimento. Estudos demonstram que as redes sociais influenciam a decisão de voto de uma parcela significativa da população, ressaltando que a interação em plataformas digitais configura-se como uma estratégia eleitoral tão válida quanto a participação em protestos públicos. Entretanto, o ambiente digital não se limita a informações verdadeiras. O fenômeno das notícias falsas tem aumentado de maneira preocupante, especialmente em épocas eleitorais.

Um levantamento conduzido pela Avaaz durante o pleito de 2018 revelou que 98 milhões de brasileiros foram alvo de notícias falsas associadas a candidatos políticos nas redes sociais. Este cenário evidencia a urgência de uma postura crítica e responsável por parte dos eleitores ao acessar e compartilhar informações na internet.



Considerando esta avaliação, de que maneira as redes sociais desencadeiam respostas emocionais imediatas que impactam o processo de tomada de decisão de voto? Visto que, diante do progresso das comunicações em massa, as redes sociais conquistaram uma presença significativa na rotina dos indivíduos.

Nesse contexto, o marketing político se estabelece como um dos pilares fundamentais para as democracias, pois possibilita a implementação de dinâmicas políticas, além de planejamentos e ações voltadas essencialmente ao eleitorado.

Assim, o objetivo geral da pesquisa é investigar a influência das redes sociais no comportamento eleitoral brasileiro.

De modo que, as interconexões digitais que ocorrem diariamente nas redes sociais são intensas e, conseqüentemente, a política foi reformulada para utilizar essas plataformas como estratégia, isso ocorre tanto de maneira lícita, por meio da promoção de projetos e da construção de imagens, quanto de forma ilícita, com a disseminação de notícias falsas.

Portanto, é evidente que compreender as influências das redes sociais no comportamento eleitoral é crucial para entender o atual cenário político.

Dessa forma, foi estabelecido como objetivos específicos avaliar a influência das redes sociais na formação de opiniões e táticas de campanha; examinar como essas plataformas podem provocar reações emocionais rápidas que impactam as escolhas de voto e compreender como pistas emocionais visuais e textuais como memes e vídeos curtos geram visões cognitivas que influenciam o comportamento eleitoral, muitas vezes sem que o eleitor perceba.

Nesse sentido a presente pesquisa está dividida em três capítulos cujo o primeiro refere-se o papel das redes sociais na formação de opinião e nas estratégias de campanha, onde aborda a influência da mídia digital sobre os eleitores de maneira sem precedentes, possibilitando que candidatos e suas equipes de marketing político se comuniquem diretamente com o público de forma altamente personalizada e impactante.

O segundo capítulo retrata as características do comportamento ideológico e partidário do eleitorado brasileiro, onde enfoca o papel das ideologias esquerda e



direita sobre o comportamento político do eleitorado brasileiro, com o foco nas eleições municipais de 2024.

E por fim o terceiro capítulo com a identidade digital e fragmentação do eleitor e o efeito da velocidade da informação e da "efemeridade" nas redes, onde a condição pós-moderna é caracterizada pela transitoriedade e pela fragmentação, além de manifestar indeterminação, descontinuidade, um ecletismo das diversidades e um caos paradoxal. O universo virtual também se insere e reforça essa lógica de compressão entre tempo e espaço, que demanda constantemente a habilidade de lidar com rapidez com as realidades emergentes.

Para isso foi empregada uma metodologia científica que abrangeu a pesquisa bibliográfica para fundamentação teórica e conceitual do estudo, além de uma abordagem exploratória que permitiu a inclusão de diversos autores nas discussões pertinentes.

Entre os autores consultados, destacam-se Tavares e Massuchin (2015), Zago e Bastos (2013), Nicolau (2006), Dourado (2022), Figueiredo (2013), Cwalina, Falkowski, Neuman, Vercic (2004) e Barbosa (2024).

## **1. O papel das redes sociais na formação de opinião e nas estratégias de campanha**

A internet atualmente permeia todos os setores da sociedade mundial, tornando-se quase essencial para a realização de atividades diárias. Essa transformação impulsionada pelas mídias impacta igualmente a maneira como a sociedade brasileira põe em prática a política.

Segundo estudos, divulgados pela Convergência Digital, o Brasil é um dos líderes na utilização de redes sociais, com aproximadamente 159 milhões de usuários conectados às mídias digitais, ocupando a quinta posição nesse aspecto. Essas informações apenas enfatizam a maneira como as redes sociais estão integradas à rotina do brasileiro e como podem exercer diversos impactos, incluindo a atuação política.

A partir do instante em que um dos sistemas de comunicação inicia a discussão sobre questões como fome, segurança, educação, saúde, corrupção e outros temas





cruciais para a sociedade, o indivíduo e o Estado, compreende-se que os demais sistemas serão instigados a se pronunciar. A argumentação solicitada nesse âmbito assume as particularidades de cada instituição, bem como suas hierarquias e interesses correlatos.

Este processo, de maneira estratégica, gera tensões entre o trabalhador, o consumidor, o eleitor e o espectador que está aberto às diversas interpretações acerca dos assuntos de interesse público. A formação da opinião desses indivíduos será influenciada pela compreensão das diferentes etapas desse processo.

Assim, as tensões emergem a partir das estratégias de campanhas relacionada aos temas de interesse público, cuja repercussão é determinada por sua relevância, potencialidade, polarização e impacto para o cidadão-eleitor.

Por sua vez, o leitor reconhecerá a posição do interlocutor e o contexto institucional em que este se encontra, levando em consideração aspectos como representatividade, legitimidade, autoridade, autonomia e compromisso.

Essa argumentação é desenvolvida por meio de diversas modalidades discursivas, tais como informativa, persuasiva, institucional, individual e híbrida.

Nesse contexto complexo, o eleitor analisa suas experiências pessoais, os benefícios e as dificuldades relacionadas a política, tomando uma decisão e exercendo seu voto. Essa decisão pode ocorrer de maneira passional ou racional, manifestando apoio ou contestação.

Nas redes sociais, o eleitor, em variados níveis de entendimento, elabora sua opinião mediante um processo de tensões que envolvem a visibilidade e a credibilidade, ao confrontar as narrativas apresentadas com suas experiências pessoais. Mais do que simplesmente sugerir debates sobre novas hipóteses, o texto destaca a organização de elementos concernentes à dependência da política em relação ao processo de captura do voto, bem como sua preservação e recuperação através da noção de comunicação pública.

Porém, atualmente, diante de distintos partidos políticos e diversas informações a maioria do público jovem se sentem atraídos por determinadas informações que impactam emocionalmente sem verificar as veracidades dos fatos. Esses mesmos aspectos, contribuem para a formação para os eleitores indecisos.



As eleições são como guerras e as campanhas como batalhas, enquanto a artilharia são a publicidade através dos veículos de informações, nesse sentido, pode-se compreender o porquê alguns políticos utilizam como ferramentas as fakes news na luta pela candidatura, considerando que a divulgação de notícias falsas gera um engajamento negativo ao político concorrente. (MANHANELL, 1988, p.22)

A comunicação pública apresenta-se como um conceito versátil, uma vez que sua natureza fluida permite a aplicação em diversas abordagens teóricas, sendo sua complexidade evidente apenas na prática de sua implementação. Este termo tornou-se essencial nas áreas de relações públicas, marketing, jornalismo e comunicação, no intuito de compreender ou justificar as interações e os limites estabelecidos entre o público e o privado, entre a comunicação governamental e a política, a atuação do terceiro setor em relação à sociedade e as distinções entre marketing e propaganda.

Essa discussão se torna particularmente relevante quando se analisa sistemas de comunicação e mídias cuja criação e funcionamento estão atrelados ao Estado, aos governos, às instâncias legislativas, assim como à sociedade civil e outras organizações.

Sustenta-se que a comunicação pública não pode ser definida unicamente por legislações ou estruturas formais; ela é moldada pela circulação de temas que são de interesse público e pelos modos pelos quais esses assuntos são debatidos e repercutidos livremente.

Nesse sentido, trata-se da comunicação pública que emerge da abordagem e disseminação de questões cruciais para a sociedade, para o Estado e para o cenário político, ligadas a decisões que só podem ser efetivadas na esfera da representação política e dos poderes públicos.

É sempre viável considerar a hipótese de que a decisão do voto encontra-se relacionada à eficácia da rede de comunicação pública formada por sistemas comunicacionais com estruturas competentes em comunicação e marketing.

Essas estruturas buscam visibilidade em períodos não eleitorais com o objetivo de alcançar reconhecimento durante as eleições, num processo caracterizado por uma continuidade nas dinâmicas eleitorais.



Conforme (TAVARES e MASSUCHIN, 2015), nas campanhas políticas, há diversas condições que auxiliam para a conduta dos candidatos que concorrem a votação, incluindo intenção de votos entre os candidatos, programa eleitoral, acontecimentos sociais e políticos contextuais, além das coberturas jornalísticas.

Com o desenvolvimento das mídias digitais e as interconexões estabelecidas entre os usuários de redes sociais, os candidatos começaram a realizar suas campanhas na internet.

Nesse contexto digital, é possível que eles exponham suas intenções e planos de governo, contribuindo para a evidência de suas posturas. Isso permite que os eleitores tenham acesso direto às ideologias dos candidatos, além de fomentar uma relação mais estreita entre estes e os eleitores por meio das redes. O

progresso da internet propiciou o surgimento de meios de comunicação em massa, os quais possibilitam interações instantâneas, como é o caso das redes sociais. Por meio dessas plataformas, torna-se viável estabelecer conexões digitais com um grande número de indivíduos.

O fluxo de informações se expandiu e aperfeiçoou com as mídias digitais. Se antes as informações só eram obtidas através de leitura de jornais impressos, agora, além dos jornais tradicionais, há meios que as notícias conseguem atingir grande quantidade de pessoas, como Facebook, “compartilhamento”, “curtida”, “comentário”, muito mais pessoas alcançam aquela mesma informação. (ZAGO e BASTOS, 2013, p. 1).

## **2. As características do comportamento ideológico e partidário do eleitorado brasileiro**

Compreender os significados das ideologias políticas, suas funções e sua aplicação na prática política cotidiana representa um desafio significativo, especialmente para a vasta população eleitora do Brasil. No entanto, dentro do restrito contexto das elites políticas do país, as ideologias frequentemente se configuram como instrumentos importantes para a definição de preferências políticas, econômicas e morais.

Essa elite política não se restringe a todos os membros de um partido político ou a todos os agentes políticos, refere-se à camada mais elevada, composta pelos fundadores, diretores e figuras de destaque dos partidos. Esses indivíduos



fundamentam suas ações nas ideologias, mas parecem incapazes de transcender o ambiente interno e impactar, por meio dessas ideologias, o comportamento político da maioria da população.

De modo geral, as pessoas apresentam um conhecimento limitado acerca da política.

No Brasil, também não há uma postura clara e pública dos partidos políticos relevantes, tanto da esquerda quanto da direita, que consiga envolver ou informar o eleitor. A única exceção a isso, ao menos até a chegada de Lula ao governo, é o Partido dos Trabalhadores - PT. Ao final, pode-se afirmar que o sistema partidário brasileiro não se desenvolveu de maneira adequada, dificultando a identificação das ideologias nas principais legendas pelos eleitores.

Ressalta que o sistema eleitoral de lista aberta, o qual tende a favorecer o candidato em detrimento do partido e acaba deixando de lado questões doutrinárias. A lista aberta é adotada no Brasil desde 1945. (NICOLAU, 2006, p. 689).

No Brasil, há um extenso corpo de pesquisa sobre como a ideologia influencia de maneira sistemática fenômenos como o comportamento eleitoral e o partidarismo. Essa variável ideológica está sempre presente nos modelos de regressão empregados nos estudos eleitorais.

Os autores sustentam que a identificação explícita das variáveis situacionais pode elucidar o comportamento do consumidor. Eles argumentam que os conceitos empregados por políticos e partidos na busca de influenciar a opinião dos eleitores, de modo geral, são análogos aos utilizados no setor comercial, variando apenas quanto à natureza da informação.

Nesse contexto, as preocupações recaem sobre a postura política dos eleitores, a percepção pública dos políticos e partidos, as intenções de voto e o processo eleitoral.

A partir de uma análise do mercado e da concorrência, é viável elaborar estratégias e empregar os recursos necessários para o planejamento e a condução de uma campanha eleitoral, com o intuito de atender às demandas da sociedade e conquistar, como resultado, seu respaldo.



A avaliação da eficácia do conceito de marketing no campo político pode ser otimizada por meio da análise dos princípios do comportamento do consumidor, visando compreender as atitudes e decisões dos eleitores.

Autores como acrescentam que, por meio de técnicas utilizadas no marketing, pode-se identificar o comportamento do eleitor e influenciá-lo a votar em um determinado candidato ou partido político. Consideram que o indivíduo não percebe que seu comportamento está sendo influenciado por ferramentas do marketing direcionadas para a política. E mencionam que todos os candidatos, independentemente do país, possuem um conjunto de fatores que influenciam os eleitores. Além disso, demonstram em sua análise as dificuldades da construção de um modelo universal que possa mensurar igualmente o comportamento do eleitor. Mas concordam que o modelo proposto por Newman e Sheth (1985) contribui para a formação política de um país por meio da observação e previsão de eventos quando adaptados aos diferentes contextos econômicos, sociais e políticos pesquisados. (CWALINA et al. 2004, p. 7)

Alguns autores apontam comportamento de eleitores que servem para avaliar a intenção de voto, possibilitando ao estrategista de marketing político compreender as preferências dos eleitores e reconhecer as vantagens e desvantagens do candidato.

O modelo proposto é composto por cinco domínios cognitivos: questões políticas, imaginário social, personalidade do candidato, contingência situacional e valor epistêmico.

Os autores enfatizam ainda, a importância da análise do comportamento eleitoral em diferentes países, uma vez que, os domínios cognitivos apresentados podem variar conforme o contexto de cada pesquisa.

Eles observam que existem poucos estudos que oferecem modelos para identificar os fatores que influenciam a escolha do candidato pelos eleitores.

Como resultado dessa investigação, foi possível reconhecer a relevância da questão religiosa entre a população analisada pelos autores, corroborando a ideia de que os domínios cognitivos podem se modificar conforme adaptados aos distintos contextos econômicos, sociais e políticos.

A ascensão das redes sociais motivou pesquisadores a explorar na sociedade conceitos que elucidam as variadas dinâmicas presentes no ambiente digital. Conceitos como "câmaras de eco", "filtros bolha" e "polarização" são utilizados para



caracterizar esse cenário, onde o consumo de mídia sofreu profundas alterações e diversas manifestações de polarização política emergiram, fomentando a desconfiança em relação à mídia e apresentando riscos à democracia.

Estudos realizados por investigadores do Instituto Reuters da Universidade de Oxford nos últimos anos têm mapeado esses fenômenos com o intuito de compreender a inter-relação entre eles.

Primeiro é preciso entender o que eles significam. A câmara de eco é um termo cunhado a partir de uma analogia aos sons que reverberam em um invólucro oco, como os sinos, e servem para descrever um espaço de mídia vinculado e fechado que tem o potencial de ampliar as mensagens entregues ali e isolá-las das mensagens que as contradizem. Muitas vezes esse termo é confundido com os filtros bolha, que se referem à personalização de resultados de motores de busca, como o Google, e *feeds* de redes sociais, que estão criando um universo único de informação para cada um de nós baseado em nossos gostos. O termo foi cunhado pelo ativista e empresário Eli Pariser, que percebeu a influência dessas ferramentas em nossa sociedade. (FELIPE, 2022. Disponível em: <https://desinformante.com.br/camaras-de-eco-filtro-bolha-e-polarizacao-do-que-estamos-falando-e-como-se-relacionam/>. acesso em: 09 out. 2024)

A polarização ideológica é um fenômeno que tem sido objeto de estudo por um extenso período e se caracteriza pela divisão da opinião pública em visões antagônicas a respeito de diversas questões políticas.

De acordo com os pesquisadores, embora não se trate de uma tendência definitivamente estabelecida, existem evidências consideráveis que apontam para uma redução desse fenômeno em determinados países.

Em contrapartida, a polarização afetiva, que se refere ao grau de aversão entre partidários opostos, tem aumentado globalmente. Contudo, o conhecimento acerca desse fenômeno é bastante limitado.

A polarização da audiência de notícias está intrinsecamente relacionada à configuração da atenção pública em conjunto com a mídia noticiosa. Este conceito abrange países onde existem veículos de comunicação com grandes audiências fortemente alinhadas à esquerda ou à direita, contrastando com aqueles cuja audiência é predominantemente mista ou centrista. Essa dinâmica tende a promover mídias partidárias que podem intensificar as percepções de indivíduos altamente partidarizados.



A desinformação não foi inventada com as redes sociais digitais, mas tem se fortalecido nesse ambiente e, desde 2020, é possível observar a proliferação de narrativas que questionam a credibilidade das eleições brasileiras. (DOURADO, 2022. Disponível em: <https://www.tre-ba.jus.br/comunicacao/noticias/2021/janeiro/201cteses-sobre-fraude-nas-urnas-e-manipulacao-eleitoral-tem-raizes-em-ideais-autoritarios201d-afirma-pesquisadora>. Acesso em: 09 out. 2024)

Considerando o ambiente político claramente polarizado por fatores emocionais e partidários no Brasil, e levando em conta que as eleições se configuram como eventos altamente competitivos, a persistência de narrativas preexistentes, juntamente com a introdução de novos discursos relativos a fraudes eleitorais e manipulação das votações, pode levar os cidadãos a questionar a real confiabilidade dos processos eleitorais.

Segundo (DOURADO, 2022) cerca de 1,5 milhão de novos conteúdos sobre desconfiança eleitoral foram exibidos no Facebook, YouTube e Twitter.

Um aspecto relevante é que a quantidade de jovens com idades entre 16 e 17 anos que realizaram o cadastro eleitoral e estão habilitados a votar nas eleições municipais de outubro cresceu 78% em relação ao pleito municipal anterior, ocorrido em 2020. Atualmente, existem 1.836.081 eleitores nessa faixa etária, conforme informações do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

### **3. Identidade digital e fragmentação do eleitor e o efeito da velocidade da informação e da "efemeridade" nas redes**

As eleições podem ser comparadas a conflitos bélicos, com as campanhas configurando-se como batalhas. Nesse contexto, a publicidade veiculada por meio dos meios de comunicação atua como artilharia. Assim, é possível entender a razão pela qual alguns políticos recorrem à disseminação de notícias falsas como instrumentos na busca pela candidatura, uma vez que a propagação de informações incorretas provoca um envolvimento adverso em relação aos seus concorrentes.

De acordo com (JUNIOR, 2021) as fakes News tornaram-se instrumentos estratégicos de comunicação política muito utilizado na última eleição presidencial, nesse sentido, as agências de checagem Lupa e Aos Fatos e o projeto Fato ou Fake,



do Grupo Globo, tiveram que revelar 104 fake News que prejudicaram Fernando Haddad (PT) e outras 19 contra a Bolsonaro (PSL).

Conforme se observa, as notícias falsas desempenham um papel significativo na promoção de desinformação deliberada, visando enganar e influenciar os eleitores. Além disso, a propagação dessas informações no ambiente digital é consideravelmente mais abrangente. Assim, o processo de escolha do voto durante as eleições pode ser comprometido por meio de dados falsos e tendenciosos. Os primeiros instantes de Pablo Marçal (PRTB) durante um debate eleitoral, realizado em 8 de agosto, revelam um candidato aparentemente centrado. Em determinado momento, ao lado de outros candidatos concorrentes, ele formou a letra “M” junto as suas frases que apresentavam um tom moderado e uma dose perceptível de nervosismo. No entanto, foi somente quando Tabata Amaral (PSB) fez alusão à sua condenação pela Justiça Federal de Goiás em 2010, por furto qualificado que o influenciador perdeu totalmente a compostura. Foram três minutos e quarenta segundos contínuos de ofensas dirigidas a diversos interlocutores, manifestando uma clara expressão de raiva: “para-choque de comunista”, “adolescente”, “jornalistazinha militante”, “olha a cara daquilo”, “comedor de açúcar”, “apoiador de Hamas”. Semanas após o ocorrido, Marçal afirmaria que sua conduta foi a de um “idiota” em função de uma estratégia voltada para atrair atenção e tentar se igualar a candidatos que dispunham de maiores recursos financeiros e acesso à propaganda eleitoral. O incidente levou as emissoras a estabelecerem normas mais severas com o intuito de restringir outras formas de violência. Essas atitudes geraram nas redes sociais memes principalmente quando José Luiz Datena (PSDB) responderia às provocações com a célebre “cadeirada”, que viraria um símbolo do clima de disputa acirrada da campanha. Assim, uma série de memes circula envolvendo Marçal, em um deles, o candidato Datena (PSDB) se encontra ao fundo rindo, acompanhado da imagem do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que informa que Marçal não foi eleito. O apresentador agrediu o ex-coach durante um debate promovido pela TV Cultura.

Essa demarcação sobre um tema particular faz com que os memes contribuam “para, de um lado, simplificar e tornar rasas as percepções sobre a realidade, e de





outro, ampliar o debate a camadas que habitualmente se mantinham apartadas da política”. (CHAGAS, 2018, p. 07).

Quando um fato apresenta características polêmicas, a probabilidade de que se transforme em objeto de humor é praticamente garantida, uma vez que a finalidade do meme reside em provocar o riso, seja por meio da ridicularização ou da ironia. De toda forma, essa prática discursiva tende a se limitar à expressão do riso.

A piada formatada em imagem ganha um layout didático, e, com sua veia humorística, passa a ser, também, pauta dos assuntos cotidianos. É por essa razão que o meme pode ser relacionado aos vários campos de saber, haja vista o leque de discursos que ele é capaz de assumir – ou produzir. Mais precisamente no campo político, para citar um exemplo, a fala da ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, ao dizer que “menino veste azul, menina veste rosa”. (O GLOBO, 2019 Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/menino-veste-azul-menina-veste-rosa-diz-damares-alves-em-video-23343024>. Acesso em: 09 out. 2024)

Dessa forma, emerge a crônica, estabelecendo uma intersecção entre o jornalismo e a literatura, incorporando a efemeridade como uma de suas características mais proeminentes na área da política. Através da análise das últimas eleições 2024, pretende-se entender a abordagem conferida ao tema proposto.

Conforme (FIGUEIREDO, 2013) contudo, a falta de articulação político-social e a efemeridade de algumas pautas levam à desqualificação desses movimentos, chamados pejorativamente de ativismo de sofá, quando dificulta seu estudo e compreensão no médio e longo prazo.

O sarcasmo possui a capacidade de prejudicar a sensibilidade dos indivíduos. Contudo, para uma adequada compreensão desse fenômeno, é imperativo que estabeleçamos distinções no entendimento de seu significado. O termo sarcasmo refere-se a uma forma de zombaria e constitui uma linguagem empregada com o intuito de ferir a sensibilidade do receptor.

É a depreciação do oponente no campo político que desperta o riso através da realidade crítica temível apresentada na legenda da ilustração. É a legenda da política ilustrada com sarcasmo. (DAVIES, 2011, p.95).

É pertinente observar que, na maior parte das ocasiões em que os memes são criados e disseminados, eles não contêm necessariamente um conteúdo malicioso ou



problemático. O fato é que esses elementos têm sido cada vez mais empregados por grupos extremistas, os quais se apropriam de determinadas imagens, piadas e eventos com o intuito de veicular desinformação e promover discursos de ódio. Com frequência, a desinformação envolve dados verdadeiros, mas retirados de seu contexto original e distorcidos. Por sua vez, a informação falsa está inserida na desinformação, abrangendo outros aspectos que não podem ser verificados.

Um dos grandes problemas no combate à desinformação gerada pelos memes é a dificuldade de moderação das plataformas digitais. “É difícil identificá-los e tirá-los do ar, porque as plataformas têm dificuldades em reconhecer os memes. Com isso, especialmente quando os memes são problemáticos ou divulgados por grupos extremistas, o principal desafio para combatê-los é que não sabemos muito bem como isso é administrado pelas plataformas que não liberam informações sobre os seus conteúdos para a sociedade, para os pesquisadores ou mesmo para o Estado. (SALLES, 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2024-10/memes-politicos-disputam-imaginario-com-humor-mas-podem-desinformar>. Acesso em: 09 out. 2024).

Destaca a importância de se investir em habilidades interpretativas, permitindo que os indivíduos discernam se uma determinada imagem, áudio ou vídeo constitui apenas uma piada ou se configura como uma estratégia utilizada pelos apoiadores para disseminar mensagens que não teriam a capacidade de compartilhar diretamente.

## **CONCLUSÃO**

A teorização desenvolvida ao longo da pesquisa revelou que a mídia possui amplas inter-relações, embora tenha recebido escassa atenção por parte dos teóricos. Isso se deve, em grande medida, ao fato de que a maior parte das reflexões sobre influência foi formulada durante o período anterior à ascensão da mídia moderna. Entretanto, isso não implica que tais reflexões sejam desprovidas de relevância ou que não tenham gerado argumentos sólidos a respeito do tema. A evolução tecnológica constituiu um elemento crucial nas comunicações cotidianas, o advento das redes sociais possibilitou uma utilização significativa no campo político, levando em consideração tanto a agilidade na disseminação de informações quanto o elevado número de indivíduos atingidos pelas mídias digitais. O Facebook, Instagram, Twitter



(X) e WhatsApp destacam-se como as principais plataformas utilizadas para comunicação.

De acordo com a pesquisa, o WhatsApp se destaca como a principal rede social utilizada para obtenção de informações, este aplicativo é atualmente o mais empregado pelos brasileiros em suas interações diárias.

Nesse contexto, é fundamental destacar que diversos fatores influenciam as decisões de voto nas redes sociais, tornando imprescindíveis as reflexões sobre essa temática, especialmente considerando a ampla utilização dos aplicativos de comunicação.

O comportamento dos eleitores brasileiros é caracterizado por uma forte carga emocional, onde predominam a desilusão e o pessimismo, mas que, paradoxalmente, coexistem com a esperança de encontrar um candidato que, ao menos, não seja o mais inadequado.

Assim, a escolha dos eleitores é influenciada principalmente pela imagem que o candidato projeta. Nesse contexto, as redes sociais desempenham um papel fundamental na formação dessa imagem, tornando-se um fator central para o candidato estabelecer a confiança necessária junto ao eleitorado.

Para além desta pesquisa, pode-se seguir com as análises e apoios teóricos aqui apresentados com uma pesquisa de campo que atinge esferas mais amplas, por isso, cabe dizer que a pesquisa não se finda aqui, ela é ponto de partida para outras que desejam prosseguir na mesma temática.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAGAS, V. **A febre dos memes de política**. Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, v. 25, n. 1, jan/fev/mar/abr. 2018, p. 7

CWALINA, W., FALKOWSKI, A., NEWMAN, B., VERCIC, D. **Models of voter behavior in traditional and evolving democracies**: comparative analysis of Poland, Slovenia, and U.S. Journal of Political Marketing, v. 3, n. 2, 2004, p. 7.

DAVIES, Christie. **Cartuns, caricaturas e piadas: roteiros e estereótipos**. In: LUSTOSA, I. (org.). Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 95



DOURADO, Tatiana. **Teses sobre fraude nas urnas e manipulação eleitoral têm raízes em ideais autoritários** 2022. Disponível em: <https://www.treba.jus.br/comunicacao/noticias/2021/janeiro//201cteses-sobre-fraude-nas-urnas-e-manipulacao-eleitoral-tem-raizes-em-ideais-autoritarios201d-afirma-pesquisadora>. Acesso em: 09 out. 2024

FIGUEIREDO, Carolina Dantas. **Champanhe em zona de conflito: redes sociais e controvérsia no Caso Estelita**. Cadernos de Estudos Sociais, Recife, v. 28, n. 1, jan./jun. 2013, p. 193

BARBOSA, Francielly. **Memes políticos disputam imaginário com humor, mas podem desinformar**. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2024-10/memes-politicos-disputam-imaginario-com-humor-mas-podem-desinformar>. Acesso em: 09 out. 2024

MANHANELLI, C. A. **Estratégias eleitorais: marketing político**. São Paulo: Summus, 1988, p. 22

NICOLAU, J. **O sistema eleitoral de lista aberta no Brasil**. Dados – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 49, n° 4, 2006, p. 689.

O GLOBO. **Menino veste azul e menina veste rosa, diz Damares Alves em vídeo**, 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/menino-veste-azul-menina-veste-rosa-diz-damares-alves-em-video-23343024>. Acesso em: 09 out. 2024

TAVARES, C. Q. MASSUCHIN, M. G. **Campanha eleitoral nas redes sociais: um estudo sobre as estratégias empregadas pelos candidatos à Presidência da no Facebook em 2014**. Trabalho apresentado no 4. Fórum Brasileiro de Pós-Graduação em Ciência Política, Niterói, 2015.

ZAGO, G. da S.; BASTOS, M. T. **Visibilidade de notícias no Twitter e no Facebook**. Revista Journalism Research, v. 9, n. 1, 2013.



## **A INFLUÊNCIA RELIGIOSA NO VOTO EVANGÉLICO: UMA ANÁLISE QUANTITATIVA E SOCIOLÓGICA COM BASE EM PESQUISA DE CAMPO**

*THE RELIGIOUS INFLUENCE ON EVANGELICAL VOTING: A QUANTITATIVE AND SOCIOLOGICAL ANALYSIS BASED ON FIELD RESEARCH*

MARIA LAURA RODRIGUES GOMES

### **RESUMO**

O processo de tomada de decisão política é marcado por uma complexa rede de interações sociais, influências comunitárias e líderes de opinião. Este artigo investiga o fenômeno do voto evangélico no Brasil, analisando a influência dos líderes religiosos sobre o comportamento eleitoral de seus fiéis. Baseado nas teorias de Paul Lazarsfeld e colaboradores, como em *The People's Choice* (1944), *Personal Influence* (1955) e *Voting: A Study of Opinion Formation in a Presidential Campaign* (1957), este estudo emprega uma abordagem quantitativa para compreender o impacto das lideranças religiosas e o papel da comunicação em dois níveis na conformação das escolhas eleitorais. Os dados revelam que quanto maior a participação do fiel nas atividades religiosas, maior é a probabilidade de que suas decisões políticas sejam moldadas por líderes religiosos. Conclui-se que o voto evangélico reflete não apenas uma escolha individual, mas um fenômeno profundamente social e comunitário, mediado por interações religiosas que reforçam valores morais e políticos.

**Palavras-chave:** voto evangélico; liderança religiosa; Teoria do Fluxo de Comunicação em Dois Níveis; comportamento eleitoral; mobilização religiosa.

### **ABSTRACT**

The decision-making process in politics is marked by a complex network of social interactions, community influences, and opinion leaders. This article investigates the phenomenon of evangelical voting in Brazil, analyzing the influence of religious leaders on the electoral behavior of their congregants. Based on theories by Paul Lazarsfeld and collaborators, such as *The People's Choice* (1944), *Personal Influence* (1955), and *Voting: A Study of Opinion Formation in a Presidential Campaign* (1957), this study uses a quantitative approach to understand the impact of religious leadership and the role of two-step communication in shaping electoral choices. The data show that the greater the participation of church members in religious activities, the higher the likelihood that their political decisions will be shaped by religious leaders. It concludes that evangelical voting reflects not only an individual choice but a deeply social and community phenomenon, mediated by religious interactions that reinforce moral and political values.

**Keywords:** evangelical vote; religious leadership; Two-Step Flow of Communication



Theory; electoral behavior; religious mobilization.

## **INTRODUÇÃO**

A crescente influência das igrejas evangélicas no cenário político brasileiro levanta questionamentos sobre o papel das lideranças religiosas na conformação do comportamento eleitoral de seus fiéis. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), os evangélicos representam cerca de 30% do eleitorado nacional, tornando-se um grupo estratégico para campanhas políticas. Este fenômeno se alinha às teorias de Paul Lazarsfeld, como em *The People's Choice* (1944), que propôs que as decisões eleitorais não são formadas de maneira isolada, mas mediadas por "líderes de opinião", indivíduos que influenciam o comportamento político de suas redes sociais.

No contexto evangélico, pastores e líderes religiosos ocupam esse papel de liderança, guiando as decisões políticas de seus fiéis de maneira direta e indireta. Essa dinâmica é essencialmente comunitária e social, como discutido por Lazarsfeld e Katz em *Personal Influence* (1955), onde a comunicação política é filtrada por figuras de autoridade que amplificam as mensagens de candidatos e partidos. Além disso, a obra *Voting* (1957), coautoria de Lazarsfeld, Berelson e McPhee, reforça a ideia de que a conformação da opinião política em campanhas presidenciais está intrinsecamente ligada às interações sociais dentro de grupos comunitários, como é o caso das igrejas evangélicas no Brasil.

O objetivo deste artigo é analisar como essas interações se manifestam no contexto evangélico brasileiro, explorando a influência que as lideranças religiosas exercem sobre o comportamento eleitoral de seus fiéis, e como essa influência é mediada por valores religiosos e morais.

## **2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

O fenômeno do voto religioso, particularmente o voto evangélico, tem sido objeto de análise tanto no Brasil quanto em outros contextos. Em *The People's Choice*, Lazarsfeld, Berelson e Gaudet (1944) introduziram o conceito de "comunicação em dois níveis", argumentando que as mensagens políticas não atingem os eleitores de maneira direta, mas são filtradas por intermediários conhecidos como "líderes de opinião". No contexto evangélico, esses líderes são frequentemente os pastores, cujas opiniões e orientações moldam as decisões políticas de suas congregações.

Freston (1994) destaca o crescimento das igrejas evangélicas na América Latina e seu impacto no campo político, enquanto Oro (2003) analisa a centralização do poder em igrejas como a Universal do Reino de Deus, onde líderes religiosos possuem significativa influência



política. Esses estudos corroboram a teoria de Lazarsfeld, que foi expandida em *Personal Influence* (1955), ao afirmar que as interações sociais dentro de comunidades religiosas, como as igrejas evangélicas, são fundamentais para a formação da opinião política.

Ademais, *Voting: A Study of Opinion Formation in a Presidential Campaign* (1957) complementa essas discussões ao evidenciar como o processo de formação de opinião é moldado por influências comunitárias e pela continuidade de interações sociais em ambientes específicos, como igrejas e grupos religiosos. Nesse sentido, a teoria de Lazarsfeld aplica-se diretamente ao fenômeno do voto evangélico no Brasil, onde a conformação das decisões políticas ocorre em grande parte através da mediação de líderes religiosos e valores morais compartilhados.

### **3. METODOLOGIA**

Para investigar a influência das lideranças religiosas no comportamento eleitoral dos fiéis, este estudo adotou uma abordagem quantitativa. Foram coletados dados por meio de questionários online e entrevistas presenciais com membros de igrejas evangélicas. O questionário incluiu perguntas sobre a frequência às atividades religiosas, discussões sobre política e a influência dos pastores nas escolhas eleitorais.

A amostra incluiu 34 participantes que frequentavam suas igrejas há pelo menos um ano, garantindo um nível de envolvimento religioso suficiente para analisar a correlação entre participação religiosa e adesão às orientações políticas. A análise utilizou técnicas de estatística descritiva, como médias e percentuais, além de correlação de Pearson para medir a relação entre frequência nas atividades da igreja e a conformidade política.

### **4. RESULTADOS**

Os dados revelaram uma forte correlação entre a frequência às atividades religiosas e a adesão às orientações políticas dos pastores. A maioria dos participantes indicou que segue as orientações de seus líderes religiosos, especialmente em questões que envolvem valores morais e familiares, reforçando a hipótese de que a igreja atua como um espaço de socialização política, conforme discutido em *Voting* (1957).

Além disso, os resultados confirmam a teoria de Lazarsfeld de que a comunicação política é mediada por líderes de opinião. No contexto evangélico, os pastores atuam como mediadores que traduzem as mensagens políticas de maneira que ressoem com os valores e crenças de seus fiéis.



## 5. MINHA ANÁLISE

Com base nos resultados da pesquisa e nas teorias de Paul Lazarsfeld, é possível afirmar que o voto evangélico no Brasil não é apenas um fenômeno individual, mas um reflexo de um processo profundamente social e comunitário. As igrejas evangélicas, ao promoverem um ambiente de socialização constante, criam condições para que as influências religiosas se tornem determinantes no comportamento eleitoral de seus membros.

Em *The People's Choice* (1944), Lazarsfeld, Berelson e Gaudet apresentaram a ideia de que as decisões eleitorais não são formadas de maneira isolada, mas dentro de um contexto social, mediado por líderes de opinião. No contexto evangélico, os pastores assumem o papel de líderes de opinião, transmitindo não apenas mensagens espirituais, mas também políticas, influenciando as escolhas eleitorais dos fiéis. Este conceito foi ampliado em *Personal Influence* (1955), onde Lazarsfeld e Katz mostram que os líderes de opinião têm um papel central na mediação da comunicação política, o que se alinha diretamente ao que observei nas igrejas analisadas.

O envolvimento dos fiéis nas atividades religiosas reflete essa dinâmica. Quanto maior a frequência e o engajamento com a igreja, maior a probabilidade de que o fiel siga as orientações de seus pastores nas eleições. Por exemplo, a Igreja Universal do Reino de Deus, que realiza cultos diariamente, permite que seus pastores tenham uma presença constante na vida de seus fiéis, reforçando sua autoridade tanto no âmbito espiritual quanto no político. A Teoria do Fluxo de Comunicação em Dois Níveis de Lazarsfeld é clara ao afirmar que a comunicação política raramente é direta; ela é intermediada por esses líderes que moldam as opiniões de suas congregações, como evidenciado pelos participantes que afirmaram seguir as orientações de seus líderes religiosos nas eleições.

Além disso, *Voting: A Study of Opinion Formation in a Presidential Campaign* (1957), coautorado por Lazarsfeld, Berelson e McPhee, aprofunda essa análise ao demonstrar como o processo de formação de opinião é moldado pelas interações comunitárias. No caso das igrejas evangélicas, a conformação da opinião política se dá dentro de um espaço onde as interações sociais e religiosas são contínuas. O ambiente religioso, onde as normas morais são constantemente reforçadas, cria um terreno fértil para a influência política, tornando a igreja um espaço crucial para a mobilização eleitoral.

Durante as entrevistas realizadas com pastores da Igreja Universal, ficou evidente que, embora a igreja não promova campanhas eleitorais formais, as declarações de voto dos líderes têm um impacto significativo sobre os fiéis. Esse comportamento ilustra o conceito

de socialização política, onde as igrejas funcionam como espaços de socialização intensa, moldando preferências políticas de maneira mais efetiva que outras instituições sociais.





Como Lazarsfeld aponta, os líderes de opinião têm o poder de moldar as percepções e preferências dos indivíduos, e isso ocorre de forma clara nas congregações evangélicas.

Outro ponto que emerge dos dados é o peso dos valores morais na escolha eleitoral. A honestidade, por exemplo, foi mencionada por vários participantes como um critério essencial na escolha de candidatos, o que se alinha com o papel da ética religiosa nas igrejas. Em *Voting* (1957), Lazarsfeld argumenta que a opinião política é moldada não apenas por influências diretas, mas por um conjunto de valores e crenças que são compartilhados e reforçados dentro de grupos sociais. No caso dos evangélicos, a ética religiosa parece funcionar como um filtro moral para as decisões políticas, o que torna as orientações dos pastores ainda mais influentes.

Diante dessa análise, fica claro que o voto evangélico é, em grande parte, um reflexo das interações sociais e comunitárias que ocorrem dentro das igrejas. Embora muitos fiéis acreditem que suas decisões políticas são autônomas, os dados indicam que suas escolhas estão profundamente ligadas às normas e valores estabelecidos pelas lideranças religiosas. Essa tensão entre autonomia individual e conformidade social é um ponto central nas teorias de Lazarsfeld, e os dados deste estudo reforçam essa conclusão.

Por fim, minha análise sugere que, no Brasil, as igrejas evangélicas continuarão a desempenhar um papel crucial nas eleições futuras. A capacidade dessas instituições de mobilizar um eleitorado coeso e fortemente influenciado por líderes religiosos torna o voto evangélico um fator decisivo em disputas eleitorais. Como Lazarsfeld demonstrou, a influência política não é exercida de maneira direta, mas através de uma complexa rede de interações sociais e comunitárias, e no caso das igrejas evangélicas, essas interações são intensas e contínuas.

### **CONCLUSÃO**

Este estudo revela que o voto evangélico no Brasil é um fenômeno altamente influenciado pelas lideranças religiosas. A pesquisa confirma as teorias de Paul Lazarsfeld, especialmente a Teoria do Fluxo de Comunicação em Dois Níveis, ao demonstrar que os pastores atuam como líderes de opinião, moldando as decisões políticas de seus fiéis. Essa influência é amplificada pelo engajamento religioso constante, que fortalece os laços entre fé e política.

As conclusões deste estudo ressaltam a importância de compreender a dinâmica entre religião e política no Brasil, especialmente à medida que as igrejas evangélicas continuam a

expandir sua influência sobre o eleitorado.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BURITY, João. Igrejas Evangélicas e Política no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 2009. Disponível em: <https://www.rbcsocial.com.br/igrejas->



evangelicas-e-politica. Acesso em: 09 out. 2024.

FRESTON, Paul. *Evangélicos na Política Brasileira: História e Consequências. Estudos Avançados*, 1994. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estudosavancados/article/view/12712>. Acesso em: 09 out. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2023**: população evangélica no Brasil atinge 30% do eleitorado. IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/censo-evangelicos-2023>.

KATZ, Elihu; LAZARFELD, Paul. **Personal Influence**: The Part Played by People in the Flow of Mass Communications. New York: Free Press, 1955.

LAZARFELD, Paul F.; BERELSON, Bernard; GAUDET, Hazel. **The People's Choice**: How the Voter Makes Up His Mind in a Presidential Campaign. New York: Columbia University Press, 1944.

LAZARFELD, Paul F.; BERELSON, Bernard; MCPHEE, William N. **Voting**: A Study of Opinion Formation in a Presidential Campaign. Chicago: University of Chicago Press, 1957.

MARIANO, Ricardo. Neopentecostais e Política no Brasil. **Revista de Sociologia e Política**, 2004. Disponível em: <https://www.revistasociologiaepolitica.com.br/neopentecostais-politica>. Acesso em: 09 out. 2024.

ORO, Ari Pedro. *A Igreja Universal e a Política Brasileira: Alianças e Disputas. Ciências Sociais e Religião*, 2003. Disponível em: <https://www.cienciasociaisreligiao.com.br/universal-politica>. Acesso em: 09 out. 2024.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: Fundamentos da Sociologia Compreensiva. Brasília: UnB, 1999.



## MUITO ALÉM DA LUCRATIVIDADE COMERCIAL: CONTRIBUIÇÕES DA PUBLICIDADE PARA ACESSO ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS BRASILEIRAS: UM OLHAR PARA AS CAMPANHAS DO MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME

KÁTIA BALDUÍNO DE SOUZA<sup>1</sup>

VANESSA BERNARDES SOUZA ROCHA<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente projeto teve como objetivo explorar como as estratégias de publicidade e propaganda podem ser utilizadas para ampliar o acesso às políticas públicas e aumentar o conhecimento sobre os direitos sociais, contribuindo para o exercício da cidadania. A pesquisa abordou os conceitos de política pública, direitos sociais e comunicação pública, além das definições de publicidade mercadológica e de interesse social. O foco foi compreender como essas estratégias são aplicadas em campanhas institucionais, com a análise voltada para as campanhas do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome entre 2021 e 2024, veiculadas em mídias digitais, como os canais governamentais no YouTube. A metodologia utilizada foi baseada na proposta de Lucia Santaella, que aplica a análise semiótica de Charles Sanders Peirce para identificar os elementos principais nas campanhas. A partir dessa abordagem, foi possível mapear e identificar as principais estratégias utilizadas nas campanhas institucionais, destacando a importância da publicidade como ferramenta para promover o acesso à informação, conscientizar a população sobre os seus direitos e facilitar o acesso às políticas públicas por meio das plataformas digitais.

**Palavras-chave:** Estratégias de publicidade; políticas públicas; direitos sociais; comunicação pública; análise semiótica.

### ABSTRACT

This project aimed to explore how advertising and publicity strategies can be utilized to expand access to public policies and increase awareness of social rights,

<sup>1</sup> Doutora em Comunicação. Professora no Centro Universitário do Distrito Federal. [Kátia.ufg@gmail.com](mailto:Kátia.ufg@gmail.com)

<sup>2</sup> Formanda em Comunicação Social, com Bacharel em Publicidade e Propaganda. [vanbernardespubli@gmail.com](mailto:vanbernardespubli@gmail.com)



contributing to the exercise of citizenship. The research examined the concepts of public policy, social rights, and public communication, alongside the definitions of commercial and social interest advertising. The focus was to understand how these strategies are applied in institutional campaigns, specifically analyzing those from the Ministry of Social Development and Hunger Alleviation between 2021 and 2024, disseminated through digital media, such as government YouTube channels. The methodology was based on Lucia Santaella's approach, which applies Charles Sanders Peirce's semiotic analysis to identify key elements in the campaigns. Through this approach, it was possible to map and identify the main strategies used in institutional campaigns, highlighting the importance of advertising as a tool to promote access to information, raise awareness about citizens' rights, and facilitate access to public policies through digital platforms.

**Keywords:** Advertising strategies; public policies; social rights; public communication; semiotic analysis.

## INTRODUÇÃO

A publicidade é comumente atrelada apenas a objetivos mercadológicos, e constantemente desvinculada da comunicação de interesse público, de modo que acabamos inutilizando sua potencialidade no sentido de produzir conhecimento social e ampliação quanto ao acesso às políticas públicas.

Desse modo, se por um lado o poder de persuasão da publicidade pode ser visto de maneira lucrativa para o anunciante, tal habilidade também pode ser direcionada para contribuir com a ampliação do conhecimento da população acerca de seus direitos e das formas de acesso aos serviços públicos.

Sobre o potencial da comunicação no setor público, Butler e Collins (*apud* CÉSAR, 2019, p. 12) afirmam que “desenhar, orientar e aplicar esse potencial instrumental às concepções mais dialógicas que se apóiem em uma vertente mais cidadã da comunicação pode ampliar o seu potencial e permitir cidadãos mais satisfeitos.”



Baseadas nesta afirmativa destacamos que os achados da presente pesquisa são importantes, uma vez que ao analisar as formas de potencializar e aplicar técnicas publicitárias no âmbito das políticas públicas abriremos um caminho positivo para a tríade: publicidade, sociedade e governo e nos auxiliará a responder a problemática dessa pesquisa: A publicidade tem construído suas narrativas nas campanhas públicas de maneira a proporcionar um amplo acesso às políticas públicas governamentais?

Diante dessa problemática, compreendemos como necessário desmistificar a concepção de que a publicidade no âmbito público serve apenas a fins eleitoreiros, reposicionando a publicidade de interesse público ou social, considerando-a como aquela que não se orienta a partir de objetivos lucrativos, e sim com objetivos ligados ao engajamento do cidadão.

Nos dias de hoje, algo que vem sendo discutido nos cursos de graduação e pós-graduação em Comunicação Social é o compromisso social dessa área, já que a palavra “social” faz parte do nome do curso. Ainda, observamos que as propagações feitas pelos meios de comunicação afetam diretamente a vida dos cidadãos, influenciando seus hábitos e gostos, colocando futuros comunicadores em uma posição de extrema responsabilidade dentro da sociedade. Considerando isso, algumas universidades já vêm incluindo em suas grades a disciplina “Publicidade Social”.

Portanto, tendo em vista o que até aqui foi exposto, o que será apresentado no presente relatório abordará tanto os conceitos necessários para o conhecimento desse campo de atuação da publicidade e da propaganda, quanto das experiências de propagandas governamentais de interesse público e desse modo contribuir com o enriquecimento da discussão científica sobre a Publicidade de interesse social, prevalecendo como temática desse projeto: “Muito além da lucratividade comercial: contribuições da publicidade para acesso às políticas públicas brasileiras - um olhar para as campanhas do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome”.



## **METODOLOGIA**

Inicialmente, foi realizada uma revisão bibliográfica para a retomada de conceitos e perspectivas atuais sobre a publicidade social. Esse percurso bibliográfico serviu de sustentação e entendimento durante o processo de análise das publicidades veiculadas durante os anos de 2021 a 2024 pelo Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome.

Após revisão bibliográfica, utilizou-se do método de coleta de dados onde iniciamos uma busca minuciosa por estratégias adotadas em cada campanha veiculada. Cada análise foi enquadrada em uma classificação categorizadas da seguinte forma: ano, produto anunciado, formato (tipo de peça), agência responsável, informação repassada, formas de acesso, se a informação está completa, atores sociais apresentados na peça, canais utilizados, linguagem, trilha sonora, cenário e chamada para ação.

Todos esses dados foram planilhados, tabulados e quantificados para posterior análise, conclusões e construção gráfica. Com esses mesmos dados, foram realizadas análises descritivas, que segundo Marconi (2004), permite detalhar em profundidade os dados coletados.

Como complemento metodológico, utilizamos a técnica de pesquisa netnográfica sendo ela assim descrita e conceituada: A netnografia é um método de pesquisa, baseado na observação participante e no trabalho de campo online, que utiliza as diferentes formas de comunicação mediada por computador como fonte de dados para a compreensão e a representação etnográfica dos fenômenos culturais e comunais. O método netnográfico começou a ser desenvolvido nos anos 90 no campo da pesquisa de marketing e de consumo, uma área interdisciplinar que se caracteriza por incorporar pontos de vista de diversos campos, como a antropologia, a sociologia e os estudos culturais (KOZINETS, 2014).

Para a execução dessa pesquisa determinamos 4 objetivos a serem alcançados: o primeiro deles era visitar o material bibliográfico conceitual e as principais análises sobre publicidade social, políticas públicas, Comunicação Pública - CP. O segundo objetivo traçado visava analisar a legislação federal que impõe



limites orçamentários e comunicacionais referente a publicidade pública. Neste contexto, procedemos a realização de uma pesquisa documental e bibliográfica no sítio eletrônico da Secretaria de Comunicação do Governo Federal - SECOM, em busca de informações preliminares acerca do funcionamento da máquina estatal no que diz respeito às ações de publicidade e propaganda de interesse público.

O terceiro objetivo almejou compreender como a demanda publicitária chega à agência. Para alcançar as respostas para este questionamento, procedemos à realização de entrevistas com três profissionais de agências publicitárias que mantêm contratos com o governo.

Por fim, buscamos respostas para o último objetivo de pesquisa, que seria o mapeamento de campanhas publicitárias realizadas pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome nos últimos 8 anos que tiveram foco em publicidade de interesse público. Este objetivo sofreu algumas mudanças no decorrer da pesquisa, mas por fim foi delimitado após a definição das peças publicitárias que foram ao final analisadas. Desse modo, materiais publicitários do Ministério de Desenvolvimento e Combate à Fome, dos anos de 2021, 20122 e 2023 selecionados de maneira aleatória.

Por fim, determinamos os seguintes critérios a serem observados: ano, produto anunciado, formato (tipo de peça), agência responsável, informação repassada, formas de acesso, se a informação está completa, atores sociais apresentados na peça, canais utilizados, linguagem, trilha sonora, cenário e chamada para ação. A tabulação dos dados obtidos estará listada ao final deste documento.

Ademais, a presente pesquisa buscou ainda determinar um método para a realização da análise das peças publicitárias. Neste intento, a pesquisa identificou que uma boa teoria para alicerçar nossa análise seria a teoria semiótica.

Destacamos que, não pretendemos com essa pesquisa esgotar as possibilidades de análise das referidas peças publicitárias, ainda mais considerando que a teoria dos signos, base da presente análise, “é uma trama urdida com muita complexidade.” Entretanto, os resultados da pesquisa poderão contribuir para que outras pesquisas possam ser desenvolvidas e que tenham como objetivo contribuir para o âmbito publicitário, bem como para a publicidade de interesse público.



## RESULTADOS

A pesquisa conseguiu mapear campanhas do período de 2022 e 2023, analisando um total de quatro vídeos publicitários que tinham como tema os programas de transferência de renda de cada época.

Em relação ao acesso a informação podemos dizer que encontramos dificuldade em acessar campanhas de anos anteriores, visto que peças audiovisuais mais antigas não se encontram disponíveis no canal do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome no *Youtube*, tampouco na página oficial do órgão.

Ainda sobre o acesso a informação, a respeito da transparência do processo de contratação de agências de publicidade, bem como o que tange o gasto público com publicidade, podemos dizer que as informações são de difícil compreensão e praticamente inacessíveis para o cidadão comum. A pesquisa teve neste ponto o principal empecilho para a efetiva compreensão da forma como o dinheiro é aplicado em publicidade, e para o entendimento de como as pautas são determinadas.

Temos como resultado dessa pesquisa, ainda, a percepção de que, apesar de haver um intento na realização de campanhas de interesse público, no âmbito do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, elas são ainda incipientes e muitas vezes não atendem à concepção de publicidade de interesse público.

Outro resultado relevante da pesquisa é que, as campanhas realizadas dentro do contexto da proteção social, apresentam as famílias beneficiárias dos programas de transferência de renda de forma estereotipadas, contribuindo para a difusão de uma visão preconceituosa a respeito da população que faz jus a esse benefício.

Ademais, identificamos que as informações relevantes em relação à conceituação do programa de transferência de renda, as condicionalidades para o recebimento<sup>0</sup> e outras informações importantes para a população, são pouco desenvolvidas na maior parte das peças publicitárias Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome.





Desta forma, concluímos que há necessidade de se pensar em novos caminhos para a execução da publicidade de interesse público de forma a atender, de fato, a população a quem ela se destina, de forma que ela possa contribuir efetivamente para o exercício da cidadania. Esses novos caminhos devem, portando passar pelo aumento da transparência dos processos de contratação e execução das campanhas junto a agências, dando destaque para a importância de se facilitar a compreensão das informações a partir de uma linguagem simplificada e acessível. Outro caminho importante que identificamos como necessário a ser construído, trata da melhoria do conteúdo informativo disponibilizado nas peças publicitárias, que deve priorizar a difusão das informações necessárias para o acesso aos direitos, dando protagonismo para a política pública e não aos gestores e governantes.

## ANÁLISES E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS OBTIDOS

Alcançado os objetivos relacionados aos conceitos necessários para análise das peças publicitárias, prosseguimos para a análise de cada uma das peças publicitárias conforme delimitação no escopo da pesquisa.

Conforme vemos na tabela que se segue, foi realizada uma categorização de um total de 04 (quatro) peças publicitárias e cada uma delas a partir de alguns critérios, quais sejam: ano, produto anunciado, formato (tipo de peça), agência responsável, informação repassada, acesso, se a informação está completa, atores sociais apresentados na peça, canais utilizados, trilha sonora e cenário.

**Tabela 1 – Resumo da análise das campanhas**

ANO	PRODUTO	FORMATO	AGÊNCIA	INFORMAÇÃO	ACESSO	INFOR. COMPLETA	ATORES SOCIAIS
CAMPA NHA 1 2021	Auxílio Brasil #issoecidadania	Vídeo 30". Twitter, sem informações de outros meios	NÃO	Programa Auxílio Brasil.	Site do programa. GOV.BR/AUXILIO BRASIL	Não	Todas as pessoas retratadas como pobres são negras. Local representado: Nordeste. Trilha música nordestina.
CAMPA NHA 2 2022	Campanha Auxílio Brasil - Um Brasil	Vídeo 60". Canal do Ministério do Desenvolvimento	NÃO	Retrospectiva do Programa Auxílio Brasil	Site do programa.	Não	Todas as pessoas retratadas



	Melhor em todo lugar	Social no Youtube.		iniciado em 2021.	GOV.BR/AUXILIO BRASIL		como pobres são negras. Local representado: Nordeste. Trilha música nordestina.	
<b>CAMPA NHA 3</b>	2023	O Bolsa Família voltou	Vídeo 60". TV, rádio, redes sociais, internet, DOOH e OOH	Agência B	Retorno do Programa Bolsa Família.	Site do MDS. MDS.GO V.BR	Não	Há uma maior diversidade de representatividade de pessoas. Local representado: Nordeste. Trilha música nordestina, canção "De volta pro meu aconchego".
<b>CAMPA NHA 4</b>	2023	20 anos Bolsa Família	Vídeo 60"	Agência B	Comemoração aos 20 anos do PBF.	Site do MDS. MDS.GO V.BR	Não	Maior diversidade de configurações familiares e cores de pele. Local representado: Nordeste. Trilha sonora: música instrumental nordestina.

**Fonte:** Autoras da pesquisa

As quatro campanhas, escolhidas para análise, tem como tema dois programas de transferência de renda, vinculadas no período de 2021 a 2023: Programa Auxílio Brasil - PAB e Programa Bolsa Família - PBF. Segundo Sposati e Tarso, transferência de renda:

"não se constitui em uma ação humanitária do Estado ou dos seus gestores, direcionada àqueles que nominam inadequadamente de vulneráveis sem direitos de cidadania. Esse trato distorcido da democracia social e política conflita com o primeiro artigo da LOAS, pelo qual a assistência social é dever do Estado e direito da cidadania."

Assim, muitos não consideram a política de transferência de renda como um direito, entendendo-a como uma ajuda generosa dos governantes. Portanto, afastando-se das percepções discriminatórias "entende-se que brasileiros são, e



estão, vulnerabilizados por múltiplas desigualdades (...) inclusive pelas condições do lugar em que vivem e moram (...). (Sposati e Tarso, 2023)

Em continuidade, para situar o leitor na linha do tempo em que esses programas estão inscritos, a pesquisadora adaptou o quadro a seguir da obra “Transferência de Renda no Brasil, entre a herança recebida e a direção prometida”, de Aldaiza Sposati e Paulo de Tarso. Trata-se, portanto, de um quadro resumo dos programas de transferência de renda do Governo Federal de 2020 a 2023.

**Tabela 2 – Resumo dos programas de transferência de renda 2020-2023**

MÊS	ANO	SITUAÇÃO
Março	2020	Mês que antecede a criação do Auxílio Emergencial - Vigência exclusiva do PBF
Abril	2020	Criação do Programa de Auxílio Emergencial (PAE)
	2020	Vigência do PBF + Auxílio Emergencial
Junho	2021	Mês que antecede a criação do Programa Auxílio Brasil - Vigência exclusiva do PBF
Agosto (MP)	2021	Transição do Programa Auxílio Brasil (PAB) em convívio com o PBF
Novembro	2021	Implantação do PAB com vigência exclusiva
Janeiro/Agosto/Dezembro	2022	Benefício único até agosto no valor de R\$ 400,00 e em seguida, R\$ 600,00
Março	2023	Lei 14.601/2023 Institui o Programa Bolsa Família

**Fonte:** Autoras da pesquisa

A Campanha 1 refere-se a uma peça audiovisual de 30 segundos produzida em 2021 em razão da apresentação do Programa Auxílio Brasil-PAB, que substituiu o Programa Bolsa Família - PBF durante os anos de governo Bolsonaro.

Apesar de se tratar de um programa social do Governo Federal, administrado pelo Ministério do Desenvolvimento Social, à época chamado de Ministério da Cidadania, o vídeo institucional não foi encontrado nos sítios do governo, nem na página do Youtube do referido ministério. Dessa forma, o encontramos apenas na rede social X, antigo Twitter. O vídeo havia sido publicado na página particular do deputado João Roma, que entre os anos de 2021 e 2022 foi Ministro da Cidadania.



Destacamos que não foi possível encontrar dados da agência responsável pela produção dessa peça, tampouco a ficha técnica da campanha. Portanto, o segundo critério a ser analisado, ficou pendente de resposta.

**Imagem 01:** Print da página do ex-ministro João Roma que divulgou a peça



**Fonte:** Rede social X.

Como observamos na Figura 01, a peça publicitária foi divulgada pelo ministro no dia 24 de outubro de 2021. Considerando o período de publicação, fomos em busca de informações acerca das licitações realizadas no período próximo à publicação do vídeo. Assim, conforme disposto no site do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, a Agência “A” (Nome fictício dado a agência realizadora da campanha) realizou sessão pública para abertura de envelopes de propostas de contratação de empresa especializada em prestação de serviços de produção audiovisual para campanha do Auxílio Brasil. Segundo o chamamento a sessão pública ocorreria no dia 24 de setembro de 2021 e as propostas seriam apresentadas ao Ministério da Cidadania aos cuidados da Agência “A”. Ademais, segundo o mesmo documento o briefing elaborado pela Agência “A” foi encaminhado aos fornecedores convidados pela mesma a participar do chamamento. Por fim, destacamos que conforme este documento o objeto do chamamento era justamente um filme de 30 segundos de duração. Acreditamos que, apesar de não termos tido condições de confirmar a informação, a Agência “A” foi a responsável pela produção da peça de audiovisual que apresenta o Programa Auxílio Brasil em 2021.

A Campanha 01, aqui vamos denominada de Auxílio Brasil #issoocidadania, no que diz respeito à informação a ser repassada, podemos inferir que a mesma tinha



como primeira intenção apresentar o Programa Auxílio Brasil e destacá-lo em relação ao programa anterior. Para isso faz uso de uma locução de um texto publicitário, cuja transcrição trazemos a seguir:

“O Governo Federal, por meio do Ministério da Cidadania, apresenta o Auxílio Brasil. O maior programa de transferência de Renda para aqueles que precisam de apoio e oportunidades. Uma força necessária para transformar vidas e desenvolver o país. Auxílio Brasil. Para nossa gente transformar o país. Saiba mais em [gov.br/auxilioBrasil](http://gov.br/auxilioBrasil). Governo Federal. Pátria Amada, Brasil.”

Seguindo para a análise semiótica da Campanha 1, sob o ponto de vista qualitativo-icônico, elencamos as cores predominantes na peça, as pessoas representadas, e alguns signos visíveis na composição do vídeo. Assim, temos que as cores predominantes na peça são o verde e amarelo, obtido a partir da tipografia da marca do governo da época. As pessoas são representadas sorrindo e em situações de convivência em ambiente familiar, profissional e escolar.

### **Imagens 02:** Frame da Campanha 01: Pessoas representadas, ambiente escolar e profissional



**Fonte:** Canal do MDS no Youtube

Ainda sob ponto de vista qualitativo-icônico evidenciamos a representação de signos vinculados ao campo da alimentação, tais como vegetais, panelas, bem como alimentos preparados.

### **Imagens 03:** Frame da Campanha 01: Ambiente familiar, agropecuário



**Fonte:** Canal do MDS no Youtube

É importante destacar que a peça de 30 segundos apresenta algumas cenas que referenciam ao universo agropecuário, conforme vemos nas imagens que se seguem.

Sob o ponto de vista singular-indicativo precisaremos considerar as indicações que os signos apresentam a partir da associação deles com o repertório. Assim, temos que a apresentação do programa Auxílio Brasil é dada a partir de signos verbais e não verbais.

Desse modo, por exemplo, de acordo com princípio da contiguidade apresentada por Santaella e Noth (2010), conforme observamos no *frame* a seguir, compreende-se que a frase “Uma força necessária para transformar vidas e desenvolver o país” é complementada pela mensagem não verbal, que são as imagens representadas na peça. Assim, a peça representa um trabalhador, indicando que o que pode transformar vidas e desenvolver o país é o emprego formal.

**Imagem 04:** Frame da Campanha 01 que representa um ambiente profissional



**Fonte:** Canal do MDS no Youtube

Em continuidade, sob ponto de vista convencional-simbólico, através do qual a leitura da mensagem é realizada em referência a representações da cultura ou de



padrões gerais, observamos que para representar o campo simbólico de um programa de transferência de renda, utilizou-se de imagens de trabalhadores, de pessoas se alimentando e produzindo seu próprio alimento, além de trazer para a cena o ambiente escolar.

Entretanto, sabe-se que um programa de transferência de renda visa:

Além de garantir renda para as famílias em situação de pobreza, o Programa Bolsa Família busca integrar políticas públicas, fortalecendo o acesso das famílias a direitos básicos como saúde, educação e assistência social. O Bolsa Família busca promover a dignidade e a cidadania das famílias também pela atuação em ações complementares por meio de articulação com outras políticas para a superação da pobreza e transformação social, tais como esporte, ciência e trabalho. (Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. 2024)

Parece-nos que a Campanha 01 realiza um esforço sutil para vincular o direito ao programa de transferência de renda a inclusão da família em uma espécie de trabalho, visto que diversas cenas relacionam o discurso de mudança do Brasil com uma imagem do cidadão em uma atividade laboral.

Achamos importante destacar também sobre o peso simbólico da utilização de imagem de pessoas negras em sua maioria na composição do anúncio, uma vez que os situa como público-alvo dos programas de transferência de renda.

Em conclusão, entendemos que conceito da peça (Para nossa gente transformar o país) está baseada na percepção de que o país precisa de uma mudança. A campanha traz, portanto, nas entrelinhas aspectos ligados à polarização política que o país estava vivendo. O que de certa forma retira o caráter de interesse público dessa peça publicitária dando mais destaque para questões político partidária do que ao seu valor informativo.

No que tange os aspectos semânticos, aqui nesta peça vemos os termos apoio, oportunidades e força sendo utilizados para definir o Programa Auxílio Brasil, o que o distancia o programa da política pública e da sua inscrição na categoria de um direito social.

A campanha 02, trata-se de um vídeo de 60 segundos, produzido pela Agência “B”, foi publicada em 2022 e, portanto, faz uma retrospectiva do Programa Auxílio



Brasil iniciado em 2021, contando a história de uma cidadã que é beneficiária do programa. É importante destacar que aqui vamos analisar apenas um dos vídeos que compõe a campanha já que no sítio do Ministério do Desenvolvimento Social a campanha está disposta com uma série de vídeos que contam histórias de diferentes beneficiárias do extinto programa. O *slogan* da campanha é “*Mais liberdade e esperança aos brasileiros*”.

Além de uma trilha sonora instrumental, a peça utiliza uma locução de texto publicitário e um depoimento, cuja transcrição trazemos a seguir:

“O Governo Federal iniciou o pagamento do Auxílio Brasil em novembro de 2021, transformando a vida de milhões de brasileiros.

\_ Eu me chamo Liliane e tenho três filhas. Minha alegria é (sic) elas. Cuidar de três filhas não é fácil, né? Porque eu sou sozinha. Quando eu descobri que ia ter o Auxílio Brasil, que aí me deu mais uma acalmada no coração. Quando caiu a primeira parcela na minha conta foi uma alegria, né? O que me faz feliz é saber que tem comida na mesa para as minhas filhas. Quando eu pego o Auxílio Brasil, eu já corro logo para o mercado fazer as comprinhas delas.

O Auxílio Brasil trouxe mais esperança e liberdade aos brasileiros para a conquista de uma vida digna. Isso é cidadania: um Brasil melhor em todo lugar. Ministério da Cidadania e Governo Federal. Pátria amada, Brasil.

\_ Hoje tem liberdade pra mim (sic) pensar no futuro.”

Sob o ponto de vista qualitativo-icônico, iniciamos elencando as cores predominantes no anúncio, as pessoas representadas, e alguns signos visíveis na composição do vídeo. Neste sentido, destacamos que o vídeo é iniciado todo em preto em branco, tornando-se colorido apenas quando a beneficiárias vai iniciar seu depoimento. A respeito das pessoas representadas no vídeo temos a representação de uma família monoparental chefiada por uma mulher, e composta por três (03) crianças. Aqui nesta campanha a família beneficiária do programa social, assim como na Campanha 01, também se trata de uma família negra.





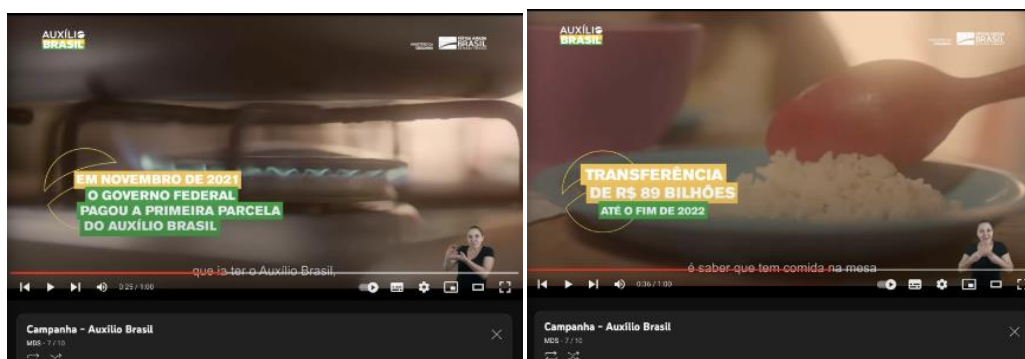
**Imagem 05:** Frame da Campanha 02 que apresenta a família representada na peça



**Fonte:** Canal do MDS no Youtube

A respeito dos signos apresentados na peça, damos destaque aqueles que referenciam ao universo da alimentação, observamos o acender de uma chama do fogão, a matriarca aparece na cena sorrindo e cozinhando algo e em seguida servindo uma porção de arroz.

**Imagens 06:** Frame da Campanha 02: Acender de uma chama do fogão, Arroz sendo servido,



**Fonte:** Canal do MDS no Youtube

Ainda sob o ponto de vista qualitativo-icônico o vídeo finaliza com a família se despedindo em frente a uma casa simples, localizando a família num determinado espectro socioeconômico.

Quanto à análise singular-indicativa, como dissemos, deve-se considerar as indicações que os signos apresentam a partir da associação deles com o repertório, assim, chamamos atenção para o fato de a campanha possuir outros vídeos e por esse motivo a representatividade pode estar sendo realizada nessas outras peças,



todavia, a peça analisada em si sugere uma visão estereotipada do público atendido pelos programas sociais do governo.

É importante destacar que, fazendo associação dos signos aqui apresentados com o referencial de uma trabalhadora da política de assistência social, é possível inferir que a personagem representada na peça apresente semelhanças com o público atendido na política de assistência social. Entretanto, faz-se necessário questionar a quem se destina o comercial produzido e a quais objetivos ele deseja alcançar, o que não podemos confirmar uma vez que não possuímos o *briefing* utilizado.

Sob a égide do ponto de vista convencional-simbólico, se faz necessário contextualizar que à época do comercial havia uma corrida eleitoral e uma disputa de discursos, na qual o governo da época buscou apresentar uma proposta de programa de transferência de renda que pagasse um benefício de maior valor, a fim de sobrepor ao programa anterior, utilizando essa política como pauta eleitoral.

Citando trecho de reportagem vinculada ao sítio Agência “C” (Nome fictício dado a agência idealizadora da campanha), de autoria de Andreia Verdélio, conforme citada no artigo de Maria Ozanira da Silva e Silva (2022):

“O valor médio do benefício, em novembro de 2020, foi R\$ 224,00; em janeiro de 2021, foi de R\$ 407,54 e, em fevereiro, de R\$ 400,00, sendo criado em dezembro, por medida provisória, um Benefício Extraordinário com pagamento mínimo total de R\$ 400,00.” (Verdélio, *In* Silva. 2022)

Este excerto da reportagem que trata do aumento do valor médio do Auxílio Brasil em relação ao Bolsa Família, explica o conceito da campanha, que sugere que, com o Auxílio Brasil, os beneficiários possuirão mais liberdade, como podemos observar no texto apresentado pela locução do vídeo.

Passando à análise da Campanha 03, temos, portanto, uma peça publicitária, produzida pela Agência “B” (Nome fictício da agência idealizadora da campanha), sendo um vídeo de 60 segundos, desenvolvido no ano de 2023. De modo geral a peça trata do retorno do Programa Bolsa Família-PBF, como observamos na transcrição do texto publicitário abaixo:



“Estou de volta pro meu aconchego...” (Música)

\_O bolsa família voltou.

“Trazendo na mala bastante saudade...” (Música)

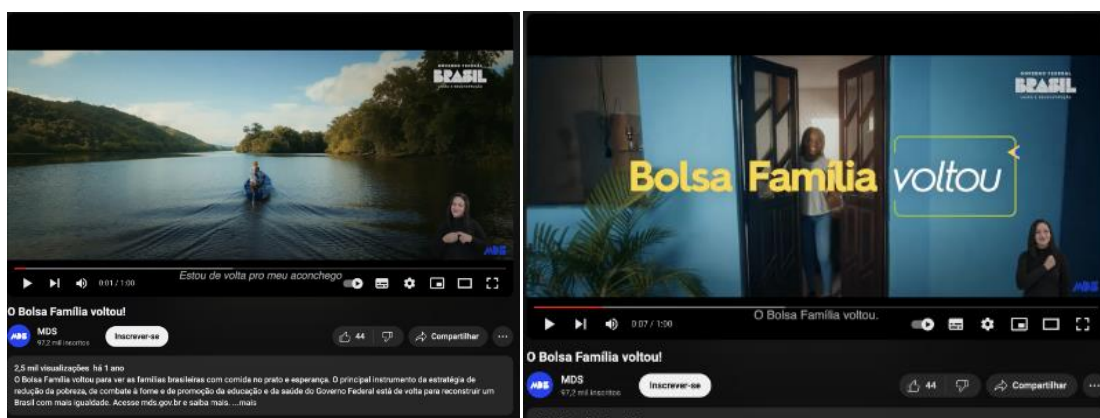
\_Com saudade de ver as famílias brasileiras com comida no prato e esperança.

“Querendo um sorriso sincero, um abraço para aliviar meu cansaço e toda essa minha vontade” (Música)

\_Serão 600 reais por família, mais 150 reais para cada criança de 0 a 6 anos, e mais 50 reais para cada criança e adolescente entre 7 e 18 anos e gestantes. Novo bolsa família, que bom poder estar contigo de novo, de volta pra reconstruir um Brasil com mais igualdade. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social Família e Combate à fome. Brasil: União e reconstrução. Governo Federal.

A respeito da análise semiótica, a partir do ponto de vista qualitativo-icônico, observamos que o vídeo publicitário apresenta a prevalência de cores em tons de azul em cenas que mostram paisagens naturais, e quando nas paisagens urbanas, as construções e os objetos se apresentam também na cor azul prioritariamente.

**Imagens 07:** Frame da Campanha 03: paisagem natural e Imagens de uma casa com prevalência de tons em azul



**Fonte:** Canal do MDS no Youtube

A respeito das pessoas representadas nas cenas observamos que elas estão sorrindo em situações de convivência familiar, comunitária e de trabalho informal, tal como funções ligadas ao trabalho rural.



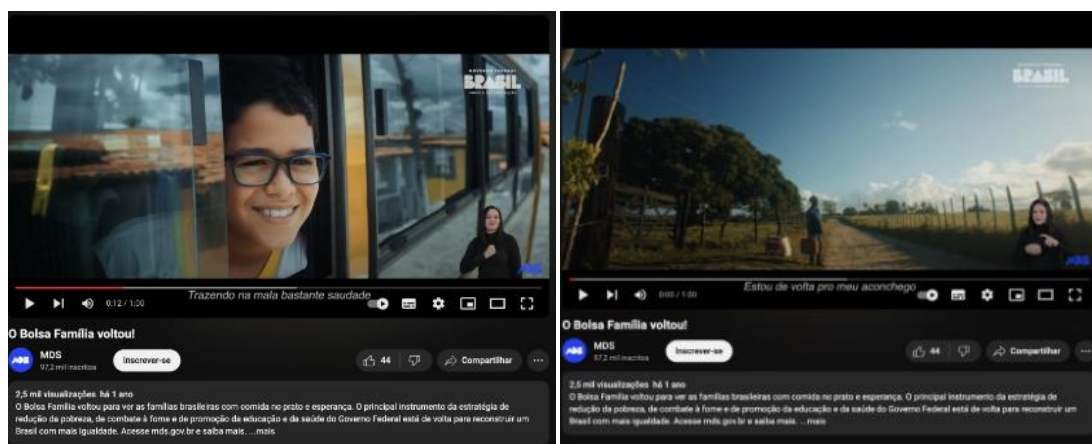
**Imagens 08:** Frame da Campanha 03 que apresenta dois homens em uma carroça



**Fonte:** Canal do MDS no Youtube

São representadas nas cenas: uma pessoa com uma mala, personagens em um barco em movimento, uma criança na janela de um ônibus, também em movimento, e uma criança adentrando em um quintal a partir de uma porteira aberta.

**Imagens 09:** Frame da Campanha 03: criança olhando pela janela de um ônibus em movimento e homem segurando uma mala



**Fonte:** Canal do MDS no Youtube

No aspecto singular-indicativo, no campo da secundidade, o tema do retorno do Programa Bolsa Família - PBF é apresentado a partir associação das imagens com a trilha musical e a narração. Deste modo, a imagem de um homem com uma mala na mão, associada a música “De volta pro meu aconchego”, tem o objetivo de



representar o retorno do PBF. Assim, no vídeo as imagens sempre em movimento contribuem para a tessitura do conceito de retorno.

Vieira e Yared (2018) fazem uma análise de um filme publicitário a partir de recursos da semiótica, na qual afirmam que:

“Embora haja perda de significado na transcrição do comercial, uma vez que as imagens visuais matriciais são estáticas, ganha-se no aumento da consciência dos recursos semióticos utilizados simultaneamente.”

Deste modo, destacamos que:

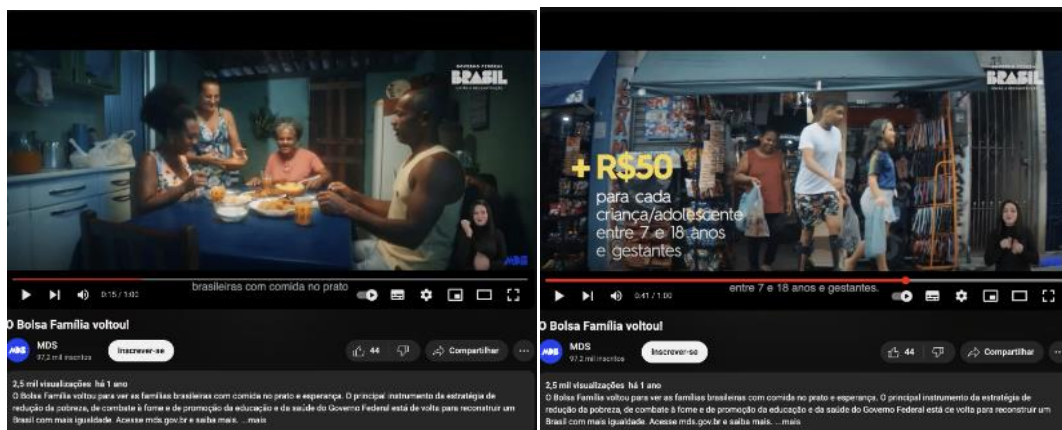
“Quando assistimos a um comercial, quase não percebemos as nuances dos recursos semióticos utilizados pelo fazedor de signos, pois as imagens (cerca de 14 por segundo) passam rapidamente pelas nossas retinas.”

Assim, a transcrição do comercial, e, por que não, a análise semiótica, *“permite uma análise no sentido pleno da palavra, uma “quebra” das partes para visualizar melhor o todo”*.

Neste contexto, observamos, na análise em questão, certa variação de atores, o que pode ser evidenciada na diversidade de configurações familiares (Figura 13). Destacamos, também, sinais mais sutis de representatividade, que ensejam um olhar mais minucioso para serem identificadas. A sutileza se dá na cena em que uma mãe sai de um comércio, após utilizar o cartão do benefício (Figura 14), e quando menos esperamos, percebemos que há um jovem com deficiência, utilizando uma prótese.



**Imagem 10:** Frame da Campanha 03: Cenas de prosperidade: família se alimentando a mesa e saída de um comércio



**Fonte:** Canal do MDS no Youtube

Sob o aspecto convencional-simbólico, precisamos situar esta publicidade em um tempo histórico no qual por ocasião das disputas políticas e da polarização do país, o reconhecido Programa Bolsa Família fora substituído deliberadamente pelo Auxílio Brasil.

"Sem diálogo com os formuladores e executores do Bolsa Família, desconsiderando os 18 anos de experiência exitosa e reconhecida, nacional e internacionalmente, gerando insegurança aos beneficiários, que também não tiveram qualquer participação na formulação do Programa."

De modo que, quando há o retorno do já reconhecido Programa Bolsa Família - PBF, a peça publicitária buscar atingir o público com uma abordagem emotiva, alcançada tanto pelo tom melancólico da melodia, quanto pela letra e narração constituída no vídeo.

A Campanha 04, que tem como *slogan* "20 anos do Bolsa Família, mudando vidas, fazendo história", conta a história de Eraques Folha, um garoto do interior do Piauí, que segundo a campanha pôde estudar em razão do recebimento do Bolsa Família e hoje é professora na região.

A campanha foi produzida em 2023, publicada em 26 de dezembro de 2023, pela Agência "B" e o vídeo tem 60 segundos de duração. Trata-se portanto, de um



vídeo testemunhal que conta a história de um ex-beneficiário do Programa Bolsa Família.

“Onde eu nasci a gente crescia sem muita perspectiva. O futuro das crianças era trabalhar na roça, igual foi com nossos pais e nossos avós. Eu nunca imaginei que teria a chance de segurar um lápis e estudar. Foi por causa do Bolsa Família que tive acesso à educação e me formar. E aquele garoto pobre, sem perspectiva pôde virar um exemplo. E a formar várias outras pessoas da minha cidade.

Esta é uma das vinte e um milhões de histórias do Bolsa Família. Para garantir o benefício, mantenha seus filhos matriculados e frequentando a escola, atualize a caderneta de vacinação e realize o acompanhamento pré-natal e nutricional das crianças menores de 7 anos.

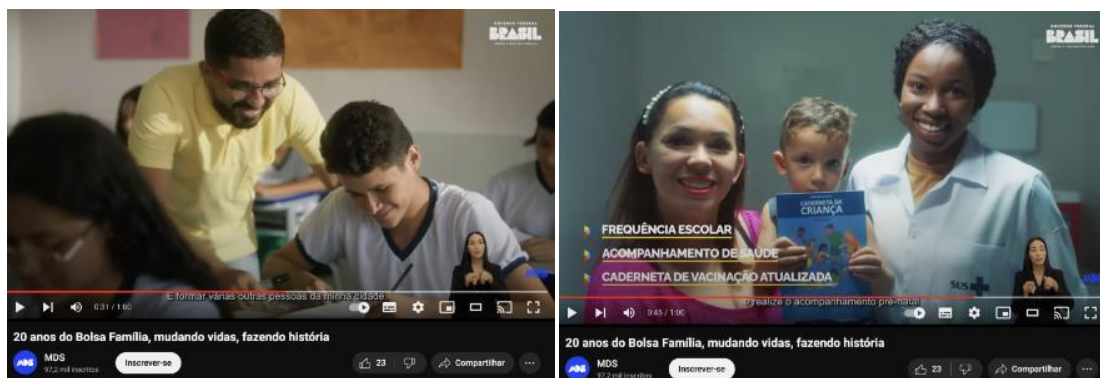
\_ 20 anos do Bolsa Família. Mudando vidas, fazendo história.

Brasil. União e reconstrução. Governo Federal.”

Sob a perspectiva qualitativo-icônica, observamos que o filme inicia com prevalência de cores desaturadas de tons terrosos, seguido de uma mudança para cores mais saturadas e tons amarelados. Há representação de diversos perfis de pessoas, e a narração é feita com uma voz feminina, o que não observamos nas outras 03 campanhas.

Partindo do ponto de vista singular-indicativo, observamos diversas pessoas sorrindo, se relacionando em ambiente familiar, educacional (Imagem 18), hospitalar (Imagem 19) e comercial. São apresentadas famílias de configurações diversas.

**Imagens 11:** Frame da Campanha 04: Ambiente educacional e ambiente hospitalar

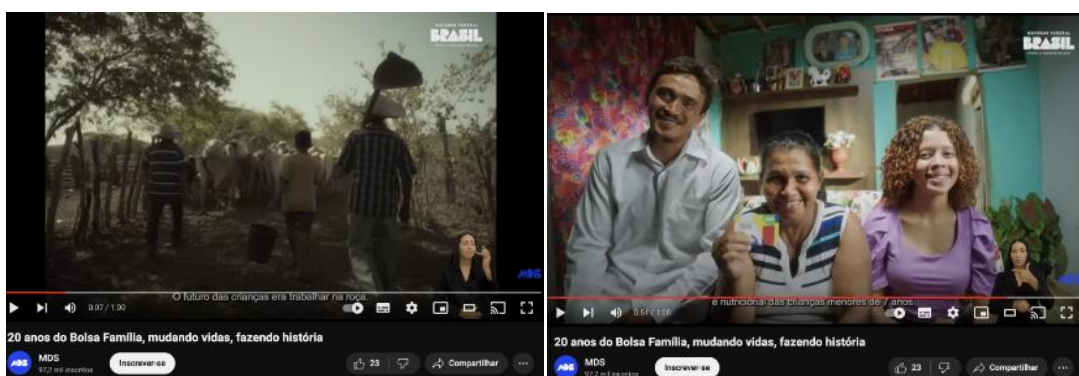


**Fonte:** Canal do MDS no Youtube



Os signos e cores utilizados na cena representada na Imagem 20, por exemplo, contribuem para a construção da história que está sendo contada, situando-a geograficamente, e socioeconomicamente.

**Imagens 11:** Frame da Campanha 04: Adultos e criança trabalhando no campo x Cartão do benefício



**Fonte:** Canal do MDS no Youtube

No campo da terceiridade, ou ponto de vista convencional-simbólico, momento em que realizamos a interpretação dos signos apresentados, podemos dizer o vídeo propõe que há uma mudança de paradigma com o decorrer o tempo, ou seja nos 20 anos de existência do Programa Bolsa Família. A transposição das cores desaturadas para as mais saturadas representam essa transposição de uma fase árida para um período mais prolífero.

É importante destacar que é possível identificar que há um interesse em representar a diversidade no Brasil, visto que são representadas pessoas de várias cores, sendo apresentadas pessoas negras em posição de destaque como na Imagem 20. Esse tipo de escolha é um posicionamento importante, uma vez que segundo Silva e Monteiro (2018) *“É pelas vias das representações sociais que os indivíduos se comunicam e constroem os sentidos que atribuem ao mundo”*.

Ainda de acordo com o trabalho das autoras: "diversos pesquisadores vêm enfatizando o papel dos meios de comunicação de massa na construção e disseminação das representações sociais." (Silva e Monteiro, 2018)

Concluindo que:





"1) A mídia tem um importante papel na construção e disseminação de representações sociais, ela é capaz de fabricar, produzir e reproduzir e, ao mesmo tempo, disseminar grande quantidade de informações, reconhecidas como representações sociais; e 2) A mídia tem a função pragmática de formar e orientar os pensamentos e as atitudes dos seres humanos". (Silva e Monteiro, 2018)

Destaca-se ainda essa escolha da inclusão de uma mulher em posição de destaque na campanha, considerando o papel da representatividade da mulher negra em peças publicitárias, aspecto comprovado no artigo de Winch e Escobar, como vemos:

"Um estudo sobre os lugares das mulheres negras na publicidade brasileira demonstrou como, durante décadas, a publicidade, assim como outros setores da mídia, desprezou a presença da mulher negra. Quando representadas, esta representação vinha carregada de estereótipos que disseminavam ideais históricos preconceituosos." (Silva e Monteiro, 2018)

Ainda neste campo do ponto de vista convencional-simbólico observamos que a Campanha 04 se inscreve melhor nos objetivos da publicidade de interesse público, uma vez que é possível constatar que as informações apresentadas estão mais completas e contribuem para o acesso a direitos sociais, como saúde e educação.

## **CONCLUSÃO**

Ao fim da presente pesquisa podemos perceber que apesar de não ter sido um objetivo traçado de início, a escolha da análise semiótica contribuiu para uma leitura mais minuciosa das peças.

No mesmo sentido, a escolha do escopo da pesquisa, que sofreu alteração durante o andamento, concorreu para a realização de uma análise comparada das campanhas publicitárias do Ministério do Desenvolvimento Social em diferentes gestões do Governo Federal. Este fato favoreceu a uma análise também do atendimento ou não do caráter informativo das campanhas de interesse público. Deste modo, em conclusão, nota-se que em ambas a gestões as abordagens



publicitárias tem como foco a valorização da própria gestão e não a divulgação da política pública.

Por fim, percebemos que é possível analisar peças publicitárias a partir de diversas abordagens, sendo ainda viável utilização de uma miscelânea de métodos, bem como a adequação do método ao tipo de peça.

Deste modo, constatamos que apesar da considerável profundidade do presente estudo, a presente pesquisa poderá se desdobrar em outras que visem explorar as peças a partir de outros métodos.

## REFERÊNCIAS

- BALONAS, Sara. **O despertar da publicidade cidadã**. Comunicação e Sociedade, vol. 19, 2011, pp. 127-143.
- CARVALHO, de Osvaldo Ferreira. **As políticas públicas como concretização dos direitos sociais**, São Paulo, 2019.
- CEZAR, Layon Carlos. **Comunicação e Marketing no Setor Público: diferentes abordagens para a realidade brasileira**. Brasília. Enap, 2019
- DUARTE, Jorge. **Instrumentos de comunicação pública**. In: **DUARTE, Jorge (Org.). Comunicação pública: Estado, mercado, sociedade e interesse público**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 59-71
- DUARTE, Jorge. **Instrumentos de comunicação pública**. In: **DUARTE, Jorge (Org.). Comunicação pública: Estado, mercado, sociedade e interesse público**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 59-71.
- FILGUEIRAS, Fernando. **Além da transparência: Accountability e política da publicidade**. Lua Nova, São Paulo, 84: 353-364, 2011.  
(<https://www.scielo.br/j/ln/a/3Z88sCrZZbTrnKy5SW6j6MK/?format=pdf&lang=pt>)
- KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.
- KUNSCH, Margarida M. Krohling. **Comunicação pública: direitos de cidadania, fundamentos e práticas**. p.13. Comunicação pública : interlocuções, interlocutores e perspectivas/Heloiza Matos (org.) – São Paulo; ECA/USP, 2012.
- MAINIERI, Tiago. **A comunicação pública como processo para o exercício da cidadania: o papel das mídias sociais na sociedade democrática**. Organicom. Ano 8. N. 14. 2011.
- MOREIRA NETO, Diogo de Figueiredo. **Quatro paradigmas do Direito Administrativo pós-moderno: legitimidade, finalidade, eficiência, resultados**. Belo Horizonte: Fórum, 2008. p. 124.



NOVELINO, Marcelo. **Curso de direito constitucional**. 15 ed. rev., ampl. e atual. Salvador: Editora JusPodvm, 2020. p. 530.

POMPEU, Bruno; SATO, Silvio. **Publicidade contemporânea e semiótica peirceana: Uma proposta metodológica**. Matrizes, São Paulo, v.18, Nº 1, jan./abr, 2024.

ROCHA, Enid. **A Constituição Cidadã e a institucionalização dos espaços de participação social: avanços e desafios**. In: 20 anos da Constituição Cidadã: avaliação e desafio da Seguridade Social. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer. 2008. p. 131-198.

SALDANHA, Patrícia. **Publicidade Social: uma posição brasileira inicial sobre as possibilidades contra-hegemônicas da comunicação publicitária a partir da apropriação das tecnologias móveis**. Correspondencias&Análisis, 8, 147-163. 2018.

SALDANHA, Patrícia. Publicidade Social e sua tipificação: uma metodologia de transformação social. Comunicação, Mídia e Consumo. SÃO PAULO, V. 18, N. 52, P. 292-313, MAI./AGO. 2021

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica aplicada. 2.** reimp. São Paulo: Thomson Learning, 2005.

\_\_\_\_\_. **O que é semiótica**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

\_\_\_\_\_.; NÖTH, Winfried. **Estratégias semióticas da publicidade**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

SOBRINHO, Asdrúbal Borges Formiga. **A publicidade saudável na comunicação pública**. Organicom. Ano 9. N. 16/17. 2012.

SOUZA, de Luiz Henrique Boselli. **Os direitos sociais e o princípio da aplicabilidade imediata dos direitos e garantias fundamentais**.

SILVA, da Monalisa Naina, MONTEIRO, **Juliana Cristina dos Santos**. **Representatividade da mulher negra em cartazes publicitários do Ministério da Saúde**. Revista da Escola de Enfermagem da USP. São Paulo. 2018.

SILVA, e Maria Ozanira da Silva. **Contemporaneidade dos Programas de Transferência Monetária no Brasil: proteger ou mitigar a pobreza?** Revista Serviço Social & Sociedade, 145. 2022.

SPOSATI, Aldaíza; MEIRA, Paulo de Tarso. **A inclusão da exclusão do Auxílio Brasil** São Paulo: Rede Brasileira de Renda Básica, 2022.

VIEIRA, Josenia Antunes. YARED, Maria Lília de Medeiros. **Análise e recursos semióticos em filme publicitário**. Contracorrente. N.12. 2018.

WINCH, R. R., & ESCOBAR, G. V. (2013). **Os Lugares da mulher negra na publicidade brasileira**. Cadernos De Comunicação, 16(2).



## REFERÊNCIAS DIGITAIS

[http://www.comunicacaoecrise.com/pdf/ComP%FAblicaJDuartevf\\_0.pdf](http://www.comunicacaoecrise.com/pdf/ComP%FAblicaJDuartevf_0.pdf)

<https://www.gov.br/secom/pt-br/acesso-a-informacao/legislacao/acordosecomcenp.pdf>. Acesso em 10 de agosto de 2024.

<https://abcpublica.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Sobre-a-Emerg%C3%AAncia-do-conceito-de-Comunica%C3%A7%C3%A3o-P%C3%BAblica.pdf>. Acesso em 10 de agosto de 2024.

<https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/70/edicao-1/estado-democratico-e-social-de-direito>. Acesso em 10 de agosto de 2024.

<https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/bolsa-familia>. Acesso em 10 de agosto de 2024.



## AÇÕES DE SAÚDE MENTAL E APOIO PSICOSSOCIAL NA PANDEMIA DE COVID-19

DOUGLAS NEPOMUCENO DOMINGOS<sup>1</sup>  
FERNANDO PEREIRA MIRANDA<sup>2</sup>

### RESUMO

**Introdução:** A pandemia de COVID-19 gerou muitos impactos psicológicos e sociais nas pessoas em geral, e os serviços de saúde mental e apoio psicossocial são fundamentais para proporcionar ajuda nessa perspectiva. **Objetivo:** Investigar no Distrito Federal (DF) a prática e o desempenho de tais serviços nesse período pandêmico, a fim de verificar as adaptações e desafios esperados e a efetividade do acesso e qualidade para comportar a atual demanda populacional. **Método:** Trata-se de uma pesquisa exploratória e transversal, tanto quantitativa como qualitativa. Primeiramente, realizou-se uma pesquisa documental e bibliográfica para verificar estatisticamente a oferta desses serviços no DF, bem como explorar outros aspectos deles. Para refinar essa parte, elaborou-se um questionário contendo 22 questões fechadas sobre a presença desses serviços na pandemia, que foi aplicado em profissionais da área psicossocial. Posteriormente, visando analisar aspectos aprofundados dessa prática na esfera pública e na privada, realizou-se entrevistas semiestruturadas com um profissional de cada área. **Resultados:** Observou-se que a oferta de serviços é vasta no DF mesmo durante a pandemia, apesar de algumas atividades importantes estarem suspensas e outras adaptadas. Por outro lado, há centralização dos serviços em ambas as esferas pública e privada, além de pouco índice de trabalho interdisciplinar. Ademais, existe uma disparidade entre essas esferas quanto ao uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e à adesão ao modelo online. As demandas assistidas em geral se relacionam com o tema da pandemia e transitam entre queixas de ansiedade e depressão, conflito interpessoal, luto e dependência química. O impacto nos profissionais é variado, e mais negativo no âmbito público, sinalizando efeitos relacionados a cuidados em saúde e relação com as TICs. **Conclusão:** Nota-se um movimento pertinente dos serviços em vista da pandemia, com adaptações diversas que buscam mitigar o contágio de COVID-19, embora haja um grau de risco nessas medidas, que é mais alto na rede pública. Com as dificuldades de gestão do sistema de saúde, esse setor sofre com a sobrecarga e o sucateamento estrutural, distanciando a realidade do que é prescrito e prejudicando o acesso da população carente, que é afligida por diversas mazelas oriundas da epidemia. Desvelam-se desigualdades socioeconômicas no modelo assistencial em saúde, fomentadas por negligência estatal e por controvérsias político-ideológicas, configurando uma crise na saúde, em que os serviços de saúde

---

<sup>1</sup> Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário do Distrito Federal UDF. Email: douglas.ne.domingos@gmail.com

<sup>2</sup> Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário do Distrito Federal. Email: fernando.miranda@udf.edu.br



mental e apoio psicossocial padecem com obstáculos para oferecer o melhor acolhimento à sociedade. Além disso, os impactos nos profissionais demonstram a necessidade de intervenções para melhorar o bem-estar deles no trabalho.

**Palavras-chave:** Saúde mental, Atenção Psicossocial, Pandemia, COVID-19

## 1. Introdução

Dentro da psicologia, é muito comum se observar pesquisas tendo como principal objetivo o estudo de fenômenos humanos relacionados à saúde mental, tanto individual como coletiva, na tentativa de compreender o pensamento, o sentimento e as ações das pessoas (BREAKWELL et.al., 2010). No processo de uma pesquisa psicológica em geral, é bastante importante ressaltar a importância das contingências sociais que permeiam e influenciam os processos psicológicos humanos. Como aponta Schaughnessy (2012): “O contexto sociocultural influencia a pesquisa psicológica em termos do que os pesquisadores decidem estudar e da aceitação da sociedade em relação aos seus achados” (p. 38). Através desse raciocínio, entende-se que situações incomuns podem fazer emergir contextos humanos delicados, os quais exigem da Psicologia, como ciência e profissão, uma postura de buscar respostas que auxiliem na elaboração de novas práticas apropriadas (VASCONCELOS; CURY, 2017). Assim, as repercussões psicossociais causadas pela pandemia de COVID-19 (BRASIL, 2020a) levantam a possibilidade de se realizar vários estudos na área da Psicologia com o propósito de agregar conhecimento relevante aos dispositivos atuantes nesse tipo de evento.

Em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde decretou estado de pandemia do novo coronavírus (WHO, 2020, tradução minha) e com isso, vários países tomaram medidas com a finalidade de impedir a propagação da doença, sendo a principal o isolamento social. Esse cenário trouxe vários impactos para a saúde física e psicossocial de muitas pessoas; por um lado, há as questões de saúde mental perpassando o confinamento e o medo da doença, e a exposição das populações vulneráveis, as quais podem sofrer com uma dificuldade ainda maior de acessar recursos básicos para sua subsistência, devido a vários fatores, incluindo a fragilidade econômica do país frente à pandemia; por outro há os efeitos no sistema de saúde, que passa a trabalhar em um ritmo diferente para gerir as demandas de saúde em nível de calamidade (BRASIL, 2020b). Nessa perspectiva, os serviços de apoio psicossocial estão relacionados a qualquer forma de ajuda local ou externa que objetive assegurar ou promover o bem-estar psicossocial e/ou prevenir ou tratar distúrbios mentais decorrentes ou não de eventos exteriores (IASC, 2017). Dessa forma, a situação de pandemia propicia a atividade psicossocial como fonte de suporte físico, mental e social. Pretende-se, nesta pesquisa, investigar o funcionamento e desempenho dos serviços de saúde mental e atenção psicossocial na época da



pandemia de COVID-19, que com as medidas restritivas, exigiu a adaptação de várias práticas em geral.

Uma pandemia é considerada um estado emergencial e juridicamente pode se enquadrar em um desastre biológico (CARVALHO, 2020); suas características, como a condição de quarentena e o medo de uma enfermidade, desencadeiam consequências para além da saúde física, impactando diretamente também na saúde mental (CORREIA, 2020). Estresse e ansiedade, comportamentos obsessivos, depressão, automutilação e tentativas de suicídio, e sintomas de síndrome do pânico são algumas das consequências esperadas desse fenômeno (SANTOS, M. T., 2020; SOUZA, F., 2020; HOLMES et al., 2020, tradução minha; PURCHIO, 2020). Em um âmbito social, propicia-se situações de violência dentro de casa, principalmente a relacionada a gênero, dificulta-se o acesso de populações socialmente vulneráveis ao diagnóstico e tratamento de doenças, bem como a recursos básicos em geral, verifica-se a desigualdade em obter os recursos públicos para manutenção da vida, a depender de gênero, raça, classe, deficiência e geografia, entre outras consequências (MATTA et al., 2021). Além disso, vários outros efeitos psicossociais são prováveis após a pandemia. Estima-se, por exemplo, através de pesquisas isoladas de locais que outrora lidaram com situações semelhantes, que as epidemias em geral aumentam os índices de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), questão diretamente relacionada a catástrofes (LEITE, 2020).

Como pontua a Organização Pan-Americana de Saúde (2006), através da experiência obtida em cenários parecidos, é necessário que os planos de saúde mental não fiquem limitados a abranger e melhorar a oferta de serviços especializados de forma direta aos afetados, mas além disso, estendam sua visão a um campo de competência mais global. Nesse sentido, dentro do espectro de serviços psicossociais que podem ser oferecidos no Brasil para promover bem-estar mental e social, está a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), que foi instituída e inserida no âmbito do modelo assistencial do Sistema Único de Saúde (SUS) para auxiliar pessoas passando por algum sofrimento ou com transtorno mental e com exigências resultantes do uso de crack, álcool e outras drogas (BRASIL, 2011). A disponibilidade dessa rede mostra-se um recurso importante em meio a pandemia para várias pessoas, sobretudo aqueles em situação de vulnerabilidade social.

Conforme aponta Martín-Baró (1984/2017), citado por Costa e Mendes (2020), não há possibilidade de desvincular saúde mental da ordem social, ou seja, a saúde mental não é tratada num vazio histórico. Interligam-se questões sociopolíticas e éticas, em vista dos recursos existentes, compreendendo-se as relações entre as questões macrossociais, o desenvolvimento da doença e a forma como afeta os diversos grupos populacionais (FARIAS; JÚNIOR, 2021). Desse modo, é necessário que a saúde psicossocial seja levada em conta dentro de um contexto histórico, e por isso a pandemia de COVID-19 é um panorama que serve de fundo para o assunto.



Assim como outros eventos de calamidade, a epidemia de coronavírus é também uma tragédia humana, portanto é necessário atender à aflição e às consequências psicológicas das implicações dela, por exemplo, destacando a relação dos serviços de saúde mental com variadas atividades, tais como: apoio humanitário e social; ajuda psicológica à população e a grupos de risco; e comunicação abrangente no âmbito social (OPAS/OMS, 2006).

## 2. Método

Essa pesquisa se caracteriza como exploratória e transversal. O objetivo principal dela traduz-se em verificar a prática de saúde mental e atenção psicossocial durante a pandemia de COVID-19 no Distrito Federal (DF). Foi utilizada uma abordagem tanto quantitativa como qualitativa para coleta e análise de dados. A utilização de um viés quanti-qualitativo é justificável pelo seu potencial de amplitude e complementaridade dentro de um estudo, uma vez que

[...] a pesquisa qualitativa pode ser apoiada pela pesquisa quantitativa e vice-versa, possibilitando uma análise estrutural do fenômeno com métodos quantitativos e uma análise processual mediante métodos qualitativos (SCHNEIDER, FUJII E CORAZZA, 2017, p. 570).

Primeiro, visou-se a realização de um mapeamento dos serviços de atenção psicossocial no âmbito público e privado. Para tal, realizou-se uma pesquisa documental e bibliográfica a fim de verificar a presença desses serviços no DF e catalogá-los de acordo com suas características principais. Ademais, para refinar o mapeamento, foi aplicado um questionário online em cerca de 60 profissionais que atuam nesse campo, composto por questões fechadas que englobavam vários aspectos da prática desse grupo. Para além disso, o questionário atuou como uma forma de sondagem do impacto da pandemia para os profissionais da área. Efetuou-se uma análise estatística dos dados coletados, proporcionando a compreensão acerca do objeto de pesquisa, ou seja, dos serviços psicossociais centrados no DF.

Posteriormente, visando analisar aspectos aprofundados da prática psicossocial em cada esfera (pública e privada), realizou-se entrevistas semiestruturadas com um profissional de cada área. Enquanto a entrevista do campo privado focava nos serviços especializados de saúde mental, a do campo público enfatizava os serviços psicossociais da Rede de Atenção Psicossocial, inseridos na conjuntura do Sistema Único de Saúde. Ambas as entrevistas foram submetidas à análise de conteúdo, método de análise qualitativa desenvolvido por Laurence Bardin (2011).

Por fim, é importante mencionar que as etapas do presente estudo não foram efetuadas sequencialmente. Desse modo, o conteúdo das entrevistas facilitou a criação do questionário, que por sua vez, como afirmado antes, contou com uma





seção que também avaliava a percepção subjetiva dos profissionais na exercício de seus ofícios, ajudando no cumprimento dos objetivos gerais desse artigo.

### **3. Resultados**

#### **3. 1. Mapeamento**

A pesquisa documental e bibliográfica aconteceu em pouco mais de dois meses, englobando os serviços da RAPS. Nessa fase, primeiro elaborou-se critérios de inclusão para a seleção dos documentos a serem analisados, sendo o primeiro critério (1) que os documentos se referissem à serviços da RAPS realizados no Distrito Federal, e o segundo (2) que os documentos tivessem sido publicados em 2020. Após uma busca detalhada, os 48 documentos que obedeceram aos critérios foram descritos em uma tabela com várias categorias que subdividiam as informações de cada serviço contido neles. Tais categorias eram, respectivamente: Nome do documento; Presença de serviço; Nome(s) do(s) serviço(s); Localidade(s); Detalhes; Profissional(is) envolvido(s); Horário(s); Queixa(s) atendida(s); Adaptação(ões) realizada(s) (em vista da pandemia de COVID-19), Forma de acolhimento (Presencial e/ou online); Tipo de atendimento (psiquiátrico, psicológico, social, em grupo, oficina, orientação, e outros); e Entrega de medicação(ões).

Dentre esses arquivos selecionados, apenas 24 realmente falavam na íntegra sobre um serviço que estivesse evidente, sendo que os outros muitas vezes citavam propostas nunca executadas até o momento da pesquisa ou atividades que já haviam sido extinguidas. Além disso, apesar dos critérios, alguns documentos ainda não se tratavam da RAPS, que segundo a portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011, compreende a atenção básica em saúde; a atenção psicossocial especializada; a atenção de urgência e emergência; a atenção residencial de caráter transitório; a atenção hospitalar; e as estratégias de desinstitucionalização e reabilitação psicossocial (BRASIL, 2011). É importante dizer que preferiu-se investigar especificamente a RAPS porquanto há inúmeras atividades em geral que visam a saúde psicossocial de uma população, inclusive de ordem civil. Por último, é importante mencionar que foi possível deduzir que muitos documentos se tratavam do mesmo serviço e por isso alguns dados se tornaram inespecíficos e repetitivos, preferindo-se focar nos serviços que de fato traziam dados característicos para a pesquisa.

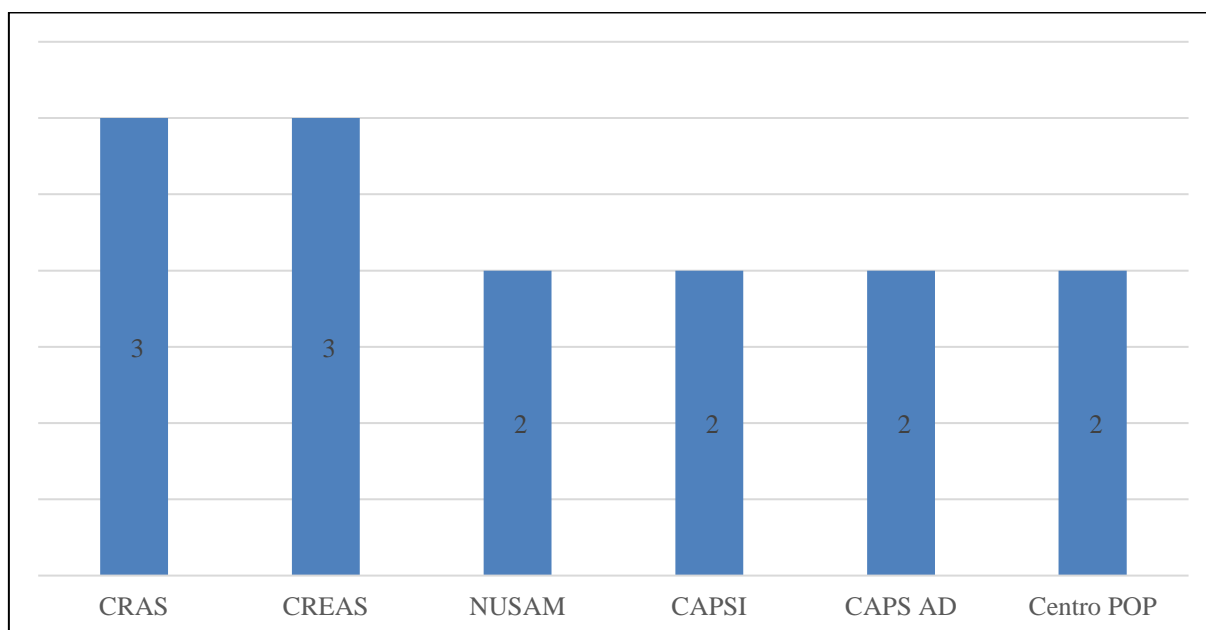
Como dito previamente, o mapeamento foi enriquecido por intermédio da aplicação de um questionário contendo 22 perguntas fechadas, direcionado a diversos profissionais atuantes no campo psicossocial. Inicialmente, no pré-teste do questionário, também havia perguntas abertas, com a finalidade de verificar de forma menos estruturada a percepção dos participantes a respeito do fenômeno, no entanto



tais perguntas foram excluídas posteriormente por haver baixíssima incidência de respostas nelas. Os dados apresentados a seguir compilam, em geral, as informações tanto da pesquisa documental como do questionário, de forma global e complementar.

Os principais resultados desse procedimento revelam que os serviços mais observados são os de atenção psicossocial especializada, formados pelos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), em suas diversas modalidades. Apesar disso, há repetições consideráveis que surgem nos documentos de forma indefinida e variável, sugestionando possíveis conclusões (41,6% dos documentos citam CAPS, 8,3% citam CREAS e 8,3% citam CRAS). Essas variações apresentam ora disponibilidade do serviço em todo o DF, ora em todo o Brasil, o que pode facilitar a dedução de que trata-se muitas vezes do mesmo serviço ou mesmo nem contempla a amostra estudada. No mesmo raciocínio, há também em grande predominância a presença de Centros de Referência em Assistência Social (CRAS) e Centros de Referência Especializados em Assistência Social (CREAS). Por último, é importante citar a presença dos Núcleos de Saúde Mental do SAMU (NUSAM) e dos Centros de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP), os quais foram identificados com certa significância. Outros serviços se apresentam com menor evidência, tais como Unidade de Acolhimento (UA), Consultório de Rua, Residência Terapêutica etc. O Gráfico 1 expõe os resultados tratados de forma concreta, excluindo as variações.

**Gráfico 1 – Serviços em maior abrangência no Distrito Federal.**



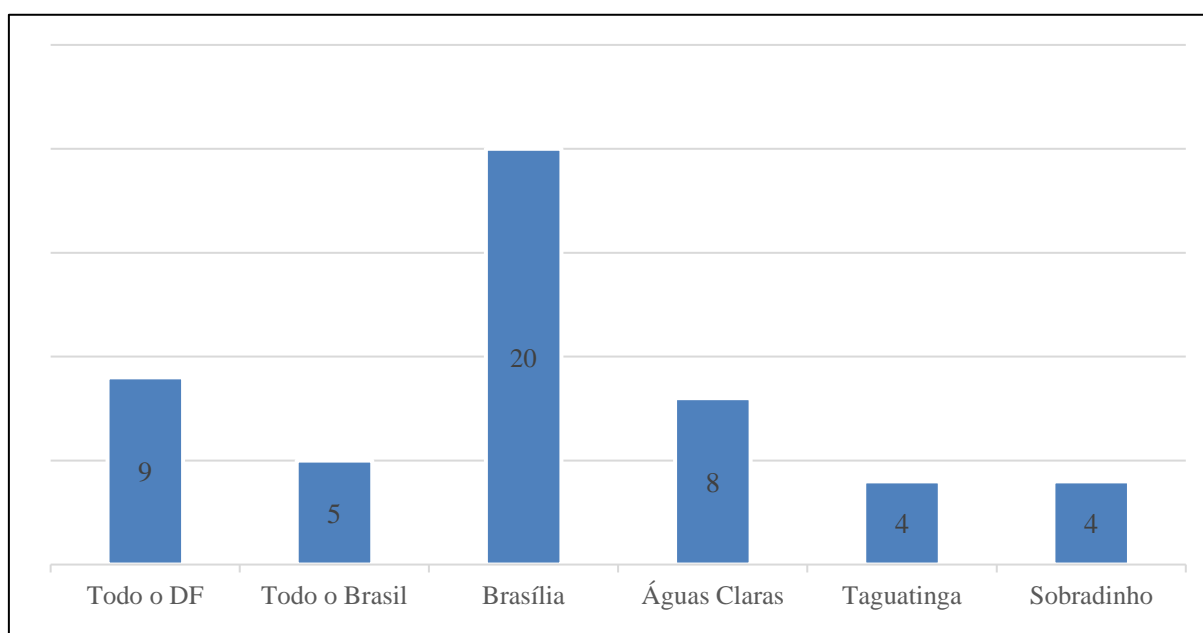
Fonte: Autor.



Outro ponto que é importante ressaltar é que o questionário não continha alguma questão que pedia o nome específico do serviço onde os participantes trabalhavam, devido à baixa adesão dos participantes em responder questões abertas no pré-teste, conforme já apontado, então não é possível definir o serviço da RAPS mais utilizado considerando ambas as amostras da pesquisa documental e do questionário. Contudo é possível afirmar que provavelmente 23 participantes laboravam na rede pública, que geralmente engloba a atenção psicossocial da RAPS. Por esse ângulo, em comparação aos serviços da rede privada (30%), a incidência dos serviços psicossociais no âmbito público é maior na amostra examinada (62%).

Quanto à distribuição desses serviços por localidade, como dito antes, os documentos relacionados a RAPS trazem um consenso de serviços descentralizados, isto é, abrangentes em toda a região do DF (e mesmo do Brasil), mas essas informações podem ser contestáveis por sua globalidade. Além disso, os resultados dos dois procedimentos envolvidos no mapeamento revelam que há uma centralização dos serviços na região do Plano Piloto, tanto na área privada como na pública, ainda havendo os serviços investigados sem especificadores de localidade, que também representam uma porcentagem significativa.

**Gráfico 2 – Prevalência da distribuição dos serviços por localidade.**

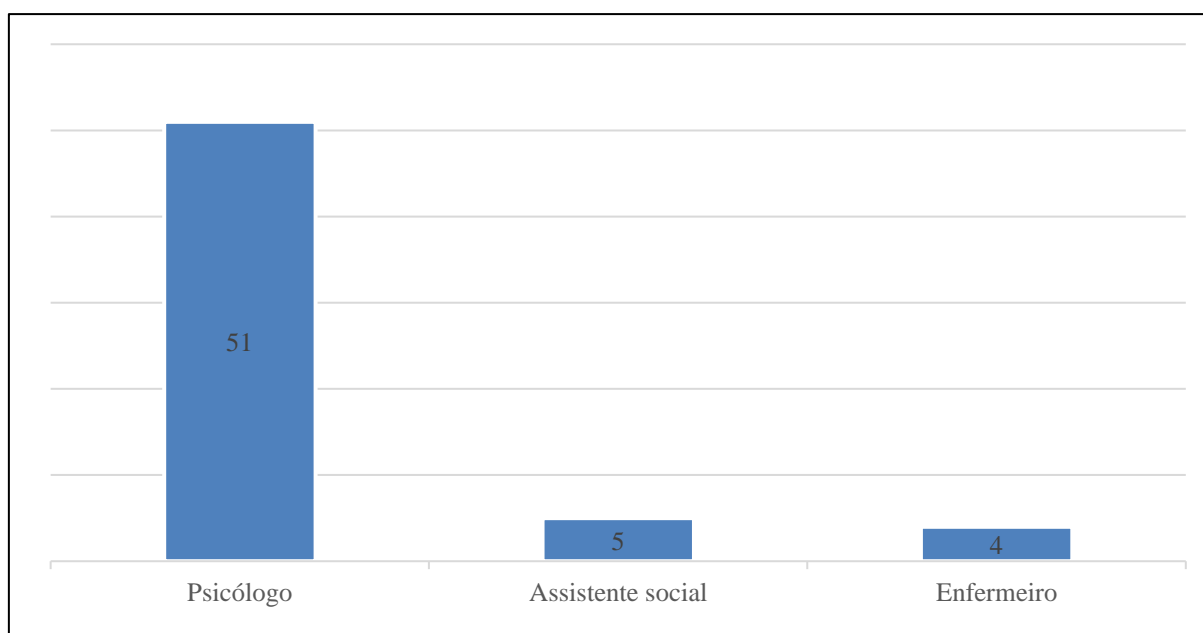


Fonte: Autor.



Quanto ao grupo de profissionais inseridos nos serviços da amostra estudada, verifica-se em casos isolados a incidência de trabalho interdisciplinar ou multiprofissional (34,3%). Em outras palavras, é possível afirmar que menos da metade dos profissionais desse estudo exerce suas práticas com ou em conjunto com outros profissionais. Em geral, constata-se que há grande prevalência de psicólogos nas práticas, bem como um número significativo, porém menor, de assistentes sociais e enfermeiros, como observa-se no Gráfico 3. Outros profissionais também são citados, porém o número deles é bem reduzido em comparação a esses três elencados. Em geral, essa densidade de psicólogos pode ter ocorrido devido à área da pesquisa, também da psicologia.

**Gráfico 3 – Prevalência de profissionais envolvidos nos serviços**



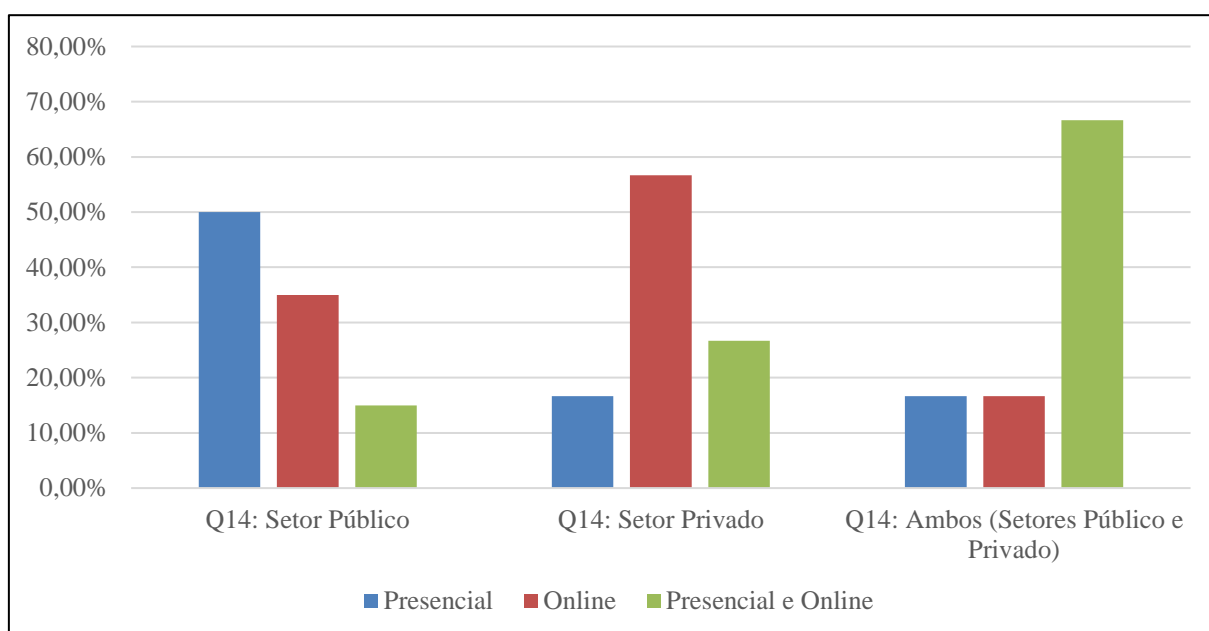
Fonte: Autor.

Quanto à modalidade usada pelos serviços investigados, percebe-se a predominância do atendimento online (41%), em consonância com o que é esperado nesse período, embora também se utilize o presencial em alguns casos (37%). O uso de ambos os formatos online e presencial foi notado com menor amplitude, segundo os dados coletados (22%). Além disso, um dado adicional a ser citado é que se observou uma nítida diferença entre os serviços do setor público e do setor privado nesse sentido. Enquanto na esfera pública da RAPS, houve maior predominância do



presencial, os serviços da esfera privada, prevalentes no *survey* aplicado, utilizaram mais a plataforma online, conforme é demonstrado no Gráfico 4 a seguir:

**Gráfico 4 – Tipo de modalidade dos serviços, de acordo com o setor.**

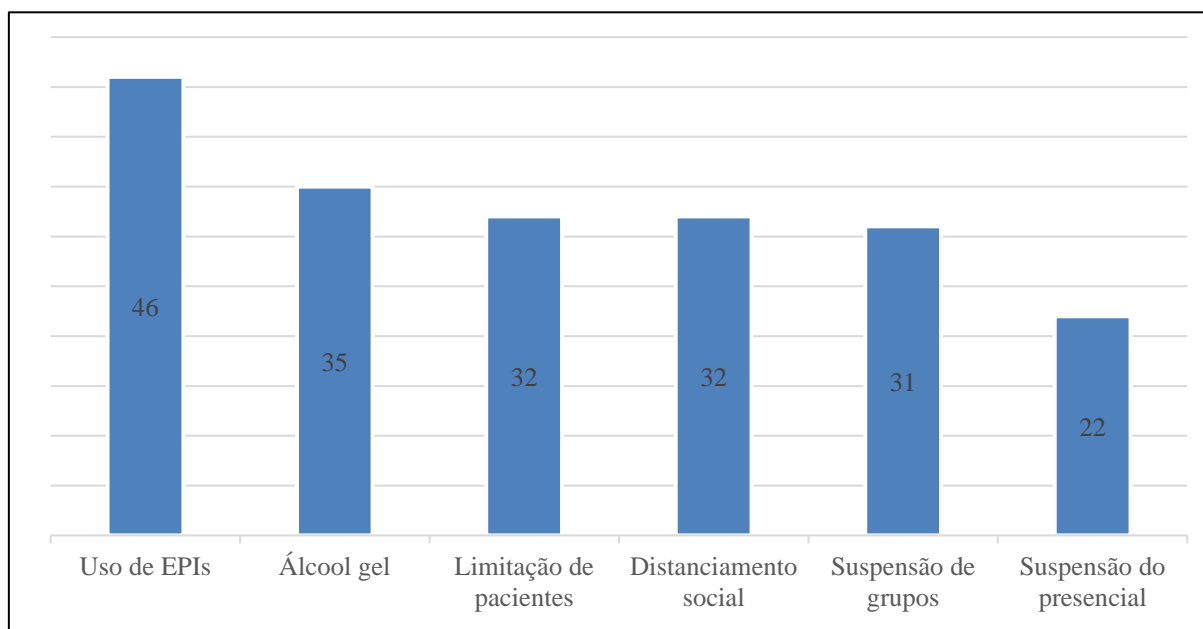


Fonte: Autor.

Outros cuidados além da adoção da modalidade online também são esperados nesse momento. Nessa pesquisa em especial, observou-se, dentre uma série de cuidados previstos ao ambiente profissional presencial, a predominância do uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) na prática dos serviços, o que pode incluir, além da adoção de máscaras, o uso de luvas, óculos de proteção ou protetor facial, lenços etc. Ademais, em concomitância a isso, a disponibilidade de estações de álcool gel no espaço do serviço também é abrangente. Como forma de realçar esse cuidado, demonstra-se que os serviços também adotaram o distanciamento social nas atividades *in loco*, dado que o contágio pode aumentar através da proximidade física. Ademais, evidencia-se práticas em geral para evitar aglomerações, como limitar pacientes, suspender trabalhos grupais ou, em outro paralelo, suspender o atendimento presencial e adotar apenas o online, o que em vários casos é recomendado, se houver infraestrutura adequada para o trabalho remoto.



**Gráfico 5 – Outras adaptações realizadas**

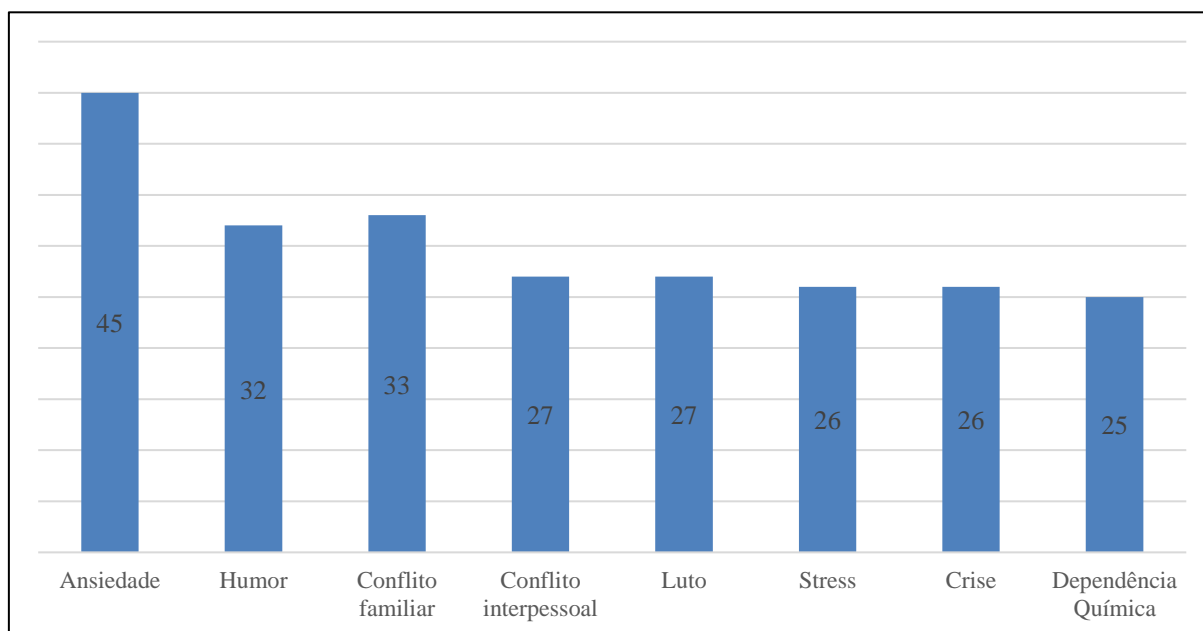


Fonte: Autor.

Finalmente, um último ponto importante a ser destacado nessa pesquisa é a constatação das demandas mais assistidas pelos serviços durante esse período de pandemia. Expressadas por uma porcentagem quase uniforme, elas estão mais ligadas a queixas de sintomas de ansiedade e de humor, embora também haja incidência de queixas de conflitos familiares e interpessoais em geral. Um terceiro grupo de demandas está relacionado a luto, estresse e dependência química, sendo esse último muito destacado no âmbito público em especial. Esses dados são demonstrados no Gráfico 6, a seguir:



**Gráfico 6 – Demandas mais assistidas pelos serviços.**



Fonte: Autor.

### **3. 2. Entrevistas**

A segunda etapa dessa pesquisa consistiu em duas entrevistas semiestruturadas com psicólogas que atuaram durante a pandemia de COVID-19, cada qual em uma esfera diferente (pública e privada), a fim de entender melhor como está se dando o exercício da área nesse momento, inserida no contexto psicossocial. Para a concretização dessa fase, elaborou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o roteiro da entrevista (um para cada âmbito). Em seguida foi efetuado o contato com as profissionais, cujos nomes não serão citados nesse relatório em respeito ao seu sigilo. Como pretendido, a entrevista se deu de forma online, por meio de videoconferência, sendo cabível às entrevistadas a escolha da plataforma para tal.

A primeira psicóloga trabalha com psicoterapia e avaliação psicológica online, enquanto a segunda atua no Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), situada em uma Unidade Básica de Saúde (UBS). Ambas tem cerca de quarenta anos. A primeira atua na região do Plano Piloto (Brasília) e a segunda no Paranoá, cidade satélite do Distrito Federal.

É importante dizer de antemão que a psicoterapia online por si só, mesmo com as implicações do formato, já se mostra uma ferramenta essencial por parte dos psicólogos na promoção de saúde mental (MORAIS et al., 2021), enquanto a



avaliação psicológica padece com dificuldades relacionadas à carência de treinamento apropriado e de instrumentalização profissional para atuação nesse contexto, embora ainda seja minimamente eficaz e necessária (MARASCA et al., 2020). Ambas as práticas possuem diretrizes regulamentadoras da atividade online desde antes da pandemia (a resolução CFP nº 11/2018 para a avaliação psicológica e a resolução CFP nº 003/2000 para o atendimento psicológico), as quais preconizam aspectos importantes para essa prática, como o manuseio do sigilo, a adaptação de instrumentos etc. Com a pandemia em especial, essas resoluções foram revisitadas e revisadas, formulando a resolução CFP nº 04/2020, que acima de tudo facilita o cadastramento de psicólogos para a prestação de serviços online.

Quanto ao NASF, ele compõe uma equipe multiprofissional cujos objetivos são tornar as ações da Atenção Básica (AB) mais amplificadas em seu escopo e globalidade e dar suporte à Estratégia de Saúde da Família (ESF) (BRASIL, 2008), programa instituído em 1994 visando à reorganização nacional da AB de acordo com os preceitos do SUS, e tido

[...] como estratégia de expansão, qualificação e consolidação da atenção básica por favorecer uma reorientação do processo de trabalho com maior potencial de aprofundar os princípios, diretrizes e fundamentos da atenção básica, de ampliar a resolutividade e impacto na situação de saúde das pessoas e coletividades, além de propiciar uma importante relação custo-efetividade (BRASIL, 2012, p. 54).

A ESF e o NASF foram medidas de suma importância para o campo da saúde coletiva, visto que a Atenção Básica é a porta de entrada para o SUS e o principal centro de comunicação dos usuários com toda a Rede de Atenção à Saúde (BRASIL, 2012).

Quanto à análise propriamente dita, conforme dito anteriormente, utilizou-se a análise de conteúdo criada por Bardín (2011) para ponderar os resultados das entrevistas. Comumente esse tipo de análise é vista como um método que proporciona análises quantitativas a partir de dados qualitativos. Conforme Mendes e Miskulin (2017), isso pode ajudar a gerenciar um grande volume de informações descritivas e transformar isso em unidades inteligíveis. Desse modo, vários procedimentos podem ser usados para tal fim, sendo um deles a nuvem de palavras, um recurso gráfico que exibe frequência e importância de palavras usadas em um documento através do tamanho das palavras dispostas (VASCONCELOS-SILVA; ARAUJO-JORGE, 2019). Segundo os autores, a nuvem de palavras destaca os termos relevantes do discurso, indo além do apelo ilustrativo e sendo uma alternativa eficiente à análise de textos e na dispersão de resultados de estudos qualitativos.

Tendo em vista essas informações, a seguinte fase desse estudo submeteu as entrevistas ao procedimento de nuvem de palavras. É importante retomar que as entrevistas foram semiestruturadas e, portanto, cada pergunta tratava de um aspecto





diferente do mesmo tema, interligando-se e complementando-se. Preferiu-se selecionar os temas mais importantes para a discussão, para não exaurir a pesquisa, e o quadro a seguir mostra isso detalhadamente:

**Quadro 1 - Questões abordadas nas entrevistas**

<b>Temas</b>	<b>Perguntas correspondentes</b>	<b>Discussão</b>
1 - Caracterização do serviço	Você pode explicar basicamente o que faz em seu trabalho?	Não
2 - Alteração na carga horária	Você sente que sua carga horária aumentou durante a pandemia?	Sim
3 - Modalidade de atendimento	Você faz atendimento online ou presencial? Se for presencial, quais as medidas utilizadas?	Não
4 - Demandas assistidas	Quais demandas tem atendido mais?	Sim
5 - Impacto	Você pode descrever o quanto está preocupado com o COVID-19 e as implicações disso em você e no seu trabalho?	Não
6 - Desafios	Quais são os maiores desafios de atender durante a pandemia?	Sim
7 - Aspectos positivos	Quais aspectos positivos você mais observou no exercício do seu trabalho atualmente?	Não
8 = Uso de TICs	Como você se sente em relação ao uso das tecnologias no trabalho?	Não
9 - Medidas para estresse	O que você fez para diminuir o estresse em relação ao trabalho?	Não
10 - Impacto futuro estimado	Como você acha que a pandemia vai impactar ainda em seu trabalho?	Sim

Fonte: Autor.

Os resultados desse procedimento foram enriquecedores e, com a comparação dos dois universos, contribuíram para uma melhor compreensão do quadro total da área psicológica na pandemia, também facilitando a reflexão a respeito do campo psicossocial em seu todo. Nota-se, a princípio, notórias diferenças na percepção dos profissionais quanto à alteração da carga horária durante a pandemia, conforme mostrado a seguir:



Figura 1 - Nuvem de palavras da rede pública (esquerda) e privada (direita) para a pergunta 2: “Você sente que sua carga horária aumentou durante a pandemia?”



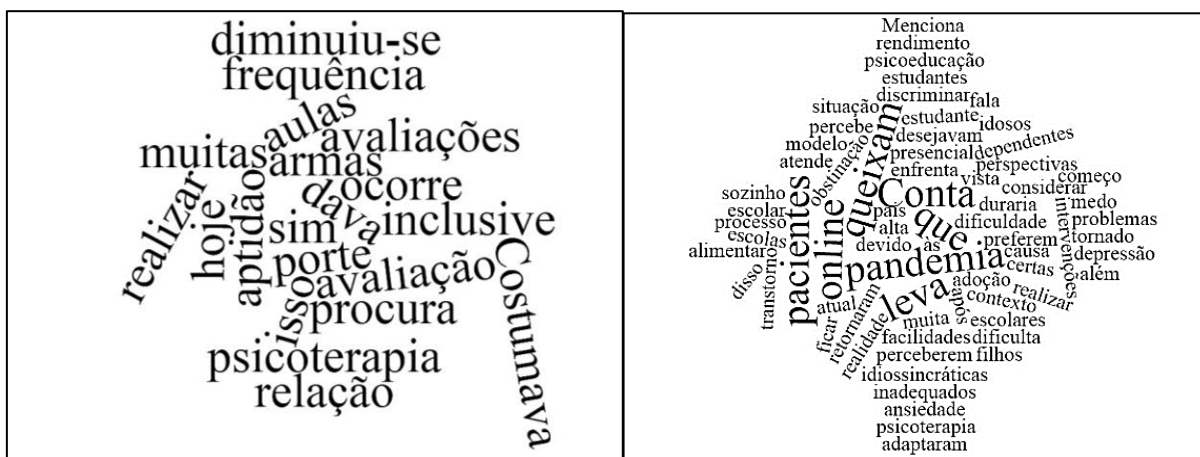
Fonte: Autor.

As palavras de maior destaque na fala da psicóloga da rede pública foram “aumentou” e “houve”, com frequência de três vezes, seguidas de carga, demanda, procura e unidade, com frequência de duas vezes cada nas respostas da entrevistada, embora a entrevista fale acerca de cumprir horas de trabalho pré-estabelecidas. Já na fala da psicóloga da rede privada, não houve aumento de frequência de qualquer palavra. Apesar disso, seu discurso é focado na diminuição de procura especialmente por avaliação psicológica.

Acerca das queixas mais assistidas pelas psicólogas durante o período pandêmico, encontra-se tanto disparidades como semelhanças. As equivalências em especial comprovam um padrão já demonstrado nos dados da pesquisa documental, em que demandas de ansiedade são mais presentes. A Figura 2 a seguir exibe maiores detalhes sobre isso:



Figura 2 - Nuvem de palavras da rede pública (esquerda) e privada (direita) para a pergunta 4: “Quais demandas tem atendido mais?”



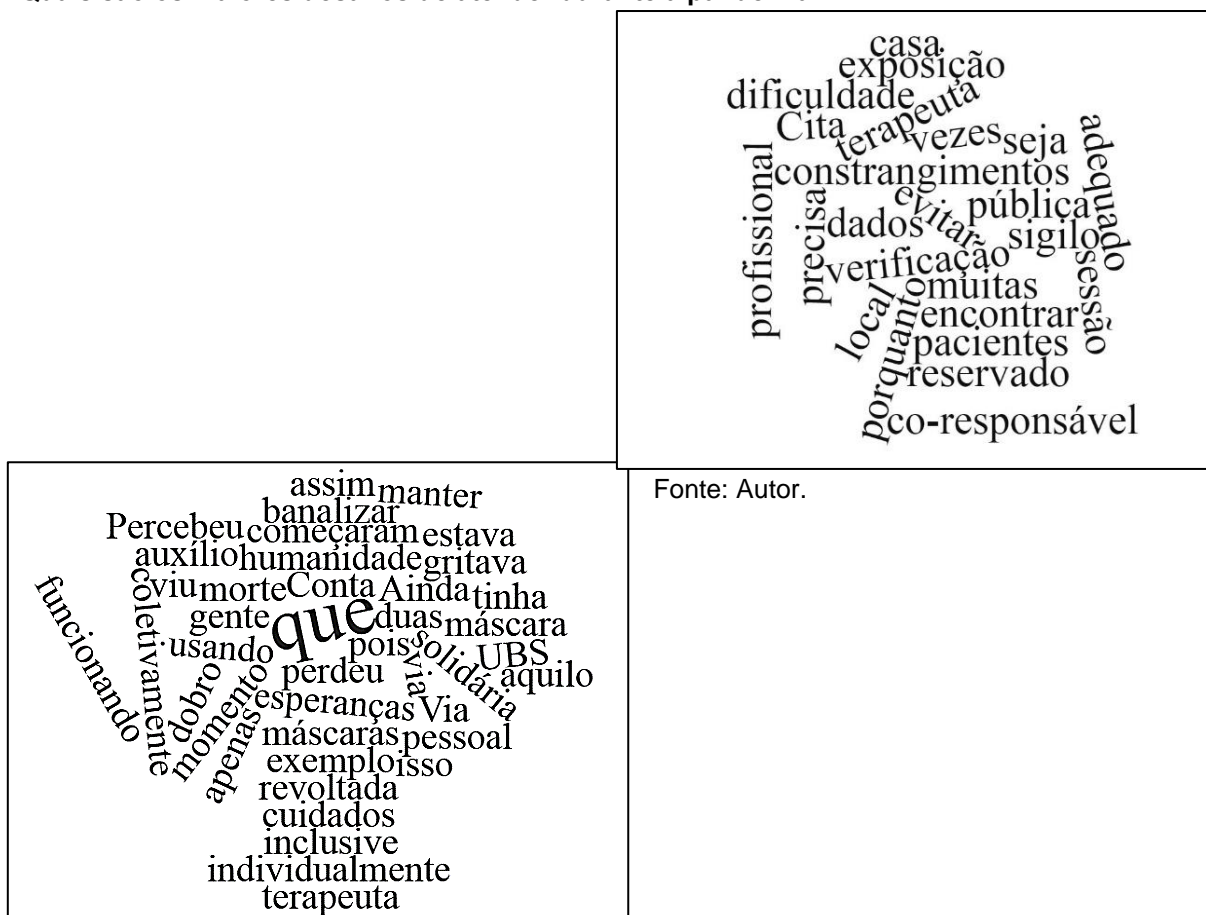
Fonte: Autor.

Não houve destaque ou aumento de frequência de palavras na análise qualitativa da fala da entrevistada da rede pública, mas é mencionado o aumento de demandas ligadas à ansiedade. Em contrapartida, a nuvem da rede privada revela elevação de demandas do paciente especificamente no modo online, com presença também de queixas de ansiedade no discurso.

É esperado dificuldades de ambas as esferas no exercício da prática psicossocial durante a pandemia de COVID-19. Essas dificuldades perpassam o risco de infecção, as implicações do isolamento e distanciamento social, o manejo das plataformas online, o estresse e ansiedade oriundos da situação calamitosa etc. Nas entrevistas em especial, a nuvem não revelou frequência de nenhuma palavra importante sobre isso, porém aparentemente a entrevista do setor público se concentra nos cuidados em saúde e a do setor privado no sigilo do atendimento.



Figura 3: Nuvem de palavras da rede pública (esquerda) e privada (direita) para a pergunta 6: “Quais são os maiores desafios de atender durante a pandemia?”

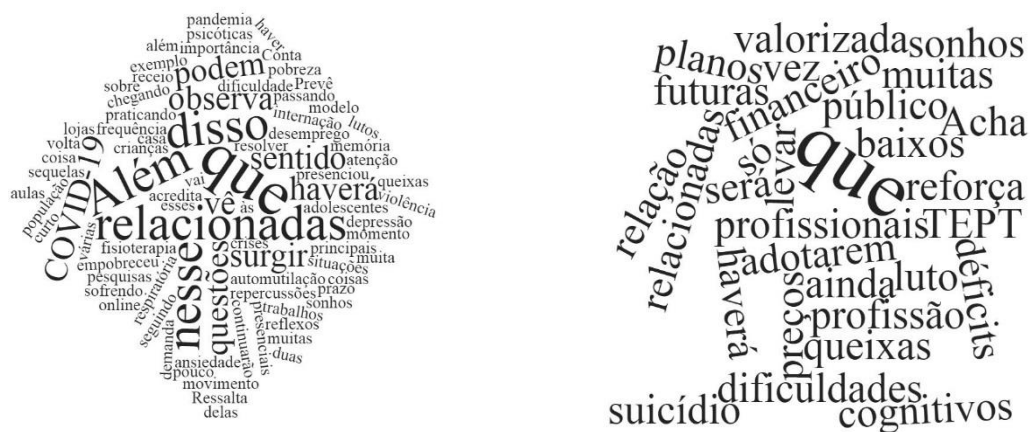


Fonte: Autor.

Por último, destaca-se considerações que as psicólogas estimam sobre o impacto que a pandemia ainda terá em seus respectivos trabalhos. Surgem-se consequências múltiplas nesse sentido, relacionadas tanto aos profissionais como aos usuários dos serviços, como ilustrado na Figura 4.



Figura 4: Nuvem de palavras da rede pública (esquerda) e privada (direita) para a pergunta 10: “Como você acha que a pandemia vai impactar ainda em seu trabalho?”



Fonte: Autor.

As palavras de maior destaque na rede pública foram “Relacionadas” e “COVID”, com frequência de três vezes e duas vezes. Já no caso da profissional da rede pública, não houve destaque de palavras ou expressões em específico, embora a psicóloga acredite que haverá aumento de demandas de transtornos mentais no pós pandemia. Uma coisa em comum entre as duas entrevistas é a referência a aspectos financeiros, em que a população atendida pode sofrer com o empobrecimento, e ao luto por COVID-19, que pode se elevar.

É importante fazer outros adendos a respeito das entrevistas, principalmente no que tange ao impacto psicossocial nos envolvidos na prática psicossocial. A sondagem feita pelo questionário revelou índices de grande preocupação dos profissionais da área com o impacto do COVID-19 em seus ofícios (62% dos respondentes dizem estar muito preocupados, e 18% extremamente preocupados). Nesse sentido, ambas as entrevistadas relataram um pico de preocupação principalmente no início da pandemia, reagindo com estresse e ansiedade ante ao perigo do vírus. As diferenças começam quando a profissional da rede privada diz ter se estabilizado emocionalmente enquanto a da rede pública relata que isso “mexeu muito em seu pessoal” (sic). Além disso, o aumento da carga laboral é um movimento também observado no questionário (quase 70% dos profissionais relatam isso).

Por último, é importante ressaltar os pontos positivos relacionados a prática psicossocial durante a pandemia. Metade dos respondentes do questionário concordam que a experiência deles no período pandêmico foi relativamente positiva. Em termos das entrevistas, as duas psicólogas retratam uma adaptação razoável dos serviços após um tempo desde o início da pandemia, bem como também conseguem identificar aspectos favoráveis ao trabalho durante esse momento histórico, sobretudo a respeito do reconhecimento de suas práticas pelo público atendido, conforme os relatos a seguir.



**Psicóloga da rede pública:** *“Houve uma valorização maior do SUS e dos profissionais de saúde, inclusive por quem acha que não usa o SUS. Aprendi também a usar intervenções mais pragmáticas por causa da situação focal, por isso os cuidados eram mais pontuais, diretivos, assertivos, humanizados e eficazes. A equipe também tentou estratégias mais positivas para ajudar os funcionários, em termos de práticas de autocuidado, como respiração diafragmática, uso de mandalas para relaxamento etc [...].”*

**Psicóloga da rede privada:** *“Sinto que a área está sendo mais reconhecida, que o contato aumentou e a procura por psicoterapia agora não é mais tão tímida. Além disso, o trabalho interdisciplinar tem sido mais utilizado e eficiente.”*

#### **4. Discussão**

Os dados coletados apontam para uma pequena variedade de serviços da RAPS disponíveis, embora isso possa ser explicado pela inexistência de respostas no questionário e pela inespecificidade de serviços na pesquisa documental. Apesar disso, a oferta de CAPS, CRAS e CREAS ainda aparenta ser muito abrangente no DF, mesmo que não seja possível de fato dizer que todas as unidades desses dispositivos estejam em pleno funcionamento, salvo nos casos especificados. A garantia da existência de tais práticas nos documentos demonstra que a RAPS é um aparelho de saúde psicossocial veiculado em vários âmbitos. O CAPS em especial, é de extrema importância no contexto do SUS, em sua progressão histórica desde sua criação e implementação. Como afirma Silva, A. M. P. (2010),

[...] o CAPS foi um elemento estratégico para a humanização do atendimento em saúde mental e que seu desenvolvimento e expansão fez surgir um novo modelo de saúde mental no Brasil, cada vez mais próximo dos que dele necessitam (p. 7).

Os CAPS tem uma função essencial para além de um mero serviço de apoio psicossocial. Conforme a autora, ele serve à comunidade, na medida que, a partir de sua prática, promove o desenvolvimento da autonomia e da cidadania dos usuários, reintegrando-os a vida social e a convivência familiar.

A maior presença de dispositivos da RAPS na amostra estudada é uma informação deveras relevante, considerando o caráter de universalidade do SUS, que apesar de majoritariamente utilizado pelas classes baixa e média, não exclui a população mais abastada, antes também acode os grupos de alta renda, os quais podem fazer usufruto desses serviços involuntariamente, como por exemplo, em programas de vacinação em massa, transplantes de órgãos ou em tratamento de HIV/AIDS, ou voluntariamente, como um recurso opcional (CJF, 2013). Nesse sentido, há dados que comprovam que em geral apenas uma pequena parcela da população realmente não utiliza o SUS, sendo esse público inferior a 1%, por exemplo, em São



Paulo (NUNES, 2008). Por último e não menos importante, ainda há os profissionais que atuam em ambos os setores, que comportam 8% da amostra total.

Por outro lado, a concentração geográfica dos serviços psicossociais da amostra demonstra, de certo modo, incompatibilidade com uma das diretrizes do SUS: a da descentralização dos serviços. Essa diretriz preconiza que a descentralização

[...] apresenta-se tanto como uma estratégia de constituição de um Estado federativo como também como uma estratégia de organização do sistema de saúde. O tema da descentralização pode ser abordado de diversas formas: descentralização política, descentralização administrativa, descentralização de serviços, entre outros (MATTA, 2007, p. 73).

O SUS traz essa diretriz como uma medida opositiva à tradição centralizadora do modelo de saúde assistencial no Brasil, acreditando que cabe aos municípios a gestão da saúde em suas comunidades, uma vez que, estando mais ligados diretamente à realidade daquela região do que as competências estadual e federal, compreendem como melhor manusear o sistema ali (BARATA; TANAKA; MENDES, 2004). Na realidade, a descentralização dos serviços no Sistema Único de Saúde ainda é uma pauta dificultosa, desafiadora e repleta de conflitos, carecendo de flexibilização estatal e de consideração da assimetria das realidades regionais do Brasil, contudo ainda é apontada como uma estratégia essencial para viabilizar a implementação dos princípios do SUS, sendo eles universalidade, equidade e integralidade (SPEDO; TANAKA; PINTO, 2009). O debate desse assunto é extremamente relevante e necessário independente da hierarquização dos estados, uma vez que pode consequentemente influenciar novas concepções acerca da saúde coletiva no Brasil.

Quanto à questão dos profissionais envolvidos nos serviços averiguados, é importante afirmar que eles podem ser múltiplos, geralmente orientando-se a prática interdisciplinar no exercício dos serviços psicossociais, visto que ela aborda a saúde de uma forma integralizada, o que pode consolidar melhor as relações médico-paciente e por conseguinte auxiliar no sucesso dos tratamentos em geral. (BASTOS; SANTANA; BASTOS, 2017). Essa prática pode ocorrer de diversas formas: através de compartilhamento de informações, divisão de saberes, reflexão e resolução de problemas, intervisões ou reuniões etc (SCHERER; PIRES; JEAN, 2013).

É curioso que a presença de psicólogos seja mais evidente na amostra estudada, embora isso possa ter ocorrido devido à área da pesquisa, como afirmado antes. Nessa perspectiva, é importante afirmar que a prática da psicologia é de suma importância em um momento de pandemia, podendo servir de suporte mental para toda uma comunidade (SCHMIDT et al., 2020), todavia o trabalho psicológico pode ser limitado para alguns casos e dessa forma, é insuficiente em muitas ocasiões em que a conduta terapêutica mais apropriada seria adotar um olhar ampliado, que



considerasse os impactos fisiológicos e sociais do fenômeno saúde-doença, a fim de garantir uma assistência à saúde integral e efetiva (SILVA, I. M. da et al., 2021).

A carência de interdisciplinaridade é preocupante em vários sentidos, mas pode ser compreendida por seus desafios. A prática interdisciplinar busca um alinhamento com o princípio de integralidade do SUS e também com a diretriz de Clínica Ampliada da Política de Humanização do SUS, na medida que resulta em propostas articuladas em saúde para um sujeito individual ou coletivo (BRASIL, 2009). Entretanto, devido ao caminho ainda recente do SUS, a disciplinaridade em geral ainda parece custosa. Conforme afirma Costa (2007), o trabalho interdisciplinar

[...] demanda o repensar dos papéis, das relações de poder e dos conteúdos já instituídos. O trabalho assim organizado superaria a inércia burocratizada dos serviços públicos de saúde e interviria na divisão vertical do processo de trabalho, considerada impeditiva da resolubilidade dos serviços (p. 110).

Desse modo, conforme o autor, a interdisciplinaridade só poderia ser viável com a revisão do modelo assistencial em saúde, pelo qual se abriria mão do saber único, central e descontextualizado, em busca de um intercruzamento de conhecimentos e experiências, transformando o campo da saúde a nível transdisciplinar. O simples trabalho com ou em conjunto com outros profissionais não é sinônimo de trabalho interdisciplinar, o que nesse estudo, pode sugerir um número ainda menor de incidência desse estilo de prática. Apesar disso, trilhar esse caminho é de suma importância no cenário atual, no sentido que uma estratégia contra-hegemônica baseada no saber compartilhado dos profissionais torna-se crucial no combate ao COVID-19 (SILVA, R. dos S. et al., 2020). Isso pode ser extremamente enriquecedor e benéfico para o campo da saúde coletiva, tanto para os gestores como para os consumidores do sistema, podendo ser a principal forma hodierna de gerir em equipe as mazelas consequentes desse momento epidêmico.

Outro ponto que é importante trazer é que em vista da pandemia, muitos serviços se adaptaram ao formato online para realizar seus trabalhos, através de teleatendimento, videoconferência etc. O campo da saúde não ficou isento disso, sendo observado em geral um grande movimento no uso de tecnologias para aprimorar as estratégias em telessaúde (CAETANO et al., 2020). Dessa maneira, encara-se a disparidade na adesão ao modelo online a depender do setor como algo que pode ter se sucedido devido a alguns fatores; consoante Reigada e Romano (2018), o SUS muitas vezes tem como seu principal e maior público-alvo as populações em vulnerabilidade social ou com baixa renda (encontrando dificuldades em alcançar até mesmo a classe média), as quais muitas vezes não têm acesso a tecnologias ou a internet de qualidade, e tampouco familiaridade com isso. Além disso, mesmo quando há disponibilidade desses instrumentos, muitas vezes essa população pode nem ter ciência da oferta desses serviços não presenciais, por falhas no





processo de comunicação entre os prestadores dos serviços e seus usuários (SOUZA, K. A. de O. et al., 2020). Os usuários também podem nutrir certa desconfiança pelo formato online e pouco aderir a ele, o que é potencializado pela divisão digital que cerca a realidade (NILTAS; WYL, 2020, tradução minha), também havendo casos em que a segurança e sigilo dos dados dessas pessoas estão em risco, tanto por falta de privacidade como por questões de ética digital (OMBONI, 2020; RAHMAN et al., 2020 apud SOUZA, K. A. de O. et al., 2020). Esses fatores em geral podem influenciar a preferência dessas pessoas em se deslocar para um consultório em um dos serviços variados da RAPS. Tendo em vista também que o transporte coletivo como veículo facilitador desses movimentos pode se encontrar limitado durante a pandemia, provavelmente o alcance dos serviços se encontra deficitário, o que dificulta muito a procura dos usuários. Nesse sentido, os serviços privados tampouco podem ser a solução mais viável para eles.

As dificuldades da utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) também se estendem aos próprios funcionários dos serviços de saúde mental e apoio psicossocial, com as questões inerentes ao letramento funcional e tecnológico dos profissionais e gestores (MERHY, 2006 apud MENEZES et al., 2020). Além disso, há muitas questões burocráticas a serem manejadas na adoção de recursos tecnológicos no campo da saúde, tais como o licenciamento de ativação e pagamento para prestadores de programas; a contratação de seguros contra erros médicos ajustados à telemedicina; a preocupação com o sigilo e segurança de dados etc (CAETANO et al., 2020). O próprio SUS sofre com a sobrecarga do sistema e com a falta de investimentos que outrora poderiam ser usados para obter recursos tecnológicos de ponta, sendo que tampouco há treinamento das equipes para utilizar esse tipo de tecnologia de forma adequada (CEEN, 2020), o que é de suma importância tendo em vista que o uso de TICs na saúde pública requer uma reorganização do sistema em termos de novos fluxos de trabalho e protocolos operacionais, bem como de comunicação interprofissional, com outros serviços e com os usuários (MENEZES et al., 2020).

O uso de TICs em geral, seja em telessaúde, em atendimentos psicológicos ou sociais, ou em outras abordagens semelhantes, pode ser muito importante para preservar a segurança das pessoas em uma época de pandemia, amenizando o contágio de COVID-19. Além disso, pode ter muitos benefícios, como a agilização de processos que poderiam durar mais tempo *in loco*, por exemplo, através de *chatbots*; a facilitação de troca de informações entre profissionais por meio de supervisões a distância; o auxílio aos usuários no fornecimento de informações, o controle da triagem de casos, a superação da distância na prestação do serviço, o favorecimento da continuidade de atendimento etc (PALOSKI et al., 2020; VIANA, 2020). Apesar dos pormenores, a oferta do online, para além de necessária, é melhor que a sua inexistência num momento tão delicado. Dessa forma, é interessante que haja grande



oferta de serviços de apoio psicossocial em qualquer setor e em ambos os formatos online e presencial, embora a população socialmente vulnerável possivelmente seja a mais afetada negativamente pela pandemia nesse sentido. Faz-se indispensável repensar estratégias que facilitem o alcance desse público, assim como cabe ao Estado também contribuir para a melhora da condição da saúde pública brasileira.

Com as dificuldades aqui tratadas acerca do formato não presencial no campo da saúde coletiva, muitas vezes o serviço de forma tradicional *in loco* se torna a opção mais rentável e adequada, visto que a saúde como bem fundamental deve ser adaptada para atender a demanda populacional atual, mesmo que isso signifique a adesão do presencial em casos excepcionais. É relevante lembrar do risco que há nessa inclinação, o que requer maior investimento em recursos sanitários para a mitigação do contágio de COVID-19. Nessa perspectiva, outras adaptações em vista da pandemia de COVID-19 são esperadas nos serviços em geral, visando preservar a saúde dos envolvidos no processo. O vírus Sars-CoV-2 é conhecido por sua grande transmissibilidade e assim como boa parte das síndromes gripais, é espalhado por gotículas de ar e secreção, que permanecem no ar ou em superfícies contaminadas (BRASIL, 2020c). Dessa forma, são preconizados cuidados gerais para prevenir e conter contaminações, sendo o isolamento social a medida comprovadamente mais eficaz (SORDI, 2020). Apesar disso, como a circulação humana não pode ser completamente impedida, devem ser tomadas outras precauções, como o distanciamento social, a higienização constante das mãos e o uso de EPIs (WHO, 2020, tradução minha). Considerando que o ambiente de saúde é potencialmente insalubre, os profissionais de saúde fazem parte de um grupo de risco para vírus respiratórios como o coronavírus, sendo necessário que os cuidados sejam dobrados ali, o que também se relaciona a fatores, como a atividade executada, a duração da jornada de trabalho, a quantidade de pessoas atendidas etc (BRASIL, 2020c). Sendo assim, conforme o Ministério da Saúde (MS), medidas de controle também devem ser tomadas no espaço da saúde, relacionadas à engenharia e à administração do local.

Nesse estudo, constatou-se como maior medida na prática da saúde o uso de EPIs, o que é pertinente, visto a importância desses dispositivos na prática presencial de saúde psicossocial, sobretudo no que tange ao uso de máscaras cirúrgicas. O predomínio dos cuidados em termos de uso de álcool gel também é importante, sendo que em muitos casos esse produto pode ser utilizado tanto para higienizar as mãos como as superfícies do local de trabalho, oferecendo um cuidado extra (BRASIL, 2020c). O álcool em geral, incluindo o mais indicado álcool 70, além de ser um produto pouco tóxico, de baixo custo e de fácil aplicabilidade, é muito eficiente como microbicida, atuando na antissepsia, desinfecção e higiene ambiental e de artigos médico-hospitalares, sendo extremamente útil no controle de infecções em serviços de saúde (SANTOS, A. A. M., 2002).



Nota-se que em geral o trabalho na esfera pública é o que mais adota as práticas *in loco* para mitigar o contágio do coronavírus, sendo mais observada a adesão ao trabalho online pelos profissionais da esfera privada. Isso pode denotar o sucateamento do Sistema Único de Saúde, demonstrado pela dificuldade em gerir recursos para a prática online de forma apropriada. Além disso, desvelam-se as desigualdades mais profundas enraizadas na construção e execução do SUS, em vista dos cortes orçamentários e da aversão estatal às políticas públicas, quando expõe a negligência do Estado perante as periferias, que poderiam ter um sistema público de qualidade independentemente de privatização ou não (BAHIA; SCHEFFER, 2018). Isto posto, é impossível conjecturar o modelo assistencial em saúde do SUS autossuficiente e desassociado da realidade sociopolítica brasileira.

Por fim, em relação às demandas assistidas pelos serviços estudados, verificam-se dados preocupantes, mas condizentes com a situação atual. O estado de pandemia e suas implicações causam danos psicológicos em toda a população afetada, podendo se tornar uma catástrofe em saúde mental e indo muito além do que mero estresse devido a restrições sanitárias, dado que as sequelas psicológicas de uma epidemia são maiores que as mortes quantificadas, tornando enfática a emergência do cuidado (FARO et al., 2020). Já apura-se em outras pesquisas o aumento de sentimentos de ansiedade, depressão e estresse durante a pandemia, também observando-se o agravamento de sintomas em pessoas com antecedentes psicológicos, tendo em vista os estressores adicionais oriundos da situação epidêmica, tais como a solidão resultante do isolamento social, o medo de contrair o vírus, a tensão econômica e a incerteza sobre o futuro (BARROS et al., 2020). Ademais, quem contraiu a doença e sobreviveu, o que inclui em grande demasia os próprios profissionais de saúde, pode sofrer com um estresse aditivo, por conta de sequelas ou por medo de contrair novamente o vírus (TEIXEIRA et al., 2020).

Os conflitos em casa podem ser explicados por diversos fatores, a depender do modelo e da relação familiar. Em geral, nota-se um nível maior de estresse dentro do ambiente familiar (BEZERRA et al., 2020), sendo que os conflitos vêm crescendo nesse local, repercutindo no convívio interpessoal, sobretudo no que tange ao relacionamento conjugal e parental (MARQUES et al., 2020). As reverberações macroestruturais de cunho social, econômico e laboral seguem provocando mudanças nos padrões de interação familiar, com a rotina afetada, as redes de apoio distantes e fragilizadas e o acompanhamento da doença em nível nacional (SILVA, I. M. da et al., 2020). Esses impactos, conforme os autores, somados às diferenças de pensamento em relação à pandemia e à doença em si, tornam-se estressores para as famílias, alimentando discussões e demandando uma reorganização do todo. Ademais, as percepções de gênero, as concepções sociopolíticas e os efeitos econômicos podem contribuir para o aumento do estresse, se tornando estopim para a ocorrência de violência doméstica (SANTOS, D. et al., 2020; MARQUES et al., 2020). O maior tempo



em casa por parte dos familiares leva a adequação domiciliar, sobretudo devido à sobrecarga de atividades domésticas, o que pode ser sentido de forma negativa a depender do nível de habilidade em resolução de conflitos (SILVA, I. M. da et al., 2020). Essa nova conjuntura interfere nos limites de privacidade e autonomia dos moradores, balizando o autocuidado e retroalimentando o estresse no ambiente familiar (HEILBORN; PEIXOTO; BARROS, 2020).

O luto também é visto como uma demanda recorrente nas queixas atendidas. Isso é preocupante devido a delicadeza do assunto atualmente. Em um país em que até o momento da pesquisa, contabilizou mais de 550 mil mortos por COVID-19, faz-se máximo se atentar à realidade dos sobreviventes. Pandemias comumente acarretam mortes em massa em pouco tempo, o que conseqüentemente pode evocar implicações psicológicas diversas (TAYLOR, 2019 apud CREPALDI et al., 2020). Esse cenário, segundo os autores, impacta na percepção de luto, morte e terminalidade, alterando a dinâmica da experiência. Nesse sentido, o estudo de Dantas et al. (2020) traz com muita clareza a vivência do luto por COVID-19, ressaltando características subjetivas singulares desse fenômeno. São vários os pontos que dificultam a elaboração do luto em tempos de pandemia, como a incapacidade de realizar um ritual de despedida adequado para o falecido, devido às restrições sanitárias, à necessidade de manter o distanciamento social no funeral e à redução do número de pessoas na cerimônia, bem como da duração do evento, o que torna o ritual incompleto e interfere no reconhecimento da morte e na incorporação da nova realidade sem o falecido. Além disso, a sensação de culpa pela contaminação, que pode ter se sucedido por causa dos próprios familiares ou por terceiros desconhecidos, pode intensificar sentimentos de raiva e angústia, assim como quando a morte se sucede a mais de um parente, o que exaure mentalmente os enlutados, os deixando entorpecidos. Por último, o fenômeno da morte por COVID-19 pode ser influenciado negativamente pela situação de polarização político-ideológica do país, que produz narrativas conflitantes sobre a realidade da pandemia e do COVID-19, o que leva os enlutados a duvidar do que aconteceu até o momento, incluindo da causa do óbito. Nesse ponto de vista, o luto dessas pessoas pode também ser deslegitimado socialmente, seja pela minimização do ocorrido em meio a tantas mortes, pela consternação por parte de autoridades políticas, como por negação da realidade pandêmica por parte da comunidade, ocasionando uma indiferença coletiva ao evento ou causando a impressão de que a morte foi uma fraude.

Também é preciso ressaltar a elevação das demandas de dependência química. Por esse ângulo, o uso de álcool e outras drogas pode ser oportunizado devido à instabilidade emocional e ao estresse vividos durante a pandemia, principalmente mediante um ambiente familiar/ou interpessoal conflituoso, sendo perceptível por outros autores o aumento do consumo dessas substâncias durante a pandemia (ADAMOLI et al., 2020). Segundo esse estudo pontua, tal realidade pode



ser problemática porquanto o abuso de álcool e outras drogas pode expor essa pessoa a situações adicionais de risco, como se envolver em acidentes, brigas ou quedas, podendo também impactar as relações familiares/sociais, o trabalho e a situação jurídica do indivíduo, bem como a sua saúde física e mental. É interessante pensar nisso, pois o abuso de drogas pode causar ou agravar sintomas psicológicos, também havendo casos em que a própria situação mental leva a pessoa ao consumo dessa substâncias, como forma de escape.

O aumento do consumo de álcool em especial tem destaque. O efeito depressor dele no sistema nervoso central é a causa principal disso, por inicialmente acalmar os consumidores, embora também prejudique sua coordenação motora e sua atenção, potencialmente os envolvendo em acidentes, que quando graves, podem influenciar ainda mais a sobrecarga do sistema de saúde (GARCIA; SANCHEZ, 2020). Os mesmos autores afirmam que o consumo de álcool, pela sua associação a transtornos mentais em geral, junto ao cenário de isolamento social, pode aumentar o risco de suicídio e propiciar a violência doméstica. Além disso, como o álcool enfraquece o sistema imunológico, isso pode, em alguma ocasião, levar a dificuldades no tratamento de pacientes com COVID-19.

Tais dados apontam para um contexto futuro alarmante, com implicações para a mortalidade e morbidade associadas ao consumo de álcool. Como a pandemia se enquadra em um desastre, pode ocasionar a incidência de estresse pós-traumático, que, como o luto, está associado ao aumento de consumo de bebidas alcoólicas (GILPIN; WEINER, 2017; DRABWELL et al., 2020 apud GARCIA; SANCHEZ, 2020). Tendo em vista que a pandemia até o momento dessa pesquisa ainda está a se desenrolar, mais fatalidades podem ser esperadas, tornando essa discussão ainda mais pertinente.

Por último, é interessante dissertar um pouco sobre o impacto que a situação da pandemia teve nos profissionais da área psicossocial. A situação pandêmica realmente é um fator de risco para a prática psicossocial que, por sua vez, se mostra extremamente necessária nesse momento. Salienta-se o aumento da procura, independente do âmbito, como um dado preocupante, porém alentador, visto que muitas vezes beneficia tanto o usuário, que passa a lidar melhor com sua saúde mental, como o profissional, que passa a ter maior visibilidade. No entanto, é inegável a mudança no ritmo de trabalho dessas pessoas, comumente tida como negativa. Por um lado, temos a exaustão laboral e o estresse e ansiedade de atuar *in loco*, e por outro, temos a má adequação ao uso de tecnologias e as consequências do isolamento social. Evidencia-se, no meio público, em que o risco é notavelmente maior, que os profissionais de saúde sofrem em dobro, com o medo de contrair o vírus e assim, ser afastado do trabalho, o que com o sucateamento do serviço e a necessidade de tomar cuidados dobrados, exaure eles física e mentalmente, elevando os sentimentos de solidão, irritabilidade e desespero, que podem evoluir para estresse



pós-traumático (ALMEIDA et al., 2021; BRODAY, 2020). Além disso, como afirmado, paralelamente revela-se as dificuldades em manejar as TICs. As entrevistas realizadas nessa pesquisa revelam cenários ambivalentes em relação a isso; no âmbito privado, há a preocupação com o sigilo, visto que os pacientes muitas vezes não arcam com a privacidade necessária aos atendimentos, e no âmbito público, há raríssimas ocasiões em que o formato online é usado, dado a carência de recursos tecnológicos e a dificuldade dos profissionais e pacientes em aceitar o modelo, comprovando as informações já trazidas anteriormente sobre a inquietante discrepância entre as esferas pública e privada no acesso a tecnologias em geral.

Ainda há muitas outras variáveis a se considerar no impacto da pandemia nos profissionais do campo psicossocial, ressaltando-se a importância de intervir também na saúde desses indivíduos. Desse modo, as psicólogas entrevistadas nesse estudo citam práticas que as ajudaram a lidar com o estresse oriundo da pandemia, como a prática de *mindfulness*, o contato virtual com amigos e familiares, a prática de exercícios físicos e atividades de autocuidado etc, tanto no campo individual como no coletivo, em meio a própria equipe de trabalho. Sustenta-se a importância de manter ou adequar atividades de lazer, fazer práticas de relaxamento, descansar bem, ter uma alimentação saudável, evitar maus hábitos, como fumar e beber em excesso, filtrar notícias, procurar ajuda psicológica caso haja necessidade e acima de tudo, ter empatia consigo mesmo (AMORIM et al., 2020).

#### **4. Considerações Finais**

Esse estudo forneceu muitas percepções importantes para a compreensão do fenômeno envolvendo os serviços de saúde mental e apoio psicossocial durante a pandemia de COVID-19. Os efeitos desse evento ultrapassam o limite entre usuário e profissional, onde os impactos já são grandes e diversos, indo para um campo mais universal. Nesse sentido, a discussão sobre a importância dessa rede é de máxima relevância para a sociedade em geral, tendo em vista todas os campos que se inter-relacionam nesse aspecto da saúde coletiva. Cabe a todas as competências regionais e federais se inserir nesse debate, se sensibilizando a causa humana e se atentando às políticas públicas em saúde. Junto à participação social das comunidades, isso pode sinalizar um avanço das medidas sanitárias, o que se faz alarmante numa pandemia global.

Desde as práticas mais intimistas, como a psicoterapia e a assistência social, até a própria RAPS, inserida no SUS como uma medida consolidadora do modelo de assistência integral em saúde, esses serviços fazem toda diferença em tempos de pandemia, em que o estado de calamidade assola o mundo e provoca impactos significativos nas vidas de inúmeras pessoas, incluindo os profissionais da área psicossocial, que também podem carecer de ajuda nessa perspectiva. Como direito



humano, a saúde simboliza uma luz de esperança no meio da insegurança coletiva. Diante de tantos panoramas, a pandemia em si expõe as fragilidades de todo um país, contudo, com a mobilização de todos, esse fenômeno pode representar novas reflexões acerca de tudo, o que pode ajudar a reconstruir um novo futuro, em vários aspectos, para o Brasil.

## 5. Referências Bibliográficas

ADAMOLI, A. N. et al. **O uso de álcool e outras drogas em tempos de pandemia**. Porto Alegre: PUCRS, 2020.

ALMEIDA, V. R. S. de et al. Impacto psicossocial causado pela pandemia da covid-19 nos profissionais de saúde. **Rev. baiana enferm.**, Salvador, v. 35, e37900, 2021. Disponível em: <[http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2178-86502021000100507&lng=pt&nrm=iso](http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-86502021000100507&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 Ago. 2021.

AMORIM et al., 2020. **Autocuidado para profissionais de saúde em tempos de COVID-19**. Ebook, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Ciências da Saúde. Programa de Pós-Graduação. Psicologia, Avaliação e Atenção à Saúde. Disponível em: <[https://www.ufrb.edu.br/ccs/images/AscomCCS/DIRECAO/2020/COMISSAOCOVID/POSPSI/E-book\\_autocuidado\\_para\\_profissionais\\_de\\_sade\\_COVID-19.pdf#page=16&zoom=auto,-104,620](https://www.ufrb.edu.br/ccs/images/AscomCCS/DIRECAO/2020/COMISSAOCOVID/POSPSI/E-book_autocuidado_para_profissionais_de_sade_COVID-19.pdf#page=16&zoom=auto,-104,620)>. Acesso em: 20 Ago. 2021.

BAHIA, L.; SCHEFFER, M. O SUS e o setor privado assistencial: interpretações e fatos. **Saúde em Debate** [online], v. 42, n. spe3, pp. 158-171, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-11042018S312>>. Acesso em: 30 Jul. 2021.

BARATA, L. R. B.; TANAKA, O. Y.; MENDES, J. D. V. Por um processo de descentralização que consolide os princípios do Sistema Único de Saúde. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 13, n. 1, p. 15-24, Mar. 2004. Disponível em: <[http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-49742004000100003&lng=pt&nrm=iso](http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742004000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 30 Jul. 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, M. B. de A. et al. Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. **Epidemiologia e Serviços de Saúde** [online]. v. 29, n. 4, e2020427, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1679-49742020000400018>>. Acesso em: 30 Jul. 2021.



BASTOS, I. G.; SANTANA; A. A. S.; BASTOS, R. G. Interdisciplinaridade na saúde: um instrumento para o sucesso. **Revista Brasileira De Ciências Em Saúde**, v. 1, n. 1, p. 40-44, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.uesc.br/index.php/rebracisa/article/view/1426>>. Acesso em: 30 Jul. 2021.

BEZERRA, A. C. V. et al. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, supl. 1, p. 2411-2421, Jun. 2020. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232020006702411&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020006702411&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 16 Out. 2020.

BRASIL, Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. **Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia**, 2020b. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia>>. Acesso em: 30 Jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Cria os Núcleos de Apoio à Saúde da Família - NASF. Portaria nº 154, de 24 de Janeiro de 2008.

BRASIL, Ministério da Saúde Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Atenção Básica**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BRASIL, Ministério da saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política nacional de Humanização da atenção e Gestão do SUS. **Clínica ampliada e compartilhada**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BRASIL, Ministério de Saúde. **Recomendações de proteção aos trabalhadores dos serviços de saúde no atendimento de COVID-19 e outras síndromes gripais**. COE/SVS/MS, Abr. 2020c. Disponível em: <[https://www.saude.go.gov.br/files/banner\\_coronavirus/GuiaMS-Recomendacoesdeprotecaotrabalhadore-COVID-19.pdf](https://www.saude.go.gov.br/files/banner_coronavirus/GuiaMS-Recomendacoesdeprotecaotrabalhadore-COVID-19.pdf)>. Acesso em: 30 Jul. 2021.

BRASIL, Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: recomendações para gestores**. Brasília, 7 Abr. 2020a. Disponível em <<https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%3%bade-Mental-e-Aten%3%a7%3%a3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-recomenda%3%a7%3%b5es-para-gestores.pdf>> Acesso em: 30 Abr. 2020.





BREAKWELL, G. M. et al. **Métodos de pesquisa em psicologia**. Tradução Felipe Rangel Elizalde. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

BRODAY, J. P. **Impactos psicossociais da pandemia são severos em profissionais da saúde**. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/covid-19/impactos-psicossociais-da-pandemia-sao-severos-em-profissionais-da-saude/>>. Acesso em: 20 Ago. 2021.

CAETANO, R. et al. Desafios e oportunidades para telessaúde em tempos da pandemia pela COVID-19: uma reflexão sobre os espaços e iniciativas no contexto brasileiro. **Cadernos de Saúde Pública** [online]. v. 36, n. 5, 2020, e00088920. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00088920>>. Acesso em: 30 Jul. 2021.

CARVALHO, D. W. de. **A natureza jurídica da pandemia da Covid-19 como um desastre biológico**. 21 Abr. 2020. Disponível em <<https://www.conjur.com.br/2020-abr-21/direito-pos-graduacao-natureza-juridica-pandemia-covid-19-desastre-biologico>> Acesso em: 30 Abr. 2020.

CEEN, Centro de Estudos. **Os 6 maiores desafios que a saúde pública do Brasil vem enfrentando**, 2020. Disponível em: <<https://www.ceen.com.br/os-6-maiores-desafios-que-a-saude-publica-do-brasil-vem-enfrentando/>>. Acesso em: 30 Jul. 2021.

Conselho da Justiça federal. Acesso ao SUS é universal e destinado ao atendimento de todas as classes sociais. 23 Jul. 2013. Disponível em: <<https://www.cjf.jus.br/cjf/outras-noticias/2013/julho/acesso-ao-sus-e-universal-e-destinado-ao-atendimento-de-todas-as-classes-sociais>>. Acesso em: 30 Jul. 2021.

Conselho Federal de Psicologia. Resolução CFP nº 003/2000, de 25 de Setembro de 2000. Regulamenta o atendimento psicoterapêutico mediado por computador. Brasília: CFP, 2000.

Conselho Federal de Psicologia. Resolução CFP nº 04/2020, de 26 de março de 2020. Dispõe sobre regulamentação de serviços psicológicos prestados por meio de Tecnologia da Informação e da Comunicação durante a pandemia do COVID-19. Brasília: CFP, 2020.

Conselho Federal de Psicologia. Resolução CFP nº 11/2018, de 11 de maio de 2018. Regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meios de tecnologias da informação e da comunicação e revoga a Resolução CFP nº 11/2012. Brasília: CFP, 2018.

COSTA, P. H. A. da; MENDES, K. T. Saúde mental em tempos de crise e pandemia: um diálogo com Martín-Baró, 2020. Disponível em:



<[https://www.academia.edu/42682218/Sa%C3%BAde\\_mental\\_em\\_tempos\\_de\\_crise\\_e\\_pandemia\\_um\\_di%C3%A1logo\\_com\\_Mart%C3%ADn-Bar%C3%B3](https://www.academia.edu/42682218/Sa%C3%BAde_mental_em_tempos_de_crise_e_pandemia_um_di%C3%A1logo_com_Mart%C3%ADn-Bar%C3%B3)> Acesso em: 1 Mai. 2020.

COSTA, R. P. Interdisciplinaridade e equipes de saúde: concepções. **Mental**, Barbacena, v. 5, n. 8, p. 107-124, Jun. 2007. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272007000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272007000100008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 30 Jul. 2021.

CREPALDI, M. A. et al. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. **Estudos de Psicologia** [online]. Campinas, v. 37, e200090, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>>. Acesso em: 31 Jul. 2021.

DANTAS, C. de R. et al. O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental** [online]. v. 23, n. 3, pp. 509-533, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p509.5>>. Acesso em: 31 Jul. 2021.

FARIAS, M. N.; JUNIOR, J. D. L. Vulnerabilidade social e Covid-19: considerações com base na terapia ocupacional social. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 29, e2099, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoEN2099>>. Acesso em 30 de Jul. 2021.

FARO, A. et al. COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Estudos de Psicologia** [online]. Campinas, v. 37, e200074, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200074>>. Acesso em: 30 Jul. 2021.

GARCIA, L. P.; SANCHEZ, Z. M. Consumo de álcool durante a pandemia da COVID-19: uma reflexão necessária para o enfrentamento da situação. **Cadernos de Saúde Pública** [online]. v. 36, n. 10, e00124520, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00124520>>. Acesso em: 31 Jul. 2021.

Grupo de referência do comitê permanente interagências (IASC) para a saúde mental e apoio psicossocial em emergências humanitárias. **Um quadro comum de monitorização e avaliação para a saúde mental e apoio psicossocial em emergências humanitárias**, IASC. Genebra, 2017. Disponível em <[https://interagencystandingcommittee.org/system/files/final\\_adobe\\_iasc\\_mhpss\\_m\\_e\\_30.03.2017\\_illustrator\\_web\\_portuguese.pdf](https://interagencystandingcommittee.org/system/files/final_adobe_iasc_mhpss_m_e_30.03.2017_illustrator_web_portuguese.pdf)> Acesso em: 30 Abr. 2020.

HEILBORN, M. L. A., PEIXOTO, C. E.; BARROS, M. M. L. de. Tensões familiares em tempos de pandemia e confinamento: cuidadoras familiares. **Physis: Revista de Saúde Coletiva** [online]. v. 30, n. 02, e300206, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300206>>. Acesso em: 31 Jul. 2021.



HOLMES, E. A. et al. Multidisciplinary research priorities for the COVID-19 pandemic: a call for action for mental health science. **Lancet Psychiatry**. v. 7, n. 6, p. 547–560, Jun. 2020. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32304649/>>. Acesso em: 30 Abr. 2020.

LEITE, R. F. M. Saúde mental em tempos de coronavírus. **Jornal da USP**, São Paulo, 23 Mar. 2020. Artigos. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/saude-mental-em-tempos-de-coronavirus/>>. Acesso em: 30 Abr. 2020.

MARASCA, A. R. et al. Avaliação psicológica online: considerações a partir da pandemia do novo coronavírus (COVID-19) para a prática e o ensino no contexto a distância. **Estudos de Psicologia** [online]. Campinas, v. 37, e200085, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200085>>. Acesso em: 20 Ago. 2021.

MARQUES, E. S. et al. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 36, n. 4, e00074420, Epub 30 Abr. 2020. Disponível em <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-32374808>>. Acesso em: 21 Ago. 2020.

MATTA, G. C. **Princípios e Diretrizes do Sistema Único de Saúde**. In: MATTA, G. C.; PONTES, A. L. M., coordenadores. Políticas de Saúde: organização e operacionalização do Sistema Único de Saúde. Rio de Janeiro: editora Fiocruz/EPSJV, 2007. p.61-80.

MATTA, G. C.; REGO, S., SOUTO, E.P.; SEGATA, J.; eds. **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia** [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021, 221 p. Disponível em: <<https://doi.org/10.7476/9786557080320>>. Acesso em 30 Jul. 2021.

MENDES, R. M.; MISKULIN, R. G. S. A análise de conteúdo como uma metodologia. **Cadernos de Pesquisa** [online]. v. 47, n. 165, 2017, pp. 1044-1066. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/198053143988>>. Acesso em: 20 Ago. 2021.

MENEZES, E. L. C. D. et al. A Telessaúde como estratégia para o fortalecimento da Atenção Básica à Saúde no enfrentamento da COVID-19 no Estado da Bahia. **Revista Saúde em Redes**. v. 6, Supl. 2, 2020. Disponível em: <<http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/3343>>. Acesso em: 30 Jul. 2021.

MORAIS, C. P. T. de et al. Impacto da pandemia na saúde mental dos profissionais de saúde que trabalham na linha de frente da covid-19 e o papel da psicoterapia. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 1660-1668, Jan. 2021. Disponível em



<<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/22693>>. Acesso em: 20 Ago. 2021.

NITTAS, Vasileiosa; von WYL, Viktorab. COVID-19 and telehealth: a window of opportunity and its challenges. **Swiss Med Wkly**, v. 150, p. w20284, May 2020. Disponível em: <10.4414/smw.2020.20284.>. Acesso em: 30 Jul. 2020.

NUNES, F. F. **Temporão afirma que apenas população de alta renda não usa SUS**. 5 Jun. 2008. Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/minhas-financas/temporao-afirma-que-apenas-populacao-de-alta-renda-nao-usa-sus/>>. Acesso em: 30 Jul. 2020.

PALOSKI, G. do R. et al. Contribuição do telessaúde para o enfrentamento da COVID-19. **Escola Anna Nery** [online]. v. 24, n. spe, e20200287, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0287>>. Acesso em: 30 Jul. 2021.

PURCHIO, L. **A doença do medo**. 27 Mar. 2020. Disponível em <<https://istoe.com.br/a-doenca-do-medo/>> Acesso em: 30 Abr. 2020.

REIGADA, C. L. de L.; ROMANO, V. F. Uso do SUS como estigma: a visão de uma classe média. **Physis: Revista de Saúde Coletiva** [online]. v. 28, n. 03, e280316, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73312018280316>>. Acesso em: 30 Jul. 2021.

SANTOS, A, A, M, dos et al. Importância do álcool no controle de infecções em serviços de saúde Santos. **Rev. adm. saúde**. v. 4, n. 16, p. 7-14, Jul.-Set. 2002. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/produtos/is\\_0103/IS23\(1\)015.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/produtos/is_0103/IS23(1)015.pdf). Acesso em: 30 Jul. 2021.

SANTOS, D. F. et al. Masculinidade em tempos de pandemia: onde o poder encolhe, a violência se instala. [S.l], 2020. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/pps-900>>. Acesso em: 16 Out. 2020.

SANTOS, M. T. **Coronavírus**: como preservar a saúde mental durante a pandemia. 9 Abr. 2020. Disponível em <<https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/coronavirus-saude-mental-pandemia/>> Acesso em: 30 Abr. 2020.

SCHERER, M. D. dos A.; PIRES, D. E. P. de; JEAN, R. A construção da interdisciplinaridade no trabalho da Equipe de Saúde da Família. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. v. 18, n. 11, pp. 3203-3212, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-81232013001100011>>. Acesso em: 30 Jul. 2021.

SCHMIDT, B. et al. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). **Estudos de Psicologia** [online]. Campinas, v. 37, e200063, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>>. Acesso em: 30 Jul. 2021.



SCHNEIDER, E. M.; FUJII, R. A. X.; CORAZZA, M. J. Pesquisas quali-quantitativas: contribuições para a pesquisa em ensino de ciências. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo, v. 5, n. 9, p. 569-584, Dez. 2017. Disponível em <<https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/157/100>>. Acesso em: 20 Out. 2020.

SHAUGHNESSY, J. J.; ZECHMEISTER, E. B.; ZECHMEISTER, J. S. **Metodologia de pesquisa em psicologia**. Tradução Ronaldo Cataldo Costa. 9. ed. Porto Alegre: AMGH, 2012.

SILVA, A. M. P. **A Importância do CAPS na Consolidação do Novo Modelo de Saúde Mental Brasileiro**. 2010. Monografia (Especialização em Gestão de Sistemas e Serviços de Saúde) - Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães, Fundação Osvaldo Cruz: Recife, 2010. Disponível em: <<https://www.cpqam.fiocruz.br/bibpdf/2010silva-amp.pdf>>. Acesso em: 30 Jul. 2021.

SILVA, I. M. da et al. As relações familiares diante da COVID-19: recursos, riscos e implicações para a prática da terapia de casal e família. **Pensando fam**. Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 12-28, Jun. 2020. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2020000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 30 Jul. 2021.

SILVA, I. M. da et al. Trabalho da Equipe Multiprofissional no contexto da COVID-19: Diversos olhares, um só objetivo. **Research, Society and Development**. v. 10, n. 3, e53210313439, 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i3.13439>>. Acesso em: 30 Jul. 2021.

SILVA, R. dos S. et al. Práticas Interdisciplinares No Enfrentamento Da Covid-19 Na Estratégia Saúde Da Família. **Enferm. Foco**. v. 11, n. 2, p. 246-253, 2020. Disponível em: <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/4220>>. Acesso em: 30 Jul. 2021.

SPEDO, S. M., TANAKA, O. Y.; PINTO, N. R. da S. O desafio da descentralização do Sistema Único de Saúde em município de grande porte: o caso de São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública** [online]. v. 25, n. 8, pp. 1781-1790, 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-311X2009000800014>>. Acesso em: 30 Jul. 2021.

SOUZA, F. **Coronavírus: o que fazer para evitar depressão, ansiedade e pânico durante isolamento**. 31 Mar. 2020 Disponível em <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/bbc/2020/03/31/coronavirus-o-que-fazer-para-evitar-depressao-ansiedade-e-panico-durante-isolamento.htm>> Acesso em: 30 Abr. 2020.



SOUZA, K. A. de O. et al. **O uso da telessaúde em tempos de pandemia.** In: BARRETO, M. L. et al. (org.). *Construção de conhecimento no curso da pandemia de COVID-19: aspectos biomédicos, clínico-assistenciais, epidemiológicos e sociais.* Salvador: Edufba, 2020. v. 2. Disponível em: <<https://doi.org/10.9771/9786556300757.019>>. Acesso em: 30 Jul. 2021.

SORDI, J. **Estudos mostram eficácia do isolamento social contra Covid-19 e projetam cenários.** 2020. Disponível em <<http://redescola.ensp.fiocruz.br/estudos-mostram-eficacia-do-isolamento-social-contracovid-19-e-projetam-cenarios>>. Acesso em: 30 Jul. 2021.

TEIXEIRA, C. F. de S. et al. A saúde dos profissionais de saúde no enfrentamento da pandemia de Covid-19. **Ciênc. Saúde Colet.** v. 25, n. 9, p. 3465-3474, Mar. 2020. Disponível em: <<<https://doi.org/10.1590/1413-81232020259.19562020>>>. Acesso em: 30 Jul. 2020.

UNIDADE DE SAÚDE MENTAL, DE ABUSO DE SUBSTÂNCIAS, E REABILITAÇÃO (THS/MH); TECNOLOGIA E PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DE SAÚDE; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS/OMS). **Proteção da saúde mental em situações de epidemias**, 2006. Disponível em <<https://www.paho.org/hq/dmdocuments/2009/Protecao-da-Saude-Mental-em-Situaciones-de-Epidemias--Portugues.pdf>> Acesso em: 30 Abr. 2020.

VASCONCELOS, T. P.; CURY, V. E. Atenção psicológica em situações extremas: compreendendo a experiência de psicólogos. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. Brasília, v. 37, n. 2, p. 475-488, Jun. 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703002562015>>. Acesso em: 30 Jul. 2021.

VASCONCELOS-SILVA, P.; ARAUJO-JORGE, T. Análise de conteúdo por meio de nuvem de palavras de postagens em comunidades virtuais: novas perspectivas e resultados preliminares. **Atas - Investigação Qualitativa em Saúde/Investigación Cualitativa en Salud**, v. 2, 2019. Disponível em: <<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/CIAIQ2019/article/view/2002>>. Acesso em: 20 Ago. 2021.

VIANA, D. M. Atendimento Psicológico Online No Contexto Da Pandemia De Covid-19. **Cadernos ESP - Revista Científica da Escola de Saúde Pública do Ceará**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 74–79, 2020. Disponível em: <[//cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/399](https://cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/399)>. Acesso em: 30 Jul. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Coronavirus disease (COVID-19) advice for the public: When and how to use masks.** 2020. Disponível em: <<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public/when-and-how-to-use-masks>>. Acesso em: 30 Jul. 2021.



WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO director-general's opening remarks at the media briefing on COVID-19.** 11 Mar. 2020. Disponível em <https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020#> Acesso em: 30 Abr. 2021.



## **A HISTÓRIA DA MARGINALIZAÇÃO DO FUNK: O FUNK COMO MÚSICA DE PRETO, POBRE E FAVELADO ATRAVÉS DA MEMÓRIA SOCIAL DA CIDADE DE PLANALTINA-DF ENTRE OS ANOS DE 1990 ATÉ 2017**

LÍVIA DANIELLY CURCINO BRANDÃO<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O artigo propõe compreender o processo de marginalização do Funk no Brasil e a socialização vivenciada pela juventude preta e pobre nas periferias de Planaltina a partir do Funk, problematizando a permanência dos discursos sobre esse gênero musical e os sujeitos que o compõem. O objetivo central da pesquisa é explicar de que maneira o Funk pode estar relacionado com a criminalidade nas áreas suburbanas de Planaltina, no Distrito Federal, buscando reconhecer nessa extensão do movimento Hip-Hop como a juventude planaltinense que viveu entre os anos de 1990 a 2017 percebeu suas realidades sociais contempladas nessas canções. A metodologia utilizada nessa pesquisa para abordar os estudos em questão se trata da História Decolonial com auxílio da memória social planaltinense, obtida por meio de entrevistas semiestruturadas, buscando salientar a perspectiva das representações e do imaginário popular da sociedade brasileira e do mundo sobre o Funk, procurando desmistificar o olhar não-periférico sobre as periferias.

**Palavras-chave:** Marginalização; Funk; Planaltina; História Decolonial.

### **ABSTRACT**

This article seeks to understand the process of marginalization of Funk music in Brazil and the socialization experienced by Black and impoverished youth in the outskirts of Planaltina through Funk, addressing the persistence of narratives about this musical genre and the individuals who comprise it. The main objective of the research is to explain how Funk may be associated with criminality in suburban areas of Planaltina,

---

<sup>1</sup>Graduando (a) em História pelo Centro Universitário do Distrito Federal – UDF; Contato: livia.assuntosacademicos@gmail.com.





in the Federal District, aiming to recognize in this extension of the Hip-Hop movement how the youth of Planaltina who lived between 1990 and 2017 perceived their social realities reflected in these songs. The methodology used in this research to address these studies is Decolonial History, with support from Planaltina's social memory, obtained through semi-structured interviews, seeking to highlight the perspective of representations and the popular imagination in Brazilian society and globally regarding Funk, attempting to demystify the non-peripheral gaze on the outskirts.

**Keywords:** Marginalization; Funk; Planaltina; Decolonial History.

## 1 Introdução

O presente estudo em questão, busca compreender dois processos semelhantes de marginalização, sendo eles, o Funk e determinados sujeitos de Planaltina-DF. Sujeitos esses, pretos, pobres e favelados, visando a análise histórica de cada um deles no espaço-tempo delimitado.

A marginalização das canções do gênero Funk e dos sujeitos periféricos da cidade de Planaltina-DF, tiveram a sua intensificação entre os anos 1990 e 2000, a partir das narrativas que associavam ambos com a criminalidade. Afirmativas essas voltadas ao Funk, fomentadas pelos veículos de imprensa, pelas elites intelectuais e pelas alas conservadoras da sociedade. No caso da cidade de Planaltina-DF, essa associação era reforçada pela elite planaltinense, pelos moradores sertanejos de origem goiana e pela mídia local.

Dentre as delimitadas narrativas encontradas sobre o Funk, as tentativas de apagamento das expressões culturais dentro do gênero, a banalização das problemáticas sociais das áreas periféricas, o racismo estrutural, os resquícios coloniais presente em questões do hoje e o uso da violência ainda como ferramenta de controle e opressão contra determinados corpos, são categorias analíticas levadas em consideração dentro do artigo aqui exposto.



Compreende-se que os marcadores sociais de diferença agem como um divisor de águas entre aqueles que perseguem o Funk e aqueles que o protegem da marginalização, para além de canções o Funk se tornou também um movimento de resistência da periferia contra as violências do Estado.

O objetivo central da pesquisa é explicar de que maneira o Funk pode estar relacionado com a criminalidade nas áreas suburbanas de Planaltina, no Distrito Federal, buscando reconhecer nessa extensão do movimento Hip-Hop como a juventude planaltinense que viveu entre os anos de 1990 a 2017 percebeu suas realidades sociais contempladas nessas canções.

A metodologia de pesquisa utilizada para abordar esses estudos se trata das percepções da História Decolonial, salientando a perspectiva das representações e do imaginário popular da sociedade brasileira sobre o Funk, do olhar não-periférico sobre as periferias e dos sujeitos que as integram.

Enxergando também, na memória social periférica planaltinense, a sua importância para análise do processo de marginalização desses sujeitos e a compreensão acerca das temáticas abordadas pelo Funk como uma expressão artística que abarca ou não as realidades vivenciadas pelos mesmos. Para isso, foram realizadas cerca de 10 entrevistas semiestruturadas em eventos culturais periféricos da região norte do Distrito Federal, com moradores e ex-moradores de Planaltina-DF entre 20 e 80 anos.

A partir do delineamento teórico-metodológico é possível analisarmos a representação do Funk e o corpo social desde a delimitação do espaço-tempo, pelo plano de valores: o crime e a cultura. Através da articulação dos elementos acima favorece o entendimento de um determinado local, estrutura e manifestações sociais, como certos estigmas, que são aos associados aos sujeitos inseridos nessas localidades, que chegaram ao presente por meio da permanência de discursos fomentados desde o período colonial brasileiro.

O Funk se trata de um dos gêneros musicais mais populares do país, ficando em segundo lugar apenas para o Sertanejo. Atualmente com seus quase 67 milhões



de inscritos e em média 2,5 mil vídeos, o Canal KondZilla lidera o ranque dos maiores canais do Youtube Brasil no ano de 2023, em termos de audiência, destacando que em segundo lugar temos também outro canal de funk ocupando a liderança, chamado GR6 EXPLODE, com seus quase 39 milhões de inscritos e em média 4 mil vídeos. De acordo com a pesquisa divulgada pela Fundação Getúlio Vargas (2022), o Funk movimenta por ano, somente no estado do Rio de Janeiro, mais de 127 milhões de reais<sup>1</sup>, se mostrando primordial para a economia brasileira, e acima de tudo, para a economia das comunidades periféricas.

Essa tipologia musical, por mais popular que seja entre a juventude, ainda sofre com a marginalização por parte de determinadas alas da sociedade, que buscam a manutenção de discursos. O Funk está longe de ser um objeto de pesquisa aprofundado pelo campo das Ciências Humanas e Sociais, sobretudo, pela disciplina de História.

Porém, a partir da análise da marginalização do Funk, compreende-se que não se trata de um fato isolado. Já que em 1890, apenas dois anos após a promulgação da Lei Áurea, foi criado o crime de vadiagem, responsável por perseguir e reprimir o samba, além de manter os ex-cativos ainda sob o domínio estatal.

Anos mais tarde, em 1916 inicia-se o processo de urbanização no Rio de Janeiro, buscando acabar com os cortiços da cidade, em particular, os localizados nas áreas centrais. Dando início a um dos primeiros processos de periferização, como ferramenta de opressão e limpeza para além do contexto utilizado na época, saúde, tratando-se de racismo estrutural e medo das nomeadas classes perigosas e seus sujeitos viciosos (CHALHOUB, 1996).

## **2 A cidade de Planaltina-DF**

---

<sup>1</sup> Entre os anos de 2007 e 2008 a FGV Opinião realizou outras entrevistas, com enfoque na região metropolitana do Rio de Janeiro, ouvindo agentes diretamente ligados na produção do Funk, como DJs e MCs e as equipes de som. Com mais de 400 entrevistadas os pesquisadores mapearam relações que mostravam que o gênero movimentava cerca de 10 milhões por mês. Destacando que, os comércios das regiões próximas aos bailes também eram beneficiados pelos eventos.



De acordo com Oliveira (2015), a cidade de Planaltina carrega uma história bem anterior a sua oficial fundação possuindo documentos históricos que comprovam a presença de diversos grupos originários na região, como, os Xavantes, Caiapós, Xerentes e alguns outros povos que habitavam o Goiás até o séc. XVIII. A partir das expedições dos bandeirantes Brasil adentro em 1592, várias lendas foram nascendo. Lendas essas que especulavam que na região do Cerrado estava escondida a famosa El Dorado ou a lagoa das riquezas. Mas a presença colonial só se deu de fato a partir de 1725:

Com a exploração das minas de ouro e de esmeraldas no interior goiano na metade do século XVIII, os famosos bandeirantes passaram a usá-la como ponto de passagem para a estrada real para arrecadação de dízimos locais à coroa portuguesa e também, para o escoamento de ouro (GOMES, 2018, pp. 18 e 27).

Fundada oficialmente em 19 de janeiro de 1859<sup>1</sup>, pelo projeto nomeado como “Missão Cruls”<sup>2</sup>, demarcando a área onde seria a nova capital, fazendo parte dela o município de Planaltina. Apenas em 18 de janeiro de 1922 que o projeto vigente receberia apoio do presidente Epitácio Pessoa, decretando a criação da Pedra Fundamental, representando o desmembramento de Planaltina ao estado de Goiás. Com 165 anos de fundação é a região administrativa mais antiga do Distrito Federal (OLIVEIRA, 2015).

A cidade possui uma forte cultura sertaneja e goiana, ao mesmo tempo que tem um grande contingente de moradores de origem nordestina, consequência da transferência da capital do país, em 1960 com a pavimentação das ruas, o alargamento das avenidas, demolição de casas e comércios em Planaltina, no final de 1963, foi se tornando uma cidade mais moderna. É importante destacar que mesmo com a urbanização da cidade consolidada, o espaço rural representa 55% da área total de Planaltina (OLIVEIRA, 2015).

A construção de Brasília acarretou no aumento do fluxo de migrantes da região Nordeste e do Sudeste do país, tanto por aqueles indivíduos que participariam da

---

<sup>1</sup> (OLIVEIRA, 2015, pp. 01 e 31).

<sup>2</sup> (OLIVEIRA, 2015, pp. 27 e 30).



construção da capital – os Candangos, quanto de suas famílias ou pessoas que almejavam por novas oportunidades, se alocando em assentamentos ilegais que rodeavam o Plano Piloto. O Estado como medida de retirar esses sujeitos do centro da nova capital, os realocou para algumas regiões administrativas, uma delas sendo a cidade de Planaltina.

Abordar o surgimento das cidades-satélites é importante para a compreensão de como se estabeleceu regiões que margeavam Brasília. As cidades-satélites foram a resolução para um dos problemas que a jovem capital teria que enfrentar, os trabalhadores que participaram da construção não desejavam voltar. Eles queriam fixar moradia e não voltar mais para as realidades das cidades pequenas e com escassos recursos do Nordeste e do Sudeste.

A ideia de periferização inicia logo com o surgimento da capital. A massa de trabalhadores não poderia ficar em Brasília e assim foram paulatinamente empurrados para as margens. Sendo assim, a partir da análise de Thiago Canetti (2019) compreendemos o processo de periferização como “[...] uma forma de relação categorial entre centro e periferia marcada pelo aprofundamento das desigualdades [...]” (CANETTI, 2019, p. 04)

Maria do Livramento Araújo Brandão, aposentada de 74 anos foi uma das diversas pessoas da região nordeste que vieram para a nova Capital, em busca de melhores condições de vida: *“Eu vim pra Brasília com o meu irmão. Meu irmão chegou na casa de mamãe e falou assim ‘Maria, eu vou viajar, quer ir com a gente?’ E eu falei assim ‘Quero’. Mamãe deixou eu ir, e ele já comprou a passagem de ônibus [...] quando chegamos em uma cidade próxima de Teresina, tinha um homem sentado do meu lado, ele começou a conversar comigo e me perguntou se eu tava indo pra Brasília, eu falei que tava e perguntou pra que, eu respondi “Pra trabalhar”. O homem perguntou ‘Você quer trabalhar pra minha cliente? Ela tá precisando de uma doméstica’ [...] eu respondi ‘Então tá bom’ [...] Quando foi domingo 2h da tarde ele tava lá em Ceilândia, aí ele foi e me trouxe na 712 Norte, aí eu já comecei a trabalhar. Meu irmão falou comigo ‘Olha, vou embora em setembro, você vai comigo?’ Eu falei ‘Não, Paulo, eu vou ficar’ [...]”*



Já em 1989 sob a eleição para governador, Joaquim Roriz, uma importante figura política para Planaltina, “[...] na busca de apoio político das massas, estabeleceu uma política de cunho assistencialista e populista por meio de doações de terras públicas, muitas vezes distribuídas às populações vindas de outros estados” (OLIVEIRA, 2015, p. 32).

“A política de atração de populações de outras regiões do país para o DF, adotada pelo governo Roriz, nesta época, promoveu o crescimento urbano desorganizado, expandindo os espaços já existentes e criando novos bairros e cidades. A cidade de Planaltina viu o crescimento acelerado de sua população, com a criação de bairros como as expansões da Vila Buritis (Setor Leste), o Jardim Roriz e a Vila N. Sra. De Fátima” (MARTINS, 1996, p. 12).

A moradora de Planaltina desde 1982, Maria do Livramento também presenciou e ganhou seu lote no governo de Joaquim Roriz, testemunha como ocorreu esse processo: *“[...] aí depois a gente resolveu mudar pra Planaltina. Quando cheguei em Planaltina em 1982 eu resolvi procurar saber onde fazia inscrição pra ganhar lote ou casa, aí descobri que era na “X”, fiz a inscrição e nada de chamar. Aí depois chamaram um monte de gente, mas só chamava quem tivesse mais filho que tinha chance de morar nas casinhas. A Evanilda como tinha 3 e ia ganhar 4, conseguiu, mas eu não, porque eu só tinha Sandra. Mas onde tinha inscrição eu fazia. Só quando o Roriz entrou que eu consegui, fiquei 3 dias na fila, né, dormi uma noite e dois dias pra fazer a inscrição. Eu morava num barraco na III do Buritis, quando foi no dia que o rapaz foi fazer a visita, a Sandra tava com uma crise de bronquite, o barraco era cheio de buraco e bem na porta tinha uma caixa de esgoto quebrada, então foi por isso que eu consegui mais pontos [...] Quando eu peguei a carta fui atrás do nada consta [...] aí fui batalhar pra conseguir esse lote. No dia que eu vim receber, eles vieram aqui tava chovendo e tava um mato terrível. Aí quando foi no dia seguinte eu capinei, arranjei um rapaz pra capinar mais eu, o lote todinho. Aí eu comecei a comprar o material [...] Coloquei cerca, porque o pessoal invadia na época [...] Primeiro eu construí um barraco de madeira, que meus amigos conseguiram madeira e mudei, com menos de 1 mês eu vim morar aqui, porque se deixasse passar um mês o pessoal*



*devolvia, o pessoal não tinha mais chance de morar [...] eu trouxe só um colchão e fiquei morando aqui [...] E foi assim que eu consegui, batalhei muito, trabalhei muito.”*

A oportunidade de ser presenteado com um lote no governo de Joaquim Roriz se mostrou uma propaganda eleitoral e tanto, resolvendo duas questões em uma só, a realocação dos Candangos para longe do Plano Piloto e o aumento de seu pleito eleitoral, se tratando de uma perspicaz estratégia política. As doações de terras realizadas pelo Governador atrelaram na alteração da organização dos espaços planaltinenses e sobretudo na cultura goiana.

Acerca das afirmações da depoente, que alega que foi através do seu trabalho árduo que adquiriu o lote, podemos entender que segundo OLIVEIRA (2015, p. 33):

“A ocupação de Planaltina foi modificando os antigos costumes do povo goiano. A posse de terras era tradicionalmente organizada a partir de relações de parentesco. Depois da inauguração de Brasília a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP) passou a desapropriar as terras, vendê-las e a distribuir áreas públicas e privadas. O resultado dessa política se fez presente, pois ‘As transações de terras promovidas pela (NOVACAP) causaram a insatisfação e inconformismo aos proprietários goianos, uma vez que nem sempre as terras eram vendidas por um preço justo” (OLIVEIRA, 2015, p. 33)

Sendo assim, os lotes entregues se tratavam de terras anteriormente ocupadas por famílias sertanejas que carregavam consigo o costume da herança, estabelecendo que os terrenos deveriam ser passados de pai para filho. Joaquim Roriz exercia relativo poder dentro de Planaltina, sendo a sua família um das mais abastardas e com maior quantidade de terras na cidade (OLIVEIRA, 2023).

Segundo Oliveira (2023, p. 35) o primeiro governo de Roriz foi “[...] marcado por ações populistas e clientelistas, com o objetivo de uma maior aproximação com as camadas mais carentes da população por meio de uma política agressiva de distribuição de terras públicas [...]”.

A partir do agrupamento desses indivíduos retirados das invasões, ocorreu a junção dos migrantes nordestinos, às famílias pobres e sertanejas naturais da região e às famílias abastardas donas de terras o que acarretou em diversas divergências, tanto culturais como de interesses. Uma vez que, grande parte das fazendas foram divididas em lotes para a construção de moradia para os habitantes realocados.



Resultando no aumento populacional da cidade, como apontam os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No ano de 1959 a população da cidade de Planaltina era de quase 5.889 pessoas, pulando em 2004 para 141.097. Já em 2012, esse número era quase 230.000 habitantes (IBGE, Apud. OLIVEIRA, 2015, p. 32).

Já na metade dos anos 1990 os bairros situados no Setor Tradicional possuíam condições mais favoráveis de infraestrutura comparados, com aqueles que se encontravam afastados do centro, tornando cada vez mais perceptível as desigualdades sociais de algumas regiões da cidade. Os bairros localizados no Setor Residencial Leste (Vila Buritis I, II e III), Setor Residencial Norte (Jardim Roriz), Vila Vicentina, Arapongas e Mestre D'Armas (Estância I a V) sofreram pela falta de políticas públicas de saneamento básico, enfrentando problemas como: a falta de água potável e iluminação pública, a presença de esgoto a céu aberto, entulho e ruas sem asfalto. Esses bairros são aqueles onde os migrantes haviam sido realocados. Aquela cidadezinha vista como rural, com pouquíssimos habitantes, agora se deparava com uma sobrecarga habitacional, cujo local não estava preparado para receber (ANDRADE, 2007, pp. 66 e 71).

Gendeon Curcino Pereira, autônomo de 43 anos e ex-morador do Pombal, conta que seu pai Pedro Vicente veio para Brasília em 1972, sendo um dos Candangos, participando da construção civil, deixando 4 filhos pequenos e uma esposa em um vilarejo de São Raimundo Nonato no estado do Piauí. Voltando algumas vezes para levar dinheiro para a família, fazendo isso durante anos, somente em 1983 que todos os integrantes vieram morar na Capital, de favor na casa de uma irmã no bairro Nossa. Senhora De Fátima em Planaltina, próximo ao Morro da Capelinha: “[...] onde não tinha luz, não tinha energia, lá tudo era através de luz a vela, onde a gente morava era de fossa, né e os nossos banhos lá era puxando água na cisterna pra poder se lavar, tomar banho [...]”

O aumento habitacional de Planaltina ocorreu de forma desproporcional, uma vez que as áreas destinadas aos loteamentos não possuíam as mesmas condições





de infraestrutura do Setor Tradicional e que desde 1965 o bairro em questão havia passado pelo seu desenvolvimento urbano (OLIVEIRA, 2015, p. 31).

Quanto as condições estruturais dos bairros periféricos da cidade, o discurso embasado pela memória do entrevistado é condizente aos fatos da mesma, de tal modo Carla Coelho Andrade (2007) aponta que a cidade de Planaltina fora:

“[...] composta por bairros de infraestrutura precária [...] lugares sombrios, onde praticamente não existe iluminação pública e as casas e barracos escondem-se detrás da proteção de altos muros frontais [...] o esgoto escorre pelas ruas de terra vermelha do cerrado, misturando-se ao lixo [...]” (ANDRADE, 2007, pp. 66 e 67).

O tráfico adentrou aquelas áreas cuja presença do Estado era mínima ou inexistente, mais tarde o poder desses grupos dentro, das periferias planaltinenses se intensificou, causando conflitos diretos com policiais e facções rivais. Os confrontos reforçaram o sentimento de insegurança dos moradores dos bairros afetados. O bairro Buritis III, mais conhecido como Caveral, durante muitos anos foi usado como ponto de encontro de enfrentamento de gangues do bairro Jardim Roriz e do bairro Buritis II, popularmente conhecidos como “Agrestes”<sup>1</sup> e “Pombal”<sup>2</sup>, sendo todos esses bairros citados localizados em Planaltina (MOREIRA, 2013). As patrulhas policiais combatiam violentamente, invadindo as periferias de Planaltina através da força bruta, desrespeitando as ditas “leis da favela” e as demarcações de território<sup>3</sup> criadas pelas facções.

Compreender que a precarização das formas de viver dos sujeitos planaltinenses e a falta das políticas públicas geram como consequência o aumento da criminalidade é salutar para o pensamento desenvolvido nessa pesquisa uma vez que, historicamente, os sujeitos que acabam adentrando as veias da criminalidade foram os que não foram assistidos socialmente pelo Estado.

---

<sup>1</sup> O bairro recebeu esse apelido por ser uma área descampada, grande e com uma grande quantidade de parte de mata e árvores secas, lembrando uma savana selvagem.

<sup>2</sup> Nomeado assim pelas casas distribuídas serem todas iguais e lembrarem casinhas de pombo/pássaros.

<sup>3</sup> Os membros desses grupos se utilizavam do pixo para sinalizar que determinada área da cidade pertencia a determinada gangue, como uma espécie de aviso. Assim como as tatuagens que também eram usadas como símbolos para a identificação (ARAÚJO, FILHO E MARINHO, 2015).



### **3 Metodologia**

O artigo se baseia nas percepções da História Decolonial, salientando a perspectiva das representações e do imaginário popular da sociedade e do mundo sobre o Funk, os sujeitos que o cercam e a juventude planaltinense. Nascido no século XVI como contraponto ao olhar e discurso ocidentalista dominante, que se havia estabelecido como o modelo acadêmico do conhecimento universal, o pensamento decolonial carrega consigo uma análise crítica e reflexiva em torno das estruturas coloniais que seguem presentes na atualidade. Através da colonialidade do poder, se manifestando nas desigualdades sociais e econômicas, na marginalidade e na exclusão de determinados grupos, a negociação e o desprezo pelas formas de vida e nas culturas que se diferenciam da hegemônica. A construção das categorias políticas, econômicas, sociais e culturais no mundo globalizado, buscando a descolonização dos pensamentos, dos discursos e do conhecimento (QUIJANO, 2005).

A partir do delineamento teórico-metodológico foi possível analisar a representação do Funk e do corpo social desde a delimitação do espaço-tempo, pelo plano de valores: o crime, a cultura e as narrativas. Através da articulação dos elementos acima, favorece o entendimento de um determinado local, estrutura e manifestações sociais, como certas características, que são singularidades aos indivíduos inseridos naquelas localidades, que chegaram ao presente por meio da permanência do discurso colonial e da criação dos conceitos: preto, pobre e favelado, dentro da sociedade brasileira. Os pensadores utilizados incluem: GONZALEZ e HASENBALG (2022), FANON (2022), KILOMBA (2021) e MBEMBE (2013). Com o desenvolvimento dos estudos referentes ao tema central deste trabalho, a marginalização do Funk, outros autores contribuem para a compreensão da construção histórica e social que transversaliza a História do Funk, são eles: CHALHOUB (1996), MOREIRA (2013), ANDRADE (2007), OLIVEIRA (2015), HERSCHMANN (2005), RAMOS, SANTOS, BRAGA e HABERMANN (2023), dentre outros.



Graças a compreensão da importância da memória social, tanto individual, quanto coletiva dos sujeitos planaltinenses sobre a cidade, foram realizadas cerca de 10 entrevistas semiestruturadas em eventos culturais periféricos da região norte do Distrito Federal, com moradores e ex-moradores de Planaltina-DF entre 20 e 80 anos. Reconhecendo na memória desses indivíduos, transmitida oralmente, alguns resquícios dos discursos fomentados pela mídia, pelas elites locais e pelo próprio Estado. Assim como, perspectivas totalmente contrárias a essas narrativas, apontando diferentes pontos de vista sobre a mesma época e local.

Através do fator memória esses sujeitos são capazes de compartilhar de forma significativa para além de narrativas que lhes trazem propriedade, mas também rituais e costumes referentes ao passado. Com as entrevistas realizadas surgiu-se uma história inovadora sobre Planaltina-DF, trazendo à tona uma realidade pouco conhecida, sobre a marginalização de determinados sujeitos ali inseridos e o contato da juventude planaltinense com o Funk.

Também foram realizadas algumas pesquisas em campo ao Centro Histórico, a Igreja São Sebastião, a Pedra Fundamental e ao Vale do Amanhecer, todos esses espaços localizados em Planaltina-DF.

A ideia central do artigo será defendida por meio da análise de canções do gênero Funk; a ementa “Criminalização do Funk como crime de saúde pública a criança aos adolescentes e a família” proposta pelo empresário Marcelo Alonso ao Senado; e entrevistas semiestruturadas. Desenvolveu-se várias causas sociais que rodearam a marginalização do Funk e dos sujeitos que o cercam, com enfoque na juventude planaltinense.

Sobre os aspectos da cultura e o protagonismo nas narrativas, Edward Said (2011, p. 12) menciona que:

“Nesse segundo sentido, a cultura é uma espécie de teatro em que várias causas políticas e ideológicas se empenham mutuamente. Longe de ser um plácido reino de refinamento apolíneo, a cultura pode até ser um campo de batalha onde as causas se expõem à luz do dia e lutam entre si, deixando claro, por exemplo, que, dos estudantes americanos, franceses ou indianos ensinados a ler seus clássicos nacionais antes de lerem os outros, espera-se que amem e pertençam de maneira leal, e muitas vezes acrítica, às suas nações e tradições, enquanto denigrem e combatem as demais” (SAID, Edward, 2011, p. 12).



Os documentos citados acima foram analisados pensando na praticidade da compreensão do leitor. Acerca do entendimento do espaço-tempo estabelecido no artigo, foram usadas estritamente canções do gênero Funk, buscando traçar um paralelo entre entrevista, fonte, referencial teórico e canção.

Os funkeiros selecionados são ou já foram grandes porta-vozes desta tipologia musical, que utilizaram dos bits e das letras como ferramenta de resistência e porta-voz das vivências dos sujeitos pretos, pobres e favelados de todo país, como a intenção de provocar e confrontar os discursos dominantes. Os cantores e compositores utilizados incluem: AMILCKA e CHOCOLATE (2011), CIDINHO e DOCA (1995), CLAUDINHO e BUCHECHA (1996), TATI QUEBRA-BARRACO (2004).

#### **4 Os sujeitos pretos, pobres e favelados**

Através da compreensão dessa complexa relação entre esses sujeitos negligenciados pelo Estado, as vias da criminalidade e as representações, faz-se necessário pensarmos que sujeitos foram esses que foram marginalizados que fizeram parte de Planaltina-DF em fins dos anos de 1990 e início dos anos 2000, mas que também esteve em vários outros cenários. Refiro-me ao sujeito preto, pobre e favelado.

A ideia de pensar essas categorias parte da canção Som de Preto, da dupla Amilcka e Chocolate, lançada no ano de 2011 afirma o seguinte:

É som de preto de favelado/ mais quando toca ninguém fica parado/ O nosso som não tem idade não tem raça e nem tem cor/ Mais a sociedade pra gente não dá valor/ Só querem nos criticar pensam que somos animais/ Se existia o lado ruim hoje não existe mais/ Porque o funkeiro de hoje em dia caiu na real/ Essa história de porrada isso é coisa banal/ Agora pare! E pense! Se liga na resposta/ Se ontem foi a tempestade hoje vira abonação/ É som de preto de favelado mais quando toca ninguém fica parado/ Porque a nossa união foi Deus quem consagro/ Amilcka e Chocolate é new funk demoro/ E as mulheres lindas de todo Brasil/ Só na dança da bundinha pode crer que é mais de mil/ Libere o seu corpo vem pro funk vem dançar nessa nova/ Sensação que você vai se amarrar/ Então eu peço liberdade para todos os DJ's/ Porque no funk reina paz e o justo é nosso rei!/ É som de preto de favelado mais quando toca ninguém fica parado (Amilcka e Chocolate, Funk Brasil 08 Bem Funk by DJ Marlboro, 2011).



Precisamos entender brevemente quem é esse sujeito preto, pobre e favelado, pois seu protagonismo e a cultura erguida por ele como forma de resistência foram marcas da história de Planaltina.

Acerca da compreensão da complexidade que rodeia o sujeito preto, Grada Kilomba (2021) afirma que:

“[...] No mundo conceitual branco, o sujeito negro é identificado como o objeto ‘ruim’, incorporando os aspectos que a sociedade branca tem reprimido e transformando em tabu, isto é, agressividade e sexualidade. Por conseguinte, acabamos por coincidir com a ameaça, o perigo, o violento, o excitante e também o sujo, mas desejável - permitindo a branquitude olhar para si como moralmente ideal, decente, civilizada e majestosamente generosa, em controle total e livre da inquietude que sua história causa.” (KILOMBA, 2021, p. 37).

KILOMBA (2021) se refere ao indivíduo preto enquanto o “Outro”, sendo o indivíduo branco o “Eu”, analisando essa estrutura como uma estratégia colonial de desumanização do primeiro e o domínio das narrativas pelo sujeito branco. Já Achille Mbembe (2014) levanta o conceito alterocídio para discorrer sobre a questão da razão negra<sup>1</sup>, explicando que o negro não passa de uma invenção da branquitude, onde a mesma o enxerga como objeto intrinsecamente ameaçador, do qual é preciso proteger-se, desfazer-se, ou que, simplesmente é preciso destruir, por não obter o controle total do Outro não semelhante a si mesmo. Desse modo o sujeito preto se trata de uma construção social e histórica que apresenta indivíduos pretos como alvos de opressão e desigualdade racial, marginalizados em espaços de poder e conhecimento, sendo moldados por estruturas de exclusão que perpetuam a desumanização e a subordinação no contexto colonial e pós-colonial.

No Brasil o sujeito pobre do hoje nasce anteriormente a vigência da lei abolicionista, uma vez que, os parlamentares da Câmara dos Deputados do Império do Brasil estavam temerosos quanto aos efeitos da abolição em relação a organização

---

<sup>1</sup> “[...] A raça não passa de uma ficção útil, de uma construção fantástica ou de uma produção ideológica cuja função é desviar a atenção de conflitos antigamente entendidos como mais verosímeis - a luta de classes ou a luta de sexos, por exemplo. Em muitos casos, é uma figura autónoma do real, cuja força e densidade podem explicar-se pelo seu carácter extremamente móvel, inconstante e caprichoso. Aliás, ainda há bem pouco tempo, a ordem do fundo fundava-se num dualismo inaugural que encontrava parte das suas justificações no velho mito de superioridade racial. Na sua ávida necessidade de mitos destinados a fundamentar o seu poder, o hemisfério ocidental considerava-se o centro do globo, o país natal da razão, da vida universal e da verdadeira Humanidade [...]” (MBEMBE, 2014, p. 27).



do trabalho. Discutindo sobre um possível projeto de lei que criminalizasse a ociosidade.

Através de fortes influências dos ideais europeus<sup>1</sup>, principalmente franceses, os parlamentares recorrem aos fundamentos teóricos da guerra parisiense contra os ociosos/vadios, buscando a tal “salvação nacional”. Atrelando as palavras pobre e vicioso a mesma significação, ou seja, todos os sujeitos pobres eram viciosos, tornando quase impossível esses termos serem relacionados a algo positivo.

“[...] para os deputados, a principal virtude do bom cidadão é o gosto pelo trabalho, e este levava necessariamente ao hábito da poupança, que por sua vez, se reverte ao conforto do cidadão. Desta forma, o indivíduo que não consegue acumular, que vive na pobreza, torna-se imediatamente suspeito de não ser um bom trabalhador. Finalmente, e como o maior vício possível em um ser humano é o não-trabalho, a ociosidade, segue-se que aos pobres falta a virtude social mais essencial; em cidadãos nos quais não abunda a virtude, engrossam os vícios [...] os pobres carregam vícios, os vícios produzem os malfeitores, os malfeitores são perigosos à sociedade; juntando os extremos da cadeia, temos a noção de que os pobres são, por definição, perigosos [...]” (CHALHOUB, 1996, p. 22)

Dado ao contexto histórico da adoção do conceito das “classes perigosas” no Brasil. Desde o início, o sujeito negro se tornou suspeito preferencial. Onde a vida cativa e o caráter dos ex-escravos, seriam responsáveis pelo despreparo para vida em liberdade, como apontava a comissão parlamentar, os instigando a comportamentos “naturais” da raça negra que os levaria facilmente a vida do crime. O Estado precisava pensar em medidas que garantissem que o escravo recém-liberto se sujeitasse a trabalhar, para a continuidade do acúmulo de capital de seus senhores, futuros patrões (CHALHOUB, 1996).

Sendo assim, compreende-se o sujeito pobre como uma figura historicamente marginalizada, associada a características negativas, como, preguiça, vadiagem e criminalidade, principalmente no contexto da ascensão do capitalismo e o surgimento da classe operária brasileira. No Brasil, essa figura é majoritariamente representada pelo sujeito preto pós-abolição da escravatura, que, sem aparato estatal e o estigma

---

<sup>1</sup> A comissão parlamentar conceitualizou a noção de classes perigosas atrelando suas percepções a definição de Frégier, um funcionário do alto escalão da polícia parisiense. Em seu livro de 1840, Frégier descreve todos os perfis de “malfeitores”, sendo eles daqueles indivíduos indesejados da cidade de Paris, como: ladrões, prostitutas, espertalhões e etc (CHALHOUB, 1996, p. 20).



dentro do mercado de trabalho, permaneceu sob as condições de pobreza e exclusão social.

Para compreendermos as características do sujeito favelado, se faz necessária a análise da origem etimológica da palavra “favelado”, que advém de favela + o sufixo -ado. O próprio radical “favela” designa uma “[...] Reunião de habitações construídas toscamente, sem conforto ou recursos higiênicos” (BICHO ESPERTO, 2012, p. 156). Já o sufixo -ado indica cargo, dignidade ou até mesmo a função. Quando buscamos nos dicionários pela palavra em si, em sua maioria encontramos, “Indivíduo cuja moradia se localiza numa favela; habitante ou morador de uma comunidade”.

Dessa forma, o termo “favelado” também carrega consigo uma forte conotação pejorativa, sendo usado para segregar, deslegitimar e associar negativamente as identidades periféricas a conceitos como violência, falta de educação e caos urbano. O sujeito favelado ultrapassa os limites geográficos de si, sendo também correlacionado a estigmatização social e racial imposta àqueles que vivem nas periferias, destacando as profundas desigualdades sociais históricas do Brasil.

Diante do exposto ~~compreende~~ compreendemos que o sujeito preto, pobre e favelado se tornou a representação de uma cultura. A cultura do Funk. Serão esses sujeitos que protagonizarão as letras, as canções, o estilo musical e a cultura de periferia.

Aqui precisamos interseccionalizar essas categorias de análise para compor nossa compreensão. Entendemos que a cidade de Planaltina possui uma relação intrínseca com o Funk enquanto um gênero musical e uma cultura de sujeitos periféricos. Sobre essa relação, nos apoiaremos na memória de alguns moradores que estavam em Planaltina entre 1990 a 2017 para compreender como a cultura do Funk permeou as formas de viver desses sujeitos.

O Funk passa a representar diversas vivências ao redor do país, sobretudo as realidades periféricas planaltinenses. A análise da canção “Meus Direitos” dos MCs Cidinho e Doca de 1995, seguido do relato de uma planaltinense dão uma dimensão das realidades vivenciadas nesse período:



A essa noite começou o tiroteio/ Favela tava cercada, não tinha como sair/ E a criançada atrás da porta em desespero/ Pelo amor de Deus papai tira a gente daqui/ Ai então, uma lágrima desceu/Eu vi que minha força vinha da força de Deus/Só peço ao moço antes de apertar o gatilho/ Que pense em seus filhos antes de matar os meus/ Eu só quero entrar na minha casa seu moço/ Ter o direito de ir e vir/ Dar um beijo nas crianças/ Beijar minha patroa/ Ter o pão cada dia, eu só quero é ser feliz/ É triste amigo a gente chegar do trabalho/ E ser esculachado por um motivo que eu não sei/ O rico sente pena, mas sentir pena é fácil/ Ninguém passou na pele a humilhação que passei/ Aos poderosos eu lanço um desafio/ Viver um dia de pobre e o pobre um dia de rei/ Mas eu só peço aquele moço por favor/ Antes de bater na cara, respeite o trabalhador (CIDINHO E DOCA, RAP DAS ARMAS, 1995).

Pâmela Nascimento de Freitas, dona de casa de 39 anos e moradora do antigo bairro Arapongas, atual região administrativa desmembrada de Planaltina, diz: *“Já aconteceu da polícia pegar gente no Pombal e bater até chegar na Caveral na frente de todo mundo pra servir de exemplo. Ixi, toda vez que a polícia pegava alguém do Pombal tinha que servir de exemplo. E o Pombal também comandava o tráfico de drogas na época.”*

A população realocada pelo Estado era vista pelos próprios cidadãos de origem goiana como intrusos, desadequados, bárbaros, delinquentes, marginais, vagabundos, bando de animais e assassinos. Mais tarde, com a socialização da cultura Hip-Hop a “natureza” daqueles sujeitos e os funkeiros<sup>1</sup> planaltinenses se tornou um indicativo de características específicas dessas pessoas e suas ações, as causas da criminalidade em Planaltina. Sobretudo, para aqueles que não moravam em Planaltina, eram logo associados à violência, ao tráfico de drogas e a desordem urbana, nascendo então o estigma do sujeito favelado ou, as classes perigosas apontadas por CHALHOUB (1996), dentro da cidade de Planaltina.

Mas esse ideário de “Cidade Marginal” ou “Cidade Perigosa” se intensificou ainda mais com os discursos gerados pelas mídias locais, principalmente, pelo jornal Correio Brasiliense, scandalizando de maneira exacerbada os casos criminais, cujo “[...] tentam construir a história de violência em Planaltina [...]” (CORREIO BRASILIENSE, Apud. MOREIRA, 2013, p. 25). Um morador que não quis se identificar

---

<sup>1</sup> Palavra usada tanto por aqueles que produzem canções do gênero, quanto por aqueles que escutam.





alega: “O jornal Ocorrências Policiais do Silvo Linhares era o veículo que mais aumentava as histórias de violência de Planaltina, mostrando foto dos corpos mortos e essas coisas.”

Pâmela, também fala sobre as ideias negativas do ideário popular sobre a região administrativa mais antiga do Distrito Federal:

O que estragou Planaltina foi o Pombal, né?! O Pombal era muito perigoso [...] Planaltina era muito perigoso, Pombal todo dia tinha tiroteio, principalmente do Pombal pro Roriz, tinha muita guerra de gangue [...] todo dia a gente tinha que se esconder de tiroteio e quando alguém morria no Pombal ninguém buscava, acontecia da gente passar por lá de manhã e vê gente morta [...] De 1995 a 2000 eu estudava no Pombal [...] lá tinha briga de família, gente esfaqueando gente no meio da rua, briga de vizinho, tiroteio por causa de gangue, ninguém entrava no Pombal, mas tirando isso, a Independência e a Tradicional era tranquilo, era onde ficava os playboys, os filhos da elite planaltinense, a gente não se misturava [...] Quando eu fui pro Centro 02, a gente do Pombal sofreu muito preconceito, não queriam a gente lá, todo mundo falava ‘lá só tem bandido’, ‘sua família é de bandido’ [...]

A estigmatização dos indivíduos das periferias planaltinenses como destacado pela entrevistada acima faz parte da memória social daqueles que eram marginalizados e da história da cidade. Dessa forma compreendemos que a fala da depoente carrega consigo certo carácter de verdade, porém a partir da análise de MORREIRA (2013) se faz possível compreender que a imagem social de Planaltina foi desenvolvida tanto pelos exageros difundidos pela mídia, quanto pelas falas do cotidiano, produzidas pelos moradores de origem goiana e reproduzidas pelos próprios estigmatizados, que fortaleceram a ideia de que a violência era resultado direto da realocação de determinados indivíduos, vistos como desassociados da sociedade brasiliense e de seus direitos enquanto cidadãos da mesma, e a percepção de que aqueles sujeitos não tinham valores condizentes com os locais.

Wylcler Cruzeiro da Mata (2014) afirma que:

“O processo ameaçou a identidade histórica e cultural da região. Pois em decorrência das novas relações territoriais, seguiu-se a vinda de migrantes pobres, muitos dos quais invasores retirados de áreas centrais do Plano Piloto e adjacências e realojados em Planaltina, em



novos setores habitacionais denominados de vilas e jardins. Os recém-vindos formavam uma massa empobrecida alheia à história da cidade, que os moradores mais antigos percebiam, inclusive, como grupos sem história, ameaçando uma tradição forjada ao longo dos séculos.” (MATA, 2014, p. 37).

#### 4.1 O Funk e o seu contato com a juventude planaltinense

Sobre o primeiro contato dos brasileiros com o Funk, Rocha e Cardoso (2016, p. 48) mencionam que:

No final da década de 70, na região do Rio de Janeiro, os brasileiros tiveram seu primeiro contato com o gênero musical em questão através dos bailes funks que ocorriam numa área elitizada da cidade, chamada Zona Sul. Com a popularização da Música Popular Brasileira e a utilização da maior casa noturna da época como espaço para esse novo gênero, os shows nomeados como “Bailes da Pesada” foram se introduzindo nas periferias, ocorrendo o processo de socialização do funk ultrapassando as camadas sociais (ROCHA & CARDOSO, 2016, p. 48).

A canção e a dança marcaram diversas gerações de Planaltina, sendo os Lazeres de Rua um forte exemplo disso. Desde o final dos anos 1970, a partir do contato planaltinense com o movimento Black Power e as influências norte-americanas de músicas de discoteca, os grupos de dança<sup>1</sup> e as discotecagens se tornaram febre entre os jovens da região. Já em 1980, o Rock nacional explodia na cidade, formando a partir disso o grupo Energia Ilimitada, responsável por levar cultura e lazer para as escolas, como: Centro de Ensino Fundamental 02, socialmente conhecido como Escola Paroquial; Centro de Ensino Fundamental 01, popularmente chamado de Centrinho; Centro de Ensino Fundamental 04; e Centro de Ensino Médio 02. Incluindo os jovens carentes de fato na sociedade, através das expressões culturais e artísticas.

---

<sup>1</sup> “[...] Veja quais foram os principais grupos de danças da cidade: OS SMOOKS da Q 2 da Vila Buritis, THE LIGHT DANCE(Gilmar, Bercais e cia Q.4 V.Buritis),-THE BLACK ANGELS (Tita & cia Pombal),-IRMÃS METRALHAS (Marta & Márcia Q.1V.Buritis),-ESQUADRÃO JAMAICA (V.Vicentina),-IRMÃS DO DJ (Gizélia, Daguia e Nilma Q.5V.Buritis),-SPACE DANCE (Betê, Marreco & cia Q.1V.Buritis),-A DUPLA CATINHA & MEIRE (Q.5V.Buritis).-THE BROTHERS (Wilhian e João Carlos Q6.V.Buritis)-DRAGÕES DA DANÇA (Q.1V.Buritis),-IRMÃOS DAS LAMBADAS (Fernando & Tomás Q.4V.Buritis),-THE BIG FRIENDS (V.Vicentina) - e os principais campeões planaltinenses e vice-campeões brasilienses no Matuza em Taguatinga-Df os DEM OF DANCE com: (Gordinho,Tico, Mala, Rubinho,Indinho e Brizola e cia Q.6V.Buritis) [...]” (NONA, 2012).



Normalmente os jovens combinavam de se encontrar em determinadas localidades através dos orelhões e se reuniam para dançar, inclusive, batalhar na pista de dança uns contra os outros e não menos importante, flertar. Após os encontros, algumas brigas aconteciam, por não aceitarem uma derrota, gangues rivais e até mesmo por ciúmes. Em consequência ao aumento das confusões nos bailes, “[...]foram se fechando os espaços para as ruas de lazeres, grupos de danças e as equipes de sons [...] os jovens por falta de opção, superlotavam o auditório gerando alguns tumultos e muitas confusões” (NONA, 2012). Mas mesmo após o “fim” dos bailes das antigas em 13 de dezembro de 1992, alguns DJs e produtores de eventos continuaram com os bailes, apresentando o movimento Hip-Hop e o novo gênero musical Funk para a comunidade planaltinense.

Na década de 1990 o Funk<sup>1</sup> se popularizou no Brasil principalmente nas camadas mais baixas da sociedade, essas canções se tornaram cada vez mais conhecidas nas periferias do país, conquistando o público pela letra, melodia, ritmo e principalmente pelas variadas danças. Os planaltinenses se deslocavam até cidades como, Ceilândia, Formosa, Brasilinha e Sobradinho (I e II) para frequentar os famosos bailes funks, isso quando não realizavam nas ruas da própria cidade. A juventude moradora das áreas periféricas de Planaltina se sentia contemplada com as canções cantadas pelos Funkeiros. Segundo HERSCHAMANN (2005): “[...] a partir de 1992 o termo ‘funkeiro’ substitui o termo ‘pivete’, passando a ser utilizado emblematicamente na enunciação jornalística como forma de designar a juventude ‘perigosa’ das favelas e periferias da cidade” (HERSCHMANN, 2005, p. 69).

Uma das canções mais queridas pelos jovens planaltinenses da época, Nosso Sonho de 1996 dos MCs Claudinho e Buchecha:

Na Praça da Play-Boy, ou em Niterói./ Na fazenda Chumbada ou no Coez./ Quitungo, Guaporé nos locais do Jacaré/ Taquara, Furna e Faz-quem-quer./ Barata, Cidade de Deus, Borel e a Gambá./ Marechal, Urucânia, Irajá/ Omosmorana, Guadalupe, Sangue-areia e Pombal/ Vigário Geral, Rocinha e Vidigal/ Coronel, mutuapira, Itaguaí e Sacy./ Andaraí, Iriri, Salgueiro, Catibiri/ Engenho novo, Gramacho, Méier, Inhaúma, Arará./ Vila Aliança, Mineira, Mangueira e a Vintém./ Na

---

<sup>1</sup> O termo Funk, advindo da palavra em inglês Funky sob a perspectiva e análise de Hermano Viana se trata de: “[...] tudo podia ser funky: uma roupa, um bairro da cidade, o jeito de andar e uma forma de tocar música que ficou conhecida como funk” (VIANA, 1998, p. 20).



Posse e Madureira, Nilópolis, Xerém./ Ou em qualquer lugar, eu vou te admirar (CLAUDINHO E BUCHECHA, CLAUDINHO&BUCHECHA, 1996).

Os MCs citados eram um dos mais escutados do Brasil nos anos de 1990 a 2000, os temas das suas canções eram amor, diversão e o cotidiano dos sujeitos favelados. Conhecidos pelos ritmos melódicos, mas ainda dançantes, e as letras que expressavam muitas vezes a paixão juvenil. Assim que a canção acima foi ao ar, e a juventude planaltinense se deparou com o bairro Pombal sendo citado, o sentimento sentido foi de representatividade mesmo não sendo o bairro de Planaltina e sim uma favela carioca.

A partir dos estudos dos pensadores Paulo César Ramos, Jaqueline Lima Santos, Vitória Lustosa Braga e Willian Habermann (2023), entende-se o conceito periferia como:

“[...] uma formação urbana própria, mas que, no decorrer do tempo, as formações sociais ali presentes e a vinculação e o pertencimento a esta parte da cidade renderam estigmas. Pouco a pouco, do estigma à condição de pertencimento a uma certa identidade periférica passou a ser fonte de orgulho e base de autoafirmação [...]” (RAMOS, SANTOS, BRAGA e HABERMANN, 2023).

Através da perseguição e da marginalização de tudo que envolvia o sujeito preto, pobre e favelado, os mesmos passaram a ressignificar esses termos que antes eram utilizados para desumanização desses sujeitos, agora como símbolo de resistência e identificação. Sendo assim, a canção analisada da dupla Claudinho e Buchecha era a representatividade de diversos sujeitos que compartilhavam vivências em comum, fossem elas sobre as paixões que surgiam nos bailes ou sobre a violência presente nas periferias.

A ex-moradora do Jardim Roriz, Sandra Araújo Brandão, pedagoga de 42 anos, comenta acerca da canção: *“Na época, a gente se sentiu visto. Era como se o Brasil todo soubesse quem a gente era, mesmo que não fosse o nosso Pombal, ainda era, consegue entender? Sentimos que não estávamos sozinhos, que tinham outras pessoas que viviam assim como nós, cantando pra gente. E por mais que nem todo mundo fosse do Pombal, todo mundo da cidade sentiu como se aquilo tivesse sido*



*uma conquista. Não que a gente se orgulhasse das coisas ruins que aconteciam lá, mas porque tinha muita coisa boa também.”*

#### **4.2 Planaltina-DF, a marginalização do Funk e dos “de fora”**

O Funk nem sempre sofreu com os estigmas negativos sobre si. Entende-se nessa pesquisa que os três eventos principais que acarretaram na sua marginalização foram: o Arrastão de Ipanema, os Bailes de Corredor e a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) Municipal do Funk. Micael Herschmann (2005) defende que o Arrastão de Ipanema que ocorreu entre 1992 a 1993, corroborou na marginalização do Funk e deu início a sua perseguição. “A partir daquele momento, com intensa veiculação na mídia, ambos adquirem uma nova dimensão, colocando em discussão o lugar do pobre no debate político e intelectual do país” (HERSCHMANN, 2005, p. 19).

Sendo assim, tal qual a estigmatização dos moradores de Planaltina o Funk também passou a ser visto como objeto causal de violência e caos generalizado, transformando o sujeito preto, pobre e favelado no mais novo-velho “Outro” da sociedade brasileira.

Sobre os efeitos negativos do Arrastão de Ipanema, HERSCHMANN (2005) analisa que:

“O funk e o hip-hop não começaram com os ‘arrastões’, mas eles certamente aceleraram um processo de popularização, arremessando esses jovens no centro do cenário midiático, fazendo com que ocupassem, de início, as seções policiais dos noticiários dos grandes veículos de comunicação e, depois, também seus respectivos cadernos culturais” (HERSCHMANN, 2005, p. 29).

As grandes mídias, sobretudo os jornais, relataram que a confusão desencadeou uma série de assaltos coletivos, culpabilizando os funkeiros. Inflando ainda mais o preconceito dos moradores das áreas elitizadas da Zona Sul da cidade, pelos sujeitos favelados, o que acabou difamando o Funk e o associando a ações criminosas.



Harschamann (2005) compreende o crescimento desses “atos violentos” como resultado da amplificação e da fabricação dos fatos em si, pelo campo midiático, através de notícias escandalosas naturalizando a ideia de uma cultura de medo e violência dentro da sociedade brasileira. Assim como, o jornal Correio Brasiliense no Distrito Federal e o alarmismo midiático na produção e divulgação de notícias sobre a cidade de Planaltina.

Já os Bailes de Corredor se tratava de um novo estilo de baile, que tinha como característica o dobro da violência. Quando os bailes eram realizados estritamente nas periferias - muitas delas eram comandadas por facções criminosas ligadas diretamente com o tráfico - os próprios traficantes não permitiam que houvesse episódios mais agressivos nessa época. Mas a partir do deslocamento dos bailes funk para os clubes e boates, o espaço passou a ser compartilhado, havendo sempre um lado A e um lado B, aumentando os enfrentamentos físicos, chegando a essa espécie de baile ser comparada a um Corredor Polonês. Conseqüentemente, o gênero foi ainda mais estigmatizado, sendo considerado extremamente violento na visão de alguns grupos da sociedade, resultando em outra Comissão Parlamentar de Inquérito.

A “CPI do Funk” possuía uma série de exigências para a execução dos bailes, que na prática acabaram sendo proibidos. Rômulo Costa e Zezinho - dois grandes empresários do Funk e donos das maiores equipes de som da época - chegaram a ir presos. Mais uma vez a ação da CPI de proibir os bailes de clube desencadeou uma consequência, os bailes voltaram a ser realizados nas comunidades sem o Estado ter ciência (TROTТА, 2016).

É importante salientar que independente do crescimento do estigma acerca do Funk, o gênero foi ganhando cada vez mais espaço, cativando a indústria fonográfica e recebendo mais visibilidade da mídia. A partir dessa expansão, um novo tipo de Funk nascia dentro das periferias, Rap das Armas<sup>1</sup>, que mais tarde se tornaria, os Proibições Sendo assim, os jovens periféricos passam a enxergar no Funk também

---

<sup>1</sup> A principal temática era relatar o cotidiano dos sujeitos favelados de maneira nua e crua, citando armas de fogo e falando abertamente sobre a criminalidade presente nas periferias brasileiras. A partir da análise das datas, a dupla Cidinho e Doca se mostra pioneira desse novo desdobramento acerca dos novos objetivos traçados pela categoria Rap das Armas do Funk.



uma “[...] representação social que lhes permite expressar seu descontentamento, opor-se à tese da não-violência, isto é, de que o Brasil seria uma ‘nação diversa’, mas não violenta” (HARSCHMANN, 2005, pp. 40 e 41).

Através das inéditas temáticas, inicia-se as primeiras acusações do gênero com envolvimento ao tráfico de drogas, resultando numa nova onda de marginalização ultrapassa o Funk. Essa ideia tomou força logo após uma entrevista do traficante Elias Maluco que afirmou patrocinar bailes funk. Em resposta a afirmação anterior, o empresário da Furacão 2000, Rômulo Costa esclareceu que os traficantes eram figuras primordiais para a contratação dos bailes ocorressem, utilizando as associações de moradores das periferias para isso (MORETZSOHN, 2003).

Após essa série de declarações, foi aberta uma CPI municipal para que fosse feita uma investigação das relações do Funk com o tráfico, solicitando a presença de alguns MCs para depor, como: Doca, Cidinho, Júnior, Leonardo e outros. Em junho de 2002, a quadrilha liderada por Elias Maluco se rendeu, após assassinar o jornalista Tim Lopes, que trabalhava numa reportagem sobre abuso de menores em um baile funk na Vila Cruzeiro no Rio de Janeiro. O corpo da vítima foi queimado numa fogueira de pneus, toda essa situação também agregou na marginalização do Funk, por mais que o jornalista não tivesse sido assassinado nos bailes, isso deu aval discursivo para que as perseguições persistissem (CASTINHO, 2011).

Gerando estereótipos preconceituosos que feriam os direitos e a integridade dos sujeitos favelados. É importante destacar que os bailes funks eram sediados nas próprias favelas e que as ações policiais viam nos eventos de Funk e nos próprios funkeiros um alvo para repressão. Exemplo disso, foi o aumento da violência policial na cidade do Rio de Janeiro, com a criação das Unidades de Polícia Pacificadora<sup>1</sup> em 2008 pelo governo Sérgio Cabral sob o pretexto de pacificar as favelas que se encontram em regiões de morro nesse mesmo estado (PIMENTEL, 2010).

Através da forte marginalização do Funk e de diversos sujeitos periféricos do Brasil inteiro, no ano de 1995 os MCs Cidinho e Doca lançam a canção Cidade de Deus, que faz referência a uma favela carioca famosa, e dialogam através da letra e

---

<sup>1</sup> PIMENTEL, Guilherme. A outra face das UPPs. Boletim do Mandato, 06 de junho de 2010.



da batida com aqueles que reproduzem esse estigma contra o sujeito favelado, que também pode ser encontrado em Planaltina:

Dizem que lá falta educação/ Mais nós não somos burros não/ Dizem que não temos competência/ Mais isso sim que é violência/ Que só sabemos fazer refrão/ Se liga sangue bom/ Mais não é assim/ Nós temos escola/ Nós temos respeito/ Sr quer falar de nós/ Vê se fala direito/ Estou documentado doutor/ Cidadão brasileiro e tenho o meu valor/ Meu pai é pedreiro, mamãe costureira/ E eu cantando rap pra massa funkeira/ O ritmo é quente e alucinante/ Eta povo do funk eta povo gigante (CIDINHO E DOCA, RAP DAS ARMAS, 1995).

Os autores escancaram os preconceitos sofridos e reproduzidos sobre a classe a qual pertencem. Na canção se demonstra orgulho de ser quem é e de vir de onde veio. Os grupos majoritários sociais, as elites econômicas e intelectuais adjetivam essas categorias sociais excluídas como: violentos e burros, revelando estereótipos da época, também utilizados para desumanizar os moradores das comunidades planaltinenses como vimos anteriormente. Lélia Gonzalez afirma: “[...] qualquer aglomeração de negros sempre é encarada como caso de polícia [...]” (GONZALEZ, 2022, p. 30).

O ex-morador do Pombal, Gendeon relata como foi a sua infância/juventude numa das áreas mais perigosas da cidade de Planaltina:

“[...] quase nós perdemos esse lote, porque a mãe achava que nós iríamos retornar para o Piauí. Em 1986 quando eu fiz 4 anos a gente conseguiu esse lote já com casa lá no Buritis II, chamado Pombal [...] lá nós começamos a nossa infância com aquelas casinhas de pombo mesmo [...] uma casa pra abrigar 5 filhos, um pai e uma mãe [...] eu dormi até meus 12 anos em um berço, porque tudo era muito difícil [...] Desde muito cedo eu quis ajudar mãe, dos meus 9 para os 10 anos eu fui vigiar carro na feira de Planaltina pra ajudar minha mãe nas despesas de casa e também estudava [...] Então nossa localidade Pombal na década de 90 era muito boa, tinha aquela amizade, os flashbacks e tinham aquelas gangues, The Black Anjos, Papados, Falange Negra e a Gangue do Rodão. Essas gangues, elas que brigavam com o povo [...] Inclusive nessa época morreram poucas pessoas naqueles lazeres de rua [...] às vezes eles se encontravam e brigavam nesses eventos, mas depois que eles acabaram foi aí que a violência aumentou e começaram as guerras.” (ENTREVISTADO GENDEON).





Os marcadores sociais de diferença, nos fazem enxergar a partir dos dados da Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN), cerca de 67,3% de pessoas entre 25 a 59 anos e 61,6% de pessoas entre 60 e mais anos são sujeitos pretos na cidade de Planaltina, totalizando 66,9% da população como sujeitos pretos (CODEPLAN, 2010). Podemos analisar, com base nas informações acima, que esses indivíduos por conta do fator idade acompanharam o processo de periferização de Planaltina e que a maioria dessas pessoas são moradores das periferias planaltinenses. As tradições goianas e sobretudo rurais das famílias naturais da região, carregavam consigo a ideia de inferioridade do sujeito negro frente ao sujeito branco, recorrente a herança cultural e histórica brasileira. Dito de outra forma, a disputa territorial no contexto planaltinense ultrapassava a questão agrária ela se estabelecia como um confronto direto acerca do preconceito racial.

“[...] o jornal a todo momento, tenta tratar a violência como algo que vem ‘de fora’, atributo daqueles que não seriam seres plenamente integrados à sociedade brasiliense, num viés muito ideológico. Talvez por isso, queria-se sustentar a imagem de que o Distrito Federal seria pacífico, se não fossem ‘os bárbaros’ pobres oriundos de outros estados do país, especialmente do Nordeste” (MOREIRA, 2013, p. 28).

A partir das afirmativas levantadas podemos compreender que, no Brasil o discurso de antagonismo permanece resistente pois, a sociedade é um campo em disputa cuja desumanização de “[...] uma seita, uma comunidade peculiar, uma facção política, uma cultura, uma etnia [...]” (SEVCENKO, 2013, p. 07), servirá para que se exista o bem e o mal; o herói e o vilão; o branco e o preto; Deus e o Diabo, ou seja o pensamento dicotômico. Um indivíduo cujas mazelas daquela sociedade possam ser atribuídas a ele, seja do sujeito preto ou do sujeito pobre, ou pior, ambos em um só, o sujeito favelado.

Kilomba (2021) retrata que na psique há respostas programadas resultantes das consequências do Colonialismo, cujos sujeitos brancos passam pelos estágios de negação, culpa, vergonha, reconhecimento e reparação. Quanto a desumanização do negro, ela explica: “[...] O sujeito negro torna-se então tela de projeções daquilo que o



sujeito branco teme reconhecer sobre si mesmo, neste caso: a ladra ou o ladrão violenta/o, a/o bandida/o indolente e maliciosa/o” (KILOMBA, 2021, p. 37).

Moreira (2013) afirma que as narrativas depreciativas e criminalizantes acerca de Planaltina se intensificaram entre 1992 a 2012. Marcando quase três décadas de conflitos entre os antigos e novos moradores da cidade, as mídias locais, como o Correio Brasiliense e Jornal do Sangue, corroboraram massivamente para o aumento dos discursos marginalizantes. Assim pode-se compreender, a partir tanto dos relatos de memória dos viventes planaltinenses quanto dos funks que eram clássicos e consumidos na época, que a marginalização dessa região administrativa correspondeu a uma conjunção de fatores, cujo racismo e a exclusão social se tornaram marcas das vivências de Planaltina entre os anos de 1990 até a primeira década de 2000.

No início dos anos 2000 a violência também aumentou em Planaltina-DF, iniciando as guerras entre bairros por uma disputa material, por território e pela dominação total ou majoritária do tráfico de drogas na cidade. As patrulhas policiais e os confrontos se intensificaram, a realidade ficou cada vez mais dura e muitos indivíduos morreram pelo tráfico, assassinados pela polícia ou não, ou foram encarcerados pelo Estado.

Gendeon, relata que perdeu inúmeros colegas e amigos próximos de infância pelas guerras entre gangues rivais ou gangues contra polícia: *“Minha mãe sempre reforçou dentro de casa o que era certo e errado, por mais que ela fosse analfabeta sempre incentivou eu e meus irmãos a estudar e trabalhar honestamente. Era muita dificuldade de vida mesmo naquela época, muita gente desesperada em colocar um prato de comida na mesa. O primeiro governo Roriz ajudou bastante, mas depois fomos esquecidos.”*

A falta de assistência Estatal foi um forte fator ao aumento da violência, além de todos aqueles problemas anteriores. Mas a ideia popular era de que o movimento Black Power e o Hip-Hop e o Funk estivessem atrelados a esse acréscimo da violência.



Em primeiro de janeiro de 2002, a dupla Claudinho e Buchecha lançou o Funk nomeado “Paz”, segue abaixo a letra na íntegra:

Ninguém se respeita/ Ninguém tem direitos/ Ninguém se aceita/ E Ninguém é perfeito/ Afinal de contas o que mais é preciso mudar? / Eu com a minha raça/ Você na sua crença/ Entre tantas cores/ Qual a diferença? / É preciso todas, para o arco-íris brilhar/ Aviões caindo/ Irmãos se separando/ Bombas explodindo/ Crianças chorando/ Mas que mundo é esse? Que a gente tá tentando salvar?/ A gente tá querendo paz, paz/ O mundo precisa de paz, paz,/ De objetivos iguais mais/ Amor dentro do coração./ A gente tá querendo paz, paz/Mais uma chance pra paz, paz,/ Que os sentimentos de paz, paz/Acabem num abraço de irmão./ Uns acendem velas/ Outros cantam hinos/ Uns batem tambores/ Outros tocam sinos/ Mas todos se ajoelham/ Porque a intenção é igual./ Uns trocam palavras/ Outros usam livros/ Uns carregam armas/Outros ficam vivos/ A eterna luta/ Que existe entre o bem e o mal./ Uns fazem banquetes/ Outros comem lixo/ Quem será o homem?/ Quem será o bicho?/ Mas que mundo é esse/ Que a gente tá tentando salvar? (Claudinho e Buchecha, Vamos Dançar, 2002).

Na canção pode-se identificar diversas críticas e apontamentos sobre a sociedade brasileira e mundial do início dos anos 2000, onde os funkeiros buscam evidenciar problemas, como: preconceitos, guerras e a fome. Reforçando que no mundo está faltando três importantes pilares: amor, paz e direitos. Sendo assim, os marcadores sociais de diferença agem como um divisor entre os que perseguem o Funk e os que o protegem da marginalização, pois este estilo musical e cultural se tornou também um movimento de resistência da periferia contra as violências sofridas pelo Estado. Desta forma, é possível compreender que houve um discurso que relacionou o Funk e a criminalidade nas periferias de Planaltina entre os anos 1990 a 2017.

Sobre a ponderação anteriormente apontada, é necessário discutir acerca da Comissão Parlamentar de Inquérito de Criminalização do Funk de 2017. A ementa “Criminalização do Funk como crime de saúde pública a criança ao adolescente e a família” proposta pelo empresário Marcelo Alonso ao Senado. A petição então conseguiu mais de 20.000 assinaturas, visto que a mesma solicitava a consideração da legalidade do Funk, apelando para a criminalização do mesmo.

O documento consistia nos seguintes argumentos: falsa cultura; bailes funks como agentes de uso, venda e consumo de álcool e drogas; produtores do gênero atendem aos interesses de criminosos, estupradores e pedófilos, indo contra a



segurança de crianças e adolescentes; agenciamento de orgia e exploração sexual, estupro e sexo grupal entre menores de idade; apologia à pornografia, pedofilia, arruaça, sequestro, roubo e etc<sup>1</sup> .

A audiência da CPI marcou de forma poderosa e positiva o Funk, obtendo debates proveitosos sobre as problemáticas cantadas nas canções e as diversas realidades periféricas das favelas do Brasil. De acordo com o MC, compositor, assessor da Secretaria Nacional da Juventude e um dos criadores da Liga Funk de São Paulo, MC Bruno Ramos alega que mais de 20 milhões de jovens em todo o país integram o movimento ligado ao Funk, onde encontram referências de inclusão social e cultural, num país como o Brasil que é fortemente marcado pelos processos de violência e segregação.

O relator da sessão, Romário de Silva Farias então senador, teve diversas falas importantes quanto a tentativa de criminalização do Funk, onde alerta que ao alegar-se que o Funk se trata de uma “falsa cultura”, logo supõe-se que exista uma “cultura verdadeira”. De tal modo, MIZRAHI (2020) aponta as fases do conceito cultura sobre o Funk:

“[...] Nesse sentido, o funk é apreendido como uno, fechado e não como fenômeno multifacetado como ele de fato é. Podemos dizer assim que há um certo maniqueísmo a guiar nessa noção de cultura, como se cultura fosse somente aquilo do que nos orgulhamos. Tal ideia de cultura parece se colar ainda a uma ideia do que seria o patrimônio, algo já imobilizado e cujos sentidos e significados já estariam dados [...] Tomar a cultura como representação permite reificar certos traços de um povo, sociedade ou coletividade, o que pode ser feito em benefício do grupo, como nas reivindicações de identidade étnica e cultura, ou contra o grupo, como mostra o caso do funk” (MIZRAHI, 2020).

O cotidiano dos sujeitos pretos, pobres e favelados de Planaltina, 1990 a 2017 foi fortemente marcado pela presença da criminalidade, do tráfico, da falta de saneamento básico e principalmente, pelos discursos marginalizastes difundidos pelas famílias sertanejas e pelos jornais locais.

---

<sup>1</sup> Sugestão nº 17, de 2017. Senado Federal, 2017. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/129233> . Acesso em: 13 de julho de 2024.



O resultado desses fatores foi a criação do estigma sobre a figura dos indivíduos realocados, criando-se a ideia de que a sociedade planaltinense estava dividida em dois, “os de dentro”, que pertenciam àquele lugar, e “os de fora”, cujo eram vistos como os responsáveis pelas problemáticas sociais de Planaltina.

A elite planaltinense apoiada pela mídia tiveram um papel fundamental para que o estigma sobre essas pessoas fosse difundido, distorcendo e inventando características de determinados sujeitos, associando-os à marginalidade, pressupondo que tudo que saía dos bairros periféricos planaltinenses era de bandido.

Através das análises realizadas no decorrer desse trabalho é possível compreender que os conflitos entre os antigos e os novos moradores de Planaltina se desenrolaram por três principais fatores: a desapropriação de terras; o racismo estrutural; e as divergências culturais. Impactando até os dias atuais nas questões sociais e geográficas da região administrativa mais velha do Distrito Federal.

As tentativas de criminalização do Funk e a sua marginalização em si trazem como projeto o silenciamento das vozes de sujeitos que historicamente foram negados de seus direitos sociais desde o Brasil colonial. A escritora interdisciplinar Grada Kilomba, faz uma comparação com a Escrava Anastácia, a máscara do silenciamento e a retirada da fala do indivíduo negro, analisando um dos órgãos vitais para o nascimento, modificação e assassinato das narrativas, a boca:

“[...] Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores brancos para evitar que africanas/os e escravizadas/os comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e tortura. Neste sentido, a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento das/os chamadas/os ‘Outras/os’ [...] No âmbito do racismo, a boca se torna por excelência, representando o que as/os brancas/os querem – e precisam – controlar e, conseqüentemente o órgão que, historicamente, tem sido severamente censurado”. (KILOMBA, 2021, p. 33-34).

Os sujeitos pretos, pobres e favelados socialmente assumiram o poder sobre a criação de suas próprias narrativas há menos de 30 anos atrás, cujo ainda necessitam de um mecanismo de denúncia que vá além da máquina estatal. O estigma enraizado sobre o Funk não busca compreender que além de um gênero musical, este se trata



de um movimento político e social advindo da cultura preta, pobre e favelada que se manifesta nas letras, nos passinhos, nas vestimentas, gírias e até mesmo nas batidas advindas da herança africana. Assim como todos os outros gêneros musicais existentes, o Funk possui uma vasta quantidade de temáticas que podem ser discutidas através de canções, tanto assuntos complexos de cunho social, como, racismo e violência policial, quanto assuntos mais leves, como, amor e sexo.

Os discursos que estigmatizam e marginalizam o Funk, o responsabilizam pelas mazelas sociais modernas, alegando que as canções do gênero fazem apologia ao sexo e a objetificação do corpo feminino.

Entretanto no Brasil a cultura do estupro e da violência, sobretudo contra a figura da mulher ainda é objeto de negação pelas categorias conservadoras, assim como a negação do próprio racismo estrutural na sociedade brasileira. Sendo esses problemas apontados pelas elites intelectuais, conservadoras e midiáticas como resultado da popularização do gênero musical Funk, porém é importante analisarmos que ambas as questões sociais citadas acima nasceram anteriormente ao surgimento do Funk no Brasil.

A pensadora Grada Kilomba compreende que, quando não tratadas as questões coloniais, aquela sociedade está fadada a repeti-las a partir de outros jogos de poder: “O Colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada. Uma ferida que dói sempre, por vezes infecta e outras vezes sangra” (KILOMBA, 2021).

É possível observar que dentro do Funk existem inúmeros subgêneros e temáticas, como o Rap das Armas, conhecido por representar as formas de viver e se divertir das juventudes periféricas. Na canção Yuri Juventude de 2004, cantada pelo próprio filho de Tati Quebra-Barraco, Yuri. A canção gira entorno do garoto destacar algumas atividades de lazer na favela onde vive, entre elas, sem dizer explicitamente os bailes funks:

Solto, solto/ Solto pipa, jogo bola/ Se amarro em bola de gude/ Gosto de rodar pião/ Sou Yuri Juventude/ Fico doido quando vejo/ As novinha rebolar/ Sou novo, mas não sou bobo/ Quero ver você dançar (TATI QUEBRA-BARRACO E YURI, BOLADONA, 2004).



Podemos analisar que na canção Yuri Juventude (2004), há uma genialidade intencional ou não, que é mostrar a partir da fala de uma criança a realidade infantil favelada e funkeira contra a forte onda de marginalização que o Funk enfrentou de 1990 a 2010.

Uma vez que o imaginário popular sobre as comunidades de periferia engloba o que há de negativo na sociedade brasileira, é preciso evidenciar que existem pessoas que não fazem parte do tráfico e que as crianças podem ter sim uma vida honesta dentro desses espaços, sem serem atreladas a criminalidade.

A partir da análise da canção, Gendeon comenta sobre o lazer dele e seus colegas de infância no bairro do Pombal em Planaltina-DF: “[...] *minha infância ali foi jogar golzinho na rua, era jogar infanca, salve cadeia até os meus 10, 11 anos, soltar pipa [...]*”

Dessa forma, é possível compreender que há uma forte presença de elementos simbólicos que interligam as realidades periféricas brasileiras, seja na Cidade de Deus, como no caso de Yuri, ou no Pombal, no caso do entrevistado Gendeon. Sem dúvidas existem determinados elementos usados por esses indivíduos que os identificam como seres de uma mesma categoria, sendo eles: os gêneros musicais, a cultura, as vestimentas, a linguagem própria, as danças etc. Esses elementos são usados para representar e identificar indivíduos tão diferentes, mas ainda sim iguais, unidos pela estigmatização enquanto sujeitos pretos, pobres e favelados que resistem um dia após o outro. Sem deixar suas vozes serem silenciadas, buscando ocupar cada vez mais espaços.

## **5 Resultados**

Nos resultados obtidos ao decorrer do processo de realização do artigo, está inclusa, a análise da desapropriação de terras e do racismo estrutural, compreendendo que ambos os fatores foram centrais para os conflitos sociais em Planaltina-DF. Desde a sua criação, a cidade foi palco de tensões entre os habitantes de origem goiana, que viam os novos moradores realocados pelo Estado como intrusos.



~~Essa~~ A divisão social tinha fortes raízes no preconceito racial, agravado pela chegada de migrantes nordestinos e sujeitos pobres, cuja presença nas áreas periféricas passou a ser vista como uma ameaça. Essas desigualdades criaram uma percepção de que havia dois grupos distintos: os “de dentro”, que pertenciam historicamente ao lugar, e os “de fora”, responsabilizados pelas mazelas sociais, como criminalidade e desordem urbana.

Já o Funk, enquanto gênero musical e expressão cultural, foi alvo de tentativas sistemáticas de criminalização. Ao longo desse período, o gênero passou a ser associado a comportamentos violentos, tráfico de drogas e promiscuidade, levando a uma forte repressão estatal e social.

A mídia local, apoiada pelas elites planaltinenses, desempenhou um papel crucial ao reforçar essa narrativa. Jornais como o Correio Braziliense e veículos sensacionalistas de grande alcance amplificaram os casos de violência, atribuindo à juventude funkeira e aos moradores das periferias a culpa por grande parte dos problemas sociais da cidade. Esses discursos eram reproduzidos inclusive por moradores antigos de Planaltina, que viam os habitantes das áreas mais pobres como desajustados e violentos.

## **6 Conclusão**

Conclui-se a partir da finalização deste trabalho de pesquisa que, para além da sua marginalização, o Funk se manteve como uma forma de resistência cultural e política para os jovens de Planaltina. Suas letras denunciavam a realidade vivida nas periferias, a violência policial, o racismo, a precariedade das condições de vida e a exclusão social.

Para a juventude preta, pobre e favelada, o Funk se tornou um espaço de representatividade e identidade, oferecendo uma maneira de expressar suas lutas, mas também de celebrar suas vitórias e resiliência. As canções, danças, vestimentas e o estilo de vida associados ao Funk proporcionaram uma alternativa ao silenciamento imposto por certos setores da sociedade, reafirmando a importância da cultura preta, pobre e favelada num contexto cujo esses sujeitos buscavam, mesmo





que sem intenção, se libertar das amarras invisíveis, mas ainda tão presentes do Colonialismo.

Dessa forma, o Funk na cidade de Planaltina-DF, assim como em outras periferias do Brasil, transcendeu sua função de entretenimento, tornando-se um instrumento de luta contra a opressão social e a invisibilização. Ao resistir às tentativas de marginalização e criminalização, o Funk reafirmou sua relevância como uma forma de autoafirmação e de denúncia das desigualdades que afetam as periferias brasileiras.

Compreendendo que para além das disputas de território e das divergências culturais, o racismo estrutural, também foi primordial para a marginalização dos sujeitos periféricos de Planaltina-DF. Através do domínio das elites sobre os discursos e o sensacionalismo dos meios de comunicação locais, influenciando no fator memória de determinados sujeitos marginalizados que reproduziam e ainda reproduzem determinados estigmas.

Durante a escrita do artigo foram encontradas algumas limitações, dado ao fato do Funk ser pouco analisado, sobretudo, sua presença e importância na cidade de Planaltina-DF, sendo essa, também, pouco estudada na área da História.

O assunto estudado no artigo se mostrou promissor a pesquisas futuras, sendo possível que o mesmo possa se aprofundar mais ainda em outras questões acerca da relação da cidade de Planaltina com o Funk. Ou possa resultar em uma análise mais minuciosa quanto a criação dos conceitos preto, pobre e favelado no contexto brasileiro, enquanto herança direta do processo colonial lusitano, ainda partindo da perspectiva rica da História Decolonial.

## **7 Referências**

ANDRADE, Carla Coelho. Entre gangues e galeras: juventude, violência e sociabilidade na periferia do Distrito Federal. Repositório UNB, Brasília, 2007.

Disponível

em:

[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2625/1/2007\\_CarlaCoelhodeAndrade.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2625/1/2007_CarlaCoelhodeAndrade.pdf).

Acesso em: 19 de junho de 2024.



ARAÚJO, Alessandra Oliveira; FILHO, T. B. M.; MARINHO, Lucas. Muros que falam: a comunicação na cidade. Revista de Humanidades, Fortaleza, v. 30, n. 1, p. 99-114, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rh/article/view/4751>.

CANETTI, Thiago. A Condição Periférica: Uma Crítica da Economia Política do Espaço em Parallaxe. Tese – UFMG, Belo Horizonte, 2019. Acesso em:

CASTINHO, Márcio. Martírio e autoridade na trama noticiosa do caso Tim Lopes. Revista CONTRACAMPO, Niterói, n. 23, 2011. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17234/10872>. Acesso em: 24 de junho de 2024.

CHALHOUB, Sidney. Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CODEPLAN, A população negra no Distrito Federal, p. 13. Disponível em: <https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Popula%C3%A7%C3%A3o-Negra-no-Distrito-Federal-Analisando-as-Regi%C3%B5es-Administrativas.pdf>. Acesso em:

CRULS, Luiz; CRULS, Gastão. Relatório da comissão exploradora do Planalto Central do Brasil, 1947. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/344>. Acesso em: 24 de junho de 2024.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 117-136, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100009>. Acesso em: 28 de junho de 2024.



DICIONÁRIO DE LÍNGUA PORTUGUESA. Coordenação de Izabel Cristina de Melo Rodrigues. São Paulo: Bicho Esperto, 2012.

GOMES, I. F. O. Planaltina, DF: uma história de turismo perdida no tempo. Repositório UNB, Brasília, 2018. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/21796/1/2018\\_IsabelaFigueiredoDeOliveiraGomes\\_tcc.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/21796/1/2018_IsabelaFigueiredoDeOliveiraGomes_tcc.pdf). Acesso em: 20 de junho de 2024.

GONGALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. Lugar de negro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

HERSCHAMANN, Micael. O funk e o hip hop invadem a cena. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005. Disponível em: <https://editora.ufrj.br/wp-content/uploads/2023/08/O-funk-e-o-hip-hop.pdf>. Acesso em: 20 de junho de 2024.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano; tradução Jess Oliveira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MACHADO, Ana Brasil e SANTOS, Mariana Oliveira. O arrastão vai à praia: gentes, redes e visibilidade no balneário carioca. Confins, n. 07, jun. 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/18302?lang=pt>. Acesso em: 17 de junho de 2024.

MARTINS, Anamaria de Aragão Costa. Ruas de Planaltina. Coordenadora do Inventário do Patrimônio Cultural de Planaltina. Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal, 1996.



MATA, Wylcher Cruzeiro da. A Produção do Espaço Urbano no Distrito Federal: Da Construção de Brasília à Expansão Urbana de Planaltina/DF - O Viés Histórico-Social. Dissertação - UNB, Brasília, 2014.

MATOS, Romulo. Violência policial em favelas e cortiços do Rio de Janeiro na Primeira República. O Social em Questão, vol. 1, n. 53, 2022, maio-jul., p. 11-34. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552270452002>. Acesso em: 27 de junho de 2024.

MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. Lisboa: Antígona, 2014.

MIZRAHI, Mylene. Funk é cultura?: arte, racismo e nação na criminalização de um ritmo musical. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 40-59, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>. Acesso em: 1 de julho de 2024.

MOREIRA, Camila Spindula. Composições de violência: periferia, cidadania, política e identidades no rap Planaltina, DF – 1980 a 2013. Brasília, 2013. Disponível em: [https://btdt.ibict.br/vufind/Record/UNB\\_d74be20aea9f1fb3ba4f94c38f2b18b7](https://btdt.ibict.br/vufind/Record/UNB_d74be20aea9f1fb3ba4f94c38f2b18b7). Acesso em: 4 de julho de 2024.

MORETZSOH, Sylvia. O caso Tim Lopes: o mito da “mídia cidadã”. UFF, Rio de Janeiro, 2003.

NONA, DJ. Bailes das antigas: bons tempos de Planaltina-DF. Disponível em: <https://conexaoradicalclub.blogspot.com/2012/05/normal-0-21-false-false-false-pt-br-x.html>. Acesso em: 9 de julho de 2024.

PIMENTEL, Guilherme. A outra face das UPPs. Boletim do Mandato, 06 de junho de 2010. Disponível em:



[https://homologacao.wikifavelas.com.br/index.php?title=A\\_outra\\_face\\_das\\_UPPs\\_\(artigo\)](https://homologacao.wikifavelas.com.br/index.php?title=A_outra_face_das_UPPs_(artigo)). Acesso em: 3 de julho de 2024.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Biblioteca Virtual Clacso, Buenos Aires, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/wbtt55LdndtrwkvRN5vqb/?format=pdf>. Acesso em: 2 de julho de 2024.

OLIVEIRA, Ederson Gomes de. Patrimônio histórico e cultural de Planaltina (DF): Memória e identidade social. Jundiaí, Paco Editorial: 2015.

OLIVEIRA, Maria Eduarda Guedes. Populismo, Patrimonialismo e o Governo Roriz. Monografia – UNB, Brasília, 2023.

RAMOS, Paulo César, SANTOS, Jaqueline Lima, BRAGA, Victoria Lustosa e HABERMANN, Willian. Periferias no Plural. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2023.

VIANNA, HERMANO. O mundo funk carioca. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editos, 1988.

SAID, Edward W. Cultura e imperialismo; tradução Denise Bottmann. 1º edição. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

SEVCENKO, Nicolau. A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

SOARES, V. F. Corpos brancos, música negra: uma tentativa de definição de que negra é essa cantada por Valesca Popozuda. CEFET/RJ, Rio de Janeiro, 2016.



Disponível em: [https://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/72\\_Viviane%20Faria%20Soares.pdf](https://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/72_Viviane%20Faria%20Soares.pdf). Acesso em: 27 de abril de 2023.

Sugestão nº 17, de 2017. Senado Federal, 2017. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/129233>. Acesso em: 22 de agosto de 2024.

TROTTA, Felipe da Costa. O Funk no Brasil Contemporâneo: Uma música que incomoda. *Latin American Research Review*, v. 51, n. 4, pp. 86-101, 2016. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/639906>. Acesso em: 10 de junho de 2024.

Canções:

AMILCKA e CHOCOLATE. Som de Preto. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://youtu.be/Z4aai7Bj2NY?si=zbL8rRgt3S2fL4uo> . Acesso em: 09 de julho de 2024.

CIDINHO e DOCA. Cidade de Deus. Rio de Janeiro, 1995. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NKhPBBO7oxk>. Acesso em: 6 de julho de 2024.

CIDINHO e DOCA. Meus direitos. Rio de Janeiro, 1995. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Lf\\_Gzb5SjpQ](https://www.youtube.com/watch?v=Lf_Gzb5SjpQ). Acesso em: 25 de junho de 2024.

CLAUDINHO e BUCHECHA. Nosso sonho. Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=pB\\_9IHBT2U8](https://www.youtube.com/watch?v=pB_9IHBT2U8). Acesso em: 5 de julho de 2024.



CLAUDINHO e BUCHECHA. Paz. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ekxIXGgvoPM>. Acesso em: 7 de julho de 2024.

TATI QUEBRA-BARRACO; YURI, Yuri Juventude. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LNm4DPt76KE>. Acesso em: 17 de junho de 2024.

## **8 Agradecimentos**

Não poderia iniciar esta seção de agradecimentos sem, primeiramente, expressar minha imensa gratidão à minha orientadora, Prof. Dra. Layra de Sousa Cruz Sarmiento. Sua dedicação, paciência e inspiração foram fundamentais para que eu acreditasse na possibilidade de realizar algo tão grandioso. Obrigada por embarcar comigo nesta jornada árdua e inovadora, e por ter sido a primeira a apoiar minha pesquisa.

Também dedico este trabalho e meu profundo reconhecimento às historiadoras Prof. Me. Camila Christina de Aragão Tavares e Prof. Me. Joana Rios Ribeiro Maia Carbonesi. Suas contribuições, incentivos e exemplos me guiaram durante todo o processo.

Sou imensamente grata ao Programa de Iniciação Científica (PIBIC) do Centro Universitário do Distrito Federal (UDF) e à Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF). A bolsa recebida foi essencial para minha permanência no curso de História, aliviando um dos grandes desafios que enfrento como estudante.

Gostaria de agradecer profundamente à expressão cultural Funk e ao movimento Hip-Hop, que impactaram de forma decisiva a minha vivência como uma pessoa periférica. Esses movimentos me ensinaram a resistir, sonhar e transformar minha realidade, moldando muito do que sou hoje e inspirando este trabalho.

Agradeço, com um coração repleto de gratidão, a todas as pessoas entrevistadas que contribuíram para esta pesquisa. Suas histórias, generosidade e perspectivas tornaram este trabalho possível e extremamente rico.



Minha sincera gratidão vai também às minhas terapeutas, Daniela e Aline, que foram um farol em meio à escuridão do episódio depressivo intenso que enfrentei. Obrigada por me ajudarem a encontrar forças para seguir em frente, mesmo quando parecia impossível.

Aos meus familiares, meu alicerce e motivo de tanto orgulho. Sou filha de raízes nordestinas que carregam histórias de luta e resiliência. Meus avós enfrentaram desafios imensos para criar meus pais, e meus pais batalharam incansavelmente para me criar em meio a dificuldades. Este trabalho também é para vocês, que me ensinaram a ser forte, resiliente e a valorizar minhas origens. Muito obrigada, vó Pedro, vovó Maria e vó Ranulfa, carinhosamente chamada de Dona Noca, jamais me esquecerei de onde vim.

Agradeço a Deus, que me capacitou e me sustentou durante os momentos mais difíceis, renovando minha fé e minha força a cada dia, colocando anjos durante todo esse percurso.

E agradeço a mim mesma, por não ter desistido, por continuar em pé diante das tempestades, e por acreditar que o impossível pode ser alcançado. Pedro, meu melhor amigo e adorável namorado, minha gratidão eterna a você, que esteve ao meu lado quando tudo parecia desmoronar. Com você, acredito que somos invencíveis.

Não posso deixar de expressar minha gratidão à cidade que me viu nascer e crescer: Planaltina-DF. É nas ruas, histórias e vivências dessa cidade que encontrei a inspiração para este artigo. Planaltina, com sua riqueza cultural e desafios, me ensinou sobre resistência, coletividade e a força que emerge das periferias. Este trabalho é também uma homenagem a todos que, como eu, carregam no peito o orgulho de serem moldados por esse lugar tão singular.

Por fim, carrego comigo duas certezas: hoje sou maior do que fui ontem e menor do que serei amanhã. Este é apenas o começo, e sei que o futuro reserva coisas ainda mais grandiosas.





## **A PSICOTERAPIA INDIVIDUAL E EM GRUPO ENTRE PESSOAS QUE SE IDENTIFICAM ENQUANTO HOMENS**

### ***INDIVIDUAL AND GROUP PSYCHOTHERAPY AMONG PEOPLE WHO IDENTIFY AS MEN***

RAFAEL GONÇALVES DE SANTANA E SILVA<sup>1</sup>  
OLGA MARIA PIMENTEL JACOBINA<sup>2</sup>

#### **RESUMO**

O patriarcado e a história da dominação em nosso continente são marcos de violência, exploração e demarcação de gênero, étnica e territorial das relações. Esse artigo tem como objetivo sistematizar, relatar e discutir o processo de intervenção clínica em psicoterapia individual e em grupo no atendimento a homens, a qual tem autorização dos participantes para publicação. A partir da estrutura do psicodrama e de exercícios corporais de referência reichiana/core energetics para mobilização de energia corporal, possibilitou-se um maior contato com os complexos psíquicos, integrando-os à consciência. A psicologia sócio histórica guiou a leitura crítica e o referencial existencial buscou criar um campo de abertura, compreensão e convite à responsabilidade das questões dos participantes. A análise da experiência aponta a necessidade de desenvolver e fortalecer espaços de escuta empática e clínica, também via as políticas públicas, apoiando pessoas que se identificam enquanto homens em seus processos, auxiliando-os na tomada de consciência dos mecanismos e padrões que promovem sofrimento psíquico e comportamentos não saudáveis. Assim como dimensões sensíveis, camufladas, fortes, rotuladas e em transição, que em encontros de intimidade com outros homens criam lugar potente de exame, partilha, ação e análise crítica no mundo de suas histórias.

**Palavras-chave:** Saúde mental; Equidade; Gênero; Masculinidades.

#### **ABSTRACT**

Patriarchy and the history of domination on our continent are landmarks of violence, exploitation and gender, ethnic and territorial demarcation of relationships. This article aims to systematize, report and discuss the process of clinical intervention in individual and group psychotherapy in the care of men, which has permission from the participants for publication. Using the structure of psychodrama and body exercises based on Reichian reference/core energetics to mobilize body energy,

---

<sup>1</sup> Professor do Curso de Psicologia da UDF. Mestre em Saúde.

<sup>2</sup> Psicóloga; Pós-Doutora pelo Centre for Addiction and Mental Health/Universidade de Toronto. Dra. em Psic. Clínica e Cultura – UnB.



greater contact with psychic complexes was made possible, integrating them into consciousness. Socio-historical psychology guided the critical reading and the existential framework sought to create a field of openness, understanding and invitation to take responsibility for the participants' issues. The analysis of the experience highlights the need to develop and strengthen spaces for empathetic and clinical listening, also via public policies, supporting people who identify as men in their processes, helping them to become aware of the mechanisms and patterns that promote psychological suffering and unhealthy behaviors. As well as sensitive, camouflaged, strong, labeled and transitional dimensions, which in intimate encounters with other men create a powerful place for examination, sharing, action and critical analysis in the world of their stories.

**Keywords:** Mental health; Equity; Gender; Masculinities.

No contexto recente da reabertura democrática dos países latino-americanos, os valores da masculinidade hegemônica ficaram mais escondidos, possibilitando manifestações de outras formas de masculinidades. Diferente de períodos anteriores, de ditaduras militares - marcados pela violência, intolerância e agressividade dilacerantes de supostos opositores. No período democrático, foram possíveis diversos avanços nos direitos das mulheres e das pessoas LGBTQIAPN+, com pautas que questionam os papéis de gênero inflexíveis. Nesse período, governos de composição priorizaram políticas de bem-estar social e conciliatórias (Rios, 2022; Gurgel & Justen, 2021).

Porém, nos últimos anos tem se observado uma nova ascensão de movimentos de extrema direita e conservadorismo no mundo. As tentativas de governos progressistas na América Latina foram sucedidas ou interrompidas, a exemplo o Golpe no Brasil, em 2016, por governos neoliberais conservadores, com forte fundamentalismo religioso, que levou a um cenário de instabilidade política e fragilidade democrática. Ainda hoje com a retomada de conjunturas democráticas nas américas, vive-se um contexto de instabilidade democrática e



climática mundial.

O conservadorismo é uma estratégia de manutenção de poderes e privilégios da classe dominante, que pode ser assimilada ideologicamente pela classe dominada (Silva, 2020). As questões de gênero são fundamentadas no patriarcado, sistema social de dominação masculina histórica sobre as mulheres, que configura um modo hierárquico de relação, que atravessa toda a sociedade (Saffioti, 2015). Contra a diversidade sexual, a equidade de gênero e a ampliação da concepção de família alguns segmentos conservadores e de direita buscam conservar a dominação masculina através da propagação de valores que constroem uma masculinidade embasada na força, na beligerância, na virilidade, no papel ativo e dominador do homem, entre outros elementos que disputam pela hegemonia com outras diversas possibilidades de expressão da masculinidade. Dimensões que neste artigo serão atribuídas à masculinidade hegemônica (Connell & Messerschmidt, 2013).

Para estes segmentos, a concepção de família se baseia em uma definição exclusivamente heterossexual de matrimônio, na qual crianças e mulheres são supervisionadas pelo homem, chefe da família. Além disso, estes movimentos conservadores defendem uma ordem sexual baseada na moralidade cristã, na rigidez legal e no caráter procriador do sexo. A definição do ato sexual por seu fim reprodutivo se estabelece em oposição à autonomia e ao significativo exercício do prazer (Biroli et al., 2020).

O cenário atual no Distrito Federal é marcado por uma realidade desafiadora, onde se observa aumento no número de casos de feminicídios e um



maior registro de casos de violência contra a mulher. Também o ressurgimento da extrema direita em muitos lugares do mundo, integra os movimentos sociais aqui nessa região do país e influencia os processos e as relações familiares. Foram registrados no Brasil 1.463 feminicídios em 2023, uma alta de 1,6% em relação ao ano de 2022, segundo Fórum de Segurança Pública (2024), que também evidencia em outra pesquisa do Fórum de Segurança Pública (2023), a correlação entre o crescimento do ultraconservadorismo e da violência contra a mulher. No entanto, é importante reconhecer que as opiniões sobre essas questões variam amplamente dentro das correntes conservadoras e religiosas, e nem todos os indivíduos que se identificam com essas correntes compartilham as mesmas visões. O debate sobre a definição de família e sexualidade é complexo e está em constante disputa à medida que a sociedade enfrenta novos desafios e perspectivas.

As políticas de Promoção da Equidade em Saúde no Brasil, foram importantes construções estatais com o objetivo comum de reconhecer que existem iniquidades que atingem principalmente determinados grupos populacionais e os deixam em condições de vulnerabilidade social, inclusive no que diz respeito às condições de saúde.

Neste entendimento, o conceito de equidade leva em consideração que as pessoas são diferentes e têm necessidades diversas e assim devem ser tratadas para que se possa alcançar um patamar de igualdade (Pereira, 2008). Equidade e iniquidade são conceitos políticos que expressam um compromisso moral com a justiça social. Em geral, o princípio de equidade tem sido operacionalizado em



duas principais dimensões: condições de saúde e acesso e utilização dos serviços de saúde. Portanto, políticas equitativas constituem uma estratégia para se alcançar a igualdade. Desta forma, entende-se iniquidades em saúde como condições de desigualdades persistentes, porém sujeitas a mudanças.

A masculinidade hegemônica continua ocupando o topo da hierarquia entre as diferentes formas de masculinidade. Apesar do avanço em direção à maior visibilidade das diversas expressões de masculinidades, as mudanças nas estruturas parecem acontecer de forma lenta. A hegemonia não depende necessariamente de uma imposição violenta, mas é mantida pela cultura, pela centralidade discursiva, pelas instituições, pela persuasão e pela deslegitimação ou marginalização de alternativas (Connell & Messerschmidt, 2013). A Organização Panamericana de Saúde (PAHO, 2022) observa que as expectativas de gênero impostas sobre homens ocidentais contribuem para comportamentos de risco, falta de autocuidado e negligência em relação à saúde física e mental, resultando em uma redução na expectativa de vida da população masculina e expondo mulheres e crianças à violência.

As políticas públicas, como a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem - PNAISH (Brasil, 2009), podem ser instrumentos de transformação dessa realidade. Elas têm o potencial de envolver a participação social na construção das masculinidades e compreender suas implicações para a saúde dos indivíduos ao longo da história e em diferentes contextos. A PNAISH, como uma estratégia do Sistema Único de Saúde (SUS), visa promover a equidade de gênero na saúde, reconhecendo a importância das construções sociais das diferenças sexuais e raciais



na determinação dos padrões de morbimortalidade de homens e mulheres.

De acordo com Instituto Promundo (2014), as configurações familiares estão passando por mudanças significativas. Há uma tendência de aumento das uniões estáveis em detrimento dos casamentos formais, bem como um maior controle reprodutivo e famílias com menos filhos. As estruturas familiares agora podem incluir diferentes arranjos, como famílias monoparentais, famílias com duas mães ou dois pais, entre outros. Paralelamente, as relações de gênero também estão evoluindo, com mais mulheres ingressando no mercado de trabalho remunerado e assumindo o papel de "chefes de família". Tendências que se mantêm, segundo dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2022). Em alguns países, estão sendo criadas legislações para promover a igualdade de direitos entre homens e mulheres. No entanto, a violência contra as mulheres persiste em muitas partes do mundo, destacando a necessidade contínua de enfrentamento desse problema.

No que se refere às crianças, embora haja melhorias na sua expectativa de vida e no acesso à educação em geral, ainda existem crianças em todo o mundo que são vítimas de violência em diferentes contextos, como em suas casas, comunidades, escolas e instituições. Este é um desafio global que requer uma abordagem coordenada e comprometida para garantir o bem-estar e a proteção das crianças em todas as esferas da vida. Assim, mesmo que se identifique movimentos sociais em direção a uma mudança para qualificar o exercício da paternidade na América Latina, a partir de ações de sujeitos e organizações nestes territórios, muito ainda há por fazer em direção à equidade. Mobilizados por



diversos fatores, dentre eles, as contribuições das ondas dos movimentos feministas, com importante atuação do movimento feminista negro, os movimentos de homens se organizam integrando forças a essa necessária transformação social (Conrado, 2017). A construção da história não é linear e diversos processos levam a situações e desdobramentos diferentes. Logo, é muito importante organizar-se em torno das perspectivas que se entende por pertinente fortalecer.

Instituições comprometidas com a equidade de gênero desenvolvem inúmeras ações de pesquisa, socioeducação e mobilização há algumas décadas no Brasil, na América Latina e no mundo, como por exemplo: ManEngage, Instituto PAPAI, Núcleo GEMA e MAGENS, Instituto ProMundo, Rede de Comunicação “Papo de Homem”, dentre outras. Assim sendo, já é possível se falar de uma grande rede no Brasil empenhada em refletir sobre esta temática e criar espaço de diálogo com pessoas que se identificam enquanto homens. No Distrito Federal, alguns grupos regulares, que adotaram a estratégia de se articular via o movimento denominado, Homens em Conexão, que também se configuram enquanto rede, além de figurarem como um espaço de encontro e fortalecimento de práticas e reflexões conscientes entre pessoas que se identificam enquanto homens. E recentemente, também foi construído um Grupo de Trabalho em equidade de gênero, saúde mental e masculinidades no contexto da União Latino Americana de Entidades de Psicologia da América Latina (ULAPSI), na perspectiva de integrar as práticas e vivenciais ao exercício da pesquisa e gerar transformação social. Dessa forma, o objetivo desse artigo é apresentar intervenções possíveis na prática clínica psicológica individual e grupal entre homens, numa perspectiva de



construção de um cuidado pautado em uma saúde integral, conectada com as transformações sociais.

No entanto, para a psicologia europeia, segundo Pavón-Cuéllar (2021), os povos latino americanos podem ser apenas uma parte, uma compreensão que foge do padrão e por isso, é colocada à parte, correndo grande risco de ser patologizado pelo profissional da psicologia, que o venha a atender/assistir, por não conseguir ser categorizado em uma psicologia de forte influência europeia ou norte americana. E ao olhar para as masculinidades nesse contexto e território específico é fundamental reconhecer essa diversidade e se colocar no lugar de quem aprende com ela, indo além dos padrões e referências importadas. Pois aqui neste continente se forjam diversas formas de se expressar singularidades, onde o profissional de psicologia precisa trabalhar o olhar.

### **Descrição da Intervenção**

A interpretação da conjuntura crítica no que se refere à prática liberal da psicoterapia no Brasil, concentrada em capitais e configurada em acesso restrito apenas a pessoas que pudessem investir financeiramente nesse importante e necessário espaço de cuidado clínico individual e/ou coletivo, orientou a escolha inicial do terapeuta pela atuação junto às políticas públicas de saúde e assistência social. Nesses locais, foi possível exercer a clínica ampliada (Costa, 2005) e a prática permanente de processos pedagógicos na escuta qualificada, integrada à articulação de redes e promovendo espaços de cuidados significativos. Inclusive com a população





em maior situação de vulnerabilidade social, que é fortemente atravessada por recortes de raça, gênero e condição econômica, que marca situações expressivas de sua condição social. Espaços muito potentes de aprendizagem sobre o cuidado e necessidade do exercício de compreensão para com a pessoa humana.

Contudo, um momento de crise no país, o golpe de 2016, foi instrumento mobilizador suficiente para reconhecer na clínica liberal, um lugar alternativo à sustentação da vida. Ensinou que é valiosa a dedicação conectada com o fortalecimento das políticas públicas, porém, era necessário encontrar novos caminhos de desenvolvimento do cuidado e de ampliação das estratégias de sustentabilidade. Em Brasília, no significativo cerrado do planalto central, já se moviam há mais de duas décadas agrupamentos de pessoas que se identificam, enquanto homens, por exemplo, o grupo os Lobos do Cerrado. Agrupando-se para refletir suas condições e encontrar coletivamente formas entendidas como saudáveis e autênticas no lidar com a realidade; em suas relações com as pessoas, as coisas e o mundo.

Nos últimos nove anos, essa experiência foi ganhando evidência e tecendo diversas redes de cuidado em formas diferentes no fazer, construindo um cenário diverso de acolhimento a pessoas que se identificam enquanto homens. Contexto atravessado por muitos recortes, com destaque aparente de ser um movimento social predominantemente composto por pessoas de pele branca e de classe social trabalhadora em condição privilegiada, via a ascensão pelo serviço público. Assim, surgiu o movimento Homens em Conexão, uma estratégia que objetiva articular grupos de pessoas que se identificam enquanto homens para contribuir para



construção de uma linguagem criativa, que potencialize a conexão consciente entre homens. E que tem sua influência metodológica de encontros referenciada no movimento de homens na Austrália, o (Mens Wellbeing, 2024, 05 de janeiro).

Paralelo a esse movimento, o consultório na modalidade de atendimento individual foi aos poucos se movimentando e ganhando espaço de centralidade de trabalho. A princípio, com uma predominância de procura por pessoas que se identificam como mulheres. Mas, depois associada ao engajamento e participação no movimento das masculinidades no Distrito Federal, o trabalho psicoterápico na clínica individual foi se concentrando predominantemente com as pessoas que se identificam enquanto homens. Principalmente, quando a prática clínica em grupo passou também a propiciar a condução de um trabalho psicoterápico grupal, com o foco em pessoas que se identificam enquanto homens.

Este trabalho ao longo de quase dez anos foi tomando diversos formatos e composições. Contando com a parceria de alguns importantes colegas psicoterapeutas, que juntos propiciaram a experimentação, a cada edição, de novos recortes temáticos, intencionalidades e composições, dialogando com a energia dos participantes a cada novo ciclo. Já na primeira elaboração, ganhou o nome de “Masculinities: educação, comunicação e cuidado entre homens - Mecc”, o ponto de aglutinação, sistematização e síntese de diversas experiências. Um pequeno grupo de pessoas que se identificam enquanto homens, que estavam experimentando e propondo caminhos de educação, comunicação e cuidado junto a si e a outros sujeitos, comprometidos dentro de suas limitações a criar espaços de promoção de equidade de gênero, via o trabalho com esse público em territórios periféricos e



centrais. E assim, conseguiu-se ter pequenas atuações no território nacional a partir de algumas parcerias institucionais.

Desta forma, o exercício crítico e limitado dessa intervenção considera dimensões de atendimentos individuais no consultório e a prática coletiva para dialogar com as categorias escolhidas para este trabalho. No consultório, a dinâmica sempre foi semanal, com pequenas exceções. No trabalho em grupo, buscou-se aprender com a experiência do trabalho, observando a sua construção histórica para tomada de decisões sobre a organização do formato temporal, espacial e metodológico. Nesta trajetória vivencial, ao longo de quase 10 anos, foi-se experimentado diversos caminhos: semanais ou quinzenais, encontros abertos e/ou fechados, onlines e/ou presenciais, anual ou semestral, dialogando com a conjuntura de cada momento e aprendendo com a rede de grupos de homens no Distrito Federal. Para citar alguns: Homens Essenciais, Casa dos Homens, Diamante Brutos, Guerreiros do Coração etc. Os atendimentos individuais duravam em média 50 minutos, o grupo em média duas horas de encontro. E nos dois espaços, buscou-se, na maioria das vezes, seguir o mesmo percurso dos encontros: abertura/aquecimento, aquecimento, aprofundamento de questões, reflexões e ritual de encerramento. Assim, permitindo-se influenciar pelo formato sistematizado do Psicodrama, no desenvolvimento das sessões. Na experiência clínica, observa-se o trabalho se desenvolvendo nessa estrutura, agregando outras formas de linguagem e mobilização da circulação das narrativas emocionalmente integradas (Fernandes et al., 2021).

Na última edição do grupo, no ano de 2023, firmou-se uma dinâmica de encontros quinzenais. Com início em março, sendo os dois primeiros encontros



abertos para que os novos membros candidatos pudessem conhecer o caminho e a proposta do trabalho. Após essa etapa, foi apresentado o acordo terapêutico e os participantes foram convidados a decidir se optam por fazer o trabalho anual. Firmar o compromisso de percorrer um período junto tem uma caráter pedagógico e clínico significativo na construção dos participantes enquanto grupo, que se percebe como parte de uma sociedade, que se quer reconhecer, compreender e trabalhar sua sempre permanente e impermanente forma de seguir (Pasqualini et al., 2021). Este exercício de sistematização e partilha são importantes para a organização, cultivo e desenvolvimento deste referido trabalho. Os participantes da intervenção clínica em psicoterapia individual e em grupo autorizaram a publicação da experiência.

### Sistematização da Intervenção

<b>Etapa</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Ações</b>
Análise de conjuntura	Identificar no contexto, processos e ações que possibilitaram a existência dessa intervenção.	-Leitura e estudo sobre o tema e questões circundantes; - aproximação de grupos comuns e articulação em rede.
Diálogo com as Políticas Públicas e ações desenvolvidas pelo Estado e Organizações da Sociedade Civil na América Latina	Conhecer e ser parte das ações da clínica do cuidado da equidade e das masculinidades em suas diversas expressões nacionais e latinoamericanas.	- Articulação com as ações das políticas públicas de saúde e assistência social; - desenvolvimento de ações junto a grupos e redes das masculinidades; - leitura das produções científicas das organizações da sociedade civil.



Novos movimentos de cuidado	Reconhecer os movimentos emergentes da prática profissional em conexão com as necessidades conjunturais.	- Reconhecimento das práticas existentes; - contato com as abordagens teóricas potencializadoras da prática clínica; - incorporação de práticas corporais e de fortalecimento da consciência.
Integração entre intervenção individual e grupal	Evidenciar a conexão na intencionalidade do cuidar e da construção do mundo ao redor entre a clínica individual e coletiva.	- Demanda de cuidado clínico individual evidenciado nos processos grupais; - contribuição das abordagens técnicas e teóricas nos processos da clínica individual e coletiva.
Sistematização e implementação da prática terapêutica	Organizar e trazer evidência para o caminho clínico percorrido, para contribuir com a promoção da equidade.	- Exercício contínuo da prática clínica na dimensão individual e coletiva; - organização da narrativa sobre a experiência.

### **Discussão e Análise da Experiência**

O exercício de reflexão e ação referente à vida da clínica psicológica em seus formatos individuais e coletivos, foi central no trabalho de intervenção aqui apresentado, o qual articula-se com conjunturas que se mostraram importantes. Dimensões como, a epistemologia da clínica psicológica decolonial; a condição humana de se encontrar como um ser constituído de uma estrutura corporal, que para existir tem inúmeras especificidades físicas, biológicas, estruturais entre outras que desafiam a sustentação da vida cotidianamente foram marcantes.

Destacam-se as expressões força e violência vinculadas à construção patriarcal e outras composições com o machismo estruturante, justificadas em



sensações e percepções de injustiça, medo e insegurança diante dos desafios da vida, as quais pautam o exercício do cuidado e da observação com veemência, mas que, historicamente, as pessoas que se identificam enquanto homens, em sua maioria, não são educadas a integrar em seu cotidiano a sustentação do cuidado. Nessa possível ausência de cuidado de si, da companheira, dos filhos, mobiliza-se a atenção ao exercício da paternidade. Identifica-se na prática clínica individual e grupal o valor de ter um lugar de confiança para trabalhar as questões que os atravessam, onde é possível o acolhimento às dimensões sensíveis de cada experiência humana, em uma postura de respeito a cada realidade, integrada à necessária criticidade.

Desde seus primórdios, a ciência psicológica enfrenta o desafio de ser um campo de conhecimento fragmentado, no qual os pesquisadores constantemente buscam definir seu objeto de estudo. Nesse embate, diferentes abordagens foram sendo desenhadas para lidar com as questões sociais emergentes em cada momento histórico (Vigotski, 2023/1925). Essas abordagens refletem diferentes formas de conceber a realidade e os sujeitos, moldando, assim, sua base epistemológica (Figueiredo, 2014). No entanto, a amplitude e a legitimidade conferidas a essa diversidade de abordagens no campo científico são desiguais, evidenciando, até os dias atuais, uma disputa inerente ao próprio campo (Bourdieu, 1976). Essa disputa se manifesta nas nuances da formação em psicologia, na prática profissional e, especialmente, na maneira como o conhecimento em psicologia é produzido.

A decolonialidade surge então como movimento contra hegemônico que comprova a disputa inerente ao campo científico a partir do momento que vislumbra o rompimento com a dominação intelectual promovida pela tradição de pensamento europeu. Os processos de colonização não apenas influenciaram a forma como profissionais lidam com o conhecimento enquanto objeto, mas como a própria noção de conhecimento foi e segue sendo formada através dele, através da 'colonialidade do saber' (Quijano, 2005). Isto leva ao conceito de giro decolonial, um movimento de resgate e criação, de conhecimento, de formas de vida que foram e são suprimidas pela colonialidade do saber, ao colocar as existências de países da América Latina, África e Sul Asiático, como subalternizadas, 'outrorizadas'. Dessa forma, as teorias decoloniais são um movimento de construção de novas epistemologias a partir da



negação do poder do outro sobre si.

É nesta perspectiva que se organiza essa intervenção no contexto das masculinidades, olhando para sua manifestação de forma plural, viabilizando meios de transcender sua dimensão hegemônica de dominação, opressão e violência. Assim, Pavón-Cuéllar (2021) convoca a centrar foco nas próprias contradições. Afirmando que é necessário contribuir para construir um campo de luta decolonial, investigando com coerência as próprias estratégias de exclusão em meio às tradições culturais coexistentes. Chamando atenção ao ainda imperante caráter europeu da concepção psicológica de sujeito. "Precisamos, portanto, considerar seriamente a relação da virada decolonial com a nossa condição pós-colonial e com uma luta anticolonial." (Pavón-Cuéllar, 2021, p.98).

É compreensível o fato da herança das marcas subjetivas coloniais tornarem-se invisíveis no pós-colonialismo, porque elas se confundem com o que se é no presente. Na psicologia, as classificações fragmentadas dos corpos, da comunidade e ensimesmadas na individualidade, faz identificar-se com alguns aspectos da subjetividade europeia. Afinal, eles colonizaram este território, os sujeitos daqui são parte desta e de outras histórias/lugares. Destaca-se as influências africanas e as dos povos que aqui viviam antes deste continente ser América: Maias, Nahuas, Guarani, Guna entre outros. Uma subjetividade complexa, mestiça, multifacetada e diversa, que não tem categoria de análise que caiba nas escolas tradicionais da psicologia europeia e nem norte americana. (Pavón-Cuéllar, 2021).

Arrisca-se a afirmar que a maioria dos homens que estão no processo psicoterapêutico, seja individual ou coletivo, o faz mobilizado inicialmente pressionado por uma situação da vida, que não está sendo possível cuidar. E nesse contexto, a depender do momento do percurso de cada participante, as primeiras sessões e até a participação no grupo, apresentam posturas consideradas de resistência. O que faz o trabalho clínico em sua predominância, focar na construção de vínculo, confiança e aliança terapêutica para envolvimento necessário no processo.

Segundo Pierrakos (2006), o primeiro passo do trabalho clínico é se disponibilizar a observar e se abrir a perceber, que dimensão presente em cada cliente, toca o terapeuta em uma questão significativa, que potencializa a energia



vibracional e doa energia para o trabalho. Nesse contexto, a intenção tem sido uma fonte de energia valiosa para o processo. Quando se integram dimensões potentes entre cliente e terapeuta, assim como entre os integrantes dos grupos é possível a percepção de um campo potente de força capaz de trabalhar as resistências e demais dimensões da psique, que são obstáculo no processo de desenvolvimento do ser, que pode ser valioso construtor da equidade.

Embora haja um crescente reconhecimento do papel importante que os homens desempenham no cuidado das crianças, na saúde materno-infantil e na saúde sexual e reprodutiva, muito ainda tem a crença de que a mulher deve ter a maior responsabilidade na reprodução, cuidado e tarefas domésticas. Certamente, as mulheres precisam ter o direito de determinar quando ter filhos, ter acesso a serviços de saúde de qualidade e conquistar a independência econômica, mas os homens também precisam ser envolvidos como aliados no apoio ao acesso das mulheres aos serviços e à capacidade de trabalhar fora de casa. Para desenvolver as bases de uma divisão mais equitativa na prestação de cuidados, é fundamental encorajar os homens a assumirem a mesma responsabilidade para criar filhos e filhas sem violência, e contribuir de forma mais equânime no trabalho doméstico e nas questões de saúde sexual e reprodutiva.

Observar e analisar amplamente o contexto que atravessa a clínica, em seus diversos recortes sociais, de gênero e raça, tem mostrado-se importante para organizar a prática terapêutica conectada com o contexto de onde acontece. Assim, tem se aprendido que ao acolher uma pessoa no consultório ou em um grupo psicoterapêutico, é necessário se abrir à experiência e ao fenômeno para conhecer, compreender e cuidar para além das preconcepções do terapeuta. Ao fazer isso, pode-se criar espaço para a construção de confiança na relação, possibilitando oportunidade de caminhada, com lugar para análise crítica e conjunta da realidade (Santos, 2021). O que atravessa os presentes e convida a partilhar a vida e se posicionar a partir de si, tentando se conectar com o que percebe sentir em sua experiência de sentido para com o mundo (si mesmo, o outro e com tudo que se relaciona ao redor). Escutar primeiro e caminhar juntos têm se mostrado instrumentos valiosos de transformação da realidade via a cocriação de novos repertórios





existenciais.

Nos atendimentos individuais e nas vivências grupais, exercícios de respiração, movimentação corporal e diálogo intencionado sobre os acontecimentos da vida, ou a partir das diversas experimentações componentes do método organizado a cada encontro, foram instrumentos integradores da experiência e estratégias centrais na sustentação do processo, auxiliando a ampliação da percepção das tensões e alívios.

Do ponto de vista fisiológico, todo movimento corporal envolve tensão, que acontece graças à relação entre contração e relaxamento dos músculos. Desse modo, há sempre uma contração/tensão em todo movimento corporal, que se faz. Seja voluntário ou involuntário: batimento cardíaco, beber água, caminhar etc. Entretanto, na vivência histórica, são desenvolvidas adaptações em situações físicas, mentais e emocionais mediante situação de estresse ou perigo, que se organizam como bloqueios crônicos, possam se configurar como estados de hipo (flacidez) e hipertonia (rigidez) (Aguiar, 2019).

Nas pessoas que se identificam enquanto homens, participantes nesta experiência, se destaca mais as situações de hipertonia. Conectados pela vivência de ter que engolir o choro, de apanhar, de bater, de sentir muito medo, ao ponto de precisar crescer em ira acima do medo para superá-lo. Ou ainda ser o queridinho, o mais amado, o que faz tudo certo para não ser abandonado... Destas e de algumas outras histórias, são estratégias para continuar vivendo, para não deixar de existir e lutar para garantir um lugar onde se possa ser querido ou amado por alguém. Onde ficar sozinho e/ou poder ficar sem fazer nada, não é uma possibilidade aceitável.

Assim, em sintonia com estas e outras constatações, o trabalho convida ao cultivo de um lugar que fala sobre uma experiência conectada com as emoções de quem narra. Em que, sempre que possível, os sujeitos são convidados a se colocarem no grupo ou no atendimento individual, a partir de si, da sua experiência pessoal, tocando/interagindo com os demais elementos circundantes ou com o terapeuta. E a partir da movimentação corporal e da respiração, vai-se criando espaço rotineiro de observação da forma como se encontra no mundo. Qual a sensação corporal? Como pisam os pés? Como se movimentam os braços ao caminhar? Como é experimentar olhar para si, enquanto se movimenta? Como é olhar para o outro, os outros, o



espaço? Como percebe o corpo? Se tem calor, frio, palpitações? Em quais locais no corpo? O que em cada sensação te conta? Não tem nada certo ou errado. Só são feitos convites aos participantes, que tentem observar a respiração, os sentimentos e os pensamentos presentes. Em quais partes do corpo se manifestam estas sensações e quais correlações de sentido são possíveis fazer.

Entre resistência e entrega ainda é muito presente a informação: “tá tranquilo, não percebo nada, não sinto nada agora.” E está tudo certo, nenhum participante precisa se sentir pressionado a se perceber via as diversas dimensões que os sentimentos envolvem. Mas a experiência clínica e a literatura ensinam que é muito importante movimentar, trabalhar e escutar as informações que o corpo guarda e suas relações com os processos de sofrimento psíquico, que as pessoas estão aos poucos identificando e compreendendo caso a caso (Aguiar, 2019).

E cada membro, falando a partir de si no grupo tem oportunidade de partilhar, aprender e se desenvolver conjuntamente, contemplando uma diversidade possível de expressões críticas e/ou acolhedoras. Adentrando dimensões práticas, afetivas e sensíveis, referente à sua relação com o mundo, os gêneros e projetos pessoais e coletivos existentes ou ainda na esfera do devir. Assim como no consultório, as manifestações e movimentações, a cada momento, são uma oportunidade de uma nova escuta sobre si em relação com o mundo, que abre espaço para trabalho e compreensão da própria história, vivendo cada fenômeno conectado com o que é possível. E quando isso ocorre na verdade da consciência de si permite a conexão talvez necessária para fechar e abrir novos ciclos de entender-se no mundo. No trabalho clínico em grupo, habita a potência da fala, que contempla e toca na questão do participante, que ainda não está pronto para falar. E em seu silêncio, elabora o que é possível e aos poucos vai se preparando para conhecer um pouco mais a própria história.

O trabalho conectado com o contexto e também aberto aos dizeres das companheiras, mães e filhas é mobilizado a prestar atenção para crescente prática de feminicídio no país, onde os homens são os principais autores de violência física, simbólica e psicológica, assim como são os mesmos sujeitos mais envolvidos em situações de risco e fatalidade para com outros homens. Esta realidade que entrelaça



violência, acidente, morte costuma ter uma narrativa crente na prática descontrolada, perceptível nos discursos de homens frequentadores de grupos para autores de violência, como reação a uma injustiça, uma revolta, uma violência, uma dor etc (Garcia e Beiras, 2019). Tem-se tentado durante a experiência clínica, acolher toda e qualquer história que precisa de espaço. E o terapeuta e o grupo a cada contexto caminha junto com quem partilha. A tônica é compreender, acolher e cuidar do ser, que precisa caminhar na autocompreensão de si e em sua relação para com o mundo. Logo, cultiva-se possibilidades de ampliação da compreensão sobre a vivência consigo e com as outras pessoas, em um convite a se responsabilizar por sua parte na dimensão dos seus atos em seu contexto de atuação. Assim como as possíveis consequências dos mesmos em cada conjuntura. (Sodelli, 2011).

Alguns sujeitos são impelidos por situações pessoais, sociais entre outras, a apresentarem performances opostas destas expressões dominantes ligadas ao escopo das masculinidades hegemônicas. E aparentam construir um movimento de renúncia à própria força, a identificando como responsável por atos de violência, de forma a não se restringir apenas à dimensão da força física, mas também ao exercício da expressão da vontade, no se posicionar em questões diversas no cotidiano da vida.

A desigualdade de gênero beneficia os homens de maneira geral, mas essa vantagem não é uniformemente distribuída, pois há uma dinâmica entre as masculinidades que são valorizadas e as que são subalternizadas. Segundo Kimmel (1998), certos elementos compõem essa masculinidade valorizada: ser branco, jovem, heterossexual, urbano, do norte global, ter emprego em uma posição de prestígio, estar em um relacionamento com uma mulher, ter educação formal e possuir um determinado tipo de aparência física, incluindo músculos e, implicitamente, a ausência de deficiências. Homens que não se enquadram nessas características provavelmente enfrentam uma autoimagem de inadequação e inferioridade, mesmo que temporariamente. Dessa forma, é possível entender como a construção das masculinidades colonizadas desempenhou um papel significativo na consolidação das masculinidades colonizadoras.

Kilomba (2019) introduz o conceito de "patriarcado racial", destacando a importância dos aspectos étnico-raciais como um marcador significativo na expressão



e nas condições das masculinidades, enfatizando a relevância da raça nas relações de gênero. Este elemento é crucial porque o racismo estabelece condições hierarquicamente distintas entre as masculinidades, resultando na negação aos homens negros dos mesmos benefícios desfrutados pela masculinidade hegemônica branca (Pereira, 2022). Portanto, é essencial que as pesquisas considerem cada vez mais as múltiplas dimensões que influenciam os sujeitos históricos em suas condições socialmente construídas. "É preciso reconhecer que não foram os homens colonizados, e muito menos os homens não brancos de países colonizados, como o Brasil, que definiram e continuam a definir" (Instituto ProMundo, 2021, 4p.).

Na experiência clínica, observa-se uma performance nestes homens em sua dimensão subalternizada, que se mostra como um retirar-se, quase adormecer diante de uma presença feminina ou masculina forte. Ou que se anula diante da expressão de outra força que se apresente em sua frente. Uma forma de ser nas relações, que negue a sua força e potência de realização, como se a sua força fosse algo a ser escondida ou negada. Neste complexo, parece haver uma confusão, na identificação com o ato de violência física ou simbólica a uma mulher ou outra pessoa, com a posse de força física ou de posicionamento existencial. O ato de violência física ou simbólica pode significar mais uma expressão de insegurança e impotência por parte do agressor em lidar com suas emoções, diante de uma situação de conflito ou que contrarie a sua vontade.

Uma ação por vezes desesperada, que precisa a todo custo esconder a sensação de insegurança.

O contato com práticas da psicoterapia corporal de referência neo reichiana, tem apontado caminhos sobre a importância de manifestação desta força e como é valioso para o amadurecimento dos sujeitos se conectar com esse lugar potente, o diferenciando do ato violência física, psicológica ou simbólica. "A violência reprimida, bloqueada nas tensões musculares crônicas das extremidades superiores, deve ser liberada para que os braços reconquistem suas funções naturais de alcançar, pegar e dar. (...) Essa agressividade aparente é, na verdade, uma pseudo-agressividade desenvolvida para proteger a pessoa de fortes sentimentos interiores de fraqueza e desamparo" (Pierrakos, 2006, p.180-181). Homens mais conscientes da sua força,



parecem-nos cada vez menos propensos a cometer atos agressivos físicos e psicológicos, mas não isentos. A violência pode se expressar em diversas conjunturas, por isso, é importante estar atento na ação.

O exercício da paternidade, a relação enquanto filho, com o pai ou a ausência da mesma.

É um tema relevante que aparece na clínica individual e grupal, encharcada de questões e processos imediatos por resolver ou como partilha de uma experiência, que nutre significantes junto aos participantes. Entrecruzando dimensões geracionais em seus lugares de filho e de pai, onde se observa o filho se esforçando para em sua vida reafirmar a forma de cuidado recebida, assim como o exercício contrário, na oferta para si, para o mundo e para os seus filhos, o oposto do que foi recebido.

A valorização da paternidade, diante das implicações sociais consideradas, se tornou uma proposta de política pública voltada para os direitos das crianças e adolescentes, para a equidade de gênero e para a saúde do homem diverso. Uma política voltada para o fortalecimento de vínculos, da afetividade e do amor (Instituto Promundo, 2016). Uma proposta muito necessária, considerando o contexto em observação, pois há uma necessidade de valorizar a paternidade para além do biológico e da função de provedor econômico. A paternidade como ato de afeto, de compromisso com a criança, de compartilhamento com a família e como um aspecto relevante na promoção da saúde do homem e de valorização desse lugar na sociedade.

Estudos recentes (Cruz et al. 2015; Albuquerque, 2020) consideram que o exercício da paternidade pode representar uma âncora de segurança identitária para homens privados e marginalizados de outros signos de prestígio do masculino, como trabalho e renda, afetados pela efemeridade e instabilidade das relações socioafetivas. Com isso, o exercício da paternidade pode representar um fator de proteção e de promoção da saúde. A realidade da paternidade na adolescência, o baixo índice de registro, de participação, os desafios em participar e de expressão das emoções para além da raiva de pessoas que se identificam enquanto homens, entre outros elementos, são contextos potentes para criar esse campo de atuação e pesquisa. E como política estatal, vale destaque a Estratégia do Pré-Natal do



Pai/Parceiro (EPNP) no Sistema Único de Saúde (SUS). Mecanismo que busca engajar pais/parceiros nas ações do planejamento familiar, no acompanhamento do pré-natal, parto e pós-parto de suas parceiras/mães e nos cuidados no desenvolvimento da criança, trazendo como possibilidade real a todos envolvidos uma melhor qualidade de vida e vínculos afetivos saudáveis (BRASIL, 2016).

O engajamento nestas e outras práticas tem apresentado mudanças consideráveis, que precisam cada vez mais serem aprofundadas por meio de pesquisa. Quando os pais recebem o convite para realizarem seu próprio pré-natal do pai/parceiro ou se engajam em um trabalho na perspectiva de refletir sobre as masculinidades, passam, com maior frequência, a compreender os benefícios para si, para sua parceira e para o bebê, favorecendo a adesão aos cuidados consigo e com os demais de sua convivência, que muitos não estavam desempenhando até este momento de suas vidas.

Assim, o exercício tanto na prática individual, quanto coletiva de se vulnerabilizar e escutar e falar da sensação de insegurança em diversas situações de forma aberta e franca, tem se manifestado como prática importante e necessária. Logo, assumir, na medida do possível, as reais performances diante dos desafios encontrados, parece gerar um sentimento de integração psíquica e a criação de um mapa a estruturar um caminho por onde passar para se encontrar, com a própria força e desvelar a estrutura da insegurança. Integrando um lugar de confiança em si mesmo capaz de suportar e atuar da melhor forma possível a cada momento, diante dos desafios da existência.

O exercício gradual de aos poucos ir partilhando as dores e entregando as feridas em coletivo ou na psicoterapia, vai aos poucos criando espaço e percepção de que é possível se responsabilizar pelo cuidado uns dos outros: entre homens, para com as mulheres, as crianças, os ancestrais, seres vivos, a natureza, o planeta. Logo, esse espaço de cuidado no consultório e no grupo compartilhado entre pares é um exercício de trazer ao centro uma necessária dimensão humana responsável pelo cultivo da vida em suas diversas formas de manifestação. A dimensão do cuidar e ser cuidado, que historicamente é configurada como um espaço de responsabilidade do outro gênero, é uma dimensão exercida nesta intervenção. E a experiência aponta



que por um tempo essa questão precisa ter uma centralidade no contexto do Distrito Federal, Brasil e América Latina.

Observa-se grandes resistências – materiais e socioculturais – para que os homens jovens e adultos participem ativamente nas tarefas de cuidado de filhos e filhas, na divisão das tarefas domésticas e na tomada de decisões sobre a saúde reprodutiva. O salário dos homens ainda tende a ser maior e espera-se que sua principal função seja prover economicamente a família. As estruturas que sustentam a desigualdade de gênero no local de trabalho e em casa são as normas sociais e culturais que definem o conceito hegemônico de masculinidade e o que significa ser homem. É necessário agir em todos os níveis da sociedade para enfrentar e, então, acabar com a perpetuação de ambientes em que as mulheres são subvalorizadas e não possuem voz na tomada de decisões. São os mesmos espaços em que os homens também são limitados em envolver-se ativamente nas ações de cuidado (Instituto Promundo, 2014).

Por fim, esse trabalho vem apontando a necessidade de cada vez mais desenvolver e fortalecer espaços de escuta empática e clínica, apoiando pessoas que se identificam enquanto homens em seus processos de gestão afetiva e prática de suas ações no mundo, junto às pessoas com as quais convive nos diversos contextos sociais. Assim, entende-se ser possível auxiliá-los na tomada de consciência dos mecanismos e padrões que promovem sofrimento psíquico e comportamentos diversos, dentre os quais se destacam traços classificados pela literatura científica, como de masculinidade hegemônica. Desta forma, criou-se um campo frutífero de exercício de masculinidades sensíveis, camufladas, fortes, hegemônicas, frágeis, rotuladas, em transição e de alguma forma conectadas. Que no encontro íntimo vivem emoções e tensões propícias a uma maior ampliação de consciência de si, do grupo e do contexto social, econômico e de gênero envolvido.

## REFERÊNCIAS

Aguiar, F. H. R. (2019). *Entrega ao Fluxo da Vida: para além das estruturas de defesa de caráter*. Brasília, DF: Psicologia Essencial.



Albuquerque, F. P. (2020). Sofrimento Mental e Gênero: Os homens e o cuidado na Rede de Atenção Psicossocial (Tese).

Biroli, F., Machado, M. D. C. & Vaggione, J. M. (2020). Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina. São Paulo: Boitempo, 2020.

Bourdieu, P. (1976) Le champ scientifique. Actes de la Recherche en Sciences Sociales. [O campo científico. Anais de Pesquisa em Ciências Sociais]. 2(3), 88-104. Tradução de Paula Montero.

Brasil. Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH, 2009).

[https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt1944\\_27\\_08\\_2009.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt1944_27_08_2009.html)

Conell, R. W. & Messerschmidt, J. W. (2013) Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Estudos Feministas. Florianópolis, 21(1), 241-282. [www.scielo.br/pdf/ref/v21n1/14.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ref/v21n1/14.pdf)

Conrado, M. & Ribeiro, A. A. M. (2017). Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate. Revista Estudos Feministas, 25(1), 73-97. <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p73>

Costa, L. F. & Brandão, S. N. (2005). Abordagem Clínica no contexto comunitário: uma perspectiva integradora. Psicologia & Sociedade, 17(2), 33-4. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822005000200006>

Cruz, L; Nuñez, M. & Diamantino, R. (2015). Homem contemporâneo: cavaleiro medieval, enigmático ou toxicômano? Estudos de Psicanálise, (43), 57–65. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372015000100006&lng=p t&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372015000100006&lng=p t&nrm=iso)

Fernandes, V. A., Cenci, C. M. B. & Gaspodini, I. B. (2021). Intervenções em Psicodrama: uma intervenção sistemática. Rev. Bras. Psicodrama, São Paulo, 29(1), 4-15. <https://doi.org/10.15329/2318-0498.21992>

Figueiredo. L. C. (2014). Matrizes do pensamento psicológico. 20ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2023). Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil: sumário executivo. 4. ed. São Paulo. <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/224>

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2024). Femicídios em 2023. São Paulo. <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/244>





Garcia, A. L. C. & Beiras, A. (2019). A Psicologia Social no Estudo de Justificativas e Narrativas de Homens Autores de Violência. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39(2), 45-58. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003225647>

Gurgel, C. & Justen, A. (2021). Estado de bem-estar social no Brasil: uma revisão ou a crise e o fim do “espírito de Dunquerque”. *Cad. EBAPE.BR*, Rio de Janeiro. 19(3), 395-407. <https://doi.org/10.1590/1679-395120200033>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2022). Censo 2022.

Instituto Promundo. (2014) Programa P: manual para o exercício da paternidade e do cuidado. Cultura Salud/EME; REDMAS; Instituto Noos. - Rio de Janeiro.

Instituto Promundo. (2016). A Situação da Paternidade no Brasil. Rio de Janeiro, Brasil: Promundo.  
[https://promundo.org.br/wp-content/uploads/2016/10/relatorio\\_paternidade\\_03b\\_baixa-1.pdf](https://promundo.org.br/wp-content/uploads/2016/10/relatorio_paternidade_03b_baixa-1.pdf) Instituto Promundo. (2021) Primeiro relatório sobre as paternidades negras no Brasil. Brasília, DF.

Kilomba, G. (2019). *Memórias da Plantação: episódios de racismo*. Rio de Janeiro: Cobogó.

Kimmel, M. S. (1998). A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 4(9), 103-117.  
[www.scielo.br/j/ha/a/B5NqQSY8JshhFkpgD88W4vz](http://www.scielo.br/j/ha/a/B5NqQSY8JshhFkpgD88W4vz)

Mens Wellbeing. (2024, 05 de janeiro). Sobre o Mens Wellbeing.  
<https://menswellbeing.org>

PAHO - Pan American Health Organization. [Organização Panamericana de Saúde]. (2022). Addressing Violence Against Women in Health Policies and Protocols in the Americas: A regional status report [Enfrentando a violência contra as Mulheres nas

Políticas de Saúde e protocolos nas Américas - Um relatório de status regional. 9789275126387\_eng.pdf (paho.org)

Pavón-Cuéllar, D. (2021). Rumo a uma descolonização da psicologia latino-americana: condição pós-colonial, virada decolonial e luta anticolonial. *Brazilian Journal of Latin American Studies*, 20(39), 95-127.

Pasqualini, J. C., Martins, F. R. & Euzébios Filho, A. (2021). A "Dinâmica de Grupo" de Kurt Lewin: proposições, contexto e crítica. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 26(2), 161-173. <https://dx.doi.org/10.22491/1678-4669.20210016>

Pereira, I. B. (2008). *Dicionário da educação profissional em saúde*. Nº 2.ed. rev.



ampl. - Rio de Janeiro: EPSJV. <https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/l43.pdf>

Pereira, L. P. (2022) Gênero, violência e a (des)construção da masculinidade: uma análise do trabalho grupal com os homens autores de violência contra a mulher no contexto brasileiro. Dissertação (Mestrado). Fundação Oswaldo Cruz, Escola Fiocruz de Governo, Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas em Saúde. Brasília. [www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/54444/lorena\\_pereira\\_fiodf\\_mest\\_2022.pdf?sequence=2&isAllowed=y](http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/54444/lorena_pereira_fiodf_mest_2022.pdf?sequence=2&isAllowed=y)

Pierrakos, J. C. (2006). *Energética da Essência - Core Energetics*. Desenvolvimento da capacidade de Amar e de Curar. Editora Pensamento: 3ª Edição. São Paulo.

Quijano, A. (2005). *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina*. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO. [edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4386378/mod\\_folder/content/0/Quijano%20Colonialidade%20do%20poder.pdf](http://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4386378/mod_folder/content/0/Quijano%20Colonialidade%20do%20poder.pdf)

Rios, R R. (2022). Proteção de direitos LGBTQIA+ no Direito brasileiro: momentos e descompassos jurídicos e políticos. *Rev. Investig. Const.*, Curitiba, vol. 9(3), 659-680. <https://doi.org/10.5380/rinc.v9i3.85903>

Saffioti, H. (2015). *Gênero, Patriarcado, violência*. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Perseu Abramo.

Santos, H. P. (2021). Raça, racismo e clínica fenomenológico-existencial: elementos para a decolonização da atenção clínica. *Revista do NUFEN*, 13(3), 75-89. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912021000300008&lng=pt&lng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912021000300008&lng=pt&lng=pt).

Silva, S. M. P., Maciel, V. V. & França, M. H. O. (2020). Conservadorismo como instrumento capitalista em tempos de barbárie. *Revista Katálysis*, 23(02), 256-265. <https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n2p256>

Sodelli, M. & Sodelli, A. T. (2011). Visitando os “Seminários de Zollikon”: novos fundamentos para a psicoterapia fenomenológica. *Portal de Revistas Científicas em Ciências da Saúde* 20(2), 245-272. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-707487>

Vigotski, L. S. (2023) A consciência como problema do comportamento. In: *Psicologia, desenvolvimento humano e marxismo*. Org: Priscila Marques e Gisele Toassa. Tradução: Priscila Marques. 1 ed. Hogrefe, São Paulo. (Publicado originalmente em 1925).



## LONGEVIDADE DA FORÇA DE TRABALHO NAS INDÚSTRIAS DE CONSTRUÇÃO CIVIL DO DISTRITO FEDERAL

## LONGEVIDAD DE LA FUERZA LABORAL EN LAS INDUSTRIAS DE LA CONSTRUCCIÓN CIVIL DEL DISTRITO FEDERAL

## LONGEVITY OF THE WORKFORCE IN THE CIVIL CONSTRUCTION INDUSTRIES OF THE FEDERAL DISTRICT

BERNADETE MOREIRA PESSANHA CORDEIRO<sup>1</sup>  
VICENTE PAULO ALVES<sup>2</sup>

### RESUMO

A mudança no perfil etário da população, sentida de forma mais concreta nas últimas décadas, impõe a necessidade de adaptações e transformações para que as indústrias possam lidar com a longevidade, o desequilíbrio geracional, a escassez da força de trabalho – números de trabalhadores – em idade ativa e, conseqüentemente, o impacto no crescimento econômico. Diante desse contexto, esse artigo, fruto da tese de doutorado *Diagnóstico estratégico das indústrias de construção civil do Distrito Federal: um olhar voltado para a longevidade da força do trabalho*, teve por objetivo investigar, como essas instituições estão se preparando para lidar com a permanência de homens e mulheres que compõem hoje, a força de trabalho e que permanecerão, além dos 60 anos, contribuindo, dadas as mudanças demográficas, para o futuro produtivo dessas organizações. A pesquisa foi caracterizada por uma abordagem exploratória-descritiva (Gil, 2008), sendo em sua execução utilizado um método misto de triangulação dos dados quantitativos e qualitativos, para melhor convergir as informações, advindas de diversas fontes (Creswell, 2010). A coleta de dados envolveu técnicas e instrumentos diferentes de acordo com cada objetivo específico da pesquisa. Os resultados confirmaram a hipótese de que a longevidade da força de trabalho exigirá a construção de estratégias e ações específicas pelas indústrias do Distrito Federal, uma vez que não estão preparadas para lidar com os ganhos e desafios associados ao envelhecimento.

**Palavras-chave:** Envelhecimento, Indústrias de Construção Civil, Estratégias organizacionais.

### RESUMEN

---

<sup>1</sup> Doutora em Gerontologia. Centro Universitário do Distrito Federal. [bernadetecondeiro@gmail.com](mailto:bernadetecondeiro@gmail.com) <https://orcid.org/0000-0003-3823-9909>

<sup>2</sup> Professor Doutor. Coordenador do Programa de Gerontologia da Universidade Católica de Brasília. Universidade Católica de Brasília. [vicrap@gmail.com](mailto:vicrap@gmail.com) <https://orcid.org/0000-0002-1412-830X>



El cambio en el perfil etario de la población, evidenciado de manera más concreta en las últimas décadas, impone la necesidad de adaptaciones y transformaciones para que las industrias puedan enfrentar la longevidad, el desequilibrio generacional, la escasez de fuerza laboral —número de trabajadores— en edad activa y, en consecuencia, el impacto en el crecimiento económico. En este contexto, este artículo, resultado de la tesis doctoral *Diagnóstico estratégico de las industrias de construcción civil del Distrito Federal: una mirada hacia la longevidad de la fuerza laboral*, tuvo como objetivo investigar cómo estas instituciones se están preparando para lidiar con la permanencia de hombres y mujeres que actualmente forman parte de la fuerza laboral y que continuarán activos más allá de los 60 años, contribuyendo, dadas las transformaciones demográficas, al futuro productivo de estas organizaciones. La investigación se caracterizó por un enfoque exploratorio-descriptivo (Gil, 2008), utilizando en su ejecución un método mixto de triangulación de datos cuantitativos y cualitativos, para una mejor convergencia de la información proveniente de diversas fuentes (Creswell, 2010). La recopilación de datos incluyó técnicas e instrumentos diferentes según cada objetivo específico de la investigación. Los resultados confirmaron la hipótesis de que la longevidad de la fuerza laboral requerirá la construcción de estrategias y acciones específicas por parte de las industrias del Distrito Federal, ya que actualmente no están preparadas para enfrentar los beneficios y desafíos asociados al envejecimiento.

**Palabras-clave:** Envejecimiento, Industrias de la Construcción Civil, Estrategias organizativas.

## ABSTRACT

The change in the population's age profile, more concretely evident in recent decades, highlights the need for adaptations and transformations for industries to address longevity, generational imbalance, the scarcity of the workforce—number of workers—in active age, and, consequently, the impact on economic growth. In this context, this article, derived from the doctoral thesis *Strategic Diagnosis of Civil Construction Industries in the Federal District: A Perspective on Workforce Longevity*, aimed to investigate how these institutions are preparing to manage the retention of men and women who currently make up the workforce and will remain active beyond the age of 60, contributing, given demographic changes, to the productive future of these organizations. The research was characterized by an exploratory-descriptive approach (Gil, 2008), employing a mixed-methods approach with data triangulation, both quantitative and qualitative, to better converge information from various sources (Creswell, 2010). Data collection involved different techniques and instruments according to each specific research objective. The results confirmed the hypothesis that workforce longevity will require the construction of specific strategies and actions by the industries in the Federal District, as they are not currently prepared to deal with the benefits and challenges associated with aging.

**Keywords:** Aging, Civil Construction Industries, Organizational strategies.



## INTRODUÇÃO

O perfil etário da população mundial vem se modificando ao longo dos dois últimos séculos. Os primeiros a sentir as mudanças foram os países em desenvolvimento, mas hoje o envelhecimento é um fenômeno mundial, sendo possível estimar que em 2050 haverá cerca de 2 bilhões de idosos (World Health Organization, 2020).

Nesse sentido, a permanência das pessoas por mais tempo em postos de trabalho é apontada como alternativa para ampliar o número da população economicamente ativa, uma vez que será indispensável para o crescimento econômico (Guillemard, 2010; Cordeiro, Alves, 2019).

É importante destacar que, para a ONU, o envelhecimento da população não é um fenômeno novo, pois desde a Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, em 1982, onde foi produzido um Plano de Ação Internacional de Viena sobre o Envelhecimento com 62 itens relacionados à saúde, ao bem-estar, à segurança de renda e emprego, já chamava-se atenção para o fato que as pessoas mais velhas estavam contribuindo cada vez mais com o desenvolvimento social e suas habilidades podem ajudar a melhorar tanto a vida delas, como da sociedade em geral.

As contribuições advindas das ciências também estão favorecendo o aumento da longevidade, principalmente nos países desenvolvidos, implicando em mais anos de permanência em atividades produtivas: trabalho, ofício, profissões etc. (OMS, 2005; Ambrósio, 2019).

Assim, faz-se necessário que as organizações revejam suas diretrizes, considerando as necessidades de se adaptarem para lidar com a força de trabalho que está hoje envelhecendo com ela, adotando além de mudanças no espaço físico, estratégias que consigam valorizar o capital intelectual desses profissionais (Pinto, 2015; FGV-EAESP-PwC, 2013; Cepellos & Tonelli, 2017; FGV-EAESP-AGING FREE FAIR, 2018; Cordeiro & Alves, 2019). Contudo, o número de estudos voltados para investigação das estratégias que estimulam a permanência de trabalhadores mais velhos no mercado de trabalho ainda é escasso (Cepellos & Tonelli, 2017).



Considerando o cenário descrito e a hipótese de que a longevidade da força de trabalho exigirá a construção de estratégias e ações específicas pelas indústrias da construção civil do Distrito Federal, uma vez que não estão preparadas para lidar com os ganhos e desafios associados ao envelhecimento, esse estudo teve como objetivo investigar, a partir das indústrias de construção civil de médio e grande porte, do Distrito Federal, como as instituições estão se preparando para lidar com a permanência de homens e mulheres que compõem hoje a força de trabalho e que permanecerão, além dos 60 anos, contribuindo, dadas as mudanças demográficas, para o futuro produtivo dessas organizações.

Com base nesse objetivo foram traçados os seguintes objetivos específicos: (1) reunir os aportes bibliográficos e legais, pertinentes ao contexto da pesquisa, por meio de pesquisa bibliográfica; (2) elaborar um mapa com dados e informações da força de trabalho, com 50 anos ou mais, das indústrias da construção civil do Distrito Federal, a partir da extração de informações do banco de dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS 2019); (3) identificar, com base nos eixos temáticos elaborados por Cordeiro e Alves (2019), as estratégias existentes, para lidar com o envelhecimento da força de trabalho no Distrito Federal, utilizando informações de pesquisas, aplicadas anteriormente, que contaram com a participação de indústrias do Distrito Federal, e questionários *on-line* aplicados ao público de interesse dessa pesquisa; (4) levantar, por meio de entrevistas semiestruturadas, a percepção dos gestores, que desejarem participar, sobre o envelhecimento das pessoas no ambiente de trabalho; e (5) elaborar um diagnóstico estratégico, integrando as informações, na perspectiva de contribuir com o planejamento e a implementação de estratégias para lidar com o envelhecimento da sua força de trabalho das indústrias de médio e grande porte do Distrito Federal.

## **METODOLOGIA**

O Distrito Federal possui 5.235 empresas industriais, nos mais diversos segmentos. As indústrias da construção civil se destacam por apresentar maior participação no PIB industrial do Distrito Federal, correspondente a 51,1% (CNI, 2019), caracterizando, assim, o campo da população de interesse da pesquisa.



O desenho original da pesquisa considerava que as indústrias que participariam do estudo seriam selecionadas a partir da população de interesse, por meio de uma amostragem não probabilística, por conveniência, pois todas estavam em condições de participar da pesquisa, desde que atendessem aos seguintes critérios de inclusão: ser uma empresa de médio (50 a 249 empregados) ou grande porte ( $\geq 250$  empregados (CNI, 2019); desejar participar da pesquisa e possuir em seu quadro trabalhadores com 50 anos ou mais. Como critérios de exclusão, deveriam ser considerados: Não disponibilizar a seus empregados (gestores e funcionários) formas de participação remota; funcionários que possuam a idade, porém são recém-contratados – menos de três meses – e que ainda não conhecem toda a infraestrutura do local de trabalho e funcionários que estejam de férias.

Ao todo a pesquisa contou com seis (6) participações de gestores de Recursos Humanos representantes das indústrias, sendo que um (1) participou apenas da entrevista, juntamente com outros dois (2) gestores que concordaram em participar e seis (6) funcionários, totalizando 12 participantes.

Para o alcance dos objetivos, adotou-se uma abordagem exploratória-descritiva (Gil, 2008), sendo em sua execução utilizado o método misto de triangulação dos dados quantitativos e qualitativos (Creswell, 2010), para melhor convergir as informações, advindas de diversas fontes: pesquisa bibliográfica; análise descritiva de dados sociodemográficos, extraídos da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS 2019) – sobre os quais foram realizados um estudo de dependências de variáveis (testes qui-quadrado) e a definição de um modelo de regressão logística, para analisar o impacto delas em relação à faixa etária — e verificação da consonância entre as respostas do público participante aos questionários e resultados de pesquisas nacionais e internacionais, com base nas estratégias elaboradas por Cordeiro e Alves (2019). Além disso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, de forma voluntária, com o objetivo de verificar a percepção dos gestores sobre o envelhecimento no ambiente de trabalho e gerado um diagnóstico estratégico com utilização de uma Matriz SWOT.



## RESULTADOS

Os resultados, apresentados a seguir, estão expressos conforme as fontes utilizadas na pesquisa.

### Pesquisa Bibliográfica

Por meio da pesquisa bibliográfica, foi possível verificar que, apesar de a ONU proclamar desde a década de 80 a importância da relação envelhecimento e trabalho, as estratégias que contribuem para a permanência dos idosos no mercado de trabalho necessitam ser estimuladas, uma vez que as mudanças no perfil demográfico apontam uma relação positiva entre a ampliação da população economicamente ativa e o crescimento econômico (Cordeiro & Alves, 2019).

O Brasil está alinhado às diretrizes da ONU em termos de legislação relacionada a este tema (Política Nacional do Idoso, Estatuto do Idoso – Lei nº 10.741. Contudo, a realidade demonstra que ainda há um caminho longo para que as estratégias que favorecem a permanência de trabalhadores mais velhos no mercado de trabalho possam fazer parte do dia a dia das organizações (FGV-EAESP-PwC, 2013; Cepellos; Tonelli, 2017; FGV-EAESP-AGING FREE FAIR, 2018).

Diante dessas premissas Cordeiro e Alves (2019) organizaram, a partir de pesquisas nacionais e internacionais, um conjunto de oito eixos temáticos, tendo como referência os mecanismos de entrada (Eixo 1), permanência (Eixos 2 a 7) e saída da organização (Eixo 8), com estratégias para lidar com envelhecimento da força de trabalho.

#### **Eixo 1 – Seleção, recrutamento e contratação**

- Seleção de candidatos de diferentes idades para compor os grupos de trabalho, por meio de recrutamento.
- Contratação de pessoas desempregadas para ocupação de cargos independentemente da idade.
- Seleção para preenchimento de vagas, em igualdade de condições, independentemente da idade.





- Desenvolvimento de campanhas específicas para a seleção de candidatos mais velhos.
- Adoção de postura proativa na contratação de profissionais que já se aposentaram ou que estão próximos da idade de se aposentar.
- Adoção de postura proativa de incentivar a contratação de profissionais mais velhos.

#### **Eixo 2 – Capacitação e progressão na carreira**

- Promoção e incentivo para a participação dos trabalhadores mais velhos nas ações de capacitação.
- Utilização de letras grandes em materiais de trabalho ou folhetos informativos quando estes são destinados à força de trabalho mais velha.
- Utilização de métodos de treinamentos especiais para os mais velhos.
- Promoção de capacitação para o uso de ferramentas tecnológicas inseridas nos processos de trabalho.
- Adoção de planos de carreira diferenciados para os mais velhos.
- Promoção de atividades aos mais velhos voltadas especificamente à gestão do conhecimento.
- Realização de atividades de *mentoring* pelos trabalhadores mais velhos para os mais jovens.

#### **Eixo 3 – Carga horária de trabalho**

- Apresentação de possibilidades de flexibilização das horas de trabalho para profissionais mais velhos (ajustes de horários, turnos diferenciados, *homework* etc.).
- Adoção diferenciada de regime de férias.

#### **Eixo 4 – Delineamento de cargos, funções e rotinas**

- Descrição de atividades de trabalho especificadas de acordo com a capacidade do profissional.
- Composição de grupos de trabalhos por trabalhadores de diferentes idades.

#### **Eixo 5 – Avaliação, salário e recompensa**

- Adoção de políticas de remuneração ou benefícios diferenciados para os mais velhos.
- Adoção de programa de avaliação do desempenho com repasse de *feedback*.

#### **Eixo 6 – Saúde e ambiente**

- Utilização de medidas de promoção de saúde para ter uma força de trabalho mais velha e saudável no futuro.
- Realização de estudos que identifiquem os riscos de saúde no local de trabalho.
- Oferecimento de Plano de Saúde especial aos mais velhos.
- Realização de estudos ou relatórios sobre a saúde da força de trabalho envelhecida.
- Promoção e incentivo a prática de atividade física direcionada aos mais velhos.
- Promoção de check-up anual para os trabalhadores mais velhos.
- Adoção de medidas de adaptação ou redesenho dos ambientes de trabalho às necessidades dos trabalhadores mais velhos.

#### **Eixo 7 – Socialização, integração e participação**



- Conscientização, dos gestores e trabalhadores, sobre a importância de que trabalhar com profissionais mais velhos tem a sua importância.
- Realização de atividades específicas para integração dos profissionais de diferentes gerações.
- Promoção e incentivo ao envolvimento dos profissionais mais velhos em atividades de integração dos mais jovens à cultura da organização.
- Promoção no envolvimento dos trabalhadores mais velhos em atividades de treinamento e desenvolvimento dos mais jovens.
- Promoção no envolvimento dos trabalhadores mais velhos no desenho e implementação de mudanças na organização.
- Oferta de incentivos para a permanência na organização após a aposentadoria.
- Oferta de programas de previdência privada.

#### **Eixo 8 – Demissão e saída**

- Realização de ações de preparação do profissional mais velho para desenvolver em uma atividade autônoma.
- Adoção de modelos de carreira diferenciados para os mais velhos ou em idade de se aposentarem.
- Desenvolvimento de programa de Preparação para Aposentadoria que envolve os profissionais mais velhos.
- Adoção de programas de sucessão de modo que a passagem das competências não se perca.
- Adoção de banco de talentos aposentados, com o objetivo de recorrer a eles para suprirem faltas temporárias (Cordeiro & Alves, 2019, *on-line*).

Cabe destacar que as referidas estratégias foram validadas, por meio da comparação dos resultados advindos dos questionários com pesquisas nacionais e internacionais. O que será demonstrado no item análise de consonância, mais adiante.

### **Dados sociodemográficos**

No Distrito Federal a construção civil emprega 26.713 trabalhadores ativos residentes no Distrito Federal e registrados no RAIS em empresas de médio e grande portes, sendo 21.416 (80,17%) com menos de 50 anos e 5.297 (19,83%) com 50 anos ou mais. A faixa etária de 50 a 59 anos concentra o maior número de trabalhadores, 3.931 (14,72%), enquanto na faixa etária de 80 a 89 anos encontra-se apenas um trabalhador com 80 anos ou mais.



Dos 5.297 “trabalhadores ativos”, com 50 anos ou mais, 4.671 são homens e 626 mulheres, sendo possível observar a predominância masculina em cada uma das faixas etárias. Além disso, todas as faixas etárias, com exceção de 80 a 89 anos, também apresentaram predominância da raça/cor parda, sendo 2.302 trabalhadores com 50 a 59 anos. No entanto, para a categoria 70 a 79 anos, houve proximidade percentual entre essa raça/cor e branca. Os menores registros foram das categorias indígena e amarela, com menos de 1% tanto na categoria 50 a 59 anos e 60 a 69 anos.

Além dos dados apresentados, foi realizada a análise descritiva das categorias tamanho do estabelecimento, nacionalidade, escolaridade, residência, regime de trabalho, horas contratuais, remuneração, ocupações, tempo de serviço, afastamento e causas, admissão e saída da empresa. Após, foi realizado um estudo de dependências de variáveis (testes qui-quadrado) e definição de um modelo de regressão logística, para analisar o impacto das variáveis em relação à faixa etária (Tabela 1).

**Tabela 1**

Resultados dos parâmetros do modelo de regressão logística escolhido.

Parâmetros	Coefficientes Estimados <sup>1</sup>	Erro Padrão	Intervalo de confiança <sup>1</sup> 95%		P-valor <0,001
Intercepto	0,08	0,3942	0,04	0,17	<0,001
Raça: Cor Preto	0,91	0,0852	0,77	1,07	0,2717
Raça: Cor Parda	0,73	0,0403	0,68	0,79	<0,001
Raça: Cor Não identificado	0,93	0,0561	0,83	1,03	0,1701
Escolaridade: Até 5º ano fund.	0,73	0,2249	0,47	1,15	0,1694
Escolaridade: 5º ano fund. comp.	0,61	0,232	0,39	0,96	0,0318
Escolaridade: 6º a 9º ano fund.	0,46	0,2238	0,3	0,72	<0,001
Escolaridade: fund. completo	0,45	0,2218	0,3	0,7	<0,001
Escolaridade: médio incomp	0,28	0,2263	0,18	0,44	<0,001
Escolaridade: médio completo	0,23	0,2203	0,15	0,35	<0,001
Escolaridade: superior incomp	0,09	0,2741	0,06	0,16	<0,001
Escolaridade: superior completo/Mestrado/Doutorado	0,13	0,2299	0,08	0,21	<0,001
Tamanho do estabelecimento: Grande porte	1,42	0,0347	1,32	1,52	<0,001
Horas Contratuais: 21 a 30 h	3,54	0,4076	1,62	8,08	<0,001
Horas Contratuais: 31 a 40 h	7,41	0,3344	4,01	15,03	<0,001



Horas Contratuais: 41 a 44 h	5,27	0,3303	2,89	10,59	<0,001
Horas Contratuais: Ignorado	4,56	0,3798	2,23	9,97	<0,001
Remuneração Média: 1,01 a 2,00 SM	1,9	0,2039	1,3	2,89	<0,001
Remuneração Média: 2,01 a 5,00 SM	2,23	0,2051	1,51	3,39	<0,001
Remuneração Média: 5,01 a 10,00 SM	3,34	0,2226	2,18	5,26	<0,001
Remuneração Média: Mais de 10,00 SM	6,02	0,2468	3,74	9,87	<0,001
Remuneração Média: Ignorado	4,01	0,2058	2,72	6,11	<0,001
Tipo de Admissão: Primeiro emprego	0,45	0,1924	0,3	0,65	<0,001
Tipo de Admissão: Reemprego ou reintegração	0,64	0,0349	0,59	0,68	<0,001
Tipo de Admissão: Transferência sem ônus	0,33	0,1697	0,24	0,46	<0,001

Nota: Valores resultantes do cálculo da exponencial. Fonte: Elaborada pela autora.

De acordo com os dados sociodemográficos, é possível perceber que um trabalhador cujo raça/cor é parda tem entre 0,68 e 0,79 vezes de chances de ser um trabalhador com 50 anos ou mais que alguém cuja raça/cor não é parda. A mesma observação é atribuída também à escolaridade, ao tamanho do estabelecimento, horas contratuais, à remuneração média e ao tipo de admissão.

Já a escolaridade ensino médio completo e o tamanho do estabelecimento ser grande porte apresentam, respectivamente, 0,23 e 1,42 vezes de chances de corresponder a um trabalhador de 50 anos ou mais em relação às suas categorias de referência (analfabeto e médio porte).

Com relação às horas contratuais e ao tipo de admissão, seguindo a interpretação de Agresti (2019), uma observação em que tenha como horas contratuais 41 a 44 horas e tipo de admissão seja reemprego ou reintegração têm “efeito multiplicativo” de, respectivamente, 5,27 e 0,64 na chance de o trabalhador ter 50 anos ou mais.

Por fim, as remunerações médias entre 1,01 e 2,00 SM e entre 2,01 e 5,00 SM apresentam, na devida ordem, 1,9 (com intervalo de 95% de confiança entre 1,3 e 2,89) e 2,23 (com intervalo de 95% de confiança entre 1,51 e 3,39) de chances de apontar um trabalhador com 50 anos ou mais que a remuneração média de até 1,00 SM.



## Análise de consonância

A análise de consonância considerou a comparação entre as respostas do público participante e resultados de pesquisas nacionais e internacionais, com base nas estratégias para lidar com o envelhecimento da força de trabalho elaboradas por Cordeiro e Alves (2019).

As respostas do público participante relacionadas às estratégias para lidar com o envelhecimento da força de trabalho nas indústrias do Distrito Federal, após atribuição da frequência, foram consolidadas e categorizadas em três grupos: existentes (EX), não existentes (NE) e existentes em parte (EP). A figura 1 auxilia na visualização da distribuição das estratégias de acordo com a classificação utilizada na pesquisa.

**Figura 1**

Classificação das estratégias para lidar com o envelhecimento de acordo com a identificação do público participante.



Fonte: Elaborado pela autora.

É possível observar que as duas estratégias identificadas como ‘existentes’ – ‘descrição de atividades de trabalho especificadas de acordo com a capacidade do profissional’ e ‘realização de estudos que identifiquem os riscos de saúde no local de trabalho’ – possuem uma relação direta com as atividades da construção civil, principalmente, por contribuírem com a prevenção de acidentes. Em contrapartida, observa-se um grande número de estratégias ‘não existentes’, demonstrando a



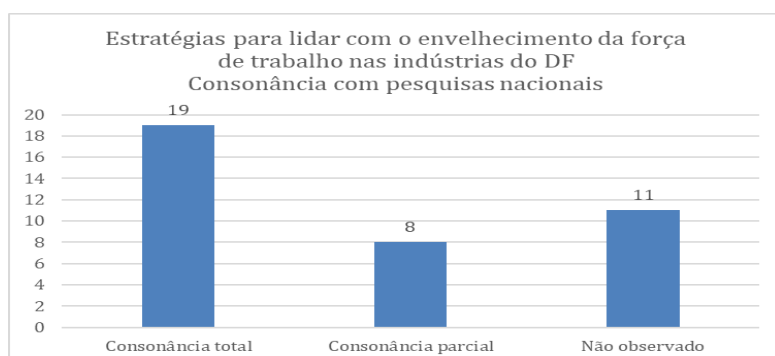
necessidade de favorecer a compreensão da importância de se trabalhar com profissionais mais velhos e o enfrentamento ao etarismo (Cepellos & Tonelli, 2017).

A baixa adesão à pesquisa impossibilitou a realização de inferências sobre os dados coletados advindos dos questionários. Assim, como alternativa, foi realizada a validação dos resultados da classificação, mediante a comparação com os dados das pesquisas “Envelhecimento Profissional: percepções e práticas de gestão da idade” (CEPELLOS & TONELLI, 2017) e “Envelhecimento da força de trabalho no Brasil” (FGV-EAESP-PwC, 2013), aplicadas em âmbito nacional, e que contaram com a participação de indústrias do Distrito Federal dentre seu público de interesse.

Nesse sentido, para validação, de forma subjetiva, considerou-se a seguinte escala de consonância: Consonância total (CT) – estratégias cuja classificação atribuída, nesta pesquisa, é similar a apontada nas pesquisas nacionais consideradas; Consonância parcial (CP) – estratégias que apesar de aparecerem nas pesquisas nacionais consideradas, não apresentam similaridade com classificação atribuída. Não observado (NO) – estratégias que apesar de serem utilizadas, nesta pesquisa, não estão presentes nas pesquisas nacionais, pois foram elaboradas por Cordeiro e Alves (2019) a partir de pesquisas internacionais para compor o conjunto de estratégias apontadas no referencial teórico. A Figura 2 auxilia na visualização na distribuição da classificação por consonância das estratégias com pesquisas nacionais.

**Figura 2**

Classificação das estratégias para lidar com o envelhecimento por consonância com pesquisas nacionais.



Fonte: Elaborado pela autora.



Das 38 estratégias para lidar com o envelhecimento da força de trabalho, de Cordeiro e Alves (2019), utilizadas nesta pesquisa, 19 (50%) apresentaram ‘consonância total’ com as pesquisas nacionais utilizadas na comparação, demonstrando uma forte relação entre os estudos.

**Tabela 2**

Compatibilidade entre a classificação e consonância dos resultados.

Consonância	Classificação			Total
	EX	EP	NE	
CT	1	3	15	19
CP	0	3	3	6
NO	1	5	7	13
<b>Total</b>	2	11	25	38

Fonte: Elaborado pela autora.

Na Tabela 2 observa-se uma tendência para a classificação ‘não existente’, independente da consonância. Esse resultado aponta a necessidade de adequação das indústrias para lidar com o envelhecimento da força de trabalho.

Ao final dos questionários, foram inseridas questões abertas referentes às perspectivas do envelhecimento no trabalho, sob o ponto de vista dos participantes. As respostas dos gestores e funcionários apresentaram-se distintas. Enquanto os gestores declaram que desejam trabalhar até 70 anos, os funcionários apontam, em sua maioria, a idade de 60 anos. As mesmas respostas se repetem em relação à idade que esperam se aposentar. Contudo, as palavras ‘saúde’ e ‘força física’ aparecem associadas às respostas dos participantes dos dois grupos, em relação à pergunta até quando pretendem trabalhar. Quando questionados com relação ao que pretendem fazer após a aposentadoria, as respostas são variadas, mas é possível classificá-las em duas categorias: lazer (descansar, viajar, morar na praia, viver intensamente) e trabalho (empreender, fazer um mestrado, trabalhar em outro ramo, continuar trabalhando). As respostas a essas questões reforçam que, de acordo com o grupo, o envelhecimento está associado a uma visão produtiva e positiva.



## **Percepção dos gestores sobre o envelhecimento no ambiente de trabalho**

Além das respostas aos questionários, as informações dos gestores a respeito do envelhecimento das pessoas no ambiente de trabalho foram coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas. Participaram da pesquisa duas gestoras que responderam ao questionário e um gestor que realizou apenas a entrevista.

A faixa etária dos gestores variava entre 50 e 55 anos e a formação entre ensino superior completo e especialização. Eles estão na área da construção civil e atuam em empresas de médio porte há mais de 20 anos, sendo que um atua na mesma empresa há 17 anos.

Ao final das entrevistas, as impressões deixadas foram que mesmo reconhecendo ser interessante pensar em estratégias para lidar com o envelhecimento da força de trabalho, esta questão ainda não faz parte das preocupações, porque não dizer ‘ameaças’, relacionadas ao futuro dessas instituições. O foco atual está voltado para tecnologia, inovação e, principalmente, para as formas de aplicação dos recursos tecnológicos ao negócio. Foco este, que está alinhado ao documento intitulado *A indústria e o DF: proposta para uma agenda de crescimento 2019- 2022* – que estabelece seis eixos estratégicos: inovação e desenvolvimento tecnológico; segurança jurídica; melhoria do ambiente de negócios, diversificação na economia com sustentabilidade, mobilidade e logística inteligentes e Brasília inovadora: cidade sustentável –, e que também aparece, no questionário, na resposta “em parte” para o item ‘promoção de capacitação para o uso de ferramentas tecnológicas inseridas nos processos de trabalho’.

Para finalizar a entrevista e verificar a percepção dos gestores em relação ao envelhecimento, foi solicitado que completasse as frases: “A velhice é...” e “Ser velho é...”. As respostas foram:

*Gestor 1 – “A velhice é para quem viver mais” e “Ser velho é brigar com o tempo”.*

*Gestor 2 – “A velhice é uma fase da vida” e “Ser velho é ter muita experiência”.*

*Gestor 3 – “A velhice é (faz) parte da vida. É um privilégio viver mais” e “Ser velho é ser mais sábio”.*





Observa-se, a partir da fala dos gestores, que as palavras que completaram as frases relacionadas à “velhice” e a “velho” possuem sentidos positivos como: vida, tempo, experiência, privilégio e sabedoria (sábio). Mas também deixam transparecer que apesar de considerarem o capital trazido pela velhice (experiência – sabedoria), não o reconhecem como algo estratégico que poderá impactar o futuro das organizações.

### Diagnóstico estratégico

Diante dos dados e informações extraídos dos instrumentos aplicados ao estudo, foi utilizada uma ferramenta estratégica denominada Matriz SWOT, para identificar, com base em Cordeiro e Alves (2019), os tipos de estratégias organizacionais que poderão ser implementadas pelas indústrias da construção civil do Distrito Federal.

A Matriz SWOT é uma ferramenta que favorece a análise e reflexões frente a problemas de âmbito organizacional, possibilitando verificar a competitividade organizacional considerando quatro variáveis: *strengths* (Forças), *weaknesses* (Fraquezas), *opportunities* (oportunidades) e *threats* (ameaças). As forças e fraquezas referem-se ao ambiente interno das organizações, enquanto as oportunidades e fraquezas ao ambiente externo (Chiavenato & Sapiro, 2020).

#### Quadro 1

Matriz SWOT Elaborada com base nos dados levantados.

<b>Força</b> ( <i>strengths</i> )	<b>Fraqueza</b> ( <i>weaknesses</i> )
<ul style="list-style-type: none"><li>- Número de trabalhadores com 50 anos ou mais.</li><li>- Percepção da velhice associada a sentidos positivos (conquistas e ganhos).</li><li>- Existência das estratégias de descrição de atividade de trabalho especificadas de acordo com a capacidade do profissional e realização de estudos que identifiquem os riscos de saúde no local de trabalho.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Não reconhecimento do capital estratégico advindo dos profissionais mais velhos.</li><li>- Ausência de estratégias específicas para os profissionais com 50 anos ou mais.</li><li>- Desconhecimento dos impactos do envelhecimento da força de trabalho no futuro das organizações.</li></ul>
<b>Oportunidade</b> ( <i>opportunities</i> )	<b>Ameaça</b> ( <i>threats</i> )
<ul style="list-style-type: none"><li>- Questionamentos e reflexões trazidos pela pesquisa.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Mudanças no perfil demográfico da população mundial.</li></ul>

Fonte: Elaborado pela autora.



Após a elaboração da matriz, foi realizado o cruzamento das informações obtidas, considerando os quatro grupos de estratégias listados no Quadro 2.

#### Quadro 2

Nomenclatura e objetivos das estratégias.

FATORES INTERNOS X FATORES EXTERNOS	FORÇA (S)	FRAQUEZAS (W)
<b>OPORTUNIDADES (O)</b>	<p><b>S X O</b> <b>ESTRATÉGIA OFENSIVA</b></p> <p>Cruzamento das forças e oportunidades Objetivo: aumentar e aperfeiçoar as forças para que as oportunidades possam ser aproveitadas, tornando-se uma vantagem competitiva.</p>	<p><b>W X O</b> <b>ESTRATÉGIA DE CONFRONTO</b></p> <p>Cruzamento das fraquezas e oportunidades Objetivo: analisar as fraquezas de forma a tentar superá-las para aproveitar as oportunidades</p>
<b>AMEAÇAS (T)</b>	<p><b>S X T</b> <b>ESTRATÉGIA DE REFORÇO</b></p> <p>Cruzamento das forças e ameaças Objetivo: utilizar os pontos fortes para diminuir as ameaças.</p>	<p><b>W X T</b> <b>ESTRATÉGIA DEFENSIVA</b></p> <p>Cruzamento das fraquezas e ameaças Objetivo: Diminuir o impacto da ameaça.</p>

Fonte: Elaborado pela autora

O cruzamento das variáveis apresentou os seguintes resultados:

#### Quadro 3

Resultados dos cruzamentos.

FORÇAS	OPORTUNIDADES
Número de trabalhadores ativos.	Questionamentos e reflexões trazidos pela pesquisa.
Percepção da velhice associada a sentidos positivos (conquistas e ganhos).	
Existência das estratégias de descrição de atividade de trabalho especificadas de acordo com a capacidade do profissional e realização de estudos que identifiquem os riscos de saúde no local de trabalho.	
Número de trabalhadores com 50 anos ou mais.	
FORÇAS	AMEAÇAS
Número de trabalhadores ativos.	Mudanças no perfil demográfico da população mundial.
Percepção da velhice associada a sentidos positivos.	
Existência das estratégias de descrição de atividade de trabalho especificadas de acordo com a capacidade do profissional e realização de estudos que identifiquem os riscos de saúde no local de trabalho.	
Número de trabalhadores com 50 anos ou mais.	
FRAQUEZAS	OPORTUNIDADES



Não reconhecimento do capital estratégico advindo dos profissionais mais velhos.	Questionamentos e reflexões trazidos pela pesquisa.
Ausência de estratégias específicas para os profissionais com 50 anos ou mais.	
Desconhecimento dos impactos do envelhecimento da força de trabalho no futuro das organizações.	
<b>FRAQUEZAS</b>	<b>AMEAÇAS</b>
Não reconhecimento do capital estratégico advindo dos profissionais mais velhos.	Mudanças no perfil demográfico da população mundial.
Ausência de estratégias específicas para os profissionais com 50 anos ou mais.	
Desconhecimento dos impactos do envelhecimento da força de trabalho no futuro das organizações.	
<b>Comentários:</b> O estudo pode ser visto como indutor para a questão do envelhecimento da força de trabalho nas indústrias da construção civil do Distrito Federal, abrindo espaço a reflexão sobre o tema no âmbito das organizações, favorecendo a ampliação do número de estratégias organizacionais existentes voltadas para trabalhadores com 50 anos ou mais e reforçando a visão positiva sobre a longevidade.	

Fonte: Elaborado pela autora

Com base nos cruzamentos realizados foram elencadas as seguintes estratégias:

- Estratégia ofensiva: Inclusão de ações específicas voltadas para o envelhecimento da força de trabalho nas diretrizes da organização, favorecendo a criação de uma cultura organizacional que considere o envelhecimento da população – uma vez que é uma variável externa impossível de ser controlada – e a diversidade das faixas etárias, como um ganho frente aos desafios organizacionais.
- Estratégia confronto: Criação de bancos de talentos para identificação dos profissionais com 50 anos ou mais que compõem a organização, de modo a assegurar que os conhecimentos construídos não se percam com a saída desses profissionais.
- Estratégia de reforço: Ampliação do número de estratégias existentes, apontadas pela comparação das respostas dos questionários com as pesquisas nacionais, e a criação de estratégias específicas, com base em Cordeiro e Alves (2019), para lidar com a permanência dos profissionais no mercado de trabalho por mais tempo, gerando assim uma vantagem competitiva.



- Estratégia defensiva: Inclusão do tema envelhecimento da força de trabalho nas ações de capacitação desenvolvidas pela empresa, favorecendo a percepção positiva sobre esse processo, contribuindo com a manutenção da saúde e a qualidade de vida desses trabalhadores.

Os órgãos de classe, como os sindicatos, câmaras e comissões, relacionadas às indústrias da Construção Civil, bem como o Serviço Social da Indústria (SESI) poderão estimular a realização dessas ações, principalmente junto aos gestores das organizações, ajudando-os na criação de alternativas para se adaptar ao cenário que vem se desenhando pelas mudanças demográficas em relação ao envelhecimento da população economicamente ativa e, conseqüentemente da força de trabalho.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados do estudo confirmaram a hipótese de que a longevidade da força de trabalho exigirá a construção de estratégias e ações específicas pelas indústrias da construção civil do Distrito Federal, uma vez que não estão preparadas para lidar com os ganhos e desafios associados ao envelhecimento.

Esses resultados estão consonantes com as pesquisas nacionais e internacionais e são reforçados pelos dados demográficos das indústrias da construção Civil do Distrito Federal, extraídos da RAIS – 2019, que demonstram que 19,83% dos trabalhadores possuem 50 anos ou mais.

Mas apesar da população estar envelhecendo, a escassez de mão de obra ainda não está sendo percebida pelas indústrias, cujo foco atual, pelo que foi possível perceber pelas entrevistas dos gestores, está voltado às inovações tecnológicas, como garantia da manutenção da competitividade. Contudo, essa escassez, devido à diminuição do crescimento da população economicamente ativa, mesmo ainda latente, é apenas uma face da moeda. Do outro lado, a longevidade tem ampliado os anos de vida adulta, empurrando a linha da aposentadoria mais para a frente, tornando



necessária a permanência dos trabalhadores por mais tempo em seus postos de trabalho, seja por satisfação pessoal ou por imposições econômicas.

Essa permanência exigirá que as empresas lancem mão de estratégias para manter os trabalhadores de 50 anos ou mais, que já habitam o interior dessas organizações, como comprovado pela análise descritiva e o estudo de dependências de variáveis e definição de um modelo de regressão logística

Como é possível observar o estudo cumpriu os objetivos previamente descritos, mesmo tendo que adequá-lo para acolher às mudanças metodológicas relacionadas aos limites impostos à pesquisa, principalmente, os advindos do período de Pandemia da covid-2019, das exigências da Lei nº 13.709, Lei Geral de Proteção de Dados, que, entre outros motivos, contribuíram para o baixo engajamento das indústrias à pesquisa.

Além da contribuição para as indústrias da construção civil do Distrito Federal, o estudo abre possibilidades para novos estudos que poderão estar relacionados à ampliação do público de interesse da pesquisa, considerando outros segmentos industriais, e até mesmo da economia do Distrito Federal. Há espaço também para outros estudos que possam relacionar o envelhecimento da população economicamente ativa com outros aspectos organizacionais.

## **REFERÊNCIAS**

Agresti, A. (2019). *An introduction to categorical data analysis*. 3 ed. John Wiley & Sons.

Ambrósio, C. *E se você viver mais que 100 anos?* (2019). O que a ciência traz de novo para você e sua família em saúde, longevidade e estética. São Paulo: Gente.

Brasil. *Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003*. (2003). Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm). Acesso em: 26 jan. 2019.

Brasil. *Portaria nº 2.528 de 19 de outubro de 2006*. (2006). Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Disponível em:



[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt2528\\_19\\_10\\_2006.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt2528_19_10_2006.html).

Acesso em: 26 jan. 2019.

Brasil. Ministério da Economia. (2019). *Relação Anual de Informações Sociais (RAIS – 2019)*. Disponível em: <http://www.rais.gov.br/sitio/index.jsf>. Acesso em: 10 jul. 2021.

Chiavenato, I. & Sapiro, A. (2020). *Planejamento estratégico: da intenção aos resultados*. 4 ed. São Paulo: Atlas.

Cepellos, V. M. & Tonelli, M. J. (2017). *Envelhecimento Profissional: percepções e práticas de gestão da idade*. Alcance, 24 (1). Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/ra/article/view/9929>. Acesso em: 10 fev. 2019.

Confederação Nacional Das Indústrias (CNI). (2019). *Estatísticas*. [s.l.]. Disponível em: <http://www.portaldaindustria.com.br/cni/estatisticas/>. Acesso em: 20 fev. 2021.

Cordeiro, B.M.P & Alves, V.P. (2019). *Economía plateada: estrategias organizacionales para lidiar con el envejecimiento de los profesionales en el trabajo em el escenario brasileño*. *Contribuciones a las ciencias sociales*, 6, 1-13. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/cccss/2019/06/economia-plateada.html>. Acesso em: 25 jun. 2019.

Creswell, J.W. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Bookman.

Fundação Getúlio Vargas (FGV). Núcleo de Estudos em Organizações e Pessoas (EAESP). (2018). *Envelhecimento nas organizações e gestão da idade*. Disponível em: [https://eaesp.fgv.br/sites/eaesp.fgv.br/files/u68/pesquisa\\_fgvbrasilprev.pdf](https://eaesp.fgv.br/sites/eaesp.fgv.br/files/u68/pesquisa_fgvbrasilprev.pdf). Acesso em: 2 fev. 2019.

Fundação Getúlio Vargas (FGV). Núcleo de Estudos em Organizações e Pessoas (EAESP). (2013). *Envelhecimento da força de trabalho no Brasil: como as empresas estão se preparando para conviver com equipes, que, em 2040, serão compostas principalmente por profissionais com mais de 45 anos?* São Paulo: FGV. Disponível



em: <https://www.pwc.com.br/pt/publicacoes/servicos/assets/consultoria-negocios/pesq-env-pwc-fgv-13e.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2018.

Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas.

Guillemard, A. M. (2010). *Les défis du vieillissement, âge, emploi, retraite, perspectives internationales*. Paris: Armand Colin.

Organização das Nações Unidas (ONU). (1982). *Plano de Ação Internacional de Viena sobre o Envelhecimento*. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/e-psico/publicas/humanizacao/prologo.html>. Acesso em: 11 jan. 2019.

Pinto, A. M. G. L. R. S. (2015). *Envelhecimento, trabalho e práticas de gestão de recursos humanos*. (Tese de Doutorado em Gestão e Desenvolvimento de Recursos Humanos, Instituto Universitário de Lisboa, Portugal). Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/12369/3/2016-06-02%20IgnitePhD2016%20Ana%20Pinto.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2019.

World Health Organization (OMS). (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde.

World Health Organization. (2020). *Decade of healthy ageing*. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/ageing/decade-of-healthy-ageing>. Acesso em: 3 jun. 2021.



## **PEDAGOGIA DO AMOR ORIENTADA PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM A PARTIR DE FILIPPO SMALDONE**

LARA PEREIRA DOS SANTOS<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este artigo explora a Pedagogia do Amor, orientada para o ensino e a aprendizagem, com ênfase principal em Filippo Smaldone (1848-1923), complementada pelas contribuições de Dom Bosco (1815-1888) e Henri Wallon (1879-1962). Smaldone trabalhou com os marginalizados de seu tempo, especialmente os surdos, desenvolvendo uma abordagem pedagógica pautada no amor e no desenvolvimento integral do ser humano. Ele destaca o amor como uma forma de transformar o ensino e a aprendizagem em uma experiência significativa e humanizadora. Dom Bosco aprimorou o sistema preventivo, fundamentando-o em três pilares: "razão, religião e bondade", nos quais procurava inculcar uma relação sadia de disciplina e afeto, promovendo o respeito, a confiança, a bondade e a doçura no ambiente escolar, permitindo ao educador cultivar o potencial de cada aluno. Henri Wallon oferece uma base teórica que dá respaldo à visão humanizada do desenvolvimento humano, integrando a afetividade e a inteligência, destacando sua interdependência. A afetividade ocupa uma posição central em sua teoria, embora seja apenas um dos componentes que formam a integralidade do ser, que deve ser a essência de toda prática pedagógica. Com isso, o artigo coloca essas perspectivas em diálogo com o leitor, destacando um ensino que vai além do conhecimento acadêmico e busca a totalidade integral do aluno. Ademais, a Pedagogia do Amor surge como uma proposta de formação que respeita a plenitude do indivíduo.

**Palavras-chave:** Pedagogia do Amor. Desenvolvimento integral. Afetividade. Educação inclusiva. Ensino humanizado.

### **INTRODUÇÃO**

---

Centro Universitário do Distrito Federal – UDF - email: larapereirassc@gmail.com





O presente estudo visa analisar e identificar de que forma o ensino fundamentado na Pedagogia do Amor e da afetividade, com base em Filippo Smaldone (1848-1923), pode influenciar de maneira particular a qualidade do processo de ensino e aprendizagem de um estudante em um ambiente escolar, permitindo que o aluno cresça plenamente em seu desenvolvimento humano. Serão destacados aspectos de sua vida e pedagogia que evidenciam a caridade como princípio educativo.

Além disso, este texto busca explorar, com base em experiências pessoais em sala de aula, a aplicação dessa pedagogia, que foi observada, testemunhada e confirmada como transformadora tanto para os alunos quanto para os docentes. A educação é um exercício complexo, mas essencial para a construção e o desenvolvimento humano e cognitivo do estudante, e a incorporação da afetividade pode potencializar esse processo.

Este artigo propõe reflexões sobre o modo de ensino e de vida de Smaldone, trazendo à luz um ensino e aprendizagem fundamentados no amor, e ao mesmo tempo aponta como essa abordagem pode modificar o ensino, a aprendizagem e o desenvolvimento integral do aluno no ambiente escolar, em consonância com outros teóricos, ampliando e contextualizando a temática.

Objetiva-se expressar o modo de ensino e de vida de Filippo Smaldone para reflexão sobre o ensino e aprendizagem de docentes e discentes; identificar de que forma esse processo de ensino, baseado na afetividade, pode modificar a qualidade da aprendizagem e o desenvolvimento integral do estudante no ambiente escolar, com o apoio de outros teóricos; e, por fim, analisar o processo de transformação no que diz respeito à aprendizagem, tendo como base a Pedagogia do Amor para o crescimento integral do aluno.

Ademais, utilizam-se também Dom Bosco e Henri Wallon como referências práticas e teóricas que, ao longo de suas vidas, buscaram, vivenciaram e escreveram sobre esse processo de desenvolvimento humano, baseando e considerando o indivíduo em sua totalidade.

Dessa forma, essa abordagem integrativa e afetiva é indispensável para a formação de ambientes educacionais mais acolhedores e inclusivos, promovendo um



crescimento integral dos estudantes. Outrossim, ao realçar a importância da Pedagogia do Amor, o artigo indica uma crítica a práticas educativas que, na maioria das vezes, priorizam mais o conhecimento em si, em detrimento do próprio aluno, evidenciando a necessidade de resgatar práticas pedagógicas mais afetivas e humanizadoras.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **1. BREVES CONCEITOS SOBRE A AFETIVIDADE**

As relações humanas são fundamentais para o desenvolvimento do ser humano. O meio social é indispensável para o crescimento individual, pois, sem ele, a civilização não teria se formado. Foi por meio da união de grupos que a humanidade construiu seus valores, papéis e a sociedade. Segundo Carl Rogers (1983), a afetividade é um elemento crucial no processo educativo. Para ele, quando o professor expressa respeito e compreensão, cria um clima que encoraja a abertura emocional e o desenvolvimento pessoal, o que, por sua vez, leva a um aprendizado mais profundo e ao crescimento do aluno.

A afetividade, segundo o Dicionário Técnico de Psicologia (2014), é a capacidade de experimentar e expressar emoções, sentimentos e paixões, sendo central para o comportamento humano. Ela envolve respostas emocionais a estímulos internos e externos, influenciando a personalidade, as relações sociais e a percepção da realidade.

O aspecto filosófico dessa palavra, segundo Nicola Abbagnano (1998), é a experiência humana ligada às emoções e sentimentos, distinta da cognição e da razão. Ela reflete como o indivíduo reage emocionalmente aos eventos, influenciando tanto a esfera emocional quanto moral, afetando decisões e julgamentos.

Almeida e Mahoney (2007, p. 17) definem afetividade da seguinte maneira: "capacidade, disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis."

Nussbaum (2001) argumenta que o desenvolvimento moral e ético envolve reconhecer a importância das emoções e das experiências afetivas, o que pode ter



implicações profundas na maneira como ensinamos e aprendemos. Ela mostra que as nossas vidas e nossas decisões morais estão inevitavelmente ligadas a elas, ou seja, existe uma relação constante e inescapável. Ela defende que a ética não deve se basear apenas na razão pura, mas também acolher as emoções, pois estas são essenciais para uma vida moral plena e para a construção de relações compassivas e justas. Por isso, para ela, as emoções são componentes permanentes da experiência humana e, portanto, estão continuamente presentes nas nossas escolhas éticas e nas relações que estabelecemos.

### **1.1 A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

A orientação e o apoio encontrados em um ambiente familiar no desenvolvimento de uma criança, no seu processo de ensino e aprendizagem, devem ser semelhantes aos de um ambiente escolar, no sentido de que o aluno se sinta acolhido e protegido, criando um bom relacionamento com aqueles que estarão cotidianamente ao seu redor. Isso possibilita o desejo de querer estar nesse lugar todos os dias e aprender.

O professor deve também assumir a missão de desenvolver valores que promovam a dignidade ontológica do indivíduo, ou seja, a dignidade "que compete à pessoa enquanto tal, pelo simples fato de ela existir e ser querida... Esta dignidade não pode jamais ser cancelada e permanece válida para além de toda circunstância em que os indivíduos venham a se encontrar" (DICASTÉRIO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 2024). Isso implica que o professor deve formar não apenas mentes, mas também corações, promovendo virtudes como respeito, justiça e cooperação, ajudando os alunos a reconhecerem e agirem conforme sua própria dignidade e a dos outros.

Ademais, a valorização do aluno por parte do professor, no que se refere ao reconhecimento inerente a cada um, independentemente de suas capacidades acadêmicas ou comportamentais, possui um valor intrínseco. Em consequência, esse reconhecimento molda a forma como o professor interage com o aluno, incentivando uma postura de respeito, cuidado e paciência.



Outro ponto fundamental que a dignidade ontológica nos faz refletir é a relação de cooperação e respeito mútuo, onde, apesar de o professor ter uma posição de autoridade, essa mesma autoridade deve ser exercida com responsabilidade e em benefício do aluno, evitando práticas autoritárias e desrespeitosas. Em vez disso, cria-se e alimenta-se um ambiente em que os alunos se sintam valorizados e capazes de expressar suas opiniões, experiências e dificuldades. Isso fomenta uma aprendizagem mais significativa e humanizadora.

Por isso, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) nos indica que:

A criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Tem desejo de estar próxima às pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente. Ampliando suas relações sociais, interações e formas de comunicação, as crianças sentem-se cada vez mais seguras para se expressar, podendo aprender, nas trocas sociais, com diferentes crianças e adultos cujas percepções e compreensões da realidade também são diversas. Para se desenvolver, portanto, as crianças precisam aprender com os outros, por meio dos vínculos que estabelecem (BRASIL, 1998, p. 21).

Para Gil (2009), a sala de aula, muito mais do que um ambiente físico, é um ambiente social e afetivo em que o desenvolvimento intelectual dos alunos é afetado pelas relações vivenciadas nesse espaço. Conforme Caldeira (2013), a relação afetiva do professor-aluno tem que ser baseada no respeito mútuo, esse é o principal colaborador para tornar a sala de aula um ambiente favorável à aprendizagem. Ademais, Chalita afirma que: “A educação não pode ser vista como um depósito de informações. Há muitas maneiras de transmitir o conhecimento, mas o ato de educar só pode ser feito com afeto, esta ação só pode se concretizar com amor” (2001, p. 12). Em consonância a esse pensamento, Barbosa e Canalli sinalizam que:

A diferença de educar seres humanos que se encontram nas primeiras etapas da vida é uma tarefa para os docentes que se preocupam na formação global do educando e não apenas na formação parcial, obtida em sala de aula. As



demonstrações de carinho, bem como a afetividade nas palavras ditas pelo professor, resultarão no auxílio e conforto para o aluno, quando este necessitar acomodar as informações recebidas, sem que haja repulsão ou aversão ao conteúdo apresentado, ou até mesmo ao próprio ato de aprender algo novo (2011, p. 1).

Por isso, é de suma importância que a ação educativa oriunda por parte do docente seja direcionada para uma ação reflexiva do estudante em torno de tudo aquilo que o circunda. As interações qualitativas existentes entre o professor e o aluno em sala de aula, que incluem a escuta, a paciência e a ternura, respeitam as etapas do desenvolvimento de cada aluno. Com isso, o docente se torna intermediário desse processo, colaborando para uma relação positiva e próxima entre o regente e o conhecimento.

É interessante notar a comparação feita por Cunha (2010) entre uma árvore e uma escola, afirmando que a árvore é a escola. Esse autor afirma que a árvore é alimentada, e ela também alimenta, abriga e ensina os passantes à sua sombra, sustenta os que se aconchegam e fazem seus ninhos e, como pássaros, prepara uma nova geração para voar. Com isso, a relação existente entre professor e aluno tem uma influência relevante para o ensino e a aprendizagem no contexto escolar.

## **2. A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGIA DO AMOR SEGUNDO FILIPPO SMALDONE**

Filippo Smaldone foi um sacerdote italiano, da região de Nápoles, nascido em 27 de julho de 1848, no final do século XIX e início do século XX. Ele dedicou sua vida aos marginalizados da sociedade, de modo particular os surdos. O contexto familiar, o fator sócio-político e o fator eclesial propiciaram o desenvolvimento da Pedagogia do Amor, caracterizada por um olhar mais atento ao outro, desde a infância e juventude, influenciando profundamente sua vida e suas escolhas. O tradicional costume da família de Filippo, e de seus sete filhos, foi nutrir nos corações dos filhos o amor a Deus e aos irmãos, desde os primeiros anos, sendo solidificado nos princípios cristãos.



Embora o fator sócio-político não tenha gerado impactos diretos na vida de Filippo, na sua educação, religiosidade e formação humana, pode-se inferir que a família não ficou indiferente às circunstâncias inerentes às revoltas de Nápoles, em 1848, que geraram, anos posteriores, a queda do Reino das Duas Sicílias, governado pelos Bourbons. O fator eclesial foi o aspecto mais destacado na vida de Smaldone, em ressonância histórico-religiosa significativa, pela sua real importância e impacto tanto na educação quanto no desenvolvimento humano e religioso de Filippo, desde a sua infância e adolescência.

Ademais, foi neste caminho humano e espiritual que ele foi amadurecendo cada vez mais a ideia, e sobretudo a vivência e experiência com a Pedagogia do Amor, refletida primeiramente na vida dele mesmo e com todos aqueles que ele conhecia. Smaldone tinha um caráter vivo, atencioso, prudente e um comportamento gentil e sério, virtudes e características essas que foram delineando o seu modo de ensinar e cuidar dos surdos do seu tempo, como é mostrado no seguinte trecho atestado por Dom Lorenzo Apicella, diretor da Pia Casa dos Surdos de Nápoles:

Certifico... que o Sr. Diácono D. Filippo Smaldone frequenta esta casa há dois anos como tutor da classe infantil com diligência, muito cuidado e comprometimento, ele tem grande aptidão para esse trabalho e ele edifica a todos com a sua conduta (tradução nossa) (CANONIZATIONIS, 1989, p. 19).

A grandeza de coração revestida na vida de Filippo não está ligada a certos temperamentos ou a épocas de certos tempos, mas à abertura ao outro, por meio do amor a Deus, que era a maior aspiração de toda a sua vida. É visto na história de Smaldone que a sua solidez vocacional, advinda de uma crise levantada por um arcebispo de Nápoles, recorda a maturidade e a seriedade da sua escolha, feita aos quinze anos, de entrar no seminário, denotando uma confirmação concreta e incisiva no estilo de vida que ele levou e dedicou aos mais necessitados.

Filippo, por meio da linguagem do coração, alcança o silêncio existente no coração do surdo, pois a sua deficiência, considerada como exclusão na vida social, impossibilitava-o de crescer de forma integral, de não ser digno aos olhos de ninguém, sendo considerado “infeliz”, como era definido e caracterizado na época. Smaldone



aplicou e desenvolveu cada vez mais a Pedagogia do Amor como uma nova janela de esperança para esses surdos, que eram então vistos como impossibilitados de tudo, até mesmo de se salvar, pois, como não conseguiam escutar, conseqüentemente não poderiam falar “normalmente”, impossibilitando o conhecimento da verdade e de Deus.

Foi observando o silêncio do Estado, a pobreza do Centro-Sul da Itália e as condições de abandono dos surdos, que Filippo Smaldone amadureceu, na sua consciência pedagógica e amorosa, a convicção da necessidade de programar organicamente a atividade didática para atender aos alunos surdos. Estes necessitavam de mulheres que se consagrassem à evangelização e educação dos surdos, pois, pela inclinação natural, o coração de mãe, a paciência infinita e a maior sensibilidade às dificuldades dos surdos, estariam melhores preparadas para cuidar deles. Assim, nasceu na cidade de Lecce, em 1885, a congregação das Irmãs Salesianas dos Sagrados Corações e o primeiro Instituto para surdos em Lecce (Sofiato; Conceição Filho, 2023).

Além da assistência aos surdos, em 1889, Smaldone, impressionado e comovido pelo número crescente de meninas com deficiência visual, que se encontravam à própria sorte e sem instrução, decidiu também acolhê-las, fazendo tudo o que estava ao seu alcance para que elas pudessem ter toda a assistência necessária e digna para viver e se desenvolver. Assim, ele enviou três irmãs Salesianas dos Sagrados Corações para uma escola especializada em Florença, a fim de aprender o método de ensino para ajudar as meninas deficientes visuais e possibilitar o surgimento de um novo instituto com seriedade. Entretanto, foi muito doloroso para ele não poder continuar os trabalhos com elas devido à insuficiência de recursos (CANONIZATIONIS, 1989, p. 155, cap. VI).

Smaldone, para desenvolver sua atividade com os alunos surdos, empenhou-se em conhecer os meios e os métodos válidos para a educação deles, dando início ao que se pode chamar de Pedagogia do Amor, que continua, hoje, por meio do trabalho da congregação religiosa por ele fundada.

Outrossim, uma das características que o distinguiram e deram um significado considerável ao seu trabalho e missão com os surdos foi a diligência e o empenho



para desempenhar sua tarefa de gerir os institutos, uma tarefa que foi longa, precisa, imediata, específica e muito atual para o seu tempo.

O amor e dedicação de Smaldone aos surdos lhe renderam muitos reconhecimentos e agradecimentos por aqueles que o conheceram e conviveram com ele. No dia 4 de junho de 1923, a irmã Bibiana Testi, Salesiana dos Sagrados Corações, testemunhou que, quando os surdos souberam de sua morte, eles mesmos quiseram acomodá-lo no caixão e levá-lo, dizendo que jamais poderiam esquecer um pai (CANONIZATIONIS, 1989, p. 345).

O grande empenho de Smaldone também foi demonstrado em um aprimoramento progressivo da arte de ensinar e cuidar dos surdos. Vê-se que Filippo, uma vez tomada a decisão final de dedicar-se ao cuidado e à educação dos surdos, lançou-se de corpo e alma no conhecimento e no estudo dos métodos do passado e do seu presente, no seguimento das várias propostas metodológicas e pedagógicas que vinham sendo discutidas em sua época, tornando-se um especialista no assunto, expressando também na sua vida o zelo e a atenção diante das dificuldades do outro, evidenciado no discurso proferido na missa pelo celebrante Monsenhor Vincenzo De Santis, por ocasião do trigésimo aniversário de morte de Smaldone:

Jovem de natureza calma e reflexiva, mostrou forte inclinação para ajudar nas misérias dos outros e escolheu, por vocação divina, o caminho do Santuario como aquele que o colocava mais em contato com as almas, a quem quis comunicar todo o ardor do coração de apóstolo... (tradução nossa) (CANONIZATIONIS, 1989, p. 20).

Smaldone foi um homem profundamente sensível à causa dos surdos, conforme é relatado por várias testemunhas. Ele era sempre atento às necessidades dos surdos de forma integral, demonstrando bastante familiaridade e compaixão com essa realidade.

A finalidade do ensino aos surdos era abri-los ao amor a Deus, torná-los aptos à comunicação com os outros e, ao mesmo tempo, prepará-los para o exercício de uma atividade que os inserissem na sociedade, garantindo-lhes um modo de





sobrevivência, já que os surdos eram vistos como pessoas excluídas, abandonadas, “infelizes” e deixadas à própria sorte.

No artigo 8º, referente ao estatuto do instituto que trata da natureza e do objetivo do ensino de surdos, é mencionado que o ensino oferecido aos admitidos tinha como objetivos: “A educação a ser ministrada aos admitidos no Instituto é formar o seu coração e a sua consciência...” (CANONIZATIONIS, 1989, p. 236).

O coração é, na maioria das vezes, usado como metáfora para a afetividade, pois simboliza emoções, sentimentos e capacidades de se conectar com os outros, sendo o local de origem dos vínculos afetivos, os quais possibilitam um estreito laço que contribuirá para que o estudante se desenvolva de maneira integral, algo experienciado e aplicado por Smaldone em seu trabalho com os surdos. Em conformidade com isso, Carl Rogers afirma que a afetividade e a empatia são fundamentais no processo de aprendizagem, sendo que o vínculo afetivo contribui para uma experiência de ensino mais significativa e completa para o estudante (ROGERS, 1972).

O cuidado de Smaldone com o ensino e o aprendizado dos surdos era de tamanha importância que ele orientava que, além das tarefas escolares, deveriam ser dadas também lições para toda a família dos surdos, fazendo com que “Todo método de educação e o processo da sua aplicação devem ser orientados para a educação da mente e do coração” (tradução nossa) (CANONIZATIONIS, 1989, p. 238). Outro ponto significativo referente a Pedagogia do Amor é:

O aspecto mais especificamente formativo-educativo é também muito bem ilustrado por Smaldone, que define em termos claros antes de mais nada a finalidade suprema do Pio Instituto, que deve ser considerado e governado como uma família bem regulada, na qual o Diretor toma o lugar de pai, e os educadores ajudam-no a criar um ambiente familiar, baseado no amor e na confiança mútua (tradução nossa) (CANONIZATIONIS, 1989, p. 241).

Ainda sobre o Estatuto orgânico da instrução aos surdos na escola:



O comportamento dos superiores e dos professores será, portanto, paternal e capaz de despertar nos alunos aquele respeito que não tira a confiança e aquele amor que não diminui, mas aumenta o respeito. Portanto, as advertências serão dadas com mansidão, as admoestações dadas com caridade,... (tradução nossa) (CANONIZATIONIS, 1989, p. 242).

Por fim, o sistema educacional adotado e posto em prática por Smaldone foi o sistema preventivo, que se fundamenta na pessoa humana e na sua visão positiva do seu potencial, consistindo em:

...em dá a conhecer as prescrições e regulamentos de um instituto e depois supervisionar de tal forma que os alunos tenham sempre o olhar da professora ou governanta acima deles que, como mães amorosas, falam, servem de guia em cada evento, dar conselhos e corrigir amorosamente. ou seja: tornar os alunos incapazes de cometer falhas. (tradução nossa) (CANONIZATIONIS, 1989, p. 243).

Smaldone destaca a importância desse sistema e os benefícios no desenvolvimento do aluno:

O sistema preventivo trata o aluno de tal forma que o educador possa sempre falar-lhe na linguagem do coração, durante fora e fora da educação. Com tal sistema, o educador, ao conquistar o coração do seu estudante, poderá exercer sobre ele um grande império, alertá-lo, aconselhá-lo e até corrigir... A prática desse sistema baseia-se inteiramente nas palavras de São Paulo: *Caritas patiens est*, isto é, a caridade é paciente, benigna, ela sofre tudo, tudo espera, tudo suporta... (tradução nossa) (CANONIZATIONIS, 1989, p. 244).

### **3. PEDAGOGIA DO AMOR SEGUNDO DOM BOSCO**

Dom João Bosco viveu no século XIX (1815-1888), na região de Castelnuovo, em uma família pobre e humilde, tendo como princípios a fé e a caridade. Esse foi um período de profundas transformações sociais, políticas e econômicas, como a



Revolução Industrial, considerada uma das mais críticas da história, a unificação da Itália, desigualdades sociais, tensões entre a Igreja Católica e os novos movimentos políticos e sociais, gerando crescentes tensões e disputas.

O sistema preventivo e o sistema repressivo foram sistemas educacionais distintos originados em diversas versões, praticados na história tanto nas famílias quanto nas instituições. Ambos os sistemas se fundamentam em razões plausíveis e êxitos positivos. Bosco não elaborou um sistema baseado em teoria, mas foi muito concreto e consciente, experienciando com a sua vida isso e, intencionalmente, adotou princípios, métodos e instituições que possibilitassem orientar os jovens a uma formação bastante completa (BRAIDO, 2004, p. 13-15).

O contexto histórico desse sistema origina-se após as turbulências da Revolução Francesa e as mudanças acarretadas por Napoleão Bonaparte. Assim, a Europa viu-se obcecada pela ideia de “prevenção”. Com isso, houve esforços para restaurar a antiga ordem, tendo os conservadores motivados por seus medos e interesses em manter a ordem e prevenir conflitos, adotando medidas repressivas para conter possíveis novas ideias revolucionárias e subversivas. Os moderados, por sua vez, buscavam o equilíbrio e os valores tradicionais, o que deu nascimento ao conceito de “sistema preventivo”, visando manter a ordem e prevenir conflitos futuros (BRAIDO, 2004, p. 27-29).

A “prevenção” caracterizou o século XIX, sendo também um motivo para conter as ideias liberalistas e a revolução. Bosco reflete essas preocupações em livros, como, por exemplo, *História Eclesiástica* de 1845. Embora nem tudo fosse considerado negativo, as ideias de liberdade, igualdade e reforma, sobretudo nas artes e nas ciências, acabaram sendo incorporadas ao sistema preventivo, equilibrando assim razão, liberdade e humanidade com valores cristãos (BRAIDO, 2004, p. 27-29).

O sistema preventivo de Dom Bosco apoia-se na razão, na religião e na *amorevolezza* (bondade). Esses são meios que, se não forem associados juntos, não podem ser chamados de sistema preventivo. Para ele, era impossível que apenas a razão fosse suficiente se os jovens não se sentissem amados, se os seus problemas



não fossem compreendidos e se não fossem ajudados com a graça de Deus. O sistema preventivo apontava que:

A familiaridade gera o afeto e o afeto produz confiança. Isso é que abre os corações, e os jovens manifestam tudo sem temor aos mestres, assistentes e superiores. Tornam-se sinceros na confissão e fora da confissão e se prestam docilmente a tudo o que porventura lhes mandar aquele de quem têm certeza de serem amados (EDITORA SALESIANA, 2004, p. 12).

Dom Bosco frisava de forma veemente que os jovens deveriam ser ensinados com paciência e empatia amorosa, ao invés de intimidação e punição. Em contrapartida, os castigos físicos eram comuns, e as crianças eram tratadas como “pequenos adultos”. Ele interveio nesta realidade, buscando desenvolver cada criança e cada jovem na sua totalidade. Seu sistema educativo unificava a qualidade dos conteúdos, a formação profissional e o desenvolvimento da espiritualidade. A sua pedagogia foi considerada inovadora, pois colocava o educador como companheiro e incentivador no processo de aprendizagem do educando (REDAÇÃO, 2016).

Do ponto de vista didático, Dom Bosco recomendava alguns comportamentos para o professor, dentre os quais estava o cuidado com todos os alunos, desde os que apresentavam mais dificuldades, os medianos e os mais talentosos. A aptidão de um docente não está em “nutrir” grandes inteligências, mas em despertar o potencial existente em cada um, que deve ser desenvolvido. Outrossim, é visto como especialista aquele agricultor que, além de colher bons frutos em solo fértil, sabe também tornar produtivo até mesmo os terrenos áridos e sem perspectivas visíveis (SOCIETÀ DI S. FRANCESCO DI SALES, 1877, p. 33-34).

Interessante notar que esse sistema se concentra completamente nos recursos, no positivo e nas potencialidades de vida e de bem que cada um traz dentro de si, independentemente de sua história de vida ser boa ou não, seja recebida da convivência familiar, do contexto social ou do aspecto eclesial. Isso fica muito claro neste pensamento de Dom Bosco, que tinha paciência e esperança em acreditar no ponto acessível ao bem, nessa “corda” acessível ao coração que cada um tem e que o educador deve se empenhar em procurar:



Como não existe solo ingrato e estéril que não possa finalmente ser frutificado através de longa paciência, o mesmo acontece com o homem; a verdadeira terra moral, que por mais estéril e relutante que seja, produz, no entanto, mais cedo ou mais tarde, pensamentos honestos e depois atos virtuosos, quando um diretor com orações ardentes coloca seus esforços na mão de Deus para cultivá-la e torná-la fecunda e bela. Em cada jovem, mesmo no mais desafortunado, existe um ponto acessível ao bem e o primeiro dever do educador é procurar este ponto, esta corda sensível do coração e tirar proveito dele. (tradução nossa) (BOSCO, Giovanni. *Memórias Biográficas de São João Bosco*. Volume 5. São Paulo: Edições Salesianas, 1898, p. 367. (MB V, 367)).

A prática do sistema preventivo é baseada na caridade, conforme nos indica São Paulo (1 Coríntios 13). A bondade (*amorevolezza*) de Dom Bosco é uma metodologia pedagógica bem característica sua, que é usada tanto por cristãos quanto por não cristãos. Contudo, não se restringe apenas ao ambiente escolar, mas é um elemento fundamental da espiritualidade salesiana. Ela se inicia em Deus e se manifesta na simplicidade, cordialidade e fidelidade. Ela é bem explicitada na seguinte afirmação:

Ela, com efeito, é amor autêntico porque vem de Deus; é amor que se manifesta nas linguagens da simplicidade, da cordialidade e da fidelidade; é amor que gera vontade de correspondência; é amor que suscita confiança, abrindo caminho para a confiança e a comunicação profunda ("a educação é coisa do coração"); é amor que se difunde criando clima de família, no qual viver em comum é belo e enriquecedor. (DICASTÉRIO PARA A FAMÍLIA SALESIANA, 2012, Art. 32).

Neste mesmo sentido:

A bondade torna-se assim sinal do amor de Deus, e instrumento para despertar a sua presença no coração dos que foram alcançados pela bondade de Dom Bosco; é um itinerário de evangelização... a espiritualidade apostólica da Família Salesiana caracteriza-se não por um amor entendido



genericamente, mas pela capacidade de amar e fazer-se amar. (DICASTÉRIO PARA A FAMÍLIA SALESIANA, 2012, Art. 32).

É considerado um princípio geral que o amor se adquire com amor. O professor, antes de qualquer coisa, deve assumir para si os sentimentos de um pai em relação àqueles que lhe são confiados, estando atento para desempenhar as funções paternas, com sentimentos de bondade e ternura, assim como os pais têm com seus filhos. Essas formas de agir serão inspiradas pela doçura, conferindo ao educador sensibilidade, afeto e bondade. A doçura tem o poder de suavizar a rigidez das ordens, tornando-as menos duras, frias e penosas, e diminuindo suas dificuldades (AGATHON, 2012, p. 64).

#### **4. TEORIA PSICOGENÉTICA DA PESSOA COMPLETA DE HENRI WALLON**

Henri Wallon (1879-1962) foi filósofo, psicólogo e médico francês que buscou compreender o desenvolvimento pleno do indivíduo, considerando todos os aspectos internos e externos, como os componentes cognitivos, motores e afetivos de uma criança. Sua abordagem é centrada na afetividade, oferecendo uma perspectiva integral do ser humano, entendendo-o como um indivíduo completo..

##### **4.1 A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES HUMANAS E A VISÃO DE WALLON**

Segundo Lev Vygotsky (1991), o meio social é fundamental para o crescimento individual, pois é onde ocorre o processo de internalização das aprendizagens e a formação do pensamento. Isso atesta que as relações humanas exercem grande influência na coletividade, na construção de valores, funções e normas que guiam a sociedade.



Wallon, ao integrar psicogênese e história, destacou a importância das relações humanas e do ambiente — tanto físico quanto social — como fatores essenciais na constituição do indivíduo, em complemento ao aspecto orgânico.

A afetividade é um tema central na obra de Henri Wallon, e ele tem uma posição clara sobre sua importância no desenvolvimento infantil. Para ele, a afetividade desempenha um papel crucial na formação da personalidade, a qual se desenvolve por meio da alternância entre diferentes domínios funcionais. Wallon faz referência a esses quatro domínios funcionais: o ato motor, o conhecimento, a afetividade e a pessoa, sendo que cada um desses domínios tem seu próprio campo de ação e organização, mas mantém uma relação com os demais, formando um mecanismo interfuncional. Além disso, ele privilegia as relações intrínsecas entre afetividade e inteligência.

Ademais, ele afirma que a afetividade não é apenas uma dimensão da pessoa, mas:

[...] ela é também uma fase do desenvolvimento, a mais arcaica. O ser humano foi logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional. Portanto, no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturados, com predomínio da primeira (WALLON, 1992, p.90).

Deste modo, Wallon sugere que o desenvolvimento intelectual só se torna possível a partir de uma base emocional sólida onde o indivíduo entende o mundo principalmente pelas suas emoções.

#### **4.2 A AFETIVIDADE COMO UM ELEMENTO ESSENCIAL NO DESENVOLVIMENTO HUMANO**

Na psicogenética de Wallon (1992), o afeto ocupa uma posição central tanto no processo de conhecimento quanto na construção da pessoa. Ele considera a afetividade essencial para o desenvolvimento, sendo por meio dela que o aluno



expressa seus desejos e vontades. A afetividade desempenha um papel crucial nas primeiras manifestações do sujeito, contribuindo para sua formação inicial.

Além disso, Wallon ressalta que o ser humano é constituído pela afetividade, uma necessidade que surge desde o nascimento, precedendo a linguagem como forma de comunicação. Dessa forma, a afetividade é um domínio anterior à inteligência e fundamental ao desenvolvimento humano, pois reflete as demandas individuais.

### **4.3 TEORIA PSICOGENÉTICA E A VISÃO HOLÍSTICA DA CRIANÇA**

A teoria psicogenética criada por Wallon (1992) propunha estudar a criança de maneira holística, ou seja, considerando-a como um ser completo e integrado. Isso significa que ele acreditava que o desenvolvimento infantil não deve ser fragmentado em partes isoladas, como apenas o aspecto intelectual ou emocional. Em vez disso, todos os elementos, emoções, cognição, corpo, motricidade e interações sociais, devem ser vistos de forma interconectada.

Ao afirmar que Wallon rompe com o dualismo cartesiano, faz-se referência a René Descartes, que separava corpo e mente como entidades distintas e independentes. Wallon, por sua vez, rejeita essa divisão. Para ele, corpo e mente são inseparáveis e se desenvolvem em conjunto, em uma interação constante com o ambiente social e cultural. Ele defendia que o desenvolvimento humano só pode ser compreendido plenamente quando se considera o indivíduo como um todo, onde corpo, mente, emoções e ambiente social estão profundamente interligados (DESCARTES, 2000).





### **4.3 O DESENVOLVIMENTO DO INDIVÍDUO E A INTERDEPENDÊNCIA COM O MEIO**

Henry Wallon dedicou-se à compreensão da construção do psiquismo humano, desenvolvendo sua teoria com base na psicogênese. Ele afirmava que a história de cada indivíduo começa ao nascer e se desenvolve ao longo de toda a vida. Para entender o comportamento de uma pessoa, Wallon defendia que não se deve focar apenas em um momento específico, pois as características do sujeito mudam e se transformam à medida que ele interage com o ambiente ao seu redor.

Na visão de Wallon (1992), o contexto é essencial, pois influencia diretamente o desenvolvimento do indivíduo, podendo estimular ou inibir certos comportamentos que se modificam conforme as condições oferecidas pelo ambiente. Portanto, o desenvolvimento ocorre através da combinação entre os aspectos orgânicos (biológicos) e sociais (ambientais e culturais). Ele acreditava que ambos são fundamentais e interdependentes para a formação do psiquismo e da personalidade do indivíduo.

Wallon (2023) identifica três tipos de "meios" que permitem ao sujeito desenvolver suas potencialidades e que são interdependentes e não podem ser separados: O meio físico-químico envolve elementos como água e oxigênio, presentes no ambiente, referindo-se às condições básicas para a vida e o desenvolvimento inicial, especialmente nos aspectos físicos e biológicos. O meio biológico se refere às interações do homem com outras espécies, moldando tanto o desenvolvimento físico quanto os padrões de comportamento relacionados à sobrevivência e adaptação ao ambiente natural. Por fim, o meio social, que desempenha um papel central no desenvolvimento psíquico, moldando as experiências do indivíduo conforme as circunstâncias proporcionadas.

Para Wallon, o meio social é essencial, pois proporciona interação, cooperação e aprendizagem, elementos fundamentais para o desenvolvimento da inteligência e da personalidade.



Segundo Tran-Thong (1969), a pedagogia walloniana defende uma educação que não exclui, em nenhuma hipótese, as crianças com dificuldades escolares ou comportamentos inadequados. Para Wallon (2023), as crianças com comportamentos inadequados (desatenção, agitação, indisciplina) não podem conviver em um ambiente repressivo e coercitivo; elas precisam de um ambiente favorável às suas características, de modo a poder conviver com a coletividade. Ademais, lidar com esses comportamentos inadequados tem como grande saída o domínio da afetividade, pois eles, geralmente, são decorrentes de uma vida afetiva desequilibrada. Para reverter o sentido das reações inadequadas, é necessário mostrar ao indivíduo do que ele é capaz. Essa possibilidade de reverter um sentimento negativo, despertando um positivo, está baseada no princípio walloniano de que todo sentimento contém seu oposto, ou seja, é ambivalente.

Na obra de Wallon (1992), é interessante observar que a afetividade e a inteligência são vistas como dois domínios funcionais igualmente importantes e interdependentes no desenvolvimento psíquico. Apesar de suas funções serem distintas, uma influencia a outra. Ou seja, tanto a afetividade (emoções, sentimentos e paixões) quanto a inteligência se desenvolvem juntas, permitindo que a criança atinja níveis mais elevados de evolução mental.

No entanto, Wallon (1992) destaca que, entre a emoção e a atividade intelectual, há não apenas uma interdependência, mas também uma oposição. A informação sobre o antagonismo entre inteligência e emoção sugere que uma se atenua quando a outra está em ação. Esse antagonismo ocorre porque a emoção e a inteligência têm modos de funcionamento opostos: a emoção é intensa, imediata e envolvente, ocupando a mente de forma total e interferindo no pensamento lógico e racional. Por exemplo, quando uma pessoa está emocionalmente agitada, pode ter dificuldade em pensar de maneira clara e analítica. A inteligência, por outro lado, envolve raciocínio, reflexão e controle. Quando o foco é voltado para a atividade intelectual, ela exige concentração e distanciamento emocional, o que faz com que a emoção perca intensidade naquele momento.

Wallon (1992) acredita que, para o desenvolvimento da criança, é necessário haver um "equilíbrio dinâmico" entre esses dois aspectos. Embora interdependentes,



a emoção e a inteligência entram em conflito porque a presença intensa de uma pode prejudicar o funcionamento pleno da outra. Quando a emoção é forte, ela pode dificultar o raciocínio claro, e, da mesma forma, quando a atividade intelectual está em alta, a emoção tende a perder força. Wallon enfatiza que, apesar desse antagonismo, ambos são essenciais e complementares para o desenvolvimento completo da personalidade.

Diferentemente dos métodos tradicionais (que priorizam a inteligência e o desempenho em sala de aula), a proposta walloniana coloca o desenvolvimento intelectual dentro de uma cultura mais humanizada. A abordagem considera sempre a pessoa como um todo. A afetividade, a princípio, pode parecer uma ideia abstrata para o aprendizado, especialmente no contexto de ambientes escolares contemporâneos, que frequentemente recorrem a medidas rígidas para "corrigir" os alunos. No entanto, Wallon nos convida a refletir e a intervir de forma diferente. Ele propõe uma via mais lenta e desafiadora, que pode apresentar dificuldades, principalmente quando associada ao contexto familiar. Contudo, esse caminho deve ser percorrido com paciência, diálogo, proximidade, doçura e amor, pois é essencial para o verdadeiro desenvolvimento integral do ser humano.

Portanto, o desenvolvimento integral do sujeito não pode ser alcançado se a prática educacional se concentrar exclusivamente em uma abordagem intelectualista. Embora o período escolar seja marcado por intensa atividade intelectual, é importante lembrar que, embora adquirir e utilizar o conhecimento envolva memorização, a memória também está profundamente ligada às condições afetivas. A educação deve promover um desenvolvimento pleno do aluno.

É necessário destacar que, apesar da centralidade da teoria de Wallon ser voltada para a afetividade, é fundamental dar relevância ao conhecimento, sem desconsiderar a afetividade. Embora essa teoria seja crucial para o aprendizado, a afetividade por si só não deve guiar apenas o processo educativo; deve ser valorizada, mas sempre integrada à visão integral da pessoa humana.

A teoria psicogenética de Henri Wallon nos indica que o processo de desenvolvimento humano deve ser visto de maneira integral, alinhando afetividade, inteligência e socialização. Wallon (1992) observa que a afetividade, as emoções, são



elementos centrais na formação do ser humano, sendo essenciais tanto no aprendizado quanto no desenvolvimento da criança. Ele não faz a separação entre corpo e mente, defendendo que ambos se desenvolvem juntos.

A tese de Wallon (1992) na educação propõe uma abordagem humanizada que valoriza a pessoa, o aluno em sua totalidade, tendo em vista a afetividade como indispensável para o aprendizado e para um desenvolvimento pleno.

## **METODOLOGIA**

A realização desta pesquisa foi feita a partir de uma revisão bibliográfica, utilizando livros e artigos científicos como base para sua construção e execução.

A pesquisa bibliográfica é um tipo de investigação que se baseia na análise e exame de materiais já publicados sobre determinado tema. Esse tipo de pesquisa normalmente utiliza livros, artigos, dissertações, teses, artigos científicos, entre outras fontes, para explorar o conhecimento existente e fornecer uma base teórica sólida para a investigação. Bastos e Keller (1995, p. 53) definem: “A pesquisa científica é uma investigação metódica acerca de um determinado assunto com o objetivo de esclarecer aspectos em estudo”.

Diante de uma pesquisa, o pesquisador revisa, resume, identifica padrões, oposições e falhas. Além disso, ele constrói uma base teórica, garantindo que a pesquisa seja fundamentada em um conhecimento já consolidado, evitando a repetição de saberes e promovendo um entendimento mais organizado e claro do tema em questão. Como podemos ver neste trecho:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou



conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

### A pesquisa bibliográfica:

Ao utilizar materiais já publicados, o pesquisador evita a necessidade de coletar dados primários, o que pode ser um processo demorado e custoso. Além disso, a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador ter acesso a uma vasta quantidade de informações de forma rápida e acessível, o que facilita o desenvolvimento da pesquisa. (GUERRA; MOURA, 2021, p. 598).

Desse modo, a pesquisa bibliográfica é de suma importância, pois fundamenta e enriquece o texto em estudo, oferecendo os subsídios necessários para que o trabalho contribua de forma significativa para o campo do conhecimento e da aprendizagem.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

<b>Artigo</b>	<b>Artigo</b>	<b>Autor</b>	<b>Palavra-chave</b>
<b>1</b>	A educação de surdos na Itália: revisitando a história, 2023	Cássia Geciauskas Sofiato; Delci da Conceição Filho	Educação de surdos. Itália. Educação Especial.
<b>2</b>	Escritos de João Bosco aos educadores: sistema preventivo versus sistema repressivo, 2016	Dorival de Freitas Junior	Dom Bosco. Sistema preventivo. Sistema repressivo. Sistema salesiano de educação.



3	Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação, 2010	Aurino Lima Ferreira; Nadja Maria Acioly-Régnier	Afetividade. Cognição. Educação. Henri Wallon. Circularidade fundamental.
---	--	---	--

O primeiro artigo, intitulado *A educação de surdos na Itália: revisitando a história* de Sofiato e da Conceição Filho (2023), relata a educação dos surdos desde o século XVI, abordando a história educacional e as primeiras iniciativas no continente europeu, em países como França, Itália e Espanha. Ademais, os projetos pioneiros, motivados por influências religiosas e médicas, refletem o esforço para incluir os surdos na sociedade. Girolamo Cardano é um dos pioneiros a abordar a pedagogia para deficientes.

O século XVIII foi marcado pelo surgimento de duas principais escolas: a francesa, fundada por Charles Michel L'Épée, que usava o sistema de sinais metódicos, e a alemã, fundada por Samuel Heinicke, que utilizava o método oral. Na Itália, o método francês foi adotado, influenciado pela Igreja Católica e pelo contexto da dominação napoleônica. Este estudo descreve o desenvolvimento de 12 institutos para surdos na Itália e o impacto da Lei italiana nº 517 de 1977 na educação de surdos no país.

No segundo artigo, *Escritos de João Bosco aos educadores: sistema preventivo versus sistema repressivo*, de Freitas Junior (2016), é descrita a escolha de Dom Bosco em adotar o sistema preventivo como método pedagógico, baseado em três pilares: razão, religião e bondade. Em contraponto ao sistema repressivo, que se distingue pela ameaça e pela falta de vínculo afetivo entre docente e discente.

O sistema preventivo é orientado pelo amor, mansidão, doçura e respeito, tratando o jovem com humanidade e zelo. Dom Bosco enfatizava a utilização desse



método em seus escritos, direcionados aos educadores e a outras pessoas envolvidas no processo educacional e no desenvolvimento integral do ser.

O terceiro artigo, *Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação*, de Ferreira e Acioly-Régner (2010), discute as ideias de Henri Wallon sobre a afetividade e a cognição no ambiente escolar. A noção de “pessoa engajada” é apresentada como síntese para entender a relação entre afeto e cognição no contexto escolar. Além disso, aborda a visão dialética e humanista de Wallon sobre a pessoa como um todo, aplicando essa perspectiva nas práticas educacionais. Por fim, é citado o conceito de “circularidade fundamental” de Francisco Varela, corroborando a indissociabilidade entre o ser humano e o mundo.

Os textos se diferenciam nos seguintes três aspectos: o primeiro é o contexto histórico e cultural da educação dos surdos na Itália. O segundo apresenta o sistema preventivo como abordagem principal e específica de Dom Bosco. O terceiro texto, Wallon expõe a teoria psicogenética sobre o desenvolvimento humano. Ao passo que os outros textos tratam sobre perspectivas pedagógicas práticas, tanto atuais quanto históricas.

Por fim, os pontos comuns dos textos são: a visão holística do indivíduo, a relação entre docente e discente, a promoção de um ambiente positivo que favorece o desenvolvimento humano e a importância da afetividade no processo educacional, revelando um respeito pelas necessidades de cada um e pela integralidade do aluno.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A afetividade no ensino e aprendizagem, como foi visto, é essencial para criar um ambiente acolhedor e motivador, onde o aluno é respeitado e estimulado a aprender. Essa relação entre docente e discente vai além da simples transmissão de conteúdos, favorecendo o desenvolvimento de diversos valores, como o respeito. A educação torna-se uma prática humanizadora, que forma não apenas mentes, mas também corações. O professor, com sua proximidade e influência positiva, encoraja a



confiança, a abertura e a autonomia dos alunos, gerando aprendizagens significativas e prazerosas.

A trajetória de Filippo Smaldone evidencia como a Pedagogia do Amor pode impactar profundamente a formação e inclusão social de grupos marginalizados, como os surdos, que eram vivenciados por ele naquela época. Smaldone, ao utilizar o sistema preventivo e a pedagogia do amor, percebeu-os como meios eficazes e completos, quando há um vínculo emocional e atenção às necessidades dos estudantes tanto no ambiente escolar como também fora dele. Isso proporciona não somente a aprendizagem, mas uma relação que vai além do conhecimento e adentra no cuidado com o outro em sua totalidade, tornando a relação entre professor e aluno mais próxima.

O modelo humanista de educação, tendo como essência o amor, é demonstrado a partir da perspectiva de Smaldone como uma forma de aprendizagem mais significativa, que também promove um ambiente pautado por diálogo respeitoso, paciente, saudável e de aceitação do outro enquanto ser dotado de dignidade. Entretanto, hoje é perceptível que o ensino escolar está mais voltado para habilidades técnicas e objetivos palpáveis, desconsiderando muitas vezes essa perspectiva mais humanizada.

Ainda assim, é cada vez mais necessário e urgente retornar às práticas educacionais que valorizem o desenvolvimento integral do aluno, sem centralizar o conhecimento, que muitas vezes se torna um fim em si mesmo, desconsiderando o verdadeiro objeto da aprendizagem: o aluno.

Dom Bosco adotou também o sistema preventivo, já existente em sua época, e a pedagogia do amor, fundamentando-se em três pilares que circundam essa relação: a razão, a religião e a bondade. Esse sistema visava a totalidade do aluno, em meio às complexas mudanças sociais, políticas e econômicas do século XIX. Bosco foi inspirado pelo amor cristão e orientado por ele. Sua pedagogia realça a importância de ensinar com paciência, bondade, doçura e amor, evitando punições severas e valorizando a bondade (*amorevolezza*) como elemento central de seu ensino.





Por fim, para Dom Bosco, cada aluno, mesmo o mais agitado, possui o potencial para o bem, e a função do educador é reconhecer e nutrir esse ponto acessível ao coração, possibilitando um ambiente de confiança e crescimento, embora seja um trabalho árduo e delicado.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. Tradução Alfredo Bosi. 21ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AGATHON, Frère. Le dodici virtù del buon maestro: secondo l'insegnamento di San Giovanni Battista de La Salle, fondatore dei Fratelli delle Scuole Cristiane. Edizione italiana a cura di Fratel Bruno Adelco Bordone. Fratelli delle Scuole Cristiane, 2012.

ALMEIDA, A. R. S. A afetividade no desenvolvimento da criança: contribuições de Henri Wallon. Revista Inter-Ação, Goiânia, v. 33, n. 2, p. 343–357, 2008. DOI: 10.5216/ia.v33i2.5271. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/5271>. Acesso em: 8 out. 2024.

ALMEIDA, Ana Rita S. A emoção na sala de aula. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2007.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga. Henri Wallon: Psicologia e Educação. 7ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.

BARBOSA, F. R. M.; CANALLI, M. P. Qual a importância da relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem? EFDeportes, Buenos Aires, v. 16, n. 160, set. 2011.

BASTOS, C. L.; KELLER, V. Aprendendo a aprender. Petrópolis: Vozes, 1995.



BOSCO, Giovanni. Memórias Biográficas de São João Bosco. v. 5. São Paulo: Edições Salesianas, 1898.

BRAIDO, Pietro. *Prevenir, não reprimir: o sistema educativo de Dom Bosco*. São Paulo: Editora Salesiana, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil: formação pessoal e social. Brasília, DF: Palácio do Planalto, 1998.

CABRAL, Álvaro; NICK, Eva. Dicionário técnico de psicologia. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CABRAL, Álvaro; NICK, Eva. Dicionário Técnico de Psicologia. São Paulo: Cultrix, 1996.

CALDEIRA, Jeane dos Santos. Relação professor-aluno: uma reflexão sobre a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (XI EDUCERE), 2013, Curitiba. Anais... Curitiba: PUC-PR, 2013. Disponível em: <https://fsssacramento.br/arquivos/trabalhos/ped/tcc8.pdf>. Acesso em: 16 out. 2024.

CANONIZATIONIS servi Dei Philippi Smaldone: sacerdotis fundatoris Sororum Salesianarum A Sacri Cordibus. Positio Super Virtutibus. Roma: Tipografia Guerra, 1989. P.N. 1126.

CHALITA, Gabriel. Educação: a solução está no afeto. São Paulo: Gente, 2001.

CUNHA, Antônio Eugênio. Afeto e Aprendizagem: relação da amorosidade e saber na prática pedagógica. 2 ed. Rio de Janeiro: WAK, 2010.



DA FONSECA, João José Saraiva. Apostila de metodologia da pesquisa científica. João José Saraiva da Fonseca, 2002.

DAUTRO, Grazziany Moreira et al. A teoria psicogenética de Wallon e sua aplicação na educação. Anais V CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2018.

Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/46160>. Acesso em: 09 out. 2024.

DICASTÉRIO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Declaração Dignitas infinita sobre a dignidade humana. 2 abr. 2024.

DICASTÉRIO PARA A FAMÍLIA SALESIANA. Carta da identidade carismática da Família Salesiana de Dom Bosco. Tradução de Pe. José Antenor Velho. Editora Dom Bosco, 2012.

EDITORA SALESIANA. A pedagogia de Dom Bosco em seus escritos. Brasília, DF: Editora Dom Bosco, 2004.

FREITAS JUNIOR, Dorival de. Escritos de João Bosco aos educadores: sistema preventivo versus sistema repressivo. *Revista Ciências da Educação, Americana*, v. XVIII, n. 35, p. 81–97, out. 2016.

GIL, A. C. Didática do ensino superior. São Paulo: Atlas, 2009.

GUERRA, Avaetê de Lunetta e Rodrigues; MOURA, Dayvison Bandeira de. A chave para o conhecimento: desvendando os benefícios da pesquisa bibliográfica em pesquisas educacionais. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 597–604, 2021. DOI: 10.51891/rease.v7i3.10440.

Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/10440>. Acesso em: 4 nov. 2024.



NOVA ESCOLA. Henri Wallon: o educador integral. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/7229/henri-wallon>. Acesso em: 10 out. 2024.

NUSSBAUM, Martha C. *A fragilidade da bondade: fortuna e ética na tragédia e na filosofia grega*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PIAGET, VYGOTSKY, WALLON. Teorias psicogenéticas em discussão. Yves de La Taille, Martha Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. 14<sup>o</sup> ed. São Paulo: Summus, 1992.

REDAÇÃO. Dom Bosco, história e carisma. Missão Salesiana de Mato Grosso, 16 ago. 2016. Disponível em: <http://www.missaosalesiana.org.br/dom-bosco-historia-e-carisma/>. Acesso em: 3 nov. 2024.

ROGERS, Carl Ransom. Liberdade para aprender. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

ROGERS, Carl. Tornar-se Pessoa. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

SOCIETÀ DI S. FRANCESCO DI SALES. *Regolamento per le case della Società di S. Francesco di Sales*. Torino: Tipografia Salesiana, 1877.

SOFIATO, Cássia Geciauskas; CONCEIÇÃO FILHO, Delci da. A educação de surdos na Itália: revisitando a história. Cad. Hist. Educ., Uberlândia, v. 22, e167, 2023. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-78062023000100039&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-78062023000100039&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 5 nov. 2024. (Epub 07 ago. 2023). DOI: 10.14393/che-v22-2023-167.

TRAN-THONG. Estádios e conceito de estádios de desenvolvimento da criança na psicologia contemporânea. Tradução de Manuel Maia. Lisboa: Afrontamento, 1987. v. I, cap. I, II. p. 159-325.



TRAN-THONG. *La pensée pédagogique d'Henri Wallon*. Tradução de Manuel Maia. Paris: Presses Universitaires de France, 1969.

WALLON, Henri. *Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada*. 1.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2023.

WALLON, Henri. *A evolução psicológica da criança*. Tradução de Álvaro Cabral. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, A. L.; ACIOLY-RÉGNIER, N. M. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. *Educar em Revista*, n. 36, p. 21–38, 2010.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.



## MÍDIA QUEER E SUBJETIVAÇÃO NA COMUNIDADE LGBTQIAPN+

VERIDIANA CANEZIN  
RAPHAEL ISAAC MAGALHÃES

### RESUMO

O presente artigo apresenta reflexões acerca da intersecção entre a temática de gênero, sexualidade e representatividade LGBTQIAPN+ e os processos de subjetivação<sup>1</sup>. Através de uma abordagem teórica fundamentada na teoria queer, nos estudos de gênero e na psicanálise, analisou-se como a mídia queer influencia a construção de identidades dentro da comunidade LGBTQIAPN+. O estudo utilizou uma metodologia qualitativa descritiva, com base na análise de publicações acadêmicas recentes. Os resultados apontaram para a relevância da representatividade na mídia na formação de subjetividades dissidentes e na resistência social e política dessa comunidade. Concluiu-se que a cultura midiática queer possui um papel constitutivo nas identidades que escapam da heteronormatividade e que desafiam as lógicas de poder discursivo e midiático no lastro social.

**Palavras chaves:** teoria queer; subjetividade; mídia queer; LGBTQIAPN+.

### ABSTRACT

This research investigates the intersection between gender, sexuality, LGBTQIAPN+ representation and subjectivation processes. Through a theoretical approach grounded in queer theory, gender studies and psychoanalysis, the study analyzed how queer media influences identity construction within the LGBTQIAPN+ community. The research employed a descriptive qualitative methodology, based on the analysis of recent academic publications. The results highlight the importance of media

---

<sup>1</sup> Fruto de uma pesquisa do Programa de Iniciação Científica - PIBIC da instituição de ensino superior Centro Universitário do Distrito Federal - UDF.



representation in shaping dissident subjectivities and fostering social and political resistance within this community. The study concludes that queer media culture plays a constitutive role in the formation of identities that defy heteronormativity and challenge the discursive and media power structures in the social fabric.

**Keywords:** queer theory; subjectivity; queer media; LGBTQIAPN+

## 1. Introdução

A mídia desempenha um papel constitutivo na formação de identidades e na influência de experiências individuais e coletivas (MEYER, 2013). As representações midiáticas atravessam a forma como os indivíduos percebem o mundo, moldando as suas identidades e sentido de comunidade.

Compreender como a mídia, especialmente no recorte queer, contribui para a construção de subjetividades diversas e não normativas dentro da comunidade LGBTQIAPN+ é um movimento importante para se pensar gênero, diversidade e impacto social desses dispositivos na sociedade dado a sua presença e atravessamentos na era da informação. No decorrer da história de pesquisas em psicanálise no Brasil, é muito recente o crescimento de estudos que se orientam por uma intencionalidade política e social (HAN, 2022).

A palavra "queer" tem origem irlandesa e foi usada para descrever objetos e pessoas que eram curvados. Logo, ser chamado de queer era sinônimo de desvio da normalidade e posteriormente, no começo dos anos 1950, foi aderido para se referir a pessoas marginalizadas socialmente como homens que mantinham relações sexuais com outros homens, por exemplo (HALPERIN, 2012). Logo, o estudo pretende responder a seguinte pergunta de pesquisa: como a cultura e a mídia queer afetam os processos de construção da identidade e subjetividade de pessoas LGBTQIAPN+?

No contexto atual, este termo é considerado uma terminologia guarda-chuva que contempla tanto sujeitos com sexualidade e identidades dissidentes dos modelos cis heteronormativos como, também, uma luta anti-identitária pautada em uma performatividade de gênero subversivas e de resistência política (BUTLER, 2020).



A teoria queer e os estudos de Judith Butler (qual o ano?) são fundamentais para entender a intersecção entre gênero, sexualidade, representatividade LGBTQIAPN+ e processos de subjetivação (KIRSCH, 2006).

Os Estes endereçamentos teóricos promovem uma disrupção das normas sociais ao questionarem a natureza socialmente construída das identidades e expressões de gênero. No que pese os estudos butlerianos, destaca-se a performatividade ao argumentar que a binaridade masculino/feminino não é algo que se possui, mas sim uma performance social construída e repetida via gestos, comportamentos e discursos “[...] não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados” (BUTLER, 2003, p. 48).

Assim, o objetivo geral do estudo é investigar como os processos de subjetivação da população LGBTQIAPN+ são influenciados pela cultura e pela mídia queer.

Assim, essas teorias oferecem uma aresta referencial para analisar como a cultura e a mídia queer constituem o processo de subjetivação de pessoas LGBTQIAPN+. Esta representatividade na mídia e na cultura confere à comunidade em questão modelos e narrativas capazes de costurar e validar as experiências de realidades possíveis. Para além da visibilidade de identidades múltiplas na mídia, a representatividade promove a inclusão e o combate à discriminação e ao estigma enfrentado por pessoas LGBTQIAPN+.

## **2. Metodologia**

A pesquisa básica tem como principal objetivo gerar novos conhecimentos e contribuir para o avanço da ciência sem uma aplicação prática imediata (GIL, 2019). Dessa forma, buscou-se compreender melhor o fenômeno das mídias sociais e suas implicações nos processos de subjetivação da comunidade LGBTQIAPN+ e contribuir para o corpo teórico existente sobre estudos queer.

Conforme afirmam Vergara (2016) e Gil (2019), a pesquisa descritiva tem por objetivo observar, registrar, analisar e correlacionar fatos ou fenômenos sem





manipulá-los, o que se faz pertinente para entender melhor as intersecções entre mídia, identidade e subjetividade queer.

Utilizou-se uma abordagem qualitativa de cunho eminentemente teórico. Segundo Creswell (2014), a pesquisa qualitativa é indicada quando se busca explorar e entender o significado que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano. Essa abordagem permitiu uma análise das percepções, atitudes e experiências de identidades dissidentes de sujeitos à margem da heteronorma em relação ao que se é representado como possibilidades de ser e sofrer pela mídia.

De acordo com Lakatos e Marconi (2021), o método dedutivo parte de premissas gerais para chegar a conclusões específicas. Neste artigo, partiu-se de teorias e conceitos consolidados sobre gênero, mídia e subjetividade e os utilizou para analisar e entender os possíveis desdobramentos de sua retroalimentação. Ao buscar os referenciais teóricos, direcionou-se para outros teóricos que conversavam direta ou indiretamente com o tema. A exemplo: Judith Butler, Michel Foucault, Slavoj Žižek, Byung-Chul Han, Paul B. Preciado dentre outros.

Para a realização deste artigo, foram utilizados artigos e livros sobre o tema mídia queer e processos de subjetivação. A escolha desses materiais seguiu critérios de relevância e atualidade em um recorte de 5 anos, garantindo que as fontes fossem confiáveis e pertinentes ao escopo do estudo. A análise foi orientada pela busca de consistência lógica entre as teorias revisadas e os dados obtidos, contribuindo para a validação das conclusões apresentadas no estudo.

### **3. Resultados**

A representação midiática, seja positiva ou negativa, exerce uma influência constitutiva na construção da identidade e na autoestima dos indivíduos LGBTQIAPN+. A presença de narrativas e personagens que rompem com as normas heteronormativas contribui para o fortalecimento de identidades dissidentes e oferece um contraponto importante ao discurso conservador predominante (BUTLER, 2020).

A mídia queer não apenas reflete as experiências da comunidade



LGBTQIAPN+, mas também participa ativamente na modelagem dessas vivências. A mídia serve como um espaço de resistência e de reconfiguração das identidades (HAN, 2022), ao mesmo tempo em que enfrenta desafios impostos por estruturas de poder que buscam manter as normas sociais vigentes (FOUCAULT, 2020). Desse modo, as representações midiáticas desempenham um papel formativo na subjetivação dos indivíduos, influenciando diretamente como esses sujeitos se veem e são vistos pela sociedade.

Destaca-se também a importância de uma leitura mais crítica da sociedade a partir de uma ótica apresentada pelas operações de poder dispostas na sociedade (BUTLER, 2020; FOUCAULT, 1997), das inscrições da cultura nos processos de subjetivação dos indivíduos (FREUD, 2011; HAN, 2022; LACAN, 1985; ŽIŽEK, 2015) e de como há caminhos possíveis e disruptivos, dentro dessa disputa de narrativas e de poder, de equalizar o direito à existência de sujeitos da comunidade LGBTQIAPN+ (BUTLER, 2020, 2003; FERNANDES, 2017; PAIS, 2020).

## **4. Discussão**

### **4.1. Mídia em análise**

A partir do que Laplanche e Pontalis (1990) sintetizam, o conflito, para a psicanálise, é onde o desejo do sujeito se constitui. No interdito ou na identificação que a existência do outro impõe à existência do Eu é que se pode dar contornos a sua própria identidade. Essas bordas são apresentadas ao indivíduos inicialmente como instituições - família, casamento, trabalho - e depois como normas sociais. Nessa perspectiva, Freud (1923/2011) fala que os processos de identificação se originam de três formas:

Primeiro, a identificação é a mais primordial forma de ligação afetiva a um objeto; segundo, por via regressiva ela se torna o substituto para uma ligação objetal libidínica, como que através da introjeção do objeto no Eu; terceiro, ela pode surgir a qualquer nova percepção de algo em comum com uma pessoa que não é objeto dos instintos sexuais. Quanto mais significativo esse algo em comum, mais bem-



sucedida deverá ser essa identificação parcial, correspondendo assim ao início de uma nova ligação. (FREUD, 1923/2011, p. 35)

Em sequência, Freud (1923/2011) defende que no Eu pode se desenvolver uma instância que se separará do restante do Eu e conflitar entre si, nomeado como ideal do Eu. Possui funções como auto-observação, consciência moral, censura do sonho e a principal influência na repressão, relação esta que se perpetua nas representações midiáticas descritas por Žižek (2015)."

À medida que Žižek (2015) sustenta que a realidade virtual “oferece a própria realidade esvaziada de sua substância”, infere-se que uma das ferramentas utilizadas para reforçar o que é socialmente aceitável ou proibido é a produção midiática. Nela, vê-se uma mimetização repetitiva, quase que dogmática, de como sujeitos devem se portar, vestir, votar, amar, desejar e ser. O que não cabe dentro desses scripts é esvaziado de significados e, por vezes, até de humanidade. Ocorre então, pelo conservadorismo hegemônico, uma imposição paradoxal da escolha “a liberdade de escolher com a condição de que se faça a escolha certa” (Žižek, 2015).

O processo de imposição e exclusão midiática é ainda mais complexo quando se consideram os correlatos neurais da rejeição social que amplificam a angústia e o sofrimento, reforçando os efeitos negativos da não conformidade às normas sociais propagadas pela mídia (VIJAYAKUMAR; CHENG; PFEIFER, 2017).

Alguns estudos sobre os efeitos da rejeição social em seres humanos construíram um mapeamento sobre áreas do cérebro que são acionadas quando este evento ocorre. Vijayakumar *et al.* (2017) recorre a estas investigações e afirma que a rejeição é uma experiência altamente angustiante, associada a afetividade negativa e problemas de saúde mental, como depressão e ansiedade e sugere que os correlatos neurais da rejeição podem se sobrepor aos da dor física, envolvendo o córtex cingulado anterior dorsal e a ínsula.

O estudo propôs ainda novas investigações que visam confirmar esses resultados com uma meta-análise de uma amostragem maior, identificando correlatos neurais específicos da exclusão social durante o desenvolvimento, devido à maior



sensibilidade à rejeição dos pares na adolescência (SEBASTIAN *et al.*, 2010; SOMERVILLE, 2013)

O potencial de manobra discursiva que a mídia possui, cumpre papéis formativos e identitários de um sujeito localizado social e politicamente. Ao longo dos anos, o que parecia ser um reflexo do que se via na vida real, foi se transformando em uma relação dialógica composta por um sistema mais retroalimentado do que linear. Pensar que a vida cotidiana interfere no que se é produzido midiaticamente não é errado, bem como o oposto também é verdadeiro (HAN, 2022).

Entende-se a partir disso que atualmente a disputa de narrativas se dá na polaridade do confronto entre conservadorismo e todos os outros movimentos ideológicos que se permitem subverter o status quo atual. Observe a ampla repercussão de discursos populares que terminam com frases como "no meu tempo, não era assim". Quase como um saudosismo de uma época em que a repressão era menos questionada e os comportamentos estavam mais sincronizados ideologicamente com a grande massa.

Hoje, não nos encontramos apenas em uma crise econômica ou pandêmica, mas também em uma crise narrativa. Narrativas promovem sentido e identidade. Desse modo, a crise narrativa leva ao vazio do sentido, à crise de identidade e à falta de orientação. [...] Um forte ruído de informação faz desaparecer os contornos do ser. (Han, 2022, p. 53–63)

Se pensarmos que a cultura de mídia pode ser utilizada como um dispositivo de manobra controladora política e social, nos aproximamos, então, da abordagem foucaultiana, que propôs que os sistemas institucionais geram sujeitos formatados para atender às demandas dessas estruturas de poder (FOUCAULT, 1961/2020).

Butler (1993/2020), ainda, endereça seu olhar para a análise das operações de poder-saber e para as exclusões impostas que estes mecanismos geram nas identidades que não mimetizam o esperado.

A jornalista e professora Joyce Pais (2020) usa o termo *Bury Your Gays* (em tradução livre, enterre seus gays) como um tropo (um dispositivo ou convenção



narrativa utilizado para descrever situações que, por sua recorrência, se tornam uma espécie de clichê e o público os reconhece facilmente) o qual personagens LGBTQIAPN+ são mortos com uma frequência desproporcional e/ou sem justificativa em filmes, séries e livros.

Assim, trazer a mídia para o centro dessa discussão é apropriar-se de um aparato social que comumente é usado para segregar e atender aos interesses ideológicos de uma parcela populacional. Tal apropriação confere ao discurso um poder subversivo e disruptivo para uma narrativa possível, a qual identidades dissidentes da heteronorma se vejam vivos, amáveis e tenham suas existências representadas de maneira digna e humana.

#### **4.2. Sujeito e identidade**

Ao trazer que “não existe uma realidade psíquica vazia” (MEZAN, 2002, p. 26), em seu estudo sobre o mal-estar na civilização, Guimarães (2011) aponta que as condições constitutivas do psiquismo se dão nos campos singular, particular e universal. Neste estudo, contextualiza, ainda que

"O singular é aquilo que é único, pessoal, intransferível; é o território da biografia, das escolhas, das paixões, dos atos individuais; cada ato soma-se aos anteriores e com eles se amalgama, de modo a constituir cada pessoa como aquela que é e não outra. Já o universal é aquilo que compartilhamos com todos os demais humanos: a linguagem, a capacidade de inventar, as necessidades básicas, o fato de sermos mortais e sexuados, de podermos amar e odiar, etc. Nesse segundo plano, o que condiciona a subjetividade é o próprio da espécie e, para o psicanalista, entre esses predicados se contam a presença das pulsões, a necessidade de investir objetos psíquicos, a existência das defesas, das fantasias e das diferentes partes do que Freud denominou 'aparelho psíquico'. Tais elementos são, para a psicanálise, os que constituem a humanidade do homem e determinam nossa condição comum" (MEZAN, 2002. p.160).



Ora, se a linguagem faz parte do aspecto universal da constituição do psiquismo do sujeito, costurando com conceitos da semiótica de Saussure, Lacan (1985, p. 25) vai dizer que "o inconsciente é estruturado como uma linguagem" e o sujeito "é efeito do significante". Antes mesmo de nascer, o indivíduo está submetido a uma ordem humana que o antecede e quando nasce adentra em uma ordem social e que será conduzido através da linguagem e da família. (Torezan; Aguiar, 2011)

O efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito, ele não é causa dele mesmo, mas traz em si o germe da causa que o cinde. Pois sua causa é o significante sem o qual não haveria sujeito no real. Mas esse sujeito é o que o significante representa, e este não pode representar nada senão para um outro significante: ao que se reduz, por conseguinte, o sujeito que escuta (Lacan, 1998, p. 849)

Neste sentido, para a psicanálise, o sujeito é oriundo da dinâmica fabricada entre os significantes estruturados na linguagem. Isso dá importância ao signo, conseqüentemente, estabelece uma distinção entre significante e significado na formação do sujeito.

Mais adiante, Foucault irá discorrer que a

sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 1997, p. 78)

Um dispositivo irá dispor de uma intencionalidade, ligando-se às relações de poder, e aos limites do saber dele oriundo. Segundo o autor, esse dispositivo da sexualidade se configura a partir do século XVIII. Sua pulverização e abrangência



ocorreu através de técnicas móveis, polimorfos e conjunturais de poder (OLIVEIRA, 2021).

A ambivalência da valorização entre o discurso considerado imoral e da normatização e regulamentação dos espaços e comportamentos que balizarão o sexo com o intuito não menor do que, conforme refere-se Butler (1993/2020), produzir corpos que importam, regulamentar os prazeres e os sujeitos. De um lado, houve a valorização e intensificação do discurso considerado indecente; de outro, uma “polícia dos enunciados”, dos comportamentos, dos locais onde se pode falar de sexo e em quais situações. O objetivo desse dispositivo foi penetrar nos corpos, controlar os prazeres, as sensações e as populações.

Para Žižek (2015), a vida que produzimos dentro do virtual, a experiência perpassada por um universo artificialmente construído, “gera a necessidade urgente de ‘retornar ao Real’ para reencontrar terreno firme em alguma ‘realidade real’”. Nesse sentido, a identidade e a subjetividade se constituem do confronto real-simbólico, que produzem fissuras desse tensionamento. A tentativa simbólica de aniquilamento de identidades dissidentes pela mídia ao impor imagéticas possíveis, aceitáveis e normativas de ser, dá vazão ao fato de que o contrário da existência não é a inexistência, mas sim a insistência. Porque “o que não existe continua a insistir, lutando para passar a existir” dentro dessas disputas de narrativas, que é de ordem simbólica, como também de inscrição subjetiva do ser na realidade real (Žižek, 2015).

Para Han (2022), a identidade é, neste contexto virtual-midiático, ela própria uma mercadoria. A mídia se torna uma mídia de massa produtora de um ser humano de massa:

O ser humano da massa não tem identidade. Ele é “ninguém”. Mídias digitais põem fim ao tempo do ser humano de massa. O habitante do globo terrestre digitalizado não é “ninguém”. É, ao contrário, um alguém com perfil, enquanto na era da massa, apenas criminosos tinham perfil. (HAN, 2022, p. 15)

Com o viés do conceito de sociedade da informação, Byung-Chul Han argumenta que as mídias digitais geram a dominação da informação, sendo decisivo,



então, para manutenção do poder a detenção desta. Ao promover uma lógica “infocrática” da existência, o que ocorre é o esvaziamento das subjetividades, laços sociais cimentados e precarização do discurso e separação entre opinião e identidades próprias. “Não se explica o mundo só com um monte de informações.” (Han, 2022).

As reflexões de Han (2022) sobre a sociedade proporcionam uma compreensão adicional, onde a construção da subjetividade se dá em um contexto de hiperexposição e normatização, fazendo ponte com as discussões de Butler (2020) sobre performatividade.

#### **4.3. A fabricação do gênero**

A semiótica, ou a semiologia é a “ciência dos signos”. Para Saussure (1971), a semiologia é dada pela definição:

Pode-se, então, conceber uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social; ela constituiria uma parte da Psicologia social e, por conseguinte, da Psicologia geral; chamá-la-emos de Semiologia (do grego semeíon, 'signo'). Ela nos ensinará em que consistem os signos e quais leis os regem. Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém, à existência; seu lugar está determinado de antemão. A Lingüística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Lingüística e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos. Cabe ao psicólogo determinar o lugar exato da Semiologia (1971, p. 24).

Neste íterim, o signo é entendido originalmente como a unidade linguística e objeto de estudo da semiótica que tem como característica não a ligação entre uma coisa e uma palavra, mas sim, um conceito e uma imagem acústica (Saussure, 1971, p. 80). Posteriormente, Saussure sugere uma nova definição: "Propomo-nos a conservar o termo signo para designar o total, e a substituir conceito e imagem acústica respectivamente por significado e significante." (Saussure, 1971, p. 81)





Butler (1993/2020) descreveu o que seria a “matriz heterossexual” como o tecido específico de poder que delega “a grade de inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados”. Para que este modelo performativo e epistemológico hegemônico se consolide, faz-se necessária uma homogeneidade declarativa, discursiva e aplicada entre sexo, gênero e desejo que se dará através da atuação compulsória da heteronormatividade. Essa heteronorma como matriz regulatória produzirá identidades que serão reafirmadas cotidianamente (Oliveira, 2021). A exemplo material, temos falas como “azul para meninos e rosa para meninas” intrincadas nos processos discursivos de identidade de gênero na sociedade atual.

Por conseguinte, entende-se que a produção desses signos, com seus significados e significantes, é engrenagem axial de dispositivos sociais. Em especial os midiáticos, que operam na perpetuação de relações de poder e de hegemonia discursiva de gênero e sexualidade que atendem ao ideal regulatório de uma lógica de sobreposição e hierarquização de sujeitos e subjetividades em detrimento de outras. No entanto, Butler entende que travestis e drag queens são agentes sociais que subvertem o modelo de identidade de gênero difundido como verdadeiro. O termo drag é um acrônimo do inglês *dressed to represent a girl* que em tradução livre significa “vestido para representar uma garota”. Essa representação, ou também performance, desloca a imagética de gênero os quais ilusoriamente foram neutralizados pela heteronorma.

Em sua práxis, a heteronormatividade irá dispor de vários mecanismos para compor sua base discursiva eugênica. Para Butler, é necessário que sejam contrastados aos “normais” corpos dissidentes que, para autora, são definidos como corpos abjetos:

O “abjeto” designa aquilo que foi expelido do corpo, descartado como excremento, tomado literalmente “Outro”. Parece uma expulsão de elementos estranhos, mas é precisamente através dessa expulsão que o estranho se estabelece. A construção do “não eu” como abjeto estabelece as fronteiras do corpo, que são também os primeiros contornos do sujeito (Butler, 2018, p. 190)



O corpo, contudo, não é primariamente um “ser”, porém sim uma superfície permeável, politicamente regulada dentro de um campo cultural hierárquico de gênero e heterossexualidade compulsória que o precede (BUTLER, 2003). O corpo é socialmente posicionado e classificado conforme os interesses da matriz heterossexual, identificado como um corpo dentro ou fora da norma, relevante ou abjeto, formando um papel de antagonismo necessário para o contraste da normalidade. O corpo abjeto é de fabricação e sujeição social, atravessa a subjetividade de quem se localiza ou não na heteronorma.

#### **4.4. Teoria queer**

Pensar o queer, deve ser atravessado pelos impactos da colonialidade na sexualidade humana. Como bem levanta Fernandes (Fernandes, 2017) em seu estudo com título “Existe índio gay?": a colonização das sexualidades indígenas no Brasil, “o reconhecimento de que a construção da homofobia a partir da repressão violenta às sexualidades indígenas, em particular às homossexuais e suas identidades, não é um efeito do colonialismo, mas sua técnica”. Em sua essência, a abjeção eurocristã à homossexualidade não se enquadra apenas na definição de preconceito, mas em uma estratégia de redesignação da diversidade étnica, cultural e sexual, a um ideal eugênico e universal. Segundo Butler (2018), o movimento negro e decolonial ao redor do mundo influenciou a articulação de uma agenda política e teórica queer.

Para Ceccarelli (2017), o debate sobre os efeitos da sexualidade era classificado demasiadamente, muito embora através de uma perspectiva higienista e repressiva.

Em nome dos bons costumes, da moral e da saúde, e não mais da religião, uma variante da ‘caça às bruxas’ foi se construindo, o que levou à criação de dispositivos para regular e controlar a sexualidade, além de curar suas manifestações ‘desviantes’: as que não escapavam aos critérios estabelecidos pelo discurso do poder e que,



consequentemente, ameaçavam a ordem vigente. (É impressionante, e triste, constatar como esses fatos vêm se repetindo na atualidade) (Ceccarelli, 2017)

A violência sofrida e o interdito do gozo pleno de direitos sociais, sofridos por pessoas marginalizadas, que são comuns a quem pertence aos marcadores sociais de gênero e sexualidade não-hegemônicos, dão contornos à maneira como são reconhecidas e como reconhecem o mundo. A teoria queer visa resgatar o foco da história desses indivíduos, bem como reivindicar seus lugares de dignidade e transformação social (SANTOS, 2021).

Erigida por Michel Foucault, Judith Butler, Donna J. Haraway e teorias feministas, nos anos 80 veio compor um contraponto aos conceitos identitários das minorias propostas nas duas décadas anteriores. Esses conceitos foram pautados na denúncia de regimes normatizadores de corpos, espaços e percepções de si e na evidência de indivíduos que, especialmente em detrimento de suas sexualidades, eram tratados como abjetos (SANTOS, 2021).

Ao passo que os estudos de Donna J Haraway, Anne Fausto-Sterling e Paul Preciado atribuíram ao gênero um significado mais inscrito na performance e na linguagem dos sujeitos do que na biologia, emoldura-se uma realidade da compreensão dos corpos reducionista atrelada a um processo cientificamente convencionado (BUTLER, 2003; HARAWAY, 2013; PRECIADO, 2023).

O queer está na intersecção da disrupção discursiva e fluida da cis heteronormatividade. “A ‘performatividade queer’ seria como um ‘tráfico de ficções por meio do qual certos enunciados de gênero são extirpados da autoridade do discurso médico (até mesmo no próprio momento de sua intervenção) e usados por um novo sujeito de conhecimento que agora reclama para si o status de ‘especialista’” (PRECIADO, 2023).

No caso de mulheres transexuais e travestis, há um conjunto de atos regulados e repetidos que irão reafirmar e sustentar uma imagética registrada na matriz heterossexual e cisgênera chamada passabilidade (PONTES; SILVA, 2018).



Para Keila Simpson (2022), presidenta da Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA), a passabilidade é “passar despercebido pela multidão” e declara em uma matéria para o blog iG *Queer* que

“algumas pessoas trans conseguem andar livremente sem deixar evidente a própria transgeneridade. No meu caso, por exemplo, tenho uma passabilidade razoável. Eu transito nos espaços e sou sempre lida com o gênero feminino. Isso me incomoda um pouco porque eu queria poder confrontar mais esse estigma que vive dentro dos indivíduos, mas para muitas pessoas trans a passabilidade é fundamental, pois assim ela vai desviar de vários preconceitos no meio em que vive” (Trombini, 2022)

Este dado ainda difere quando em contraste com dissidências dentro da própria transgeneridade. A teoria da autoginefilia (BLANCHARD, 1989), propõe que a transexualidade seja uma ampliação da homossexualidade ou um fascínio pelo próprio corpo em trajes femininos. A antropóloga Julian Serrano aponta que essas teorias não consideram a diversidade das representações corporais e são menos aplicáveis a homens trans (Santos, 2021). Não é curioso que corpos que performam a masculinidade, o mais próximo possível dos caracteres que compõem a imagética deste construto, desviam com mais frequência dos ditames da heteronorma e suas consequências discriminatórias.

É nessa interseção entre o desejo lacaniano, a ideologia zizekiana, a performatividade butleriana e a normatização haniana que se revela a complexidade da identidade na contemporaneidade, particularmente dentro da comunidade LGBTQIAPN+.

## **5. Conclusão**

A narrativa queer se inscreve na subjetividade com uma marca indelével da heteronorma, frequentemente gerando uma disputa de narrativas e um confronto com significados estéreis impostos pela sociedade dominante. Preciado destaca que "os corpos são geridos e regulamentados pelos aparatos tecno-vivos do poder". No



entanto, a mediação queer oferece uma proposta, por vezes coloquial, que transforma o narcisismo constitutivo em autoestima através da representatividade e do empoderamento, proporcionando algumas soluções precárias devido aos efeitos colaterais da disrupção de narrativas, mas essenciais, para o mal-estar. É nesta arena simbólica que a comunidade LGBTQIAPN+ encontra meios para suturar suas faltas e reivindicar uma subjetividade plena, emancipada da hegemonia da heteronorma e rica em sinonímia, podendo escrever predicados que contemplem toda sua diversidade.

Neste sentido, a cultura é um caldo que submerge os indivíduos. O que emerge dessas operações são produtos de corpos e comunidades dissidentes da norma. E mesmo que, como um pequeno fôlego, a mídia possa contribuir para que mais subjetividades sejam vistas e contempladas socialmente, muitas vezes, por beberem da mesma fonte da heteronorma, podem naufragar e adoecer os processos de subjetivação de sujeitos que não se enquadram, que não passam pelo crivo da passabilidade e que se afogam neste mar de preconceito e desinformação.

## 6. Agradecimentos

Gostaríamos de expressar nossa sincera gratidão ao professor João Milton Walter Tavares pela orientação prestada ao longo de quase todo o processo do PIBIC. Sua assistência foi fundamental, mesmo não sendo mais oficialmente docente da instituição, demonstrando um compromisso inestimável com o desenvolvimento acadêmico e a qualidade desta pesquisa.

## 7. Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edições 70, 2007.

BLANCHARD, R. The Concept of Autogynephilia and the Typology of Male Gender Dysphoria. **The Journal of Nervous and Mental Disease**, v. 177, n. 10, p. 616, out. 1989.

BREVIÁRIO, Á. G. do. **Os Três Pilares da Metodologia da Pesquisa Científica: O Estado da Arte**. Editora Appris, 2021.



BUTLER, J. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. n-1 edições, 2020.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Editora José Olympio, 2018.

CECCARELLI, P. R. Psicanálise, sexo e gênero. **Estudos de Psicanálise**, n. 48, p. 135–145, dez. 2017.

CRESWELL, J. W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa - 3.ed.: Escolhendo entre Cinco Abordagens**. Penso Editora, 2014.

FERNANDES, E. R. **“Existe índio gay?”: a colonização das sexualidades indígenas no Brasil**. Editora Appris, 2017.

FOUCAULT, M. **História da Loucura**. Record, 2020.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Graal, 1997.

FREUD, S. **Freud (1920-1923) - Obras completas volume 15: Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos**. Companhia das Letras, 2011.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. Atlas, 2019.

GUIMARÃES, V. C. **Sujeito e Cultura em mal-estar da Civilização**. Editora da PUC Goiás, 2011.

HALPERIN, D. M. **How To Be Gay**. Harvard University Press, 2012.

HAN, B.-C. **Infocracia: digitalização e a crise da democracia**. Relógio D'Água Editores, 2022.

HARAWAY, D. **Antropologia do Ciborgue: As vertigens do pós-humano**. Autêntica, 2013.

KIRSCH, M. Queer theory, late capitalism, and internalized homophobia. **Journal of Homosexuality**, v. 52, n. 1–2, p. 19–45, 2006.

LACAN, J. **Escritos**. Zahar, 1998.

LACAN, J. **O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Zahar, 1985.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. Atlas, 2021.



LAPLANCHE, J. **Vocabulário da psicanálise**. Presença, 1990.

MEYER, I. H. Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. **Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity**, US, v. 1, n. S, p. 3–26, 2013.

CAVALHEIRO, Rafael. **Caos, norma e possibilidades de subversão: psicanálise nas encruzilhadas do gênero**. 2019. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Psicanálise), Programa de Pós-graduação em Psicanálise, Clínica e Cultura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS.

OLIVEIRA, K. H. de. Intensos encontros: Michel Foucault, Judith Butler, Paul B. Preciado e a teoria *queer*. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, p. e67637, 30 abr. 2021.

PAIS, J. “Bury your gays”: porque nós, pessoas LGBTQIA+, (também) precisamos de finais felizes? 7 dez. 2020. **Cinemascope 2023**. Disponível em: <https://cinemascope.com.br/colunas/extras/bury-your-gays-porque-nos-pessoas-lgbtqia-tambem-precisamos-de-finais-felizes/>. Acesso em: 30 maio 2024.

PONTES, J. C. de; SILVA, C. G. Cisnormatividade e passabilidade: deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 8, seq. Seção Livre, p. 396–417, 6 jan. 2018.

PRECIADO, P. B. **Testo junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2023.

SANTOS, Luiz Gabriel Madureira. **Revisando e retalhando as teorias de cultura LGBT e a teoria queer: uma análise de suas influências sobre os ativismos políticos**. 2021.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Publicações Dom Quixote, 1971.

SEBASTIAN, C. *et al.* Social brain development and the affective consequences of ostracism in adolescence. **Brain and Cognition**, v. 72, n. 1, p. 134–145, fev. 2010.

SOMERVILLE, L. H. Special issue on the teenage brain: Sensitivity to social evaluation. **Current directions in psychological science**, v. 22, n. 2, p. 121–127, 1 abr. 2013.

TOREZAN, Z. C. F.; AGUIAR, F. O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, v. 11, n. 2, p. 525–554, 2011.

TROMBINI, M. Termo “passável” é ruim? Veja o que as pessoas trans dizem sobre isso. 8 abr. 2022. **iG queer**. Disponível em: <https://queer.ig.com.br/2022-04-08/passabilidade-trans-o-que-e.html>. Acesso em: 29 jun. 2024.



VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração (16a. ed.)**. Grupo Gen - Atlas, 2016.

VIJAYAKUMAR, N.; CHENG, T. W.; PFEIFER, J. H. Neural correlates of social exclusion across ages: a coordinate-based meta-analysis of functional MRI studies. **NeuroImage**, v. 153, p. 359–368, jun. 2017.

ŽIŽEK, S. **Bem-vindo ao deserto do Real! Cinco ensaios sobre o 11 de Setembro e datas relacionadas**. Boitempo Editorial, 2015.





## **A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NA GASTRONOMIA EM TEMPOS DE PANDEMIA**

BRUNA DE OLIVEIRA MORAIS  
HENRIQUE MARQUES ALMEIDA ROLIM

### **RESUMO**

As redes sociais foram evoluindo ao longo dos anos, passando a ganhar cada vez mais espaço, visibilidade e praticidade. Em 2019 a pandemia da COVID-19 afetou profundamente o estilo de vida das pessoas, especialmente por conta do isolamento social, forçando a sociedade e o comércio a se adaptarem à nova realidade. As redes sociais então foram mais acessadas nesse período, passando, assim, a ser o principal canal de comunicação para produtores e empreendedores dentro da área da Gastronomia. O objetivo da presente pesquisa foi analisar se as redes sociais influenciaram a Gastronomia nesse período pandêmico. Foi utilizado o método qualitativo de pesquisa feita com base em um estudo de caso, no qual foram selecionados sete perfis da rede social Instagram, todos voltados para área da Gastronomia e residentes em Brasília-DF. Os entrevistados responderam um questionário composto por doze perguntas, que estava disposto na plataforma Formulários Google entre o período de dezembro de 2021 e fevereiro de 2022. Após análise das respostas do Formulário, foi verificado que os entrevistados utilizaram a rede social Instagram como principal veículo de comunicação com seu público, passando a produzir conteúdos solicitados pelos próprios seguidores/leitores/clientes. De forma unânime, foi percebida uma forte influência das redes sociais na Gastronomia, no qual os empreendedores e produtores de conteúdos voltados para área gastronômica recorreram às redes sociais como uma ferramenta fundamental para seus negócios como vitrine para exposição de produtos e captação de seguidores/clientes.

**Palavras-chave:** Gastronomia, Redes Sociais, Pandemia.



## **ABSTRACT**

**Introduction:** Social medias have evolved over the years, gaining more and more space, visibility and practicality. In 2019, the COVID-19 pandemic has profoundly affected people's lifestyles, especially on account of social isolation, forcing society and commerce to adapt to a new reality. Social medias were more accessed in this period, becoming the main communication channel for producers and entrepreneurs in the area of Gastronomy. The objective of the present research was to analyze if social medias influenced Gastronomy in this pandemic period. The qualitative research method was used, based on a case study, in which seven profiles from the social media Instagram were selected, all focused on the Gastronomy area and residing in Brasília-DF. Respondents answered a questionnaire consisting of twelve questions, which was available on the Google Forms platform between December 2021 and February 2022. After analyzing the responses to the Form, it was found that the interviewees used the social media Instagram as the main vehicle of communication with their audience, starting to produce content requested by their followers/readers/customers. Unanimously, a strong influence of social media in Gastronomy was perceived, in which entrepreneurs and content producers focused on the gastronomic area turned to social media as a fundamental tool for their businesses as a showcase for product exposure and attracting followers/customers.

**Keywords:** Gastronomy, Social Media, Pandemic.

## **INTRODUÇÃO**

Desde os primórdios da humanidade, os seres humanos adotam rituais para alimentação, elaborando estratégias para localizar, capturar, preparar e comer o alimento desejado. Nossos ancestrais elaboraram armas de caça e aperfeiçoaram métodos de armazenamento e conservação do alimento. (FREIXA e CHAVES, 2017)

Nas palavras de Eleutério (2014, p. 11) “alimentar-se é um ato instintivo e natural”, sendo a alimentação um “processo de assimilação de alimentos ou nutrientes para que o organismo cumpra as suas funções vitais”.



O ato de se alimentar está intimamente ligado à sobrevivência, mas observando em *lato sensu*, a alimentação transpõe as barreiras da necessidade, adentrando as técnicas, as diferentes culturas, hábitos alimentares de cada povo, recursos alimentares disponíveis de cada região, oferecendo diversidade de sabores e aromas (FREIXA, CHAVES, 2017, p. 16).

O ato de cozinhar um alimento “consistem na aplicação de técnicas na etapa de preparo dos alimentos, na qual se utiliza alguma fonte de calor para modificar características sensoriais (cor, sabor, aroma, textura) dos alimentos, ocorrendo muitas vezes por meio de alterações químicas na sua composição” (PHILIPPI, 2014). Nesse raciocínio exordial é possível identificar três elementos pontuais: cozinhar, técnica e alimento.

Etimologicamente, técnica significa conjunto de procedimentos ligados a uma arte ou ciência (RIBERIO, 2018). Portanto, os inúmeros modos de preparos e conhecimentos empregados para se elaborar um determinado alimento e se alcançar uma finalidade desejada é chamada de técnica, ou também conhecidamente como culinária.

Em sequência, alimento pode ser definido como “conjunto de ingredientes *in natura* ou industrializados com os quais as pessoas se nutrem” (FREIXA, CHAVES, 2017, p. 18), aliados, ainda, aos setores de produção, abastecimento e consumo.

Cada povo possui suas singularidades, as quais foram moldadas ao longo do tempo, embasadas na história e cultura. Cada modo de preparo, técnica aplicada, ingredientes utilizados formam as bases culturais que atravessam gerações.

Um ingrediente pode ter uma gama infinita de possibilidades se considerarmos a realidade em que está inserido. Um vegetal pode ser usado na preparação de uma salada, de um ensopado, como base aromática, como acompanhamento de um prato grelhado ou, algumas vezes, como base de bolo ou doce. O que definirá seu objetivo vai ser a junção da técnica, que conhecemos como culinária, e o conhecimento pré-existente sobre o alimento, o ato de cozinhar.

À junção da história, cultura e técnicas damos o nome de gastronomia, a qual



na sua etimologia significa “as leis do estômago”, posteriormente definida como “o conhecimento fundamentado de tudo o que se refere ao homem na medida em que ele se alimenta” (BRILLAT-SAVARIN, 1995, p. 57-58).

Definido por Eleutério (2014, p. 38):

(...) a formação da cultura gastronômica de um povo vem da junção de diversos fatores, como formação étnica, religiosa e sociocultural; miscigenação; patriotismo e regionalismo; condições climáticas; condições geológicas; entre outras.

A Gastronomia permeia as sociedades ao longo dos anos, tendo sido difundida, expandida, aprimorada, explorada e espalhada por todos os cantos do mundo. Tudo isso, inicialmente devido aos colonizadores e chamados “descobridores” e mais tarde, aliada à tecnologia e globalização, as quais permitiram um amplo acesso rápido e eficiente às gastronomias de outros povos.

Nesse íterim dos avanços tecnológicos, surgiu a internet e, fruto dela, as redes sociais, as quais são definidas como “sites e aplicativos que operam em níveis diversos — como profissional, de relacionamentos, dentre outros — mas sempre permitindo o compartilhamento de informações entre pessoas e/ou empresas” (RODRIGUES, Jonatan. O que são redes sociais e para que servem, RD Station, 02 de outubro de 2024, <<https://www.rdstation.com/blog/marketing/redes-sociais/>>. Acesso em: 03 de dezembro de 2024).

Em se tratando de meio de comunicação, a primeira mensagem enviada à longa distância usando tecnologia ocorreu em 1969 e foi por meio de uma tecnologia militar chamada ARPANET, a qual conectou a Universidade da Califórnia em Los Angeles – UCLA à *Stanford Research Institute*.

O *Bulletin Board System* – BBS (1978) surgiu como um sistema de comunicação virtual, porém, pouco acessível devido ao alto custo para sua utilização, a qual demandava chamadas telefônicas de longa distância. Ainda nesse período, a *Usenet* apareceu como importante ferramenta, possibilitando a comunicação entre pessoas através de tópicos de discussão em fóruns na internet.



Posteriormente, com o avanço da tecnologia, passou a ser difundido o uso do computador pessoal e em 1990 a *CompuServe* passou a oferecer serviços de conexão com a internet e oferecia aos seus usuários acesso à e-mail e participação em fóruns de discussão.

O *Internet Relay Chat* – IRC foi um sistema de bate-papo criado em 1988, o qual viabilizava a comunicação de diversas pessoas em salas de bate-papo administradas por moderadores.

Ademais, o Geocities foi construído em 1994 e funcionava como um hospedeiro para sites pioneiros, vindo posteriormente o WWW (*World Wide Web*) o qual é definido como “sistema de hipermídia que é capaz de conectar todo o planeta e transmitir informações para qualquer lugar” (COSTA, Matheus Bigogno. O que significa WWW?. Canal Tech Tudo, 2014. <<https://canaltech.com.br/produtos/o-que-significa-www/>>. Acesso em: 03 de março de 2022).

A primeira rede social, chamada *Classmates*, foi criada em 1995 com objetivo de conectar estudantes de uma determinada faculdade no Canadá. Essa rede objetivava reunir informações acerca de escolas e alunos localizados nos Estados Unidos.

Em 1997 a AOL lançou o seu *Instante Messenger*, um mensageiro instantâneo, o qual comportava perfis de usuários, envio de arquivos e criação de redes sociais entre seus usuários. Além deste, surgiram posteriormente o *MSN Messenger* e *ICQ*, os quais possuíam funcionalidade similar, possibilitando comunicação imediata entre usuários e envio de arquivos. O MSN, inclusive, cresceu tanto que acabou sendo incorporado à Microsoft.

No mesmo período, foi criado o *SixDegrees*, no qual os usuários criavam suas páginas pessoais, podiam adicionar amigos e vigorou entre 1997 a 2001. Logo após, surgiu o *Friendster*, a qual acabou perdendo visibilidade por não acompanhar as inovações que surgiram. Contudo, ambas as redes não foram tão difundidas no Brasil, mas tinham grande espaço nos Estados Unidos.

Assim, passaram a existir as redes sociais temáticas, dentre os quais se



destaca o *Second Life* um “ambiente virtual tridimensional simulava aspectos da vida real das pessoas, servindo tanto como uma espécie de jogo quanto como rede social” (GNIPPER, Patrícia. A evolução das redes sociais e seu impacto na sociedade – Parte 2, Canal Tech, 2018. < <https://canaltech.com.br/redes-sociais/a-evolucao-das-redes-sociais-e-seu-impacto-na-sociedade-parte-2-108116/>. Acesso em: 14 abril de 2022).

À medida que a utilização da internet foi difundida, as ferramentas foram se inovando e outra rede social considerada temática surgiu: o *MySpace* (2000). Por meio dessa plataforma era possível a publicação de músicas por parte dos usuários e a intermediação com artistas e cantores que também estavam inscritos.

Ainda no seguimento temático, outra rede social voltada para área empregatícia apareceu, como é o caso do *LinkedIn*, rede iniciada em 2003 e utilizada até os dias atuais, possibilitando o intercâmbio de profissionais e possíveis empregadores e oportunidades de trabalho.

Também em 2003, os *Fotologs* se destacaram dentre as redes e permitiam que os usuários postassem fotos, recebessem comentários e acompanhassem outros usuários. Entretanto, acabou perdendo espaço para o Orkut em 2004, tendo sido considerada a primeira grande rede social especialmente no Brasil, uma vez que a empresa passou a ser operada pela Google Brasil devido ao grande acesso dos usuários brasileiros.

Ultrapassando os números do Orkut, o Facebook, inicialmente criado como uma pequena rede social (2004) entre alunos da universidade *Harvard*, passou a ganhar cada vez mais espaço, visibilidade e credibilidade, tendo sido expandido para o público geral. Como rede social, além de conectar usuários, permite publicação de arquivos (fotos, vídeos e textos), envio de mensagens instantâneas, compartilhamento de conteúdos, promoção de eventos, criação de anúncios para divulgação de produtos e serviços, participação de grupos de interesse, discussão em fóruns, dentre outros.

Outra rede social que ganhou destaque pela praticidade e celeridade foi o Twitter (2006), permitindo que seus usuários publicassem textos curtos, inicialmente, de até 140 caracteres e atualmente de até 280 caracteres. Por serem textos menores,



as publicações dos usuários podem ser mais frequentes, sendo uma rede social muito utilizada para acesso a informações rápidas e atuais.

Já o Youtube, criado em 2005, deu vez a vídeos de diferentes assuntos e interesses aos seus usuários, sendo uma plataforma de grande visibilidade e acessibilidade, uma vez que não exige registro de conta para acessar os conteúdos. Diversas personalidades da gastronomia foram iniciadas por esta plataforma e/ou as utilizam como meio de comunicação principal para divulgação de seus trabalhos.

Aliando diversas funcionalidades do Facebook e do Youtube, o Instagram se tornou uma das maiores redes sociais da atualidade, devido a sua praticidade na entrega dos conteúdos. Criado em 2010, atualmente possui diversas funcionalidades, tais quais, publicações de conteúdos (fotos ou vídeos), gravações e transmissões de vídeos ao vivo, vídeos curtos de acesso rápido com duração de até 24 horas como o *Story*.

O Instagram (2010) necessita de acesso à internet e de cadastrado para ter acesso à interface, oferecendo ao seu usuário a oportunidade de publicar fotos ou vídeos, criando legendas para suas publicações, as quais podem ser marcadas com hashtags (#), reunindo a consulta de conteúdos sobre determinado assunto, aumentando o engajamento e entrega de alguma publicação.

O aplicativo permite que os usuários acompanhem outros perfis de interesse, possibilitando a comunicação entre eles por meio de mensagens diretas a determinado perfil ou postada como comentário em publicações. Esse mecanismo auxilia na comunicação entre criador de conteúdo e seguidor, aproximando o público alvo do seu produto.

Nessa esteira, é possível verificar o grande número de perfis de personalidades, empreendedores e empresas que estão presentes na rede. O engajamento dos usuários e o contato direto com o público/cliente, traz proximidade, empatia e acessibilidade ao usuário especialmente durante a pandemia da COVID-19.

A COVID-19 foi definida como “(...) doença infecciosa causada pelo coronavírus



SARS-CoV-2 e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca” (ENTENDA O QUE É COVID-19. Secretaria de Saúde do Distrito Federal, 2024, disponível em < <https://www.saude.df.gov.br/coronavirus>>. Acesso em 03/12/2024).

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde – OMS (2020), o primeiro alerta emitido sobre a nova cepa do Coronavírus foi em dezembro de 2019 na cidade Wuhan na República Popular da China. Contudo, em janeiro de 2020 já foi emitido o alerta declarando um surto do novo coronavírus, se tornando uma pandemia, que, segundo artigo da Fio Cruz, a Organização Mundial de Saúde caracteriza como “(...) disseminação mundial de uma nova doença e o termo passa a ser usado quando uma epidemia, surto que afeta uma região, se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa” (O QUE É UMA PANDEMIA. Fio Cruz, 2021, disponível em <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>. Acesso em 03 de março 2022).

Posto isto, a transmissão mais comum do vírus se dá por contato entre uma pessoa contaminada com outra pessoa não contaminada por meio de gotículas respiratórias ou contato físico, sendo um vírus altamente contagioso. O vírus possui um período de incubação de cinco dias podendo chegar até doze dias, oportunidade em que os sintomas começam a aparecer, variando de organismo para organismo.

Devido à alta taxa de transmissibilidade, as primeiras recomendações adotadas no Brasil determinadas pelo Ministério da Saúde (2020) foram distanciamento social, uso de máscaras cobrindo nariz e boca, higienização de mãos com água e sabão e utilização de antisséptico de mãos à base de álcool para higienização.

Nesse viés, o isolamento social, em primeiro momento, se tornou a medida mais acatada por grande parte da população brasileira, a qual teve que se adaptar ao um novo estilo de vida voltando ainda mais para o virtual, estimulando, assim, o consumo e interesse pelas redes sociais, as quais se tornaram abrigo de novos perfis com interesses diversos, dentre eles, perfis voltados para a gastronomia e de empreendedores que utilizaram a plataforma para manter seus negócios.

Logo, o objeto da presente pesquisa foi o estudo de caso de perfis voltados





para a gastronomia, sua atuação dentro da rede social Instagram, o alcance dos seus conteúdos na plataforma em meio à pandemia da COVID-19 e a influência que as redes exerceram na gastronomia nesse período.

## **METODOLOGIA**

Todas as formas de conhecimento pretendem compreender a realidade. A diferença entre o conhecimento científico e as demais formas de conhecimento é a maneira como se obtêm.

Para Dencker (1998), o método científico é um conjunto de regras ou critérios que servem de referência no processo de busca da explicação ou da elaboração de previsões em relação a questões ou problemas específicos. O emprego do método é que faz com que o conhecimento seja considerado científico.

O presente trabalho usou o método qualitativo de pesquisa, o qual segundo Estrela (2018, p.109) “busca explicar a realidade em termos de conceitos, comportamentos, percepções e avaliações”. Ainda, segundo Marconi e Lakatos (2000), preceitua que:

A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento, etc.

São analisados numa pesquisa qualitativa os fenômenos que ocorrem em tempo, local e cultura determinados, bem como as relações humanas dentro deste contexto, sendo utilizado o estudo de caso no qual “[...] o pesquisador busca entender o objeto de maneira completa, interpretando o contexto em que se insere e as variáveis que o influenciam”. E continua: “Geralmente o pesquisador analisa diferentes opiniões e pontos de vista dos indivíduos que participam da pesquisa, o que lhe permite compreender a complexidade do fenômeno estudado” (Sem Autor. PESQUISA QUALITATIVA: O QUE É, ABORDAGEM E TIPOS. Significados, 2021. Disponível em: <https://www.significados.com.br/pesquisa-qualitativa/>. Acesso em 01 de março 2022).



O objeto em análise no estudo de caso foi como as redes sociais influenciaram a Gastronomia em tempos de pandemia e qual a importância desse meio de comunicação para a referida área, especialmente numa época em que o isolamento social se fez presente para a maioria da sociedade brasileira.

Para tanto, o instrumento de coleta foi desenvolvido na plataforma Formulários Google, divulgado na Internet e pelas redes sociais Instagram e WhatsApp, entre o período de dezembro de 2021 e fevereiro de 2022.

Foram selecionados sete perfis do Instagram, todos voltados para a gastronomia, sendo quatro perfis de Chefs de cozinha/cozinheiros e três de empreendedores voltados para área gastronômica. Todos residentes em Brasília/DF.

O formulário elaborado foi composto por doze perguntas relacionadas a redes sociais, ao Instagram, gastronomia, pandemia de COVID-19, desafios para comunicar gastronomia nesse período, divulgação e captação de clientes pelas redes sociais e estratégias para o mercado utilizando as redes sociais.

## **RESULTADOS**

Para análise dos conteúdos foram analisadas as respostas ao Formulário disposto na plataforma Formulários Google, fornecidas pelos profissionais e empreendedores voltados para a área da Gastronomia selecionados previamente.

A primeira pergunta do questionário se referia à importância das redes sociais para a Gastronomia sob a ótica do influenciador. De forma unânime, todos os influenciadores afirmaram que o papel das redes sociais é extremamente relevante, tendo sido destacado como “essencial”, pois traduz uma forte ferramenta de comunicação devida sua eficiência em atingir o público desejado.

Ainda, foi destacada a possibilidade de acesso a áreas mais restritas, como a cozinha de uma unidade de alimentação, local de produção dos alimentos, acesso às pessoas que produzem os alimentos, trazendo transparência ao público, bem como informações relevantes do produto, as quais podem ser acessadas de qualquer lugar do mundo.



Na segunda pergunta, foi feita uma ponderação acerca da reclusão social, aumento das pesquisas acerca de assuntos relacionados à culinária e gastronomia nas redes sociais, tendo sido questionado aos perfis se a pandemia teve influência positiva ou negativa no interesse pela área de atuação. Todos os influenciadores concordaram que houve sim uma influência positiva, assim como perceberam uma grande procura do público em aprender a cozinhar tanto alimentos cotidianos como alimentos mais específicos. Tudo isso foi facilitado pelo acesso a vídeos e tutoriais dispostos em redes sociais, tendo, inclusive, sido ressaltado, que tal fato despertou a atenção dos comensais sobre a valorização do trabalho dos cozinheiros, auxiliares e empreendedores gastronômicos.

A terceira pergunta foi a respeito do número de seguidores nas redes sociais, se ocorreu um aumento desse número e se houveram *feedback* das pessoas que acompanham os perfis. Todos perceberam um aumento significativo de seguidores e uma maior interação com o público, sendo que em alguns casos, os próprios seguidores passaram a reproduzir as receitas postadas nas redes sociais, aumentando a interação e o engajamento das publicações. Apenas um dos perfis (empreendedor) não conseguiu mensurar o número de seguidores, pois iniciaram sua rede social durante a Pandemia, tendo construído uma rede de seguidores organicamente, recebendo *feedback* dos produtos que comercializam.

Em continuidade, foi questionado se se sentiram motivados a criar novos conteúdos gastronômicos durante a Pandemia e se os seguidores que influenciaram a frequência e assuntos das postagens. Todos os influenciadores concordaram que se sentiram motivados e apenas um se sentiu “impelido”, pois passou a ser uma forma de sobrevivência em meio a um período de incertezas.

O público influenciou nos assuntos, tendo sido o mais solicitados os voltados para “cozinha prática” e “receitas rápidas”, tendo sido objeto de estudo tanto os conteúdos a serem postado quanto métodos de melhor utilização das plataformas disponíveis dentro das redes sociais.

Foi questionado se as redes sociais funcionaram como uma boa plataforma para comunicar culinária e gastronomia, oportunidade em que todos os perfis



concordaram, destacando como a entrega das postagens cresceu, aumentando consequentemente a demanda por produtos, no caso dos empreendedores. Um dos influenciadores destacou as possibilidades de apresentar a produção do alimento, aumentando, assim, o desejo pelo consumo do produto.

Os influenciadores apontaram que além do Instagram, o *Youtube*, *Facebook*, *Tik Tok* e *Whatsapp* foram considerados boas redes sociais para comunicar gastronomia.

Questionados acerca dos maiores desafios para criação de conteúdo culinário e gastronômico durante a pandemia, foram apontados a necessidade de utilização de câmeras para fotografar e gravar vídeos para gerar conteúdo nas redes, vencendo barreiras da exposição da imagem pessoal através de vídeos curtos ou lives. Ainda, devido às restrições de acesso aos locais físicos, nasceu a urgência por criar ou melhorar serviços de *delivery* e *take out*, bem como vencer altas demandas com equipes reduzidas e aumentar a produção de conteúdo devido à falta de monetização por meio de eventos.

Todos concordaram que as redes sociais continuam a exercer grande influência na Gastronomia, tendo sido apontado as performances dentro das redes e os avanços tecnológicos que trazem mais praticidade e rapidez no consumo por esse tipo de conteúdo.

Além da troca de informações entre os comensais, foi apontado que as redes sociais auxiliam na divulgação e captação de novos seguidores e clientes durante a Pandemia. Grande parte dos clientes foi captada através dos trabalhos postados nas redes sociais, as quais se tornaram vitrines e o principal meio de comunicação para os empreendedores.

Foi questionado se como empreendedor voltado para área gastronômica e considerando as dificuldades advindas da pandemia, as redes sociais ajudaram a criar estratégias para manter o negócio, tendo sido respondido de forma unânime que ajudaram. Um dos influenciadores destacou a possibilidade de vender produtos através de postagens e por meio de links de aplicativos de *delivery* vinculados ao seu



perfil, assim como o acesso através de *Hashtags* (#) relacionadas aos produtos.

Salientou-se também que as postagens geraram parcerias com marcas, criação de conteúdos patrocinados, aberturas de novas portas e oportunidades aos empreendedores, gerando captação de novos seguidores por meio dessas parcerias.

## **CONCLUSÃO**

O estudo realizado apontou que durante a Pandemia da COVID-19, devidos às inúmeras restrições e práticas de isolamento social, foi percebido um aumento significativo das interações dentro das redes sociais, especificamente dentro da rede Instagram.

Os influenciadores selecionados no estudo perceberam um aumento no número de seguidores, das interações sociais com o seu público e do interesse destes por postagens voltadas para conteúdos culinários e gastronômicos, recebendo destaque receitas práticas e cotidianas.

Nesse contexto, a fim de entregar conteúdos mais elaborados e atrativos, os influenciadores se viram obrigados a melhorar suas habilidades dentro das plataformas, utilizando os recursos disponíveis, sempre com escopo de prospecção de novos seguidores e divulgação de seus produtos e perfis.

De forma unânime, foi destacada a importância das redes sociais para manutenção dos empreendimentos durante o período de adaptação por conta da Pandemia da COVID-19, no qual as redes sociais funcionaram como vitrine para os influenciadores, tendo captação também de outros perfis e marcas ligados à Gastronomia. Tal captação deu oportunidade para colaborações e parcerias entre influenciadores e marcas, surtindo efeito positivo para ambas as partes.

Além disso, o público se sentiu mais próximo e confortável por pesquisar conteúdos culinários, dispondo de tempo para aperfeiçoar receitas e interagir com influenciadores, fornecendo sugestões de conteúdos pautados em suas necessidades.



Restou apurado que num momento delicado e de muitas adaptações e devido à adaptação ao novo modelo de vida, majoritariamente virtual, as redes sociais passaram a ser mais acessadas, pois funcionaram como uma fuga da rotina, sendo muitas vezes a única forma de contato com outras pessoas que estavam isoladas.

Desta forma, a Gastronomia foi fortemente influenciada pelas redes sociais, de forma positiva, sendo a melhor alternativa para os profissionais ligados à área para abertura e manutenção de seus negócios, assim como para a interação com o cliente/consumidor.

## REFERÊNCIA

COSTA, MATHEUS BIGOGNO. O que significa WWW?. Canal Tech Tudo. 2014. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/produtos/o-que-significa-www/>>. Acesso em: 03 mar. 2022.

Sem Autor. APRENDENDO SOBRE MÉTODOS DE COCCÇÃO. Nutrição é na cozinha UFSC. 2021. Disponível em: <

Sem Autor. COMO SURTIU o novo coronavírus? Conheça as teorias mais aceitas sobre sua origem. Instituto Butantan. 2022. Disponível em: <<https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/como-surgiu-o-novo-coronavirus-conheca-as-teorias-mais-aceitas-sobre-sua-origem>>. Acesso em: 12 mar. 2022.

Sem Autor. COMO USAR hashtags no Instagram: O Guia Prático. Growth House Blog. 2022. Disponível em: <<https://growthhouse.com.br/blog/como-usar-hashtags-no-instagram-o-guia-pratico/>>. Acesso em: 03 mar. 2022.

DENCKER, A. F. M. Métodos e técnicas de pesquisa em Turismo. São Paulo: Editora Futura, 1998.

DICIO. Dicionário Online de Português. 2018. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/tecnica/>>. Acesso em 01 mar. 2022.

PHILIPPI, S.T. Nutrição e Técnica Dietética. 3. ed. Barueri, SP: Manole, 2014.



ELEUTÉRIO, Hélio. Fundamentos de gastronomia. 1. ed. São Paulo: Editora Érica, 2014.

ESTRELA, Carlos. Metodologia Científica. Ciência, ensino e pesquisa. 3. ed. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 2018.

FOLHA informativa sobre COVID-19. Organização Pan-Americana da Saúde. 2022. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em: 03 mar. 2022.

FREIXA, Dolores; CHAVES, Guta. Gastronomia no Brasil e no mundo. 1. ed. São Paulo: Editora Senac, 2017.

GNIPPER, PATRÍCIA. A evolução das redes sociais e seu impacto na sociedade – Parte 1. Canal Tech Tudo. 2018. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/redes-sociais/a-evolucao-das-redes-sociais-e-seu-impacto-na-sociedade-parte-1-107830/>>. Acesso em: 14 abri. 2022.

\_\_\_\_\_. A evolução das redes sociais e seu impacto na sociedade – Parte 2. Canal Tech Tudo. 2018. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/redes-sociais/a-evolucao-das-redes-sociais-e-seu-impacto-na-sociedade-parte-2-108116/>>. Acesso em: 14 abri. 2022.

\_\_\_\_\_. A evolução das redes sociais e seu impacto na sociedade – Parte 3. Canal Tech Tudo. 2018. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/redes-sociais/a-evolucao-das-redes-sociais-e-seu-impacto-na-sociedade-parte-3-109324/>>. Acesso em: 14 abri. 2022.

HISTÓRICO da pandemia de COVID-19. Organização Pan-Americana da Saúde. 2022. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>. Acesso em: 05 mar. 2022.

INSTAGRAM: rede social para compartilhar fotos e vídeos. Canal Tech Tudo. 2022. Disponível em: <<https://www.techtodo.com.br/tudo-sobre/instagram/>>. Acesso em: 13 abr. 2022.

INSTAGRAM: rede social para compartilhar fotos e vídeos. Canal Tech Tudo. 2022. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/empresa/instagram/>>. Acesso em: 14 abr. 2022.

Sem Autor. PESQUISA qualitativa. Significados. 2022. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/pesquisa-qualitativa/>>. Acesso em 01 mar. 2022.

Sem Autor. POR QUE a rede social Friendster morreu?. Redemagic Blog. 2011. Disponível em: <<https://www.redemagic.com/blog/redes-sociais/por-que-a-rede-social-friendster-morreu/>>. Acesso em: 22 mar. 2022.



SCHUELER, Paulo. O que é uma pandemia?. Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos. 2021. Disponível em: <<https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>>. Acesso em: 05 mar. 2022.

SIQUEIRA, André. Resultados Digitais. 2021. Disponível em: <<https://resultadosdigitais.com.br/especiais/tudo-sobre-redes-sociais/>>. Acesso em: 14 abr. 2022.

VACINAÇÃO contra a COVID-19. Superintendência Estadual de Comunicação Social do Espírito Santo. 2022. Disponível em: <<https://coronavirus.es.gov.br/#transmissao>>. Acesso em: 15 mar. 2022.



